

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL DOUTORADO**

**JULIANA MARIA MANFIO**

**TESE DE DOUTORADO**

**A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA: AS COMEMORAÇÕES DO  
CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO DA EX-COLÔNIA  
SILVEIRA MARTINS (1975-1993)**

**São Leopoldo  
Inverno de 2019**

Juliana Maria Manfio

**TESE DE DOUTORADO**  
**A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA: AS COMEMORAÇÕES DO**  
**CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO DA EX-COLÔNIA**  
**SILVEIRA MARTINS (1975-1993)**

Tese de Doutorado apresentada como requisito final para obtenção do título de Doutora em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz  
Ramos

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Máira Inês Vendrame

São Leopoldo  
Inverno de 2019

M276c

Manfio, Juliana Maria.

A construção de uma memória : as comemorações do centenário da imigração italiana na região da ex-colônia Silveira Martins (1975-1993) / Juliana Maria Manfio. – 2019.

231 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maíra Inês Vendrame.”

1. Ex-colônia Silveira Martins. 2. Centenário da imigração italiana. 3. Narrativa identitária. 4. Memória. 5. Identidade. I. Título.

CDU 981.65

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

Juliana Maria Manfio

**A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA: AS COMEMORAÇÕES DO  
CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO DA EX-COLÔNIA  
SILVEIRA MARTINS (1975-1993)**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof(a). Dra. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos (Orientadora) –  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

---

Prof(a). Dra. Maíra Inês Vendrame (Co-orientadora) – Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos – UNISINOS

---

Prof(a). Dra. Maria Catarina Zanini – Universidade Federal de Santa Maria –  
UFSM

---

Profº. Dr. Antônio de Ruggiero – Pontifícia Universidade Católica – PUCRS

---

Profº. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha – Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte - UFRN

---

Profº Dr. Marcos Antônio Witt – Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
UNISINOS

---

Profº Dr. Alexandre Karsburg de Oliveira – Universidade do Vale dos Sinos -  
UNISINOS

São Leopoldo  
Inverno de 2019

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## AGRADECIMENTOS

Aos que disseram que nada tinha, além do “livro do Centenário da Imigração Italiana”. A tese *ta aí*. Ser historiador é persistir, pesquisar e insistir.

Gostaria de, primeiramente agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e aos seus professores pela oportunidade de desenvolver minha pesquisa sobre a Quarta Colônia, dando visibilidade e voz às manifestações festivas e as construções de narrativa étnica naquela região que está localizada na região central do Rio Grande do Sul. Aos colegas e amigos que fiz na Unisinos, vocês são parte dessa trajetória.

À Capes, pela concessão da bolsa integral nesses 4 anos. Sem este auxílio, a pesquisa não seria possível.

Um agradecimento especial para o grupo de bolsista CAPES do Facebook. Lá compartilhamos dúvidas, conhecimentos, alegrias e desesperos.

Gratidão, à minha orientadora Eloísa Capovilla, pelo carinho, compreensão e preocupação nos momentos que mais precisei. A minha co-orientadora, Maíra Vendrame, pois compartilhamos conversas que extrapolam o âmbito acadêmico! Muito obrigada.

A memória de Padre Luiz Sponchiado. Pelo trabalho e dedicação aos estudos da imigração italiana na Quarta Colônia. E, por ter a preocupação de preservar o máximo de registros históricos sobre o Centenário da Imigração Italiana na Quarta Colônia. Muito obrigada!

Aos meus pais, que sempre me apoiaram nas minhas decisões. Pai, exemplo de pessoa, de força e dedicação. Mãe, aquela que quer sempre dar o melhor. Estamos junto com você. Fique conosco. Viver vale à pena.

Kelli, minha irmã. Obrigada pelo carinho, por estar presente em minha vida todos os dias, mesmo que seja por Facebook ou Whatsapp.

Eric, meu filho! Que me acompanha desde o final da graduação, no mestrado e agora, na conclusão do doutorado. Muitas vezes sentamos juntos para escrever esse trabalho, como também saímos para eventos e pesquisa de campo. Mas também, pelos momentos em que estive ausente nesses 4 anos. Mamãe está buscando algo melhor para nós! Te amo!

Eduardo, meu esposo, companheiro da jornada acadêmica e da vida. Nesses 4 anos, compartilhamos conquistas, mudanças, eventos, pesquisas, viagens, artigos, discussões acadêmicas. Nesses anos, compartilhamos emoções, alegrias, decepções. Obrigada pelo incentivo e pela compreensão. Obrigada por estar comigo! Você faz parte desta conquista.

A todos aqueles que, de alguma forma me ajudaram nesta pesquisa, meu muito obrigado!

*“Cada um sentia que proteger o passado era revivê-lo; reviver o passado significava renovar a si mesmo e preservar sua própria identidade” (SANTIN, 1986, p.20).*

## RESUMO

Entre 1975 e 1993, a ex-colônia Silveira Martins – atuais municípios de Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, Nova Palma, Dona Francisca e Pinhal Grande – organizou e vivenciou as festividades alusivas ao Centenário da Imigração Italiana. Localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul, o local foi colonizado por imigrantes italianos no final do século XIX. O quarto núcleo de colonização diferenciou-se dos três primeiros situadas na região da Serra (Dona Isabel, Campos dos Bugres e Conde d’Eu), por não fazer parte das comemorações oficiais do Biênio da Colonização e Imigração, instituído em 1973 e solenizado entre 1974 e 1975. Nesse sentido, o objetivo dessa tese é compreender o ato de festejar o Centenário da Imigração Italiana no quarto núcleo de colonização, identificando os eventos festivos, sua participação e a organização, percebendo os elementos de construção de uma memória e de uma narrativa identitária. Compreender como essas comunidades planejaram as festividades do Centenário, buscando entender as diferentes dinâmicas internas das manifestações festivos é a justificativa para esta tese. Para desenvolver essa pesquisa, foram utilizados documentos oficiais (relatórios, decretos, leis sobre o Biênio), jornais, fotografias, folders, monumentos, entre outros, que indicavam para as festividades ocorridas na região colonial. As festas foram compreendidas como o ato de celebrar e construir uma memória e uma narrativa identitária sobre o processo imigratório italiano. Para isso, são apresentados os monumentos, os capitéis, as canções, a gastronomia, os desfiles, as missas como elementos da fé e da cultura, sendo construtores de uma narrativa identitária entre os descendentes. Evidenciaram-se, na pesquisa, as atividades, os meios e os agentes que proporcionaram a construção de uma narrativa identitária durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na Colônia Silveira Martins.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ex-colônia Silveira Martins; Centenário da Imigração Italiana; narrativa identitária; memória; identidade.



## ABSTRACT

Between 1975 and 1993, the ex-colônia Silveira Martins - present-day municipalities of Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Sao Joao do Polesine, Nova Palma, Dona Francisca and Pinhal Grande - organized and experienced the festivities allusive to the Italian Immigration Centenary. Located in the central region of the state of Rio Grande do Sul, the place was colonized by Italian immigrants in the late nineteenth century. The fourth colonization nucleus differed from the first three located in the Serra region (Dona Isabel, Campos dos Bugres and Conde d'Eu), as it was not part of the official celebrations of the Bienio of Colonization and Immigration, established in 1973 and solemnized between 1974 and 1975. In this sense, the objective of this thesis is to problematize the act of celebrating the Italian Immigration Centenary in the fourth nucleus of colonization, identifying the festive events, their participation and the organization, perceiving the elements of construction of a memory and an identity narrative. Understand better how these communities planned the Centenary festivities, seeking to understand the different internal dynamics of the festive manifestations, is the justification for this thesis. To develop this research, were used official documents (reports, decrees, laws on the Biênio), newspapers, photographs, folders, monuments, among others, which indicated for the festivities that occurred in the colonial region. To develop this research, were used official documents (reports, decrees, laws on the Biênio), newspapers, photographs, folders, monuments, among others, which indicated for the festivities that occurred in the colonial region. The parties were understood as the act of celebrating and building a memory and an identity narrative about the Italian migratory process. For this, the monuments, little chapels, the songs, the gastronomy, the procession and the catholic mass are presented as elements of faith and culture, being builders of an identity narrative among the descendants. The research highlighted the activities, means and agents that provided the construction of an identity narrative during the commemorations of the Centenary of Italian Immigration in the ex-colônia Silveira Martins.

**KEYWORDS:** Ex-colônia Silveira Martins; Centenary of Italian Immigration; identity narrative; identity; memory.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1: Abertura do Centenário da Imigração Italiana, 1975 .....</b>	<b>48</b>
<b>Figura 2: Desfile - Festa da Uva (1975) .....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 3: Desfile Comemorativo em Nova Milano .....</b>	<b>53</b>
<b>Figura 4: Mapa de localização das comunidades que promoveram festejos no Centenário da Imigração Italiana .....</b>	<b>71</b>
<b>Figura 5: Maria Didodet e a pedra fundamental.....</b>	<b>79</b>
<b>Figura 6: Desfile à Italiana.....</b>	<b>84</b>
<b>Figura 7: Desfile à Italiana (2) .....</b>	<b>85</b>
<b>Figura 8: Desfile à Italiana (3) .....</b>	<b>87</b>
<b>Figura 9: Desfile à Italiana (4) .....</b>	<b>88</b>
<b>Figura 10: Mulheres no preparo do prato à italiana em Val Veronês.....</b>	<b>94</b>
<b>Figura 11: Produção da polenta.....</b>	<b>97</b>
<b>Figura 12: Monumento do Imigrante - Silveira Martins .....</b>	<b>104</b>
<b>Figura 13: Museu do Imigrante - Vale Vêneto .....</b>	<b>107</b>
<b>Figura 14: Monumento do Imigrante - Faxinal do Soturno .....</b>	<b>108</b>
<b>Figura 15: Rainha e Princesas do Centenário da Imigração Italiana .....</b>	<b>113</b>
<b>Figura 16: Localização de Val Feltrina .....</b>	<b>120</b>
<b>Figura 17: Localização de Vale Vêneto .....</b>	<b>131</b>
<b>Figura 18: Utensílios utilizados na festa do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto.....</b>	<b>133</b>
<b>Figura 19: Momento de inauguração do Museu.....</b>	<b>137</b>
<b>Figura 20: As mulheres que produziram a polenta em Vale Vêneto.....</b>	<b>139</b>
<b>Figura 21: O casal mais antigo cortando a polenta com fio de linha.....</b>	<b>141</b>
<b>Figura 22: Festa de Vale Vêneto .....</b>	<b>142</b>
<b>Figura 23: Festa do Presunto .....</b>	<b>145</b>
<b>Figura 24: Cucas e cuqueiras de Vale Vêneto .....</b>	<b>147</b>
<b>Figura 25: Monumento do Imigrante - Vale Vêneto.....</b>	<b>150</b>
<b>Figura 26: Vista panorâmica do Vale Vêneto, 1978 .....</b>	<b>151</b>
<b>Figura 27: Desfile histórico da imigração em Vale Vêneto .....</b>	<b>152</b>
<b>Figura 28: Desfile histórico da imigração em Vale Vêneto .....</b>	<b>154</b>
<b>Figura 29: Mapa de localização de Nova Palma.....</b>	<b>161</b>
<b>Figura 30: Capa e contracapa do livro.....</b>	<b>178</b>
<b>Figura 31: Mapa de localização dos capitéis .....</b>	<b>197</b>
<b>Figura 33: Capitel de Nossa Senhora da Saúde.....</b>	<b>198</b>
<b>Figura 34: Capitel Santa Polônia .....</b>	<b>199</b>
<b>Figura 35: Capitel a São Tiago.....</b>	<b>202</b>
<b>Figura 36: Padre Luiz Sponchiado no seu escritório no CPG.....</b>	<b>206</b>
<b>Figura 37: Padre Clementino Marcuzzo .....</b>	<b>210</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**AHCM** – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Caxias do Sul - RS

**AHMSM** – Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria – RS

**AHRS** – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – RS

**APMIV** – Arquivo Pessoal.

**CPG** – Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma - RS

**MIEM** - Museu do Imigrante Eduardo Marcuzzo – RS

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2. BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E DA IMIGRAÇÃO: AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL</b>	<b>37</b>
2.1 O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E DA IMIGRAÇÃO	37
2.2 O CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL	47
2.3 “REPRESENTANDO A MAIS EXPRESSIVA CORRENTE MIGRATÓRIA QUE ACOLHEMOS, A ITALIANA [...]3”: ANÁLISE DO ÁLBUM DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975	59
<b>3. A EX-COLÔNIA SILVEIRA MARTINS EM FESTA: AS COMEMORAÇÕES DOS 100 ANOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA (1975-1993)</b>	<b>66</b>
3.1 O CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO DA EX-COLÔNIA SILVEIRA MARTINS-RS	67
3.2 AS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS: AS FORMAS DE COMEMORAR O CENTENÁRIO DA EX-COLÔNIA SILVEIRA MARTINS	74
3.2.1 A Igreja católica e a celebração de missas festivas	75
3.2.2 Os desfiles: a representação do passado	81
3.2.3 Os almoços e jantares: o que se come durante as festividades	89
3.2.4 Marcos de memória: festas, monumentos, museus e as comemorações dos 100 anos da Imigração Italiana	100
3.2.5 Concursos de beleza: as rainhas e princesas do Centenário da Imigração Italiana	110
<b>4. ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMEMORAÇÕES: VAL FELTRINA, VALE VÊNETO E AS FESTAS AO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA</b>	<b>117</b>
4.1 VAL FELTRINA E A FESTA DA UVA E DO VINHO	118
4.2 VALE VÊNETO E A MAIOR POLENTA DA HISTÓRIA	130
4.2.1 “Uma polenta linda e boa como a Itália e grande como o coração de gringo”	132
4.3 VALE VÊNETO E VAL FELTRINA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	155
<b>5. AS FORMAS DE CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA: O PROCESSO IMIGRATÓRIO E A FIGURA DO IMIGRANTE ITALIANO NA EX-COLÔNIA SILVEIRA MARTINS – RS</b>	<b>158</b>

5.1 AS <i>CRÔNICAS DA COLONIZAÇÃO</i> : UMA NARRATIVA IDENTITÁRIA SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL	159
5.1.1 <i>O início da medição do Núcleo Soturno</i>	163
5.1.2 <i>A fé e a religiosidade dos nossos e/imigrantes</i>	168
5.1.3 <i>O folclore dos imigrantes</i>	172
5.2. <i>CANTI TALIANI</i> : AS CANÇÕES E O CEM ANOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA	175
5.2.1. <i>O Hino para o Centenário de Vale Vêneto</i>	179
5.2.2 <i>Canto dei Migrante</i>	183
5.2.3 <i>Settimana Del Pigo</i>	186
5.3 A FÉ RENOVADA: OS CAPITÉIS PARA O CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA	190
5.3.1 <i>Os capitéis: marcos da religiosidade</i>	190
5.3.2 <i>A restauração da fé dos antepassados</i>	195
5.4 LIDERANÇAS RELIGIOSAS: A PRODUÇÃO E A PRESERVAÇÃO DOS REGISTOS DAS FESTAS	203
6. <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	215
7. <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</b>	221

## 1. INTRODUÇÃO

No último quarto do século XIX, milhares de italianos deixaram a terra natal rumo ao Brasil, fugindo da miséria que arrasava o campo e a cidade, causada pela expansão do capitalismo e pelas novas formas de produção implantadas pela recente unificação italiana. Buscavam melhores condições de vida e ascensão econômica, seja nas cidades para trabalhar em fábricas, seja no campo, com a aquisição de terras. A possibilidade de emprego, de adquirir terras, animais e de uma alimentação farta atraiu os imigrantes para as regiões sudeste e sul do País. Se, no Sudeste, os italianos seriam inseridos em uma política da troca da mão de obra escrava pela assalariada nas lavouras de café<sup>1</sup>, no Rio Grande do Sul, os italianos se transformariam em pequenos proprietários de terras em áreas destinadas à colonização. A partir de 1875, os imigrantes foram destinados às áreas de colonização, formando os quatro primeiros núcleos coloniais: Conde d'Eu, Dona Isabel e Campos dos Bugres na região nordeste do Estado, e Silveira Martins na área central, conforme o mapa abaixo. A comunidade de Nova Milano, em Farroupilha, é considerada o berço da colonização italiana no Estado, pois nesse espaço se instalaram as primeiras famílias de imigrantes com o objetivo de colonizar a região. Salienta-se que, antes da imigração em massa, os italianos já haviam se instalado em solo gaúcho.

---

<sup>1</sup>A Lei Eusébio de Queiroz em 1850, pôs fim ao tráfico de escravos no Brasil. Em 1871, a lei do Ventre livre também foi aprovada, garantindo a liberdade para os filhos dos escravos. Também foi aprovada a Lei do Sexagenário, em 1885, concedendo a liberdade aos escravos acima de 60 anos. Essas leis aprovadas culminaram com a lei Áurea em 1888, acabando com regime da escravidão no Brasil. Dessa forma, os proprietários de terra, aos poucos já estavam fazendo a substituição da mão de obra escravizada, pela do imigrante. Os negros escravizados não tiveram nenhum amparo ou suporte após a “liberdade”, vivendo em moradias precárias em péssimas condições.

**Figura 1: Mapa de Localização das colônias italianas no Rio Grande do Sul**



Fonte: Diário de Santa Maria, MIX, 30 e 31 de maio de 2015, p. 10.

Conforme Zanini (2006), a imigração italiana para a Região Central do Rio Grande do Sul teve início entre os anos de 1877/1878, quando chegaram as primeiras famílias de imigrantes italianos provenientes do norte da Itália, da região do Feltre. Depois foi encaminhada para a Colônia Silveira Martins, a partir de 1877. Permaneceram alguns dias no barracão<sup>2</sup> (localidade hoje denominada *Val de Buia*). Depois, subiram o vale, guiados pelo rio. Nesse espaço, montaram um acampamento com lençóis brancos, formando o primeiro núcleo colonial da ex-colônia Silveira Martins, denominado de Val Feltrina.

<sup>2</sup>O barracão era uma estalagem precária que hospedava os imigrantes até que os lotes fossem demarcados e distribuídos.

O intenso fluxo migratório chegou ao centro da Província a partir desta data permitiu a formação de outros núcleos populacionais como Silveira Martins (sede), Arroio Grande e Vale Vêneto. Depois foram ocupados os núcleos de Ivorá, Novo Treviso, Soturno, Val Veronês e Faxinal dos Meios. Para iniciar a vida nos lotes<sup>3</sup> recebidos, os imigrantes receberam assistência do governo em quesitos como moradia, sementes e instrumentos agrícolas. Os imigrantes já estabelecidos na colônia locavam suas oficinas, seus instrumentos e suas casas para a Comissão de Terras, para que acomodassem os outros imigrantes que estavam chegando à colônia(MANFIO, 2015). A análise dos recibos emitidos pela comissão de terras aos imigrantes locatários comprovava que os imigrantes negociavam bens e assim, desmistifica a ideia de imigrantes pobres e miseráveis que não receberam assistência das autoridades brasileiras.

Como apontamos acima, os imigrantes italianos ao se deslocarem para o Sul do Brasil traziam, além da esperança, a fé, as crenças e a religiosidade. Por isso, nas colônias, eles buscaram autonomia religiosa através do estabelecimento de sua cultura religiosa, mesmo entrando em conflito com padres e bispos e com a própria comunidade, em muitas ocasiões. Tal atitude levou um grupo de imigrantes de Vale Vêneto a financiar, por exemplo, a vinda de dois padres da Itália, para dar assistência religiosa à comunidade. Outra atitude que marcou a imigração italiana nesta região foi à construção de capitéis, mais tarde, para demonstrar a religiosidade e a fé num determinado padroeiro. Os capitéis, construídos ao longo das estradas eram, portanto, um atestado de crença num determinado orago e, também, uma demonstração do prestígio social e do poder local que determinadas famílias possuíam. As igrejas e capelas ao serem erguidas refletiram esse contexto “quase” belicoso dos imigrantes, sendo comuns os conflitos nas comunidades tanto em relação ao local da construção da igreja ou capela, quanto na escolha dos santos que seriam homenageados. Mas, a par destes conflitos em torno da organização social, os imigrantes tinham uma certeza: todos tinham medo da miséria e percebiam na emigração a possibilidade de obter melhores condições de vida, quer na aquisição de terras e bens, quer na fartura de alimentos disponíveis na nova pátria. No Brasil e, especialmente no Rio Grande do Sul, os imigrantes adaptaram-se às condições climáticas e do relevo plantando determinadas culturas, adequando os hábitos alimentares, ajustando os comportamentos vindos da Itália, como também criando novas práticas socioculturais no país de acolhida.

---

<sup>3</sup> Os lotes coloniais tinham,cerca de 25 hectares, cada um.



Na década de 1970, os descendentes desses imigrantes, em especial alemães e italianos, começaram a se movimentar em torno da necessidade de comemorar o Sesquicentenário e o Centenário da chegada dos primeiros grupos alemães e italianos ao Rio Grande do Sul. As comunidades passaram a organizar ações que pudessem homenagear tais imigrantes e a cultura dos antepassados, mas procuraram mostrar, ao mesmo tempo, as práticas socioculturais atuais.

As manifestações que ocorreram em todo o Estado, a expensas do Governo, ou seja, as manifestações oficiais da imigração homenagearam, para além dos imigrantes, também os diferentes grupos que auxiliaram no crescimento sul-rio-grandense. Tanto os grupos de origem imigrante quanto o Governo do Estado fizeram movimentos neste sentido, resultando na instituição do Biênio da Colonização e Imigração. Através do Decreto 22.410, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul que previa festejos de cunho oficial entre os anos de 1974<sup>4</sup> e 1975, para os grupos de origem alemã, italiana, açoriana, polonesa, assim como para coletivos negros e indígenas, entre outras correntes imigratórias que aqui se instalaram e contribuíram para o desenvolvimento de nosso Estado. O ano de 1974 foi dedicado, principalmente, para as comemorações açorianas e alemãs, não sendo objeto de estudo. O interesse dessa pesquisa está no ano de 1975 que contemplou as comemorações dos cem anos do processo imigratório italiano, com programação oficial, presença de autoridades brasileiras e italianas, inaugurações, desfiles, almoços e jantares - tudo com o propósito de enaltecer a figura do imigrante italiano, através do trabalho e da religiosidade, mostrando, ainda, as riquezas produzidas por este grupo social e, com isso, construindo uma imagem positiva deste imigrante no Estado. Essas comemorações oficiais ocorreram na capital Porto Alegre e em cidades da Serra Gaúcha em especial Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias do Sul e na comunidade de Nova Milano – onde se localizaram os primeiros núcleos de colonização italiana no Rio Grande do Sul, a partir de 20 de maio de 1875. Tornava-se, assim esse lugar, um marco para a história da imigração italiana no Estado. O quarto núcleo de colonização italiana no Rio Grande do Sul, não teve lugar de destaque nas comemorações oficiais, apesar de ter realizado eventos comemorativas. Primeiramente, evidenciaram-se as comemorações na cidade de Nova Palma, ao estudar a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na dissertação de Mestrado. Por isso, questionou-se sobre quais os meios, as atividades e os agentes que proporcionaram a construção de uma narrativa histórica nas

---

<sup>4</sup> O ano de 1974 representava o sesquicentenário da Imigração Alemã no Estado.

comemorações do Centenário da Imigração e Colonização Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins?

Com isso, o objetivo principal desse trabalho é compreender o ato de festejar o Centenário da Imigração Italiana na região central do Rio Grande do Sul, procurando identificar os eventos festivos, a participação e a organização dos festejos. E assim, perceber os elementos, as atividades e os meios de construção de uma narrativa histórica sobre o processo migratório local.

Para responder essa questão, consultaram-se outras fontes que pudessem responder sobre o acontecimento, além das oficiais. Entre os documentos estão alguns jornais, o acervo do CPG e os acervos das municipalidades, entre outros. Por exemplo, o jornal *A Razão*, está disponível na versão impressa no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM). As reportagens relataram os diferentes atos festivos ocorridos nas comunidades da ex-colônia Silveira Martins. Dessa forma, foi possível identificar as comunidades que promoveram festividades alusivas aos Cem Anos da Imigração Italiana. Por isso, o espaço temporal dessa pesquisa compreende entre 1975 (ano que marca o início dos festejos) a 1993 (ano que marca a comemoração do Centenário da Imigração Italiana em São João do Polêsine), anos identificados com as festas comemorativas do Centenário da Imigração Italiana. O mapa abaixo nos auxilia na localização do espaço de estudo.

**Figura 2: Mapa da ex-colônia Silveira Martins**



Fonte: Diário de Santa Maria, versão digital:  
<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/pagina/imigracao-italiana-no-brasil.html>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

Debruçou-se, depois, sobre o jornal *Correio Riograndense*, localizado no acervo digital do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul (AMCM), sendo de fácil acesso, disponível *online*. O *Correio Riograndense* apresentou várias reportagens a respeito dos festejos ocorridos nas antigas colônias de imigração italiana. Isso possibilitou perceber, entre outros aspectos, as diferentes formas de divulgação das festividades no Rio Grande do Sul. A existência de comemorações do Centenário na ex-colônia Silveira Martins foi verificada através dos registros dos acervos locais. Estes apontaram várias comemorações alusivas à efeméride nas comunidades entre os anos de 1975 a 1993. Assim, é pertinente inferir que as festas marcaram o Centenário da Imigração na ex-colônia Silveira Martins foram anunciadas pela mídia local e que cada cidade ou localidade organizou seu festejo da forma que logrou ser mais oportuno, levando em conta as datas, os espaços físicos e também as formas de festejar. Mesmo sendo comunidades próximas, os festejos alusivos em homenagem aos imigrantes italianos foram organizados e vivenciados de formas diferentes, permitindo compreender as dinâmicas internas desses eventos.

Outra fonte consultada foram os acervos fotográficos do Museu Fotográfico Irmão Ademar da Rocha, no município de Faxinal do Soturno. Depois, direcionou-se a pesquisa para o arquivo<sup>5</sup> da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno. Nesse espaço, foram identificadas reportagens do jornal *O Radar*, que informava sobre as festividades que ocorreram na região no ano de 1975. Encontrou-se também a edição de um livro de cantos em dialeto italiano, produzido para o Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto. Ambos os acervos foram de fácil acesso e estão disponíveis na versão impressa. A pesquisa ganhou nova documentação a partir das investigações no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG), no município de Nova Palma. Com a insistente procura, encontrou-se uma diversidade de documentos sobre o tema entre os quais folders, convites, programações, fotografias, recortes de jornais e outros materiais, nas caixas das cidades<sup>6</sup> e das localidades que sediaram os festejos dos 100 anos do processo migratório italiano.

Com os dados do CPG, procurou-se outra fonte, que se julgou importante para a tese: os capitéis - pequenos oratórios dedicados aos santos de devoção, construídos no início da colonização. Os capitéis representavam a autonomia religiosa do imigrante

---

<sup>5</sup> Chamado de arquivo permanente contém os documentos oficiais na prefeitura.

<sup>6</sup> O CPG possui um acervo composto pelas caixas de famílias. Essas caixas são identificadas com o sobrenome e armazenam o mais variado tipo de documentação, como, por exemplo, fotografias, recortes de jornais, certidões de nascimento, casamento e óbito, entre outros.

italiano nos núcleos coloniais. Para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, foi incluída a reforma desses pequenos monumentos que simbolizavam a fé e a religiosidade dos antepassados. Finalmente inseriram-se os depoimentos orais porque permitem adentrar no universo daqueles que construíram e organizaram as festas, percebendo assim, as falas, as emoções e os sentimentos. Assim, é possível dizer que a análise dessa grande diversidade de fontes, juntamente com o apoio de autores que têm na imigração seu ponto mais importante de estudos e dos teóricos escolhidos, permitirá responder as inquietações e aos questionamentos.

Na tentativa de buscar respostas mais amplas para a problemática, a pesquisa buscou respaldo, em primeiro lugar, na existência de uns poucos trabalhos relacionados às comemorações do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins. Não há ainda trabalhos que descrevam e analisem a complexidade desses festejos na região central do Rio Grande do Sul, nem sobre o papel das festividades na construção de uma narrativa étnica. Entre os trabalhos encontrados e sem esgotar a lista, cita-se como exemplo, o de Silvino Santin (1986, p.10) que atribui para a importância dessas festas na região, mencionando que as festividades afastaram “do espectro do esquecimento um movimento imigratório”. Além disso, apontou que, “é bem provável que os festejos do Centenário da Imigração para os descendentes dos imigrantes, não tenha tido todo o sabor festivo e triunfal presenciado nas comemorações organizadas na Região de Caxias” (SANTIN, 1986, p.38). Dessa maneira, o autor cogitou a possibilidade do esquecimento, pela população e deu indícios de que as comemorações ocorridas nas três primeiras colônias ganharam maiores proporções que as ocorridas na ex-colônia Silveira Martins.

Outro trabalho sobre este período é a Dissertação de Mestrado de Tatiane de Lima (2017), que trabalhou com a documentação oficial produzida pelo Biênio da Colonização e Imigração. A autora mapeou as festividades oficiais, mostrando que não houve nenhum indício de comemoração do Centenário da Imigração Italiana na região central do Rio Grande do Sul.

No que se refere aos escritos oficiais sobre a ex-colônia Silveira Martins encontrou-se o livro em *fac-símile Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925*<sup>7</sup>, volume 1, o qual trata de todas as regiões que, no Rio Grande do Sul, foram ocupadas pelos imigrantes italianos. A ex-colônia Silveira Martins mereceu um espaço considerável nestes primeiros escritos comemorativos.

---

<sup>7</sup>*Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925*, 2ª Ed. fac-símile. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000, vol. 1.

Outro texto consultado foi o das comemorações oficiais do Centenário da Imigração Italiana em 1975, que trouxeram como um dos seus resultados a produção de um Álbum Comemorativo com 384 páginas. Nele, há duas páginas dedicadas à ex-colônia Silveira Martins. Com um breve histórico, aponta a situação de Silveira Martins diante das demais áreas coloniais: localizada na região central do Estado, partilhada por três municípios distintos, não havia se constituído em município autônomo como as demais colônias. A sede da colônia, Silveira Martins, ainda era distrito de Santa Maria. A obra destacou como aspecto positivo, o fato de que a ex-colônia Silveira Martins ser “a que melhor conservava e caracterizava, em todo o Rio Grande do Sul, tantos e típicos exemplos das habitações erguidas pelos pioneiros da colonização italiana” (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA: 1975 p.30). Ou seja, a recordação destacada era baseada na estagnação da localidade. Nenhum outro aspecto foi recordado sobre essa colônia. Em 2005, nas comemorações dos 130 anos da Imigração Italiana, foi lançado outro Álbum Comemorativo sobre a cultura do imigrante italiano. É uma síntese da sua cultura, apresentada na perspectiva de diversos autores. Destes, Cesar Pires Machado escreveu sobre a história da ex-colônia Silveira Martins no Rio Grande do Sul. O texto é amplo e traz dados gerais sobre as comunidades e municípios que fizeram parte desta. Algumas fotografias e documentos sobre as localidades foram expostas na obra.

A bibliografia se apresentava com limitações sobre o tema do Centenário na ex-colônia Silveira Martins. E o que buscou nessa tese é justamente indagar sobre o ato de festejar a Imigração Italiana na região central do Rio Grande do Sul. É a festa que se analisou – a comemoração do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins – e que as fontes já apontavam a sua plausibilidade. Fala-se de um movimento alegre e festivo no qual os grupos expõem práticas cotidianas como também memórias e comportamentos que são heranças culturais de seus antepassados. São, ainda, essas comemorações, oportunidades para se construir uma narrativa étnica e identitária dessas comunidades. A passagem de um Centenário é também o momento propício para se fazer um balanço político, econômico, social e cultural de um determinado espaço e de um grupo social. São nestas datas, principalmente, que se fazem estes balanços. A comemoração, “é uma evocação de determinados acontecimentos do passado” (CORREA, 2013, p. 65). Associado à comemoração, diz este mesmo autor, “[...] existe uma espécie de culto e de idealização do passado, de acontecimentos ausentes temporal e

especialmente, já terminados, mas que para os que o evocam continuam a dar sentido ao presente” (CORREA, 2013, p. 66).

Para entender o universo da festa e a importância para os grupos que a vivem e que a produzem, buscou-se aporte teórico em autores que trabalham com o tema. Primeiramente, foi possível constatar que, os estudos sobre as manifestações festivas foram, por algum tempo, um campo desconhecido entre os historiadores. Segundo Albuquerque (2011, p.134), apenas as comemorações de cunho cívico ou datas que pareciam ser representativas “para a história da Nação mereciam alguma menção” e a presença de historiadores era atribuída à necessidade de “fazer o discurso de panegírico ou de legitimação da data que ali se comemorava”. Percebeu-se que essa temática era pouco abordada pelos historiadores, sendo considerada uma “temática afeita, inicialmente, ao trabalho dos folcloristas e etnógrafos, que nelas viam expressões dos costumes e do espírito nacional. (ALBUQUERQUE, 2011, p.135). No entanto, atualmente o tema vem ganhando destaque, devido à variedade de fontes e pelo papel sociocultural e político que as festas desempenham na sociedade, principalmente quando se trata de um centenário.

Pensando no papel que as festas desempenham na sociedade, em determinado tempo e espaço, os autores Kraay (2010) e Malerba (2010) retratam a festa como um importante meio encontrado pelos grupos para realizar um balanço de um determinado período que se quer comemorar.

Para os historiadores, essas comemorações são fontes para pensar a memória coletiva, a invenção das tradições, a construção das nações e a contestação política manifestada nas polêmicas suscitadas por elas. Foram e são incentivos a produção de novos estudos históricos, sejam ufanistas, sejam polêmicos e críticos. Às vezes, abriram espaço para historiadores intervirem em debates públicos (KRAAY; MALERBA, 2010, p.368).

A festa é um ato que retorna ao passado, trabalha com a memória individual e coletiva, (re)criando e (re)forçando tradições em uma sociedade. Além disso, estudar estas festas possibilita investigar uma variedade de fontes históricas, devido às formas eleitas para festejar – por exemplo, uma festa pode iniciar com um ato religioso e finalizar com um momento profano. Por isso, seu estudo é essencial para compreender como se organizaram e se desenvolveram as festividades do Centenário da Imigração Italiana.

No texto intitulado “*Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar*”, Albuquerque (2011, p. 134) abordou ainda os sentidos históricos que foram

atribuídos ao ato de festejar, fazendo um apanhado sobre a historiografia. Neste trabalho, o autor apontou as diferentes formas de abordagem pela escrita da história sobre as festas, afirmando que o ato festivo tem sentidos em sua “forma de viver e de escrever a história”. O autor atenta para as formas como são imbricadas as festividades e a sensibilidade do historiador na escrita dessa história. Nesse sentido, Albuquerque (2011) define a festa como

[...] espaços de negociação, de tensões, de conflitos, de alianças e de disputas entre distintos agentes, que se conflitam e se debatem em torno não só dos sentidos e significados a serem dados à festa, como também em torno das práticas que as constituirão, dos códigos que as regerão, das regras que estabelecerão permissões e proibições, que definirão limites e fronteiras entre o que pode ser admitido e o que deve ser excluído. As festas podem não só ser campos de lutas concretas, de enfrentamentos entre pessoas e grupos, em torno dos valores e preceitos que definem o viver em sociedade, mas elas são campos de luta simbólica, de luta entre projetos, sonhos, utopias e delírios, mas são acima de tudo momento de invenção da vida social, da ordem social e da própria festa e seus agentes. (ALBUQUERQUE: 2011, p. 147-148)

Desse ponto de vista, tais festas tornam-se um importante meio para a pesquisa histórica, pois nos fazem olhar para os indivíduos que as organizam, para os tipos de manifestações festivas eleitas – atentando para cada detalhe – e o público a quem é destinada a festividade. Albuquerque (2011, p.148) provoca o leitor, propondo o estudo da festa como um desafio e uma tarefa do historiador, na qual “[...] as festas são históricas e feitas de histórias individuais e coletivas. A história não deveria tomar as festas apenas como objeto de estudo, a história deveria tomar as festas como inspiração, como um modo de ser e fazer”. Através dos festejos, podemos observar o cotidiano dos grupos sociais e sua relação com o passado.

Outra obra importante utilizada nessa pesquisa é o livro intitulado de “*Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*”. São vários textos que abordam o ato do festejar diante da cultura e da sociabilidade. De acordo com os organizadores Jancsó; Kantor (2001), a obra busca apresentar novas possibilidades interpretativas, através de teorias e técnicas de investigação e de um tratamento sociológico e histórico. O interesse da obra é provocar o historiador a desbravar o universo da festividade, apontando novas formas de sociabilidade, de narrar o acontecimento histórico e de tratar a festa pública como um fato social. Além disso, tais manifestações e festividades coletivas, muitas vezes, influenciam na construção de uma identidade e sentimento de pertencimento. Esta obra possibilita um olhar para dentro das festividades, avaliando “certas particularidades

das cerimônias e da sua narração ou memória, que são dois dados indissociáveis [...]” (JANCSÓ; KANTOR (2001, p.85). Esse aspecto é importante, pois, muitas vezes, a narração auxilia na criação de um imaginário sobre o passado e, por isso, narração e memória são elementos que não se separaram no que tange ao ato de festejar.

Outra obra importante que dá suporte teórico a essa pesquisa é intitulada “*O que faz o Brasil, Brasil?*”, de Roberto da Matta (1986) na qual as comemorações são consideradas ocasiões que “recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais” (DA MATTA, 1986, p. 54). O autor ainda utiliza o conceito de *festas de ordem*, para designar formalidades e relações sociais que são expostas e mantidas em um mundo diário. Além disso, atribuiu à alimentação um papel fundamental, pois a considera como um elemento que define e marca uma identidade pessoal ou grupal e, também, “as relações que as pessoas mantêm entre si” (DA MATTA, 1986, p. 39).

O festejo busca no passado os elementos que dão suporte às comemorações. Nesse sentido, o ato de comemorar significa a glorificação de um passado (CANDAU, 2012), estando estritamente ligado à memória e à identidade encontrando formas diferentes de se manifestar. Diante disso, apropriou-se dos conceitos de Candau (2012) sobre memória e identidade. Memória remete a uma reconstrução atualizada do passado. Identidade é vista como uma construção social, que acontece no quadro de uma relação individual.

Nessa perspectiva, a comemoração, através do viés da memória e da identidade, é seletiva e tem como interesse “limpar”, isto é, positivar o passado. Percebeu-se que os grupos sociais e, no caso, os descendentes de imigrantes italianos, escolheram celebrar o seu pertencimento, através de festas marcadas por “uma imagem prestigiosa com a qual se supõe que todos possam se identificar” (CANDAU, 2012, p.148). Dessa maneira, buscavam-se no passado, os aspectos que caracterizariam os imigrantes italianos, criando uma figura positiva comum, no presente. O ato de comemorar possui uma forte carga de memória, sendo “destinada a desenvolver profundamente, entre a geração atual, o espírito histórico e o sentimento de continuidade (CANDAU, 2012, p.147). Nesse sentido, percebeu-se que as comemorações alusivas ao Centenário da Imigração Italiana procuraram no passado a sua história, sua identificação com ela e, conseqüentemente, a continuidade desse sentimento. No entanto, vale salientar que, os grupos da ex-colônia Silveira Martins celebravam um passado, mas também festejava as práticas socioculturais do presente, como forma de promover e divulgar a comunidade. “A memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias, centradas em



reavivamentos, que só os *traços-vestígios* do pretérito são capazes de provocar” (CATROGA, 2001, p. 48). O mesmo autor dirá ainda que,

[...] o conteúdo da memória é inseparável dos seus campos de objectivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que os reproduzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória colectiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados (CATROGA, 2001, p.48).

Levando em conta que as comemorações tocam o passado através da memória, Pollak (1992, p. 201) afirmou que esse fenômeno é “construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Desse modo, são considerados elementos que auxiliaram na construção da memória, os acontecimentos vividos pelo indivíduo, pois “a memória que é constituída por pessoas e personagens” e ainda, pelos lugares de memória, que são espaços “particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (POLLAK, 1992, 201-202).

O ato de festejar significa “reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal” (SILVA, 2002, p.432). Por isso, busca impedir o seu esquecimento. Além disso, a memória é seletiva, pois recordamos e esquecemos o que queremos. Nesse sentido, Silva (2002, p.432), afirmou que, “apagam-se da lembrança as situações constrangedoras (por exemplo, nos “500 anos do Brasil”, os massacres indígenas, a escravidão negra, as violências na história), e privilegiam-se os mitos fundadores e as utopias nacionais [...]”. Nesse ponto é importante ressaltar que, durante as comemorações dos Cem Anos da Imigração Italiana, as situações de insucesso e fracasso eram muitas vezes lembradas como uma forma de enaltecer a imagem do imigrante. Mas eram as condições de êxito que eram as mais recordadas.

No que tange ao aporte teórico sobre a historiografia da imigração italiana, é importante salientar que o Biênio da Colonização e Imigração foi “fonte e fator significativo para o enriquecimento cultural do Estado. Suscitou largas e opulentas pesquisas na história da colonização e imigração no Rio Grande do Sul” (RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.27). Foi através de concursos de monografias sobre a imigração italiana que houve a preocupação na escrita histórica sobre este tema. Por isso, “os concursos indicados mobilizavam a intelectualidade e os historiadores de todo o país e inclusive do exterior, sendo apresentadas inúmeras e

interessantes monografias” (RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.27). Então, a partir das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, houve uma preocupação acadêmica com relação à historiografia da imigração italiana no Rio Grande do Sul, a qual permitiu “uma análise mais profunda e mais objetiva da contribuição do elemento italiano no desenvolvimento no Estado e na formação do povo gaúcho” (MANFROI, 1975, p.9). Nesse sentido, as obras produzidas buscavam enaltecer a dedicação e o trabalho do imigrante no desenvolvimento econômico e cultural do Estado.

Olívio Manfroi teve sua obra premiada no concurso promovido pelo Biênio. Intitulada de “*A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*” encarou o processo imigratório como uma “extraordinária aventura humana” (MANFROI, 1975, p.15), conquista feita através de muita luta, sofrimentos e trabalho diário junto ao grupo familiar. Vitimou o imigrante, enfatizando seu abandono pelo país de origem e pelas autoridades brasileiras. Entretanto, passados os 100 anos da colonização italiana, o governo e o povo gaúcho prestaram uma homenagem ao colonizador. Segundo o autor,

[...] a comemoração do centenário, porém, não é simples homenagem que o amanhã esquecerá, ela traz o caráter de reconhecimento solene e oficial do sucesso da obra colonizadora realizada pelos imigrantes e seus descendentes em terras gaúchas (MANFROI, 1975, p.15).

Levando em conta a presença da ex-colônia Silveira Martins, a obra tratou brevemente da mesma, abordando a chegada e o trajeto dos primeiros imigrantes, a falta de assistência do governo e a formação de outros núcleos coloniais dentro desta colônia. No entanto, apontou que problemas enfrentados por essa colônia a impediram de conquistar o crescimento como às três primeiras colônias e, provavelmente é a justificativa para não ter tanto espaço na obra e nos estudos de imigração italiana. Sobre a referida ex-colônia Silveira Martins:

A existência de muitas terras particulares, intercaladas entre os diversos núcleos, dificultava a colonização de novos imigrantes e o processo da colônia. Foi essa uma das razões que impediram a formação de um centro agrícola, comercial e industrial tão importante como foi o caso de Caxias. Ademais, em 1888, a colônia foi desmembrada em três partes, reunidas a três municípios diferentes: Cachoeira, Júlio de Castilhos e Santa Maria (MANFROI, 1975, p.81)

O pesquisador Rovílio Costa (1974) recebeu menção honrosa no concurso sobre monografias do Biênio da Colonização e Imigração com a obra “*Imigração Italiana: vida, costumes e tradições*”, na qual relatou o processo imigratório construído através de fatos e situações que evidenciaram a unanimidade, sendo o peculiar, excluído. Expôs o assunto de forma geral, homogeneizando o processo, sem citar e descrever as características de cada colônia. Além disso, retratou a população de imigrantes italianos como um grupo extraordinariamente religioso, valorizando outros atributos como a coragem, o trabalho, a solidariedade e a harmonia. Enfatizou o abandono do Governo Provincial e o isolamento dos colonizados em seus lotes de terras. Apesar disso, “em menos de 100 anos, os italianos realizaram o milagre de seu espírito de trabalho: transformaram as montanhas em riquezas das mais diversas culturas” (COSTA, 1974, p.36).

Silvino Santin, já citado, é um dos poucos pesquisadores que abordou o Centenário da Imigração Italiana na Colônia Silveira Martins. Em sua obra, “*A imigração esquecida*” retratou essa região como um local com uma imigração esquecida, diante da própria comunidade e com relação às três primeiras colônias na Serra Gaúcha. Para o estudioso, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região haviam afastado a possibilidade de esquecimento do movimento imigratório local, que ajudou na formação daquela sociedade. Além disso, entendeu que essas festividades acarretaram o *abrir das portas* das produções a respeito do processo de imigração e colonização italiana no RS, pois como já mencionado acima, com a implantação do Biênio da Colonização e Imigração, houve a promoção de concursos para incentivar a produção histórica e cultural desses grupos étnicos. Foi o começo de uma reflexão acadêmica sobre a historiografia da imigração italiana. O autor conseguiu desenvolver os resultados das comemorações de forma superficial, mas retratou o engajamento dos promotores do evento, ao desencadear não apenas nas autoridades, mas também nos descendentes de italianos “um novo entusiasmo e forte interesse pelo estudo dos movimentos imigratórios, base da ocupação do solo rio-grandense, bem como, base de componentes étnicos decisivos na formação da gente rio-grandense” (SANTIN, 1986, p. 11). No entanto, o autor não realizou nenhuma descrição e análise mais profunda dos festejos na ex-colônia Silveira Martins.

Essa historiografia cresceu junto com as comemorações dos cem anos do processo imigratório. Com essa produção histórica, foi possível percebermos como a história da imigração e dos imigrantes era construída para as comemorações do Centenário do

processo imigratório italiano. Em primeiro lugar, foram exaltadas as dificuldades enfrentadas, como a travessia transoceânica, a instalação e a produção nos lotes e o desenvolvimento da agricultura e do comércio. Depois, foi valorizada a superação dos imigrantes, através do êxito final, mostrado através do crescimento econômico e político de cidades e das indústrias que tiveram os imigrantes como seus fundadores. Essa historiografia passou, por muito tempo, sendo aquela que abarcava uma história quase que *absoluta* da imigração italiana, utilizando-se do passado para construir uma dada memória e assim, reforçar uma identidade cultural: a de um grupo de trabalhadores que venceram as adversidades.

Para a realização deste estudo, foram utilizados como principais fontes, como já apontamos anteriormente, a imprensa (com os jornais *O Radar*, *A Razão* e *Correio Riograndense*), as fontes dos municípios da Antiga Colônia Silveira Martins e as fontes oficiais do Estado (relatórios, discursos, álbuns comemorativos, leis e decretos); os materiais de divulgação (crônicas da colonização, convites, programação), as fontes imagéticas e arquitetônicas (fotografias, monumentos, arquivos e museus). Percebendo que a documentação utilizada para a produção dessa pesquisa é vasta e diferenciada, procurou-se investigar cada fonte histórica conforme seu método de análise. *A posteriori*, as fontes serão cruzadas e confrontadas e, em alguns casos, ainda haverá a criação de categorias de análise, como forma de perceber os pormenores e os detalhes de cada manifestação festiva relativa ao Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins. Com isso, inspirou-se na teoria do paradigma indiciário de Ginzburg (2003), para interpretar uma série de informações encontradas em diferentes documentos, examinando assim, os pormenores mais negligenciáveis para auxiliar na construção dos cenários das festas.

A necessidade do cruzamento também foi evidenciada devido à forma como as festas eram tratadas. Ao longo dessa tese, perceberemos que a maioria das fontes utilizadas indicava “festas quase que perfeitas”, que aconteceram de forma majestosa, sem maiores problemas: um verdadeiro sucesso. Foi uma notícia de jornal que apontou brevemente um problema em uma das festas, pois o festejo teria sido um sucesso e se projetavam outras edições. Esse indício assinalou para a busca de novas fontes que, indicaram a necessidade do uso da fonte oral como um meio de compreender o desenvolvimento interno das comemorações.

Na análise documental, primeiramente destacou-se a fonte jornalística porque ela permeia toda a tese. “[...] Os jornais são aqui entendidos, primeiramente, enquanto ‘produto social’, isto é, como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas” (SCHWARCZ, 2017, p.18). Essa fonte além de analisada será comparada e cruzada com as demais fontes utilizadas na pesquisa. Nesse sentido, ao optar por esse tipo de material, buscou-se nesta investigação, encontrar notícias e outras informações detalhadas sobre as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins e sobre os promotores destes eventos festivos. No entanto, leva-se em conta que,

[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (LUCA, 2008, 139)

Nesse sentido, o jornal noticiou os acontecimentos conforme seu interesse e do público que ele queria alcançar. Na maioria das vezes, as festas foram expostas como eventos grandiosos, ocorrendo sem nenhum transtorno, sendo assim comemorações perfeitas. O trabalho do historiador deve ser o de problematizar o conteúdo, a forma como as notícias são apresentadas, o lugar que ela ocupa na estrutura do jornal, sua frequência e o público que ela quer alcançar. No caso das comemorações dos 100 anos da Imigração Italiana, a análise do jornal possibilitou mostrar como a comunidade e promotores organizaram-se para estes eventos festivos, como as festas foram anunciadas, e como as notícias da festa repercutiram. Vale salientar que, por exemplo, o jornal *A Razão* quando enfatizou algumas comemorações, mais que outras. Isso demonstrava o interesse do jornal e o público que visava atender.

Ao analisar os jornais que anunciavam as festividades alusivas ao Centenário, leva-se em consideração, ainda, que

os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (LUCA, 2008, 140).

Sobre os principais jornais utilizados nesta pesquisa, *O Radar*, *A Razão* e o *Correio Riograndense*, é importante dizer um pouco mais sobre eles, seu conteúdo e sua

circulação. O primeiro, *O Radar*, teve como diretor e fundador Padre Clementino Marcuzzo<sup>8</sup>, sendo produzido no município de Faxinal do Soturno, com a primeira edição em 16 de agosto de 1975, circulando até, pelos menos 1976<sup>9</sup>. Esse material jornalístico apresentava textos e imagens em preto e branco contendo 16 páginas. Teve tiragem de 1500 exemplares, distribuição gratuita e uma periodicidade de uma edição por mês. Alguns números do *O Radar* foram encontrados no arquivo permanente da prefeitura municipal de Faxinal do Soturno e no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, onde se encontram disponíveis ao público na forma impressa. O segundo, *A Razão*, foi fundado em 1934, na cidade de Santa Maria. Tinha uma circulação diária, apresentando textos e imagens. Deixou de circular em 25 de fevereiro de 2017. Seu acervo encontra-se disponível no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. O último, o jornal *Correio Riograndense*, de Caxias do Sul, foi fundado em 1909 e passou por três mudanças de nome até chegar a atual nomenclatura. Tem perfil católico. No período estudado, a circulação não era diária. Atualmente o jornal circula apenas online, encerrando a versão impressa em 2017. Seu acervo está disponível, de forma online no Acervo do Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul (AMCM).

Seguindo o roteiro apresentado por Luca (2008) buscou-se analisar os jornais *O Radar*, *A Razão* e o *Correio Riograndense* da seguinte forma: primeiramente investigamos as reportagens a respeito do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul e na ex-colônia Silveira Martins. Nesse sentido, analisou-se todo o periódico atrás da problemática da pesquisa. Com os noticiários selecionados, procurou-se dar atenção para elementos de ordem material, como o uso/ausência de imagens e de publicidade, tomando conhecimento da forma de organização interna do material jornalístico. Com a reportagem selecionada, procurou-se saber se a matéria era assinada pelo Diretor, por colaborador ou se era parte do noticiário mais geral. Por fim, empenhamo-nos em verificar a que público destinava-se as reportagens ou outras matérias relativas às festividades do Centenário da Imigração Italiana.

Para a investigação da documentação oficial e dos materiais de divulgação, buscou-se aporte teórico em Foucault (2011), através da análise do discurso. Neste caso investiga-se a estrutura dos textos dos documentos buscando compreender a representação de suas

---

<sup>8</sup> Padre Clementino Marcuzzo será uma das lideranças religiosas estudadas nessa tese. Teve participação direta na organização e execução das festividades do centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto.

<sup>9</sup> Não há como precisar até quando esse jornal circulou, pois são poucos os exemplares que se encontram disponíveis.

ideias. Para o autor, a estrutura dos discursos é produzida a partir do contexto vivenciado pela sociedade. Nesse sentido,

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Levam-se em conta nesta análise, os quatro princípios propostos por Foucault (2011, p.54): de inversão, da descontinuidade, da especificidade, da exterioridade. Dessa forma, essas noções servem como reguladoras da análise, através da “noção de acontecimento, de série, de regularidade, de condição de possibilidade”. Com isso, o trabalho do historiador é perceber, no discurso, não “aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto de desejo” (FOUCAULT, 2011, p.10).

Outra fonte utilizada neste estudo foram os monumentos, os museus e os centros de pesquisa que foram criados com as festividades do Centenário da Imigração Italiana. São exemplos, o monumento ao Imigrante em Silveira Martins, o Museu Padre João Iop em Vale Vêneto, o Centro de Pesquisas Genealógicas em Nova Palma e os capitéis<sup>10</sup>. São fontes de distintos matizes, mas que têm em comum o fato de serem considerados lugares de memória (Nora, 1993) e revelarem a preocupação de recordar o passado vivido pelos imigrantes italianos. Como disse Nora (1993):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. (NORA, 1993, p. 12).

Neste contexto, entende-se por que muitos acervos foram criados com o intuito de salvaguardar objetos e documentos que foram de antepassados, através da doação desse material pela comunidade a quem os pudesse guardar e preservar. A criação desses espaços está vinculada à memória e a um determinado passado. De acordo com Silva (2006) o objetivo de criar coleções é

---

<sup>10</sup> São pequenos oratórios, dedicados para santos de devoção, construídos por imigrantes e descendentes de italianos.

[...] de garantir sua preservação [porque] esses materiais passaram a integrar os acervos particulares ou lugares especialmente reservados para sua guarda, sob a proteção do olhar da coletividade e[depois foram]dispostos, a partir de certos critérios de classificação que [eram], ao mesmo tempo, parâmetros para essa seleção e atribuição de valor a esse novo arranjo (SILVA,2006, p. 19).

A atração por esses lugares de memória para o estudo das comemorações do Centenário da Imigração Italiana se reflete não apenas na criação de espaços para a salvaguarda de objetos e documentos antigos. Mas em criar espaços de memória comuns a determinados grupos étnicos, no sentido de manter e preservar uma mesma identidade.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência de ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda uma memória suficiente que possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos lugares. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p.7).

Se não há meios de memória, eles necessitavam ser construídos e reformados, para que a comunidade se recorde de seus antepassados imigrantes. Por isso, para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins, muitos monumentos foram construídos, restaurados e/ou reformados. São consideradas importantes fontes de análise histórica sobre essas festividades, pois

[...] tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária e involuntária, das sociedades históricas (é um legado da memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos (LE GOFF, 1990, P.535).

A construção, restauração e reforma de monumentos relacionados às comemorações do Centenário da Imigração Italiana apresentavam-se como marcos de memória, vinculados a lembranças que necessitavam manterem-se vivas, trabalhando como “um dispositivo de segurança”, segundo Choay (2001, p.8). Nesse sentido, a edificação torna-se um elemento de garantia das origens, já que muitos são construídos para simbolizar a figura do imigrante junto às outras características que também são exaltadas, como o trabalho e a religiosidade.

Vale salientar que, considerando os museus, os arquivos, os monumentos e capitéis como fontes arquitetônicas, buscou-se avaliar a arquitetura, o local de construção, os



promotores e a que/quem foram dedicadas estas edificações. Para tanto, Ramos (2013, p.267), afirma que

[...] pensar que o processo de criação de um monumento é um movimento neutro é uma atitude ingênua porque há uma grande disputa no que se refere às imagens públicas que identificam um todo, haja vista que quase sempre envolvem um determinado grupo da sociedade e também dos poderes públicos.

Para exemplificar, destacaram-se os capitéis no município de Nova Palma. Com o Centenário da cidade, houve um movimento de reforma e reconstrução desses oratórios, que estão localizados ao longo das estradas do interior no município. O trabalho de construir e restaurar esses capitéis teve como intuito demonstrar a religiosidade dos imigrantes e preservar a fé para as futuras gerações. Com a revitalização dos capitéis, verifica-se que esse passado é invocado, é selecionado de acordo com determinados interesses, ou seja, quem propõe e para quem é proposto, no sentido de contribuir para a manutenção de uma identidade étnica. Ramos (2013, p.268), analisando monumentos dirá que

[...] quase sempre são autoridades cidadinas e/ou as distintas comunidades as responsáveis por essas construções, uma vez que um monumento é planejado geográfica e arquitetonicamente, responde aos anseios e solicitações da comunidade e aos objetivos dos governantes e/ou a ambos os preitos.

Por fim, a análise do movimento de reforma dos capitéis impõe que se atente para o fato de que reformar significa também prestar uma homenagem. Mas porque alguns oratórios são reconstruídos, como o caso do capitel de Santa Apolônia e outros desapareceram das estradas? Choay (2001, p.18) dirá sobre tal tema que:

[...] tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para lembrar ou fazer com que outras gerações de pessoas lembrem, [sejam] acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória.

Outra fonte histórica empregada nesta tese é a fotografia. Utilizou-se como método para a análise histórica-semiótica proposta por Ana Maria Mauad (1996). Segundo a autora, esse tipo de crítica quer “apresentar a fotografia como uma mensagem que se elabora através do tempo, tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento, tanto como testemunho direto quanto como testemunho indireto do

passado” (MAUAD, 1996, p.1). A fotografia envolve a expressão e o conteúdo, remetendo ao autor da fotografia, a mensagem que a imagem quer transmitir e a leitura e interpretação de seu leitor. Dessa forma, Mauad (1996) desenvolveu duas fichas de elementos de conteúdo e expressão, que serão utilizadas como a base para a análise das imagens produzidas pelo Centenário da Imigração Italiana na região, pois alguns dos momentos festivos foram registrados por fotografias. Nesse sentido, a imagem transforma-se em documento porque auxilia na reconstrução nas festividades dos 100 anos da Imigração. São “representações da realidade que se coloca no lugar das coisas, dos seres e dos acontecimentos do mundo” (PESAVENTO, 2008, p.102).

Algumas dessas imagens são encontradas em jornais, porém foram poucos os momentos de festa publicados em materiais jornalísticos. As demais fotografias foram coletadas em acervos da região e sendo transmissoras de uma herança dessas comemorações. Por isso, toda análise deve ser cuidadosa, pois “a imagem é sempre uma construção, uma interpretação, uma recriação do real” (PESAVENTO, 2008, p.103).

Por conseguinte, o trabalho de análise de fotografias exige muita atenção, pois nem sempre as imagens “correspondem a uma reprodução absoluta da realidade [...]” (PESAVENTO, 2008, p.104). Levando em conta que muitas das imagens produzidas pelas festas do Centenário da Imigração Italiana procuram simbolizar o passado do imigrante, os registros fotográficos foram, muitas vezes simulados, re (a)presentando um momento que fazia parte do cotidiano de um grupo social.

Ainda é válido ressaltar que algumas fotografias foram posadas por determinados indivíduos que estiveram nas festividades. Nesse sentido, as pessoas que posam para o registro fotográfico têm determinada intenção, bem como a tem o fotógrafo que registrou o momento. De acordo com Paiva (2004, p. 19-20),

[...] a imagem não é retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso. A História e os diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e dos demais agentes que influenciaram essa produção.

A fotografia demanda do historiador uma análise cuidadosa, pois a produção do registro resulta da intenção e de interesses de quem a produz e de quem participa do registro. “O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida” (MAUAD, 1996, p.8). Depois da

análise preliminar, as diferentes fontes históricas serão cruzadas e confrontadas, quando os indícios e sinais de cada documento auxiliarão na construção do cenário das festividades do Centenário da Imigração Italiana.

Com o intuito de possibilitar um olhar mais aprofundado, percebendo a complexidade dos eventos comemorativos, além do já exposto, optamos também pela criação de categorias de análise, cujo principal interesse é identificar como em diferentes lugares e momentos tem sido construída uma determinada realidade social, como nos aponta Chartier (2002). Esse exercício possui várias direções, segundo o autor, sendo que “o primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”. (CHARTIER, 2002, p.17). O trabalho mostra de forma mais clara as semelhanças e as diferenças, auxiliando na percepção de características exclusivas e comuns entre as manifestações festivas. E, ao analisar uma variada e diversa documentação é possível uma apreciação mais aproximada do real, evitando generalizações entre as festas do Centenário da Imigração ocorridas no Rio Grande do Sul.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento da tese, ela foi dividida em cinco capítulos: a *Introdução* onde apresentamos os motivos que nos levaram ao tema, bem como a trajetória de pesquisa; o primeiro capítulo, intitulado de “*O Biênio da Colonização e Imigração: as comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*”, onde se abordou o interesse do Governo do Estado em instituir o Biênio. A partir dessa perspectiva, buscou-se entender os prováveis motivos pelos quais a ex-colônia, localizada na região central do Estado, teria ficado à margem das comemorações oficiais do Centenário da Imigração Italiana. Neste capítulo, foram utilizadas as fontes oficiais como relatórios, álbum, discursos, decretos e jornais que divulgaram as festividades. Além desta documentação, dialogamos com a bibliografia específica ao tema em autores como Lima (2017), Zanini (2006), Santos (2008), Biasoli (2010), entre outros. Dedicado à abordagem festiva, o capítulo seguinte foi denominado de “*A colônia Silveira Martins em festa: as comemorações dos 100 anos da imigração italiana (1975-1993)*” e tem como objetivo mapear as comunidades da ex-colônia Silveira Martins que realizaram festejos do Centenário da Imigração e Colonização, descrevendo e analisando as formas de organização, os tipos de festejos e sua divulgação. Além disso, buscou-se ver se os festejos escolhidos para celebrar o Centenário foram utilizados como momentos

de construção de uma narrativa étnica nas comunidades. No capítulo denominado de “*Entre história, memória e comemorações: Val Feltrina e Vale Vêneto e as festas do Centenário da Imigração Italiana*”, procurou-se completar esta visão das festas trabalhando-se com um olhar para dentro das mesmas, através da descrição e análise de cada uma dessas duas comemorações. Apesar da proximidade geográfica, evidenciamos as peculiaridades e os diferentes tipos de manifestações festivas que se desenvolveram, sendo que além do passado, as práticas socioculturais do presente também foram recordadas e expostas para o conhecimento do público presente. O último capítulo foi intitulado “*As formas da construção de uma memória: o processo imigratório e a figura do imigrante italiano na antiga Colônia Silveira Martins – RS*” tem como objetivo identificar as formas de construção da memória e de uma narrativa étnica, bem como os agentes promotores das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, como os padres Luiz Sponchiado e Clementino Marcuzzo que, auxiliaram na construção de uma narrativa homogeneizadora da imigração italiana na ex-colônia Silveira Martins, através das crônicas da colonização, dos capitéis, das canções.

## **2. BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E DA IMIGRAÇÃO: AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL**

“[...] uma terra sem ódios nem preconceitos, uma casa de irmãos, um celeiro de patriotas e de homens de boa vontade, um Estado devotado ao labor e à construção da grandeza nacional” (RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, p.8, 1975).

Este capítulo tem como objetivo analisar o interesse do Governo do Rio Grande do Sul em promover as comemorações do Biênio da Colonização e da Imigração. Esse movimento cívico e político buscaram exaltar a contribuição dos imigrantes que estiveram presentes no desenvolvimento do Estado, juntamente com os povos que já habitavam esse espaço. Destacam-se, no capítulo, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em âmbito estadual, abordando as manifestações festivas, cívicas e a produção de um álbum comemorativo. Neste conjunto de atividades foi possível identificar a pouca visibilidade dada à ex-colônia Silveira Martins que, inclusive, não participou das festividades oficiais. Neste capítulo, procurou-se, portanto, entender os possíveis motivos pelos quais a colônia, localizada na região central do Estado, teria ficado à margem das comemorações oficiais do Centenário da Imigração Italiana e buscar as possíveis saídas encontradas pelas autoridades e moradores da ex-colônia Silveira Martins para este impasse.

### **2.1 O BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E DA IMIGRAÇÃO**

Como resultado de uma ação promovida por representantes dos principais grupos imigrantes do Estado junto ao Governo, promoveram-se comemorações para homenagear as diferentes correntes migratórias que se estabeleceram no Estado. A criação do Biênio da Colonização e Imigração, pelo governador Euclides Triches, através da instituição do Decreto 22.410, de 22 de abril de 1973, tinha como fim, “celebrar, nos anos de 1974 e 1975, o feito dos pioneiros, o Sesquicentenário da Imigração Alemã, o Centenário da

Imigração Italiana e a contribuição das demais correntes imigratórias [...]”<sup>11</sup> para o desenvolvimento do Estado. Tais festividades, de acordo com a consulta à documentação, tinham cunho laudatório, celebrando os aspectos positivos das culturas migratórias que ajudaram na formação sociocultural e econômica do Rio Grande do Sul.

As comemorações tinham um caráter oficial, pois eram institucionalizadas e apresentava um documento – decreto governamental – como base de organização (LIMA, 2017). Tinham como interesse a promoção de festividades para celebrar as etnias que haviam auxiliado o Estado no desenvolvimento econômico e cultural. Os promotores desses festejos, ou seja, o Governo do Estado apresentava os grupos étnicos – alemães, italianos, poloneses, açorianos, indígenas, entre outros grupos – como heróis, que viviam de forma harmoniosa e em unidade.

O Decreto ainda apresentava o Biênio da Colonização e Imigração como um momento cívico, que tinha como dever

[...] exaltar a obra daqueles que, após lutas longas e ásperas, ocuparam e povoaram a área que constitui o território deste Estado, incorporando-a à Pátria comum. Não menos digno de reconhecimento é o trabalho das levas imigratórias que para cá vieram e aqui se fixaram, provindas de terras distantes em busca de uma pátria nova, e se juntaram aos primeiros povoadores no esforço das realizações solidárias, que nos conduzem a todos a um mesmo destino, sob as inspirações da unidade nacional<sup>12</sup>.

Este foi um momento de exaltação dos povos que colonizaram o Rio Grande do Sul, conhecendo sua história, seus hábitos, seus costumes e suas tradições. Dessa maneira, compreendeu-se que a ideia de dever cívico representava não só uma obrigação do povo gaúcho em prestar homenagem e recordar os grupos étnicos que auxiliaram na formação do Estado, mas também criar uma atmosfera de gratidão e respeito àqueles que deixaram a terra natal para começar uma nova vida no Estado.

O civismo nas festividades étnicas se apresentava como um elemento de integração, mas também de respeito do Estado para com as correntes migratórias que haviam deixado o país de origem e que aqui buscaram uma nova Pátria. Nesse sentido, Albuquerque (2011, p.134) afirmava que “somente as comemorações cívicas ou datas consideradas significativas para a história da nação mereciam alguma menção e contavam

---

<sup>11</sup>ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 22.410, de 22 de abril de 1973, que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração.

<sup>12</sup>ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 22.410, de 22 de abril de 1973, que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração.

com o discurso de panegírico ou de legitimação da data que ali se comemorava”. A criação de datas e comemorações servia para marcar a memória<sup>13</sup> local e regional, a história e a cultura de um povo, através de discursos de exaltação, realizados publicamente sobre os imigrantes que se estabeleceram no Rio Grande do Sul.

Além disso, o Biênio decretava a criação de comissões que tinham como principal papel a institucionalização de programações e da organização de celebrações festivas. A formação de comissões tinha caráter oficial, “já que a elas se vinculavam agentes políticos de âmbito estadual e federal, além de líderes religiosos, representantes do Exército, Marinha e Aeronáutica” (LIMA, 2017, p.40). De acordo com Victor Faccioni (1973),

Estas Comissões, pela iniciativa, pela imaginação, pela criatividade e pelo trabalho de seus membros, representantes de entidades públicas e privadas ou personalidades convidadas especialmente para as integrarem, saberão certamente dar às comemorações que hoje aqui dão seu primeiro passo, o enfoque certo e esplêndido que traduza, com as proporções devidas, o quanto nos merece, nos entusiasma e nos sensibiliza este Biênio da Colonização e Imigração, que desejamos fazer um momento excepcional da nossa existência como povo ordeiro, trabalhador, pacífico, um povo que encontra no acervo do seu passado as lições de coragem, de honra, de trabalho e de patriotismo que nos alentam para a construção de um Rio Grande maior<sup>14</sup>.

O Biênio foi considerado pelos idealizadores como um momento único de festividades que ocorreram no Rio Grande do Sul em prol do seu povo, no qual buscaram transmitir a ideia de um grupo disciplinado, bem comportado, coerente e que conduzia à paz. A comemoração “de um determinado passado em um presente celebrativos, [busca] alicerces para o futuro de seus respectivos grupos” (LIMA, 2017, p.34), para poder seguir se desenvolvendo em suas esferas econômicas, sociais e culturais. Produziu-se um trabalho de olhar para trás, exaltando os antepassados, buscando a criação de um universo de gratidão e respeito entre os participantes dos festejos.

As comissões executivas foram criadas para celebrar cada uma das etnias que constituía o Rio Grande do Sul, como a luso-brasileira, a alemã, a italiana, os indígenas, os negros e as demais correntes imigratórias. Essas comissões atuavam no levantamento histórico de cada grupo migratório citado, estabelecendo as condições de evocação,

---

<sup>13</sup> Entendemos a memória como “um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes”. (POLLAK, 1992, p. 202).

<sup>14</sup> FACCIONI, Victor. [Discurso] 15 de maio de 1973, por ocasião da instalação do Biênio da Colonização e Imigração. Discurso proferido pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. In: *Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado*, (p. 50).

planejando e supervisionando os calendários das comemorações oficiais. Além disso, estabeleciam e articulavam com as comissões regionais e municipais e, buscavam ainda

[...] estabelecer intercâmbio com entidades interessadas no estudo, na pesquisa e na divulgação dos fatos que deram origem ao povoamento sul-rio-grandense, que marcam como características inconfundíveis o meio físico e a paisagem humana deste Estado “<sup>15</sup>.”

É nesse sentido que o Biênio se tornou um importante “elemento motivador da pesquisa histórica e do enriquecimento cultural do Estado” <sup>16</sup>. Incentivou-se a promoção de concursos de monografias<sup>17</sup> que “mobilizaram a intelectualidade e os historiadores de todo o país e inclusive no exterior [...]” <sup>18</sup>. Constata-se, dessa forma que, o Biênio estimulou os intelectuais a reescrever a história do Rio Grande do Sul, promovendo o Estado a partir da recuperação da memória do imigrante, construindo uma imagem de unidade e de coerência entre os grupos étnicos aqui existentes. Pode-se afirmar que foi um momento de reflexão acadêmica a respeito da escrita da história da imigração italiana no Estado. “As obras desse período diziam respeito à imigração italiana, a sua contribuição na construção da região, às paisagens de partida e de chegada, á formação cultural dos emigrantes, às suas zonas de procedência e a influência da língua, as instituições sociais [...]” (HERÉDIA, 2003, p.34). O momento foi de explosão da produção sobre os grupos étnicos e seus processos migratórios, pois houve incentivo para a pesquisa da imigração, através dos concursos promovidos pelo Biênio, no qual, os vencedores tinham as obras publicadas.

Uma obra que recebeu menção honrosa no concurso de monografias sobre imigração italiana foi “Imigração Italiana: vida, costumes e tradições”, sob a organização de Rovílio Costa<sup>19</sup>. O livro buscou “ouvir tudo e relatar somente o que representa a concordância da maioria. Situações e fatos que não evidenciaram unanimidade foram abolidos” (COSTA, 1974, p.8). Utilizando-se dos depoimentos orais dos descendentes de

<sup>15</sup>ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº22. 410, de 22 de abril de 1973, que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração.

<sup>16</sup> Relatório do Biênio da Colonização e Imigração. Estado do Rio Grande do Sul, s/a. (p. 27).

<sup>17</sup> Houve o concurso de monografias sobre a colonização Luso-Brasileira, imigração alemã, imigração italiana, colonização e imigração em geral, contribuição do negro na integração sócio cultural sul-rio-grandense. Também ocorreu premiação de ficção Biênio da Colonização e Imigração, da Poesia “Biênio da Colonização e Imigração”. Isso tudo aconteceu no certame das letras. O jornalismo e a música também realizaram seus concursos.

<sup>18</sup> Relatório do Biênio da Colonização e Imigração. Estado do Rio Grande do Sul, s/a. (p. 27).

<sup>19</sup>Para Herédia (2003, p.34) a publicação dessa obra deu início “a uma série de estudos que utilizam o método antropológico-cultural, com o intuito de encontrar as fontes originárias da cultura, para conscientizar as raízes e provocar um intercâmbio entre o imigrante e o Rio Grande do Sul”.



imigrantes italianos, só os fatos que aconteciam com certa frequência eram abordados; fatos isolados, que podiam manchar a reputação de uma comunidade, por exemplo, eram excluídos, como uma forma de escrever uma história linear, factual e de superação. A partir dos relatos dos descendentes de imigrantes, os autores buscaram retratar a “organização doméstica dos imigrantes na instalação dos núcleos coloniais, descrevendo os critérios de localização da residência, da água, a construção das casas e dos móveis, a constituição da família, a expectativa da prole, os ritos de casamento, morte e suas festas” (HEREDIA, 2003, p. 35). Outros temas relacionados à vida e aos costumes dos imigrantes foram abordados como a religiosidade, a alimentação, a saúde e higiene, a educação. Dessa forma, as obras produzidas a partir do Centenário da Imigração Italiana foram escritas através das memórias e dos depoimentos dos descendentes destes imigrantes, no qual valorizavam os elementos da cultura religiosa, as práticas cotidianas e a devoção ao trabalho para que a população de descendentes tomasse conhecimento da história dos seus antepassados.

Para Núncia Constantino (2011, p.6), “a partir do primeiro centenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, com a organização naquele ano de um concurso de monografias, a imigração italiana passa a ser também tema muito valorizado em trabalhos acadêmicos”. Salienta-se, nesse ponto, que até o Biênio, pouco havia sido escrito sobre a imigração italiana. Os concursos que tinham premiações incentivavam a produção de obras e a disseminação de uma determinada versão sobre a história da imigração e colonização italiana. Dessa forma, os grupos puderam tomar conhecimento sobre a história dos processos migratórios, a formação das comunidades e das cidades colonizadas pelos imigrantes, como também dos antepassados, a partir de uma versão heroica, coerente e factual.

O Biênio da Colonização e Imigração contou também com os pronunciamentos de autoridades políticas. De acordo com o Governador Euclides Triches, esse evento oficial representava um “dever perante a História<sup>20</sup>“. Isso significava que, sendo os grupos étnicos que auxiliaram na formação social, cultural e econômica do Estado, esse evento buscava atribuir gratidão e respeito aos seus pioneiros, ajudando a construir a história dessa unidade da federação. Ao instalar oficialmente o Biênio com um ato de caráter solene, ele colocava “em relevo a contribuição dos imigrantes das mais diversas correntes

---

<sup>20</sup> TRICHES, Euclides. [Discurso] 15 de maio de 1973, por ocasião da instalação do Biênio da Colonização e Imigração. Discurso proferido pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. In: Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado, (p. 49).

étnicas e dos seus descendentes em prol do desenvolvimento e do progresso do Rio Grande do Sul”<sup>21</sup>. Desta forma, o evento buscava enfatizar e glorificar a obra dos imigrantes no Estado, homenageando o seu trabalho no desenvolvimento e crescimento do Rio Grande do Sul.

Deve-se salientar, no entanto, que havia interesses econômicos e políticos por trás das festividades do Biênio. De acordo com Hohlfeldt; Valles (2008, p.30),

Nessa mesma década de 1970, datas importantes aconteceriam para a preservação da cultura rio-grandense, fatos estes apropriados para a exploração pelo turismo e áreas afins. No ano de 1974, era comemorado o sesquicentenário da imigração alemã para o estado, enquanto que, em 1975, relembra-se o centenário da imigração italiana. Como a política de preservar as raízes culturais do estado já se estendia por alguns anos (desde o tradicionalismo dos CTGs até as comemorações da Revolução Farroupilha e o aniversário de Porto Alegre), foi criado um projeto que buscasse, nessas duas datas, um elo de ligação responsável por uma série de eventos que tivessem em comum um mesmo elemento: a exposição das diversas etnias como formas representativas do multiculturalismo gaúcho.

Segundo estes autores, havia um movimento de preservação da cultura rio-grandense que deveria ser aproximado da exploração pelo turismo. Assim sendo, a criação do Biênio para comemorar o Sesquicentenário da Imigração Alemã, o Centenário da Imigração Italiana e das demais corrente imigratórias do Estado, construía-se numa conexão com variadas etnias representando a diversidade cultural gaúcha. Beneduzi (2011, p.14), em sua tese já publicada, corrobora com os autores citados, ao dizer que:

[...]a relevância da tradição trazida pelos imigrantes na formação do imaginário sul-rio-grandense, em que pese a grande ênfase no gaúcho, homem das lides do campo, ágil, viril e pronto para todas as lutas, aos poucos foi se desenvolvendo internamente [e] uma [outra] imagem do Rio Grande do Sul também constituído por um conjunto multiétnico, destacando as etnias alemã e italiana [surgiu].

Essas comemorações tinham como efeito reavivar as lembranças e as memórias dos imigrantes, como também o conhecimento da própria história para as futuras gerações. Enalteceu-se o imigrante com o intuito de “mostrar que os seres humanos passam, mas permanece indelével o ideal de construir uma civilização sólida e sadia e que vise, acima de tudo, o bem-estar da pessoa humana, a sua formação e a sua realização plena”<sup>22</sup>. No pronunciamento do governador foi perceptível a intenção das festividades

---

<sup>21</sup> TRICHES, Euclides. *Op Cit.*

<sup>22</sup> TRICHES, Euclides. *Op Cit.*

na exaltação dos imigrantes, na importância do reavivamento da memória para as gerações que se seguem, na construção da imagem de um povo forte e saudável, produzindo a ideia de civilidade - normas de convívio de um grupo social, baseadas na harmonia e no respeito. Além do que, era uma exposição mundial da cultura, da economia e da sociedade gaúcha.

Com o sentido de enaltecer e promover o conhecimento da própria história, as comissões promoveram estudos e pesquisas em relação a esta área de conhecimento, à cultura e às tradições dos grupos étnicos que foram contemplados nas comemorações do Biênio da Colonização e da Imigração<sup>23</sup>. Mas, sobretudo, buscaram-se promover a economia ampliando essas relações com os países homenageados no Biênio, tanto para a importação e exportação de produtos como para que aqui se estabelecessem com filiais. Dessa forma,

[...] motivando as áreas mais diversas que dizem não somente da pesquisa histórica, o culto à tradição, o estudo atento da nossa formação e do nosso desenvolvimento, mas, sobretudo com a abertura de novas perspectivas ao nosso progresso e ao nosso enriquecimento sócio, econômico e cultural<sup>24</sup>.

A intencionalidade da instituição do Biênio da Imigração e Colonização por parte do governo do Estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo de promovê-lo diante dos países que aqui se fizeram presentes durante o evento, pode ser constatada a partir do exposto. “A manutenção de contatos da comissão organizadora com representantes estrangeiros, naturais dos países homenageados, não só para os convites, como também para a divulgação dos eventos” (HOHLFELDT; VALLES, p.32) era importante para estabelecer uma rede de relações. Percebemos, dessa forma, que o evento tinha como principal elemento a promoção do Rio Grande do Sul, através do estabelecimento de contatos econômicos, sociais e culturais com autoridades estrangeiras. Nesse sentido, buscava-se a expansão da economia e da cultura sul-rio-grandense<sup>25</sup>, para que outros

---

<sup>23</sup> Para Santin (1986, p.11), as comemorações despertaram o interesse pelo estudo dos processos migratórios no Rio Grande do Sul, com o objetivo “de buscar as causas, os valores, as situações sociais, políticas, econômicas, religiosas e existenciais que desencadearam as correntes imigratórias”.

<sup>24</sup> In: Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado. (p. 8).

<sup>25</sup> De fato, esse período, a economia gaúcha vivia um período de abertura econômica que “obrigou os agentes econômicos regionais a uma maior eficiência para fazer frente à competitividade mais intensa nos mercados em que penetravam. A economia do RS experimentou fortes ganhos de produtividade nesse período, que lhe garantiram condições para se expor à competição em mercados maiores e mais densos (nacionais e internacionais). Diante das possibilidades de crescimento oferecidas por essa abertura, transcorreu uma adaptação do aparelho produtivo às novas condições de mercado (Accurso, 1993, p. 78). Nas vendas para o Exterior, os produtos primários, que representavam 75% em 1973, caíram, em apenas 12

países pudessem conhecê-lo e com ele estabelecer relações comerciais, financiamentos e investimentos.

E ainda, sobre o elemento promocional do Rio Grande do Sul, ressaltou-se que,

[...] o Biênio serviu, igualmente e de forma excepcional, à promoção do Rio Grande do Sul, projetando, fora de suas fronteiras, uma imagem altamente favorável da sociedade rio-grandense, do seu desenvolvimento, do seu labor, das suas realizações, da sua admirável integração, da harmonia em que vive o gaúcho, devotado a construir um estado onde imperem o bom entendimento e a solidariedade entre os homens, a ordem, o bem-estar social, a felicidade e a paz<sup>26</sup>.

Através do Relatório do Biênio da Colonização e Imigração<sup>27</sup> verificou-se, também, que foi construída uma imagem positiva do Estado para consumo externo sendo, para tanto, utilizada a figura do imigrante através da ideia de civilidade. Valorizou-se a dedicação ao trabalho do estrangeiro e descendente, demonstrando, por um lado, que o país se encontrava em pleno crescimento econômico e, por outro, que estava aberto para receber investimentos dos países homenageados. Além disso, transmitia-se a ideia de um país ordeiro e pacífico que convivia em plena harmonia com seus diferentes grupos étnicos. Dessa forma, as comemorações do Biênio exaltaram as qualidades dos povos que ajudaram na formação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

O Biênio também trazia em seu bojo uma oportunidade para mostrar que o Brasil era agradecido aos imigrantes que haviam se estabelecido nesse espaço, apesar dos episódios ocorridos no Estado Novo e, em especial, no período da II Guerra Mundial<sup>28</sup> (1939-1945). Nesses anos, marcados pela política de nacionalização do Presidente Getúlio Vargas e pela Guerra, os imigrantes e descendentes no Sul do Brasil sofreram represálias e, inclusive, foram perseguidos pela polícia política de Vargas. A situação se repetia em âmbito mundial, sendo marcada pela ampliação das ideologias totalitárias. De acordo com Dalmolin (2004, p.1),

[...] com o Estado Novo, 1937, e com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, [em] 1939, houve uma grande preocupação com o possível perigo que as colônias estrangeiras pudessem [trazer] para a consolidação do Estado Nacional Moderno Brasileiro, na medida em que seguiam tradições culturais diferenciadas das nacionais.

---

anos, para 39%. Nas transações interestaduais, também cresceu o peso dos produtos industriais, que alcançou mais de 80% da pauta na primeira metade dos 80” (SCHIMDT; HIERRIEIN, 2002, p.270).

<sup>26</sup>In: Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado. (p.26).

<sup>27</sup> Ver mais em: LIMA, Tatiane. *Os “usos políticos do passado” nas comemorações oficiais do biênio da colonização e imigração do Rio Grande do Sul (1974–1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

<sup>28</sup> Conflito militar e ideológico, que teve proporção global, envolvendo países de todo o mundo.

Nesse sentido, como afirmou-se anteriormente, é que ocorreram perseguições aos brasileiros descendentes de estrangeiros - sendo alvos os imigrantes alemães, italianos, poloneses e japoneses. Vemos então juntar-se, de um lado, o ideário getulista expresso na campanha de nacionalização, cujo resultado seria “a formação da identidade nacional” e, de outro, a deflagração do conflito mundial onde países como a Alemanha, a Itália e o Japão estavam no lado oposto ao dos brasileiros. Tal situação colocava os imigrantes e seus descendentes na condição de “perigosos”, “como mantenedores da diferença e como um perigo à construção de uma identidade nacional brasileira [...]” (ZANINI, 2006, p.155). Nesse contexto era inserido o Decreto-Lei n. 3.010, regulamentando a entrada e a instalação de imigrantes no Brasil, através da assimilação<sup>29</sup> e do desenvolvimento do país. Ao mesmo tempo, era necessário que se preservasse a “constituição étnica do Brasil, suas formas políticas e seus interesses econômicos e culturais”<sup>30</sup>. Por isso, buscava-se a nacionalização dos imigrantes e a sua permanência no território nacional que estava vinculada principalmente à produção agrícola. Dessa maneira, o decreto exercia o “controle político [...] e econômico dos imigrantes” (ZANINI, 2006, p.155). Foi no bojo desse processo que o uso do dialeto vêneto, por exemplo, entrou em desuso, como outros hábitos e comportamentos dos imigrantes italianos e seus descendentes.

Contudo, com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial e o rompimento das relações com as forças do Eixo (Japão, Itália e Alemanha) em agosto de 1942, os estrangeiros sofreram ainda mais represálias, sendo proibidas as reuniões entre sociedades de imigrantes porque havia o medo da espionagem em lugares de sociabilidade onde era obrigatória a fala em língua portuguesa. Era nesse sentido que a educação era vista como um instrumento de segurança nacional, isto é, um processo que disciplinava o cotidiano de imigrantes e descendentes (ZANINI, 2006).

Constatou-se que o Estado Novo perseguiu os estrangeiros e impôs a nacionalização forçada, atribuindo ao sentimento de pertencimento e origem o componente “perigoso”. A partir dessa postura, realizou uma “varredura cultural”, termo

---

<sup>29</sup> Entende-se por assimilação, a nacionalização de estrangeiros no país. Segundo Giralda Seyferth (1997, p.124) não é apenas um “processo de mudança cultural e social: tratava-se de transformar indivíduos nascidos no Brasil — portanto, brasileiros, segundo o *jus soli* — em “nacionais”. Nesse caso, a incorporação dos desnacionalizados implicava a mudança das mentalidades e dos significados simbólicos atrelados a nacionalismos estranhos”.

<sup>30</sup> *DECRETO Nº 3.010, DE 30 DE AGOSTO DE 1938*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Acesso em 22 de fevereiro de 2017. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d3010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d3010.htm)

utilizado por Zanini (2006), levando os imigrantes a se desfazerem de documentos, fotografias, cartas e objetos que remetessem à pátria de origem. Mesmo sabendo do perigo que significava ter lembranças do seu país em casa, os imigrantes não se desfizeram de todos os seus pertences e/ou documentos. Isto ficou claro nas comemorações do Centenário, quando apareceram os mais variados objetos, formando museus e arquivos nas cidades a partir das doações dos descendentes.

Acreditava-se que o Biênio da Colonização e Imigração era a oportunidade de desencadear um processo de recuperação das histórias dos grupos étnicos que haviam sido perseguidos no Governo Vargas. Esperava-se, também, na valorização da imagem do imigrante positivando-a e destacando-a como a imagem daquele que auxiliou o Rio Grande do Sul a crescer e se desenvolver econômica e culturalmente. Em 1975, o estatuto era outro, perdendo força a imagem do imigrante como um inimigo do Brasil, que o acompanhara até os anos 1950.

A possibilidade de melhorar a imagem do Rio Grande do Sul e do Brasil em relação ao imigrante permitiria, durante o Biênio, buscar estabelecer novas relações econômicas com os seus países de origem. O Brasil, em plena ditadura militar<sup>31</sup> tentou, através de inúmeros projetos governamentais nacionais, regionais e locais, estabelecer relações econômicas com países como a Alemanha e a Itália. Sob o governo do General-Presidente Ernesto Geisel<sup>32</sup>, o Brasil iniciava um “lento e gradual” processo de abertura política, de transição para a democracia (SILVA, 2003). Além do mais, o General-Presidente era o primeiro descendente de imigrantes alemães que chegava ao governo do Brasil. É importante não esquecer, ainda, que o primeiro mandatário da Nação era gaúcho, assim como parte de seu Ministério, conhecendo, portanto, a formação étnica do Estado. Dessa forma, as autoridades estaduais e municipais puderam contar com a sua simpatia à causa das comemorações da imigração. Por outro lado, fazer-se presente e apoiar as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração era também uma oportunidade de ver, ser visto e de mostrar uma imagem positiva do Brasil e dos seus governantes. A conjuntura do Estado com imigrantes e descendentes oportunizara, ainda,

---

<sup>31</sup> Conceito abordado por Carlos Fico (2013), que adotou o termo ‘golpe civil- militar’ para o início, mas para todo o período ele faz referência à ‘ditadura militar’. E explica: “Foi civil-militar porque os civis deram golpe também. A natureza do evento golpe de Estado de 1964 é dada pela participação de sujeitos históricos, alguns militares e alguns civis” (FICO, 2013, p.469).

<sup>32</sup> Ernesto Geisel governou o Brasil entre 1974 a 1979, sendo o quarto General-Presidente da ditadura militar.

a expansão de relações econômicas e culturais do Rio Grande do Sul, em especial, com os países de onde aqueles tinham partido ao longo dos séculos XIX e XX.

Nesse sentido, o Biênio era, segundo os promotores, a oportunidade de “demonstrar que aqui neste país não existe discriminação racial, o que olhamos com respeito e amor”<sup>33</sup>. Dessa forma, construiu-se uma imagem para que os “de fora” percebessem que não existia distinção entre o “estrangeiro e seus descendentes”. E, para que acontecesse a campanha promocional do evento, ficou a cargo das Comissões Executivas, a divulgação

[...] através de coloridos cartazes, posters, filmes, material de imprensa, [...], folhetos, programas, fotografias e painéis, que foram espalhados por todo o Brasil, pelos países da Europa e que alcançaram, inclusive, nações da África, da Ásia e das três Américas<sup>34</sup>.

A divulgação do Biênio em países europeus, africanos e asiáticos está ligada a fatores econômicos e turísticos, sendo a presença de empresas estrangeiras de extrema importância para o crescimento econômico e cultural do Estado. Do ponto de vista cultural, afirmava-se a imagem do gaúcho como resultante de um povo miscigenado e trabalhador, que agia em prol do desenvolvimento da nação. Na conformação desse novo personagem, buscou-se apagar todo e qualquer resquício do passado.

A continuidade das comemorações do Biênio da Colonização e da Imigração enfatiza agora as comemorações alusivas ao Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Um acontecimento de cunho oficial, uma festa que se estendeu por todo o ano de 1975 e contou com a presença de inúmeras autoridades políticas.

## 2.2 O CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

No ano de 1975, as comemorações relativas ao Centenário da Imigração Italiana foram, segundo o relatório oficial, “o fato mais importante do segundo ano do Biênio”<sup>35</sup>. O relatório do balanço final dessas festividades apontava a festa da imigração italiana como a que, entre todas as realizadas tinha sido a mais relevante e superior daquele ano, apesar de haver outras manifestações festivas de cunho étnico, com a polonesa, a japonesa e a indígena.

---

<sup>33</sup> Op. Cit., p.38

<sup>34</sup> Op. Cit., p.26

<sup>35</sup> *Relatório do Biênio da Colonização e Imigração*. (p.20).

A abertura das comemorações do Centenário da Imigração Italiana ocorreu no Palácio Piratini, no dia 7 de janeiro, com a presença do governador Euclides Triches, em solenidade que “abriu oficialmente as comemorações dos 100 anos de colonização italiana no Rio Grande do Sul”<sup>36</sup>. A abertura de um evento oficial, contava sempre com as autoridades políticas, os convidados e os organizadores do evento. Abaixo, uma imagem do jornal *Correio Riograndense* que ilustrava o momento inicial desse ato festivo.

**Figura 1: Abertura do Centenário da Imigração Italiana, 1975**



Fonte: Correio Riograndense, AHCM, 1975.

Esse primeiro evento contou com a presença do Embaixador da Itália Carlos Eurico Giglioli, do Cardeal Vicente Scherer e demais autoridades. A imagem ilustrava o cerimonial, com o Governador do Estado Euclides Triches, o seu sucessor, o futuro governador, Sinval Guazzelli e as rainhas e princesas da Festa do Vinho e da Uva<sup>37</sup>. Este momento cívico, apenas com a participação de autoridades políticas representou a

---

<sup>36</sup> Iniciadas as festividades dos 100 anos de imigração. In: *Correio Rio-Grandense*. Caxias do Sul, 15 de janeiro de 1975, p.23. Disponível em: Acervo Digital do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Caxias do Sul (AHCM).

<sup>37</sup> Hoje chamada de Fenavinho, a Festa Nacional do Vinho ocorre na cidade de Bento Gonçalves, desde 1967.



afirmação de uma identidade, baseada no conhecimento da formação histórica e a partir de um evento oficial que o marcava de forma indelével. Por isso,

[...] reinvenção cívica e patriótica de festejos populares, se dá no momento histórico em que o dispositivo das nacionalidades e a formação discursiva nacional-popular procura operar com a articulação dos conceitos de nação e povo, enfatizando o que seria uma certa sinonímia entre estes dois operadores de sentido (ALBUQUERQUE, 2011, p.136).

É nesse quadro que às comemorações do Centenário da Imigração Italiana foram incorporadas as festas tradicionais da região da Serra, o que reforçava a construção de uma identidade étnica. A XIII Festa Nacional da Uva<sup>38</sup>, por exemplo, ocorrida entre os dias 15 de fevereiro a 16 de março de 1975, que celebrava a produção e colheita da uva, visou homenagear os imigrantes italianos pela passagem dos cem anos de sua instalação em colônias no Rio Grande do Sul. Nessa programação estendida, ocorreram inaugurações de ruas, parque, fonte luminosa, museus, exposições de arte e comércio, almoços, desfiles de carros alegóricos, bailes, gincanas, torneios esportivos e apresentações musicais. Para além das sociabilidades que marcaram os dias da Festa da Uva, como se apontou acima, compreende-se que a festa também foi uma oportunidade de reivindicar e demonstrar as melhorias ocorridas no espaço da antiga Colônia Caxias. E ainda, a XIII Festa Nacional da Uva contou com a presença do General-Presidente Ernesto Geisel<sup>39</sup>. Isso salientava “[...] o papel que as festas desempenhavam como catalisadoras e fomentadoras de capital social para a cidade. Os visitantes importantes eram extremamente bem atendidos e a cidade e suas potencialidades eram exibidas ao máximo” (ZANINI; OLIVEIRA, 2013, p.4). Dessa forma, a festa era um momento de trocas, no qual as comunidades aproveitavam para expor as riquezas e qualidade da sua cultura, mas também era o meio de reivindicação de investimentos para a melhoria local.

O desfile histórico da Festa Nacional da Uva foi representado por dezenas de carros alegóricos trazendo elementos alusivos ao processo imigratório italiano no Estado. Esse desfile contou com a presença do General Ernesto Geisel. Elegemos uma fotografia para fixação e apreciação desse momento histórico. A imagem representa trabalhadores

---

<sup>38</sup> Como forma de contextualizar o período, Zanini; Oliveira (2013, p.3) salientam que no Estado Novo, a legislação proibia “o uso dos dialetos e da língua italiana, das formações associativas e do exercício de outros modos de sociabilidade, inclusive religiosas”. Por isso, entre os anos de 1938 a 1949, a Festa Nacional da Uva não ocorreu. “Em 1950, a Festa da Uva retorna com pompa e após 1975, quando dos festejos do centenário da imigração italiana para o estado, haverá, em nível regional, um renascimento das italianidades e das expressões de pertencimento ao mundo de origem (italiano)”.

<sup>39</sup> Apesar das festividades do Centenário da Imigração Italiana ocorrer em plena ditadura civil-militar, a política desse período não faz alterações quanto à questão da nacionalidade nas cidades envolvidas.

rurais usando trajes ligados à faina agrícola. Eles trouxeram ainda uma faixa onde se lia: “Sr. Presidente, há cem anos plantamos a riqueza no Brasil”. No lado direito da faixa, havia um cacho de uva, destacando a importância da mesma na produção do Município.

**Figura 2: Desfile - Festa da Uva (1975)**



Fonte: Blog História Caxias, acesso em 24 de março de 2017.

Esta faixa poderia ser lida também como uma mensagem que reivindicava o reconhecimento do trabalho e da produção, tanto dos imigrantes quanto dos seus descendentes. A ideia, pelo que se pode perceber, era chamar a atenção das autoridades para o fato de que nessa passagem de cem anos, os imigrantes e os descendentes haviam contribuído para o desenvolvimento comercial, industrial e agrícola de Caxias e gerado inúmeras riquezas através da produção da uva e de seus derivados. Já a presença do Presidente Ernesto Geisel nessa e em outras comemorações ligadas ao Biênio “pode ser entendida, também, como demonstração de que havia interesse dos caxienses em buscar uma aproximação com o Governo da Itália”, afirmou Tatiane de Lima (2017, p. 78). O estreitamento das relações governamentais poderia promover o turismo, ou mesmo abrir possibilidades de grandes negócios, através de outras transações econômicas (LIMA, 2017).

No campo cultural, neste mesmo ano, aconteceu em Porto Alegre, de 12 a 17 de maio, o Seminário de História da Imigração Italiana, numa promoção da Pontifícia

Universidade Católica (PUCRS) que, desse modo, se dedicava a estudar a história dos processos migratórios do Rio Grande do Sul. O Seminário, em alusão ao Centenário da Imigração Italiana mostrava:

boa parte dos trabalhos se reportam à situação sociocultural dos imigrantes, tendo sido destacado o gigantesco esforço por eles desenvolvido na nova Pátria, para manter, nas precárias condições existentes, elementos básicos essenciais de educação e de cultura, promovendo uma gradativa integração com a nova realidade social (SEMINÁRIO DE HISTÓRIA, 1975, p.5).

Além desta atividade cultural na PUCRS, outros simpósios, fóruns, exposições e apresentações artísticas aconteceram ao longo do ano de 1975, em alusão ao Centenário da Imigração Italiana. A ideia era homenagear os pioneiros italianos através de “grandes festividades, todas marcadas de significação”<sup>40</sup>. Também houve a necessidade de conhecer a história dos distintos grupos étnicos que ocuparam o Rio Grande do Sul para que se pudessem compreender as comemorações em seu âmago.

Com o intuito de celebrar os cem anos de fé e de religiosidade, a Igreja Católica fez-se presente na festa e organizou uma solene missa na catedral Diocesana de Caxias do Sul, com a presença de 6 bispos e 130 padres. A finalidade desse ato era lembrar a atuação da Instituição no primeiro século de colonização<sup>41</sup>. O jornal *Correio Riograndense*, a esse respeito, faz a seguinte constatação:

Não poderia a Igreja ficar à margem das festas do Centenário da Imigração. E isto por uma razão muito simples: ao longo destes 100 anos, a Igreja esteve indelevelmente associada ao esforço civilizador. Não apenas isto, mas em muitos aspectos, comandou este esforço<sup>42</sup>.

A Igreja Católica e as ordens religiosas exerceram importante papel na organização social dos imigrantes. Através de projetos disciplinares<sup>43</sup>, com ideais ultramontanos<sup>44</sup>, procuraram normatizar e regulamentar as relações sociais em todos os âmbitos, como, por exemplo, “na família, na escola nas associações devocionais, na imprensa, na agricultura, no trabalho, no lazer, na política, nas relações sociais e até na

<sup>40</sup> Relatório do Biênio da Colonização e imigração, p.20.

<sup>41</sup> Igreja celebra cem anos de fé. In: Jornal *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 20 de maio de 1975, p. 1. (AHCM).

<sup>42</sup> Igreja e Centenário. In: jornal *Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 22 de janeiro de 1975, p.4. (AHCM).

<sup>43</sup> Os projetos disciplinares estão ligados ao Projeto de Romanização, que pretendia reforçar a autoridade do papa e dar hierarquia para a Igreja. “um dos pressupostos da romanização era diminuir a presença e a autonomia dos leigos na condução das práticas religiosas, submetendo-os à esfera clerical” (MARIN, 1999, p.77).

<sup>44</sup> O Ultramontanismo “foi uma doutrina esgrimida pela hierarquia católica, consolidada em torno da figura do papa, ao longo do século XIX, e que procurava, essencialmente, verticalizar o poder da Igreja” (BIASOLI, 2010, p.22).

intimidade” (MARIN, 1999, p.75). Dessa forma, a Igreja se fez presente na vida colonial ao longo do processo de colonização e imigração. O esforço civilizador desempenhado pela Igreja Católica entre os imigrantes italianos tinha como interesse a formação de indivíduos com bom comportamento, sendo trabalhadores, religiosos e honestos, ocupando “seu tempo exclusivamente com a oração e o trabalho” (MARIN, 1999, p.76). Os ensinamentos de labor e religiosidade pregados pela Igreja Católica criaram um modelo civilizador entre os imigrantes italianos, sendo ressaltados durante as comemorações do Centenário dessa imigração.

Durante todo o ano de 1975 ocorreram, como se sabe, atividades ligadas às comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Algumas delas organizaram-se dentro do quadro da programação oficial. Foi o que aconteceu no mês de maio, data comemorativa da chegada dos primeiros imigrantes que se estabeleceram nos núcleos coloniais do Rio Grande do Sul. O jornal *A Razão*<sup>45</sup>, da cidade de Santa Maria, no dia 28 de março de 1975, divulgava o seguinte programa:

No dia 19 de maio, estava programada uma “recepção oficial ao Governo da Itália e à Delegação Oficial do Governo do Vêneto, no Aeroporto Salgado Filho”<sup>46</sup>, seguido de uma “visita ao Senhor Governador do Estado no Palácio Piratini”<sup>47</sup> e de uma “visita ao Senhor Presidente da Assembleia Legislativa no Palácio Farroupilha”<sup>48</sup>. E, para finalizar o primeiro dia das festividades, também estava planejada uma “recepção oficial comemorativa do Centenário da Imigração Italiana, oferecido pelo senhor e senhora Governador do Estado, no Palácio Piratini”<sup>49</sup>. Verifica-se que, a programação para o primeiro dia de festejos tinha cunho político e era destinado apenas às autoridades brasileiras e italianas. O interesse do governo italiano era de criar um sentimento de italianidade, mostrando ao país, que os conterrâneos que emigraram, conseguiram prosperar mesmo longe da terra natal. Por parte do governo brasileiro, buscava-se estreitar as ligações com os países estrangeiros convidados. Além disso, a cerimônia era fechada, entre autoridades e acredita-se que seu intuito era, não só o estabelecimento de relações sociais, mas o estabelecimento de relações econômicas, de investimentos no

---

<sup>45</sup>O jornal *A Razão* era material midiático de Santa Maria e circulava região central do Estado, noticiando acontecimentos da cidade e dos municípios aos arredores.

<sup>46</sup>A *RAZÃO*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p.2. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM).

<sup>47</sup> A *RAZÃO*, *Op. Cit.*

<sup>48</sup> A *RAZÃO*, *Op. Cit.*

<sup>49</sup> A *RAZÃO*, *Op. Cit.*

Estado. O governo gaúcho destacava o desenvolvimento, a modernidade e uma visão de unidade entre os povos das diversas etnias que formavam o Rio Grande do Sul<sup>50</sup>.

No dia 20, considerado o ponto alto dos festejos, estava programado a realização de “Atos oficiais comemorativos do Centenário”<sup>51</sup> em Nova Milano, no município de Farroupilha. O distrito é considerado o berço da imigração italiana no Rio Grande do Sul, pois, em 20 de maio de 1875, três famílias oriundas de Olimiate, na Província de Milão, teriam se estabelecido no local, iniciando a imigração e colonização italiana no Estado<sup>52</sup>. No entanto, é sempre válido ressaltar que já haviam italianos instalados no território sulino, anteriormente à “colonização”.

Neste dia, houve “recepção às altas autoridades e delegações visitantes”<sup>53</sup>, com hasteamento das bandeiras do Brasil, Itália e Rio Grande do Sul, o canto dos hinos e, ainda, de “25 municípios da região colonial italiana<sup>54</sup>”. Esse foi mais um momento cívico, que expressava o respeito à Pátria e o reconhecimento de nações envolvidas não apenas na festividade, mas também no desenvolvimento econômico e cultural do Estado.

Em Nova Milano também aconteceu um desfile com carros alegóricos. Segundo Da Matta (1986), o ato de desfilar significa a apresentação de pessoas e estruturas na tentativa de representar uma determinada realidade social. Esse momento simbolizava, portanto, a “reconstrução da chegada dos primeiros imigrantes italianos e dos dias difíceis da época pioneira<sup>55</sup>”. O desfile expressava o cotidiano do imigrante, desde a instalação nas colônias até sua produção agrícola e comercial, a partir de cenários construídos, roupas típicas e objetos antigos. Abaixo se encontra uma imagem desse desfile histórico.

### **Figura 3: Desfile Comemorativo em Nova Milano**

---

<sup>50</sup> Inspirado nas ideias propostas de MALERBA; KRAAY (2010).

<sup>51</sup>A *Razão*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p.2 (AHMSM).

<sup>52</sup>*Correio Riograndense*. Imigração festejada em Nova Milano. Caxias do Sul, 28 de maio de 1975, p. 23 (AHCM).

<sup>53</sup>A *Razão*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p.2

<sup>54</sup>A *Razão*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p.2

<sup>55</sup>A *Razão*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p.2.



Fonte: Centenário da Imigração Italiana 1875-1975, 1975, p. 380.

Esta encenação simbolizava a chegada dos primeiros imigrantes italianos em Nova Milano. A família<sup>56</sup> composta por dois adultos e 5 crianças, representava mãe, pai e cinco filhos, vestindo o que seriam trajes típicos da época. O grupo familiar trazia consigo, no centro da imagem, um burro, que carregava a bagagem para a nova moradia. A representação repetia o transporte do passado até os lotes coloniais. Mais ao fundo, uma das crianças aparece carregando uma pá, importante instrumento de trabalho para os imigrantes. Para Zanini (2004, p.57), a representação da família imigrante “se torna patrimônio simbólico que agregava valor a seus membros. Portanto, ser membro de determinada família, ter origem italiana e compartilhar de um itinerário de sucesso valorizava positivamente a identidade do descendente”. Dessa forma, durante as comemorações, a família e a trajetória de sucesso eram aspectos exaltados, marcado a narrativa étnica daquele grupo.

---

<sup>56</sup>No período da imigração, os grupos migravam de forma heterogênea, isto é, alguns indivíduos vinham sozinhos primeiramente e, depois comunicavam seu grupo familiar para também virem. Outras famílias vinham completas. Outras eram formadas durante o processo de colonização (VENDRAME, 2013); (STEFANELLO, 2015).

Essa foi apenas uma das tantas cenas do desfile histórico em Nova Milano, que procurava mostrar ao público presente, a representação da chegada dos imigrantes, ou seja, como tinha se dado a chegada dos primeiros italianos à colônia. Nesse caso, representado por uma família<sup>57</sup>, que vinha a pé, trazendo consigo as ferramentas de trabalho e, um burro, que carregava as malas. O episódio marcava as dificuldades do trajeto desses imigrantes até as colônias, mas não deixava de assinalar, também, a presença de famílias cruzando o Oceano e vindo ocupar terras no sul do Brasil.

A festividade ocorrida em Nova Milano contou com muitas atrações artísticas, canções e danças folclóricas. Estava presente neste momento festivo o Presidente da República<sup>58</sup> General Ernesto Geisel<sup>59</sup>, assim como foi anunciado pelo jornal *O Globo*. O jornal destacou, ainda, a organização de uma homenagem para Geisel durante as comemorações em Nova Milano. Após o ato e na continuidade da cerimônia, o presidente deveria lançara pedra fundamental do Monumento dedicado ao Centenário da Imigração Italiana, que se localizaria na entrada daquele distrito<sup>60</sup>. A criação de um marco da data e da festividade dos cem anos da imigração fora organizado para se perpetuar na memória coletiva. Conforme nos disse Huyssen (2000), havia a necessidade dos grupos de marcar espaços, evitando assim, o esquecimento de momentos considerados importantes para aquela comunidade.

Após o desfile, houve “um grande almoço campestre à moda da colônia italiana, com comidas típicas, vinhos, jogos e canções<sup>61</sup>” no salão paroquial da Igreja Santa Helena da Cruz, local simbólico que provavelmente teriam se reunido as famílias pioneiras. O jornal *A Razão* ao não apresentar quais seriam os alimentos considerados típicos da cozinha italiana no almoço, poderia estar sugerindo que ao se fazer a representação do passado, nesse caso, não havia sido destacada uma “comida típica” que marcasse a vida cotidiana dos imigrantes, porque talvez, nesse momento, não estivesse

---

<sup>57</sup> A família era considerada um importante símbolo da imigração, pois representava o patrimônio sócio-cultural do grupo italiano.

<sup>58</sup> A presença de Ernesto Geisel dava “[...] um cunho de grande relevância à efeméride”. Caxias, século 2. In: jornal *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 20 de maio de 1975, p.4. (AHCM).

<sup>59</sup> O jornal *Correio Riograndense* noticiou no dia 14 de maio de 1975, a presença de autoridades brasileiras, como o presidente da República Ernesto Geisel e de autoridades italianas para o ponto alto dos festejos. A notícia encontra-se na capa do jornal.

<sup>60</sup> Geisel preside festa da imigração italiana. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1975, p.3. Disponível em: <http://midiacidada.org/em-meio-a-ditadura-militar-a-saga-romantizada-no-centenario-da-imigracao-italiana-no-brasil/> Acesso em: 22 de março de 2017.

<sup>61</sup> *A Razão*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p.2

definido ainda. Mas, poderia também não ter dado maior importância ao fato. No entanto, quando o mesmo jornal noticiou a presença de Geisel nas comemorações e de que “cerca de 250 pessoas [deveriam] participar do almoço, cujo cardápio seria “o típico da região”, isto é, sopa de *agnolini*, frango assado, carne cozida, leitão assado, risoto e vinho”<sup>62</sup>. Cem anos depois da chegada dos primeiros imigrantes nessa região, os alimentos escolhidos para o almoço com o Presidente já compunham o cardápio que chamamos típico da região de colonização italiana, ou seja, definiam e marcavam “identidades pessoais e grupais, estilos regionais e nacionais de ser, fazer e viver” (DA MATTA, 1986, p.39).

À noite, o ponto alto dos festejos foi o banquete oficial do Centenário da Imigração Italiana, na cidade de Caxias do Sul. Nesta ocasião houve a “entrega de medalhas comemorativas do Centenário às altas personalidades visitantes”<sup>63</sup> com o intuito de

[...] distinguir entidades e pessoas que mais se destacaram em prol das iniciativas, comemorações e celebrações do Biênio. foram cunhadas especialmente, com simbologia própria e adequada, centenas de medalhas em ouro e prata que, à medida que se desenvolviam as programações das diversas correntes imigratórias e étnias participantes, iam sendo distribuídas<sup>64</sup>.

Uma refeição pomposa como o banquete e a entrega de medalhas aos homenageados encerrava o principal dia das comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Mas a cerimônia marcava mais do que isto: assinalava a origem, marcava a memória da imigração e distinguia, sobretudo, a comemoração, pois era um momento de lembrar e celebrar o acontecimento da imigração e colonização italiana.

No dia seguinte, na cidade de Garibaldi, aconteceu a inauguração do busto à Giuseppe Garibaldi. O italiano, que lutou na Guerra dos Farrapos, seria o elo entre dois lugares, a Itália e o Rio Grande do Sul, num episódio que marcou histórica e culturalmente o Estado. Constantino (2011, p.5) já havia percebido outro recorte neste mesmo processo comemorativo: o que destacava “a imagem de Garibaldi impondo-se

---

<sup>62</sup> Geisel preside festa da imigração italiana. In: *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1975, p.3. Disponível em: <http://midiacitada.org/em-meio-a-ditadura-militar-a-saga-romantizada-no-centenario-da-imigracao-italiana-no-brasil/> Acesso em: 22 de março de 2017.

<sup>63</sup>A *Razão*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p.2. (AHMSM).

<sup>64</sup>Relatório do Biênio da Colonização e Imigração. p.26



pouco a pouco como representante da coletividade italiana”<sup>65</sup> no Rio Grande do Sul. De acordo com o jornal *Correio Riograndense*, a estátua do italiano foi

[...] ofertada pelo governo da Itália, em homenagem a imigração italiana no Estado. [...] Herói de dois mundos, a figura de Garibaldi está intimamente ligada a história deste Estado, por sua participação na Revolução Farroupilha. A antiga Colônia de Conde d'Eu, dos primeiros núcleos fundados há 100 anos pelos imigrantes peninsulares, recebe assim uma justa homenagem na data centenária da colonização<sup>66</sup>.

Já na cidade de Bento Gonçalves, no dia 21, aconteceu um almoço, seguido de uma inauguração de réplica da ‘Loba Romana’, obra oferecida também pelo Governo Italiano ao “município bento-gonçalvense, pelas comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Estado”<sup>67</sup>. E finalizou com a inauguração do Museu da Imigração. Os monumentos que se inauguravam na Serra Gaúcha, além dos museus, traziam em si mais do que as figuras que simbolizavam, já que o conceito moderno de monumento, para o século XIX, era resultado da formação dos Estados Nacionais e da necessidade da criação de símbolos. (VILLANUEVA, 2010). “O monumento histórico”, diz esta mesma autora, “tem a função de ser uma lembrança de acontecimentos ou de pessoas [...]. O propósito fundamental não é, proporcionar informações, mas tratar com emoções” (VILLANUEVA, 2010, p. 16).

Essas solenidades que tiveram a presença de autoridades do Estado, do Governo da Itália e do município de Bento Gonçalves, trazem em destaque a participação do governo italiano, oferecendo marcos de memória da história da Itália para os descendentes de imigrantes italianos, ao ensejo das comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Os presentes ofertados pelo governo italiano, ao que pode inferir, traziam uma dupla significação: por um lado reconheciam e se orgulhavam do sucesso dos italianos em todos os lugares onde se estabeleceram. E, por outro, era necessário lembrar as raízes, guardar lembranças, recordar fatos e pessoas. Não era apenas comemorar os cem anos da chegada dos imigrantes italianos, mas também recordar o país de origem desses imigrantes, ou seja, manter o contato com a pátria-mãe.

---

<sup>65</sup> Constantino (2011, p.3) ainda alertou que o regionalismo apareceu de forma clara na administração das antigas colônias italianas. “m 1890, a colônia Dona Isabel é emancipada como município de Bento Gonçalves; Conde d'Eu, por sua vez é emancipada em 1900, como município de Garibaldi”. Nesse sentido, percebeu-se que dois “heróis farroupilhas” deram nomes as colônia italianas que se tornaram municípios.

<sup>66</sup> Garibaldi inaugura busto. In: *Jornal Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 20 de maio de 1975, p.23. (AHCM).

<sup>67</sup>Bento inaugura Loba Romana na 4º Feira. In: *Jornal Correio Riograndense*. Caxias do Sul, 20 de maio de 1975, p.23. (AHMC).

No dia 22 de maio, último das comemorações oficiais, aconteceu um almoço de despedida, no galpão do Palácio Piratini em Porto Alegre, no qual foi oferecida comida típica gaúcha com apresentações e canções rio-grandenses. As delegações foram ainda agraciadas com “uma medalha do Gaúcho e com lembranças características do Rio Grande do Sul”<sup>68</sup>. Nesse sentido, constatou-se que esse dia de festejo foi destinado especificamente para as autoridades políticas da Itália, como uma forma de prestigiar o Estado Italiano através de um momento típico gaúcho, com comidas e atrações artísticas. O propósito era mostrar às autoridades italianas a cultura alimentar e artística do Rio Grande do Sul. Por fim, foram presenteadas como uma forma de agradecer a presença na programação oficial do Centenário da Imigração no Estado.

Apesar dessa programação oficial das comemorações do Centenário da Imigração ter se encerrado, outras festividades continuavam ocorrendo em relação aos cem anos do processo migratório italiano no Rio Grande do Sul. Exemplos eram as festividades na cidade de Veranópolis<sup>69</sup>, que se iniciaram no dia 25 de maio de 1975 e iriam até dia 01 de junho, com almoços, jantares, gincanas, inaugurações entre outras festividades. A existência de uma programação oficial não impedia que outras cidades e localidades de realizarem seus festejos.

Outra festa ocorrida posteriormente à semana do Centenário foi a Romaria de Nossa Senhora do Caravaggio. Segundo o jornal *Correio Riograndense*, esta festividade recordou o “esforço dos pioneiros que souberam transmitir aos seus descendentes o legado da fé”<sup>70</sup>. Nesse sentido, as festas voltadas aos santos padroeiros auxiliaram na construção de uma imagem positiva do imigrante, como um ser religioso e de fé.

Por fim, o dia 13 de dezembro de 1975, marcou o encerramento das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, com a inauguração do Parque Monumento<sup>71</sup>, em Nova Milano. O evento contou com a presença de autoridades políticas e da população local. Essa edificação em Nova Milano era o marco fundacional da imigração italiana, como já se pontuou e, foi construído para dar destaque à localidade marcando o espaço inicial da colonização italiana no Estado. As comemorações buscam construir marcos de memória em datas como os centenários.

---

<sup>68</sup>A *Razão*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p.2. (AHMSM).

<sup>69</sup> Veranópolis começa dia 24 a comemorar o centenário In: *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, dia 14 de maio de 1975 (AHCM).

<sup>70</sup>Caravaggio realizou a maior festividade nos últimos 96 anos. In: jornal *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 28 de maio de 1975, p1. (AHMC).

<sup>71</sup> O Parque da Imigração Italiana foi revitalizado e reinaugurado em 2016.

Constatamos, ao longo do capítulo, que as comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul além de contarem com uma programação de cunho oficial já explicitada, elaboraram outras manifestações com a presença de políticos brasileiros e delegações italianas. Os primeiros buscavam aproximação com os países homenageados; os homenageados, por seu turno, reconheciam sucessos da imigração no Brasil. E ambos buscavam a exaltação do imigrante em terras sul-rio-grandenses, apresentando sempre os aspectos positivos de sua cultura.

### 2.3 “REPRESENTANDO A MAIS EXPRESSIVA CORRENTE MIGRATÓRIA QUE ACOLHEMOS, A ITALIANA [...]”<sup>3</sup>: ANÁLISE DO ÁLBUM DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975

O livro do Centenário da Imigração Italiana foi um elemento a mais dentro das festividades comemorativas, sendo lançado oficialmente em 12 de junho de 1975, logo após o momento considerado como “ponto alto” dos festejos. A obra é bilíngüe (português e italiano) e possui quase 400 páginas dedicadas à “epopéia vivida pelos primeiros imigrantes italianos que chegaram ao Rio Grande do Sul no final do século passado” (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p.3). Desde as primeiras páginas foi possível perceber o seu tom enaltecer, tratando o processo migratório italiano como um feito memorável, coerente e linear, representado por uma coletividade heroica.

Analisando a capa do livro, verificamos que a mesma apresentava o trabalho do artista vêneto Augusto Murer que destacava a representação da imigração italiana no Brasil, através das portas da Igreja de São Pelegrino, de Caxias do Sul. Nas primeiras páginas, foi possível perceber a construção de uma imagem positiva e laudatória em torno do imigrante, transformando o processo imigratório em um feito memorável e de ações glorificadoras, através de heróis históricos e cheios de grandiosidade. O livro visava atender às demandas e os interesses do seu grupo étnico<sup>72</sup>, na promoção e divulgação de práticas socioculturais e econômicas das antigas colônias italianas.

---

<sup>72</sup>O termo grupo étnico, segundo Fredrik Barth (2000), é uma designação para uma população que se identifica e são identificados por outros, interagindo entre si e compartilhando de valores culturais fundamentais.

A nota da editora ressaltava “a rapidez com que os peninsulares se integraram no nosso meio<sup>73</sup>”, alegando que o livro “serve para demonstrar o extraordinário processo registrado no campo da agricultura, da indústria e do comércio, pelo imigrante e por seus descendentes” (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p.3). Em alguns momentos, o discurso de sofrimento foi deixado de lado para serem destacadas as habilidades do imigrante. Dessa forma, ressaltavam-se sempre as características positivas do imigrante, como a integração rápida na sociedade e os resultados do trabalho no desenvolvimento econômico do Estado. “A velha epopeia imigratória acaba sendo reforçada, assim como o processo vitorioso de ocupação de terras [...]” (BENEDUZZI, 2016, p. 107). Ao longo da obra foi perceptível a valorização do trabalho imigrante através do empreendedorismo, gerando o desenvolvimento comercial, industrial e agrícola das cidades gaúchas, colonizadas por imigrantes italianos.

O livro segue com uma série de mensagens de governantes e autoridades políticas que se fizeram presentes nas comemorações oficiais do Centenário da Imigração Italiana. Primeiramente, o governador Guazzelli destacou a tenacidade e a fé do imigrante, através da conquista da terra, “preparando-a para os seus filhos e os filhos dos seus filhos”. Nesse sentido, exaltaram-se o trabalho e a religiosidade do imigrante como fatores essenciais para melhorar as condições de vida das gerações futuras<sup>74</sup>. A Assembleia Legislativa também homenageou o imigrante, destacando “uma harmoniosa unidade humana na variedade racial; uma projeção viva do passado histórico dirigida ao progresso dos dias futuros” (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p.6). Constatou-se a elaboração de elementos positivos em torno do imigrante e do processo imigratório, como uma ideia de que todos os imigrantes eram unidos e viviam em harmonia, sem haver preconceito com outros grupos étnicos, bem como as dificuldades enfrentadas com a colonização foram superadas e impulsionando o imigrante para o progresso.

O presidente do Biênio, Victor Faccioni também deixou sua mensagem, referindo-se a “um profundo sentimento de gratidão e respeito, vem essa iniciativa reafirmar a perfeita unidade racial” (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975,

---

<sup>73</sup> CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p.3

<sup>74</sup> Nesse momento da execução das festividades, os descendentes de imigrantes italianos já haviam alcançado os cargos políticos do Estado. Podemos perceber isso nos sobrenomes do governador do Estado e do presidente do Biênio, que também chegou a exercer a carreira política. Victor Faccioni e Euclides Triches (governador em 1973, responsável pelo decreto do Biênio) eram naturais da região de colonização italiana no nordeste do RS e eram ainda descendentes de imigrantes. Esse fator, provavelmente foi um aspecto positivo para algumas das comemorações ganharem espaço e destaque.

1975, p.9). Aqui, fica evidente o reconhecimento ao imigrante, um sentimento de gratidão com aquele que veio do outro lado do Atlântico e conseguiu desenvolver-se social e economicamente, auxiliando o povo gaúcho. Tatiane Lima (2013, p.19) afirmou que:

A gratidão que se tem em relação aos imigrantes que fecundaram estas terras também é percebida tanto pelo discurso de Faccioni quanto pelo que é feito através das comemorações do Biênio. Fica evidente o discurso de que somos gratos, enquanto povo, por pertencermos a esta terra tão acolhedora destas gentes (imigrantes), que vivem em integração.

O presidente da comissão executiva preparou um discurso romântico para prestar sua homenagem aos imigrantes, afirmando que “era preciso que fosse assim, que sendo um destino de amor, houvesse paisagens de solidão – porque solidão também é semente dos grandes amores nos corações dos homens” (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p.10). É importante salientar que, valorizavam nesse discurso as dificuldades enfrentadas pelo imigrante, como se elas fossem necessárias para tornar o caminho mais sofrido e de luta, propondo a superação e o êxito final (WEBER, 2006).

Para falar dos pioneiros, apresentaram um breve histórico do processo de imigração italiana no Rio Grande do Sul, divulgando datas de fundação, nomes das primeiras famílias, o processo de estabelecimento, a efetuação do pagamento das pequenas propriedades. Esse foi um momento de conhecer e registrar a história da imigração italiana no Estado. Além disso, enfatizava-se que os imigrantes foram jogados nas terras, sem receber atenção das autoridades, sendo abandonados em terras que ainda não haviam sido exploradas. Esse discurso ressaltava a superação de dificuldades e a êxito final e, por isso, a necessidade de recuperar e tomar conhecimento da história e da cultura italiana.

Após os discursos que caracterizavam este tipo de obra festiva, o livro apresentou as cidades no Rio Grande do Sul que receberam imigrantes italianos.

[...] uma sucessão de cidades são citadas como aquelas de origem e dotadas de características italianas, como: Silveira Martins, Caxias do Sul (com grande histórico da cidade), Bento Gonçalves, Veranópolis, Garibaldi, Guaporé, Encantado, Flores da Cunha, Nova Prata, Farroupilha (aparece como Berço da Colonização Italiana), Casca, Marau, Carlos Barbosa, Serafina Corrêa, São Marcos, Anta Gorda, Ilópolis, Putinga, Nova Bassano, Nova Araçá, Nova Bréscia, Paraí, Soledade e São Borja (LIMA, 2013, p.59).

A nota da editora ainda afirmava “[...] que todas as áreas que mereciam ser enfocadas, o foram” (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975,

p.3, grifo nosso). Então, os que mereciam, segundo os editores, foram apresentados neste livro. Vale salientar a forma como essas cidades são mencionadas no álbum, bem como o que foi enfatizado nas mesmas.

Por exemplo, a ex-colônia Silveira Martins foi brevemente lembrada no início da obra<sup>75</sup> para destacar a chegada dos primeiros imigrantes, mencionando a formação dos núcleos coloniais e valorizando o patrimônio material da mesma. Foram ainda destacados do seu patrimônio material sobrados, igrejas, cemitérios, moinhos, entre outros. Salientou-se ainda que fosse “[...] a que melhor conserva e caracteriza, em todo o Rio Grande do Sul, tantos e típicos exemplos das rústicas habitações erguidas pelos pioneiros da colonização italiana” (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p.30). Acredita-se que o pouco espaço destinado a Silveira Martins possa ser explicado pelo antigo núcleo de colonização ainda não ser um município autônomo na época do Centenário. Silveira Martins, a sede da colônia, ainda era distrito de Santa Maria no período das comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Tal fato poderia ser lido pelos organizadores da festa como insucesso desses descendentes ou, como inabilidade política dos mesmos. Os outros núcleos coloniais que ajudavam a formar a antiga colônia, alguns conseguiram a emancipação<sup>76</sup> e outros ainda se mantinham como distritos<sup>77</sup>. A obra, ao explicar esse fato, confirmava o que dizíamos acima:

O quarto núcleo de população italiana no Rio Grande do Sul, em ordem cronológica, mercê da sua situação no centro do Estado, do seu desenvolvimento por três municípios distintos, da vizinhança do grande centro ferroviário que é Santa Maria, não logrou o destino da maioria das outras: constituir-se em município autônomo (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p.30).

As três primeiras colônias receberam atenção diferenciada na obra. Caxias do Sul, considerada a pérola das colônias, foi a cidade que mais teve espaço no livro. Nesse sentido, a cidade de Caxias do Sul foi tomada como modelo, exemplo de região colonial que deu certo, para as demais regiões de colonização italiana. Além de apresentar a história do município, abarcou a situação político-econômica atual, o ritmo de

<sup>75</sup>Herédia (2003, p.48) ao abordar a historiografia regional da imigração italiana, abordando as diferentes interpretações realizadas, ao tratar da obra do Centenário da Imigração Italiana no Estado, não mencionou a ex-colônia Silveira Martins, apenas pontuou os “principais municípios do Rio Grande do Sul”.

<sup>76</sup>Os municípios de Faxinal do Soturno (1959), Nova Palma (1960) e Dona Francisca (1965) era estavam emancipadas em 1975.

<sup>77</sup>Silveira Martins, Arroio Grande e Val Feltrina pertenciam a cidade de Santa Maria. Parte de Pinhal Grande era de Julio de Castilhos e a outra parte de Nova Palma. Vale Vêneto, São João do Polêsine pertenciam a Faxinal do Soturno

desenvolvimento local, através de inúmeras empresas e indústrias que estavam em pleno crescimento econômico no Estado, as quais tinham como proprietários, descendentes de imigrantes italianos. Além disso, vários cargos políticos no Estado eram de indivíduos provenientes dessa região e ainda, de descendência italiana.

Nesse sentido, a obra buscou confundir as histórias de fundação dessas empresas com as histórias dos imigrantes no período da colonização,

[...] cujas raízes se confundem com o espírito desbravador dos primeiros imigrantes italianos [...], com sua coragem, com seu trabalho e seu heroísmo, desbravaram áreas inóspitas e matas virgens, semearam o processo, transformando toda a região; construindo a mais bela e homogênea obra civilizadora da América Latina (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p.74).

Os promotores do evento provocaram essa confusão, pois a apresentação de inúmeras empresas nas cidades de colonização italiana em que os donos eram descendentes de imigrantes. Essa posição reforçava a ideia de que os organizadores queriam divulgar a riqueza do espaço, mostrando o empreendedorismo do imigrante e descendente. E esses “caminhos que conduziram a região nordeste do Rio Grande do Sul até o Centenário da Colonização Italiana foram abertos por homens intrépidos que, confiando no próprio trabalho construiu riquezas tão sólidas que se confundem com a história”. (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p 88). Percebeu-se, a construção laudatória do imigrante, partindo do trabalho de homens que constituíram riqueza para formar um discurso homogêneo de desenvolvimento e crescimento a partir da colonização italiana. Essa nos parece ser a imagem que os festejos quiseram passar no Centenário da Imigração Italiana: de valorização do imigrante, através do trabalho, não apenas na agricultura, mas também no comércio e na indústria. E, para isso, mostraram o desenvolvimento econômico e social das cidades colonizadas por imigrantes italianos através da enumeração de inúmeras empresas no álbum.

Outros temas foram trabalhados aleatoriamente, sem regras determinadas, com os históricos das cidades e das empresas. Destacou-se o cooperativismo, como forma de união de produtores com o intuito de melhorar a produção e venda do produto (por exemplo, os vinhos)<sup>78</sup>. Além disso, sinalizaram-se alguns pioneiros imigrantes. O álbum explica que,

---

<sup>78</sup>As cooperativas foram importantes para a produção e comercialização das uvas e vinhos na região da Serra Gaúcha.

Na epopéia da colonização italiana no Rio Grande do Sul – fato marcante na história geral do nosso Estado – é difícil que se pudesse, num trabalho como o presente, mencionar todos os nomes dos pioneiros de tão extraordinária conquista, pelos sentimentos que a presidiram: coragem, tenacidade, singeleza e inquebrável fé. Mas, dentre os inúmeros nomes que permanecem inesquecíveis na memória de todos, é de justiça lembrar alguns [...] (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p. 136).

Não serão enunciados aqui os nomes dos escolhidos, mas eles foram nominados. Além disso, não sabemos que critérios de seleção foram utilizados para escolher esses nomes. No entanto, não são apenas de imigrantes italianos e de descendentes, mas também de brasileiros e portugueses. Mas vale ressaltar que, entre os imigrantes, foram nomeados os pioneiros na implantação de indústrias, casas comerciais e nos vinhos.

Outro tema que mereceu destaque foi à presença da Igreja Católica na obra do Centenário da Imigração Italiana. O livro apresentou as congregações e ordens religiosas que se instalaram no Rio Grande do Sul, para dar assistência religiosa aos imigrantes.

O imigrante italiano, no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, experimentou o abandono e a solidão no meio da floresta virgem e a religião foi para ele a única consolação e fonte de energia capaz de levá-lo a superar as dificuldades, às vezes trágicas, de sua vivência no novo país (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975, 1975, p. 213).

Nesse sentido, valorizou-se a religiosidade do imigrante como um dos pontos de organização da vida social, fator que teria auxiliado na superação das dificuldades da colonização. E, nesse sentido, a fé do imigrante ganhou destaque, pois o álbum apresentava como elemento essencial dos tempos de colonização, servido de exemplo para os dias atuais. E a Igreja católica, dessa forma, potencializava seu campo de atuação entre os fiéis.

A parte final da obra dedicou-se aos festejos do Centenário. Destacaram-se as festividades ocorridas no dia 20 de maio de 1975, em Nova Milano, distrito de Farroupilha, acontecimento já mencionado anteriormente. Constata-se, dessa forma, que o livro do Centenário da Imigração Italiana foi pensado e construído como mais um recurso de construção de uma determinada memória coletiva, sendo reforçada a criação de uma narrativa identitária de exaltação, e realçada a imagem do imigrante italiano como extremamente religioso e devotado ao trabalho, tendo construído inúmeras riquezas e empreendimentos no Rio Grande do Sul. Dessa forma, criou-se um discurso homogeneizador, que apagava as diferenças internas do grupo.



Ao instalar o Biênio da Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul, o Governador Euclides Triches buscou promover o Estado, criando uma imagem positiva da sociedade sul-rio-grandense atribuída, em última instância, ao trabalho e à harmonia dos grupos. Além disso, as comemorações oficiais do Centenário da Imigração Italiana enfatizaram as três primeiras colônias, apresentando as situações político-econômicas atuais, mostrando que o trabalho do antepassado imigrante teria sido fundamental para o crescimento daquelas cidades colonizadas predominantemente por italianos.

Nestas comemorações oficiais, a ex-colônia Silveira Martins não foi inserida. Mas isso não impediu as comunidades de organizarem e promoverem festejos alusivos aos 100 anos do processo migratório italiano, assunto de nosso próximo capítulo. Inferiu-se, por ora, que esse antigo núcleo colonial não foi inserido nas comemorações por vários motivos, sendo provável que um deles seja a distância entre as três primeiras colônias e a capital. Outro motivo destacado foi o fato de Silveira Martins ser distrito de Santa Maria, pois ainda não lograra autonomia política e administrativa. Este foi um fator fundamental neste processo. Um terceiro ponto que mereceu ser mencionado foi que, o quarto núcleo de colonização italiana no Estado não havia se desenvolvido economicamente como as demais colônias. Apesar disso, a região da ex-colônia Silveira Martins no Estado organizou suas comemorações incentivadas pela Diocese de Santa Maria, ocorrendo entre os anos de 1975 a 1993, anos que compreendiam as datas de fundação dos núcleos coloniais.

### **3. A COLÔNIA SILVEIRA MARTINS EM FESTA: AS COMEMORAÇÕES DOS 100 ANOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA (1975-1993)**

*As comemorações centenárias foram festivas. Não poderiam ser de outra maneira. Os discursos entoavam loas aos heróis que desbravaram o mundo hostil da serra, da floresta e do mundo desconhecido. As velhas canções foram novamente entoadas com o antigo entusiasmo. As bodegas, à sombra das capelas, reviviam os gritos cadenciados do jogo da 'mora'. Os 'brodos' reapareciam lembrando e animando saudosamente as longas e frias noites das solidões ao calor e à luz dos 'fogolari'. As velhas calças de brim riscado, remendadas ao infinito, eram vestidas com o garbo e, sem humildade ou constrangimento, desfilavam em carro aberto. Vestidos e aventais eram retirados dos baús depósitos de lembranças, para poses e desfiles de passarelas (SANTIN, 1986, p.19).*

Este capítulo procura apresentar as comemorações do Centenário da Imigração Italiana ocorridas na ex-colônia Silveira Martins. Para isso, realizou-se um mapeamento das comunidades que desenvolveram manifestações festivas, com o objetivo de descrever e analisar as formas de organização, os tipos de festejos e de divulgação de cada um dos eventos alusivos aos Cem Anos da Imigração Italiana. No cenário festivo que se

apresentava, era imprescindível chamar a atenção para as fontes utilizadas, porque foram produzidas na/para a festa. Ou seja, o material analisado expressava o desejo dos organizadores em relação à forma como os festejos deveriam ser vistos e/ou recordados.

Dentre as manifestações festivas que ocorreram com maior frequência entre as comunidades promotoras das comemorações, durante o período de 1975 até 1993, estão a religiosidade através de missas católicas, os desfiles históricos alusivos ao processo migratório, os alimentos e refeições oferecidas ao povo, as construções e revitalização de lugares de memória e, por fim, os quesitos que envolveram os concursos que elegeram as rainhas e princesas da Imigração Italiana. Também, é importante destacar as datas das festas que ocorreram de acordo com as diferentes formações das comunidades envolvidas. Tendo presente este leque de possibilidades é que as festividades foram organizadas pelas comissões dos festejos.

### 3.1 O CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO DA COLÔNIA SILVEIRA MARTINS-RS

O Biênio da Colonização e Imigração promoveu em todo o Rio Grande do Sul, as celebrações relacionadas aos grupos étnicos aqui estabelecidos, tendo “o mérito de desencadear um processo de recuperação não só de sua história, mas também de outros grupos étnicos, como os alemães, os poloneses, os judeus e outros menos numerosos” (SANTIN, 2008) <sup>79</sup>. A comemoração de um centenário significava festejar e homenagear a passagem de cem anos, realizando assim, um balanço político, social, econômico e cultural de determinado espaço e dos grupos sociais que o compõe.

Incentivados pela oportunidade dada pelo Biênio, às festividades do Centenário da Imigração Italiana aconteceram no Rio Grande do Sul através de uma programação oficial que incluía a capital e as três primeiras colônias de imigração italiana. No entanto, isso não impediu que outras comunidades, também colonizadas por italianos, promovessem festejos alusivos no Estado. As cidades de Veranópolis e Paraí, na região da serra gaúcha, por exemplo, realizaram festividades alusivas ao Centenário apesar de não estarem inseridas na programação oficial.

---

<sup>79</sup> CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (I). Acesso em 22.02 2017

O mesmo ocorreu com a ex-colônia Silveira Martins, já que as localidades que a compunham não estavam inseridas nas comemorações oficiais promovidas pelo Biênio<sup>80</sup>. No entanto, realizaram-se muitos eventos festivos em agradecimento aos pioneiros da imigração italiana, numa perspectiva de memória “e de consolidação de uma determinada recordação como elemento de reconhecimento da coletividade” (BENEDUZZI, 2016, p.104). A ideia era tomar conhecimento da história dos primeiros grupos que ocuparam a região, reconhecendo assim, a própria história e criando um sentimento de pertencimento. Mas também, buscou-se valorizar as atividades que eram características da própria comunidade. Isso mostrou que existiram movimentos locais e regionais que buscavam recordar e contar a “saga migratória”. É bem provável que, além das lideranças locais, a Igreja Católica, aqui representada pela Diocese de Santa Maria e o Bispo Dom Ivo Lorscheiter, tinham sido uma das principais incentivadoras dos festejos alusivos ao Centenário da Imigração Italiana na região central do Rio Grande do Sul. Foi o que pudemos perceber através da atuação dos padres como lideranças na organização dos festejos nas comunidades em que atuavam<sup>81</sup>. Exemplos disso foram os padres Luiz Sponchiado em Nova Palma e Clementino Marcuzzo, em Vale Vêneto. Sponchiado atuou na preservação de registros históricos, buscando salvaguardar tudo o que remetia a história da imigração italiana no quarto núcleo de colonização. Já Marcuzzo, buscou reavivar os hábitos, os costumes e as tradições a partir de eventos festivos.

A Igreja esteve presente em todas as fases da imigração e ocupação, seja através da presença de santos, sacerdotes e na edificação dos templos. Dom Ivo acreditava ser importante homenagear os imigrantes italianos que haviam migrado para a região há cem anos, estabelecendo que,

[...] a Nossa Diocese muito deve aos Imigrantes italianos, fixados inicialmente em Silveira Martins, e dali emigrados para outras, hoje florescentes localidades. Considerando que estes pioneiros nos legaram egrégias lições de fé e operosidade, o que recomenda uma celebração também religiosa e pastoral desse centenário, sob a coordenação deste Bispado. Resolvemos criar a COMISSÃO DIOCESANA DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA, para programar convenientemente a comemoração religiosa do mesmo, em estreita coordenação com os órgãos pastorais da Diocese<sup>82</sup>.

---

<sup>80</sup> Lima (2017) trabalhou com a documentação deixada pelos festejos do Biênio da Colonização e Imigração, construindo um mapa para demonstrar e localizar as comemorações no Estado. Não há nenhum registro dessas festividades na região da Colônia Silveira Martins.

<sup>81</sup> A atuação de padres e bispos nas comemorações poderia dar visibilidade política as suas lideranças religiosas.

<sup>82</sup> *Provisão*. Diocese em notícias, nº 44, fls2. 1974. In: Caixa CPG, Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

Fica muito claro, pela citação, que a Igreja Católica foi um dos agentes promotores dessas festividades, pois desde a chegada dos imigrantes, ela esteve presente nas manifestações religiosas, nas orações, nas celebrações, na presença de santos, na construção de capitéis e igrejas, bem como na busca por padres residentes nas comunidades coloniais. Percebemos então, o cenário no qual são organizadas as festividades do Centenário da Imigração Italiana, entendendo “o ‘tom’ que vai ser dado à comemoração, [isto é], qual o tipo de material utilizado corresponde ao tipo de ambientação escolhido pelos promotores da celebração” (BENEDUZZI, 2016, p.103). Nesse sentido, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins tiveram os traços religiosos considerados como elementos norteadores das atividades festivas. Isto se deveu à autonomia religiosa<sup>83</sup> dos imigrantes italianos, por um lado e, por outro, pela presença atuante de padres e instituições religiosas desde o início do processo de imigração e a colonização. Os padres se mostraram importantes lideranças durante a organização dos festejos em suas comunidades de atuação<sup>84</sup>, já que sua presença poderia garantir, em parte, o sucesso das festividades. O bispo Diocesano Dom Ivo Lorscheiter, incentivador das comemorações, compareceu em quase todas as festas ocorridas nas comunidades da ex-colônia Silveira Martins. Sua presença explicitava e confirmava o interesse da Igreja na promoção e desenvolvimento dos festejos. Analisando mais detidamente as comemorações aludidas, percebeu-se que a Igreja católica tinha na figura do imigrante, a imagem de um bom católico, sendo exemplo de fé e aptos para construir ou para reforçar a religiosidade nas comunidades atuais<sup>85</sup>.

A Comissão Diocesana citada anteriormente foi formada pelos seguintes membros: padre Albino Casarin, padre Claudino Magro, Irmão Ludovico Marins, Irmã Anita Rossi, Dr. Santo Masiero, Sr. Antonio Isaia<sup>86</sup>. O Presidente dessa comissão era o

---

<sup>83</sup> A autonomia religiosa significava as ações promovida pelos imigrantes em relação a religião: por exemplo, com a construção de capitéis, de igrejas, a ideia do padre leigo, entre outras atividades.

<sup>84</sup> Por exemplo, Padre Luiz Sponchiado e Padre Clementino Marcuzzo atuaram diretamente nas comemorações do Centenário da Imigração italiana em Nova Palma e Vale Vêneto. Além de sacerdotes, eram descendentes de imigrantes italianos. Com tais predicados, auxiliaram na organização, promoveram a produção de registros históricos e a divulgação dos eventos festivos.

<sup>85</sup> Frei Rovílio Costa (1974), Padre Clementino Marcuzzo (1982) e Padre Luiz Sponchiado (1996) foram exemplos de autores que pertenciam a ordens religiosas e/ou eram sacerdotes e, que tiveram trabalhos escritos sobre imigração italiana no Rio Grande do Sul que, procuraram exaltar o imigrante como um ser religioso, exemplo de fé, abnegação e dedicado ao trabalho e a família.

<sup>86</sup> É importante salientar que quase todos os membros eram descendentes de imigrantes de italianos antes de serem religiosos.

padre Luiz Sponchiado, conhecido localmente por pesquisar a imigração italiana e por publicar crônicas sobre este tema no jornal *A Voz do Planalto*. No entanto, apesar de existir uma Comissão Diocesana, as comunidades da ex-colônia Silveira Martins organizaram, concomitantemente, suas próprias comissões para promover as festividades em suas localidades, da forma que acreditavam ser mais oportuna, como veremos adiante.

No entanto, é válido mencionar que, Padre Luiz Sponchiado teria participado de uma reunião introdutório, relacionada às comemorações do Centenário da Imigração Italiana na antiga colônia Campos dos Bugres, atual cidade de Caxias do Sul, como ele mesmo registrou em um manuscrito.

[a] Provisão do Bispado Diocesano de 1973, me nomeou para chefiar uma comissão que preparasse as comemorações Religiosas do Centenário da Imigração Italiana no RS, que ocorria em 1975. O que me levou a estender as pesquisas a toda a “ex-colônia Silveira Martins”, que nomeei em reunião introdutória em Caxias, de “Quarta Colônia”, visto que ali estavam representadas as três primeiras embocadas no nordeste do Estado: Conde d’Eu (1874), hoje Garibaldi, Dona Isabel (1874), hoje Bento Gonçalves, Campos dos Bugres (1875), hoje Caxias do Sul<sup>87</sup>.

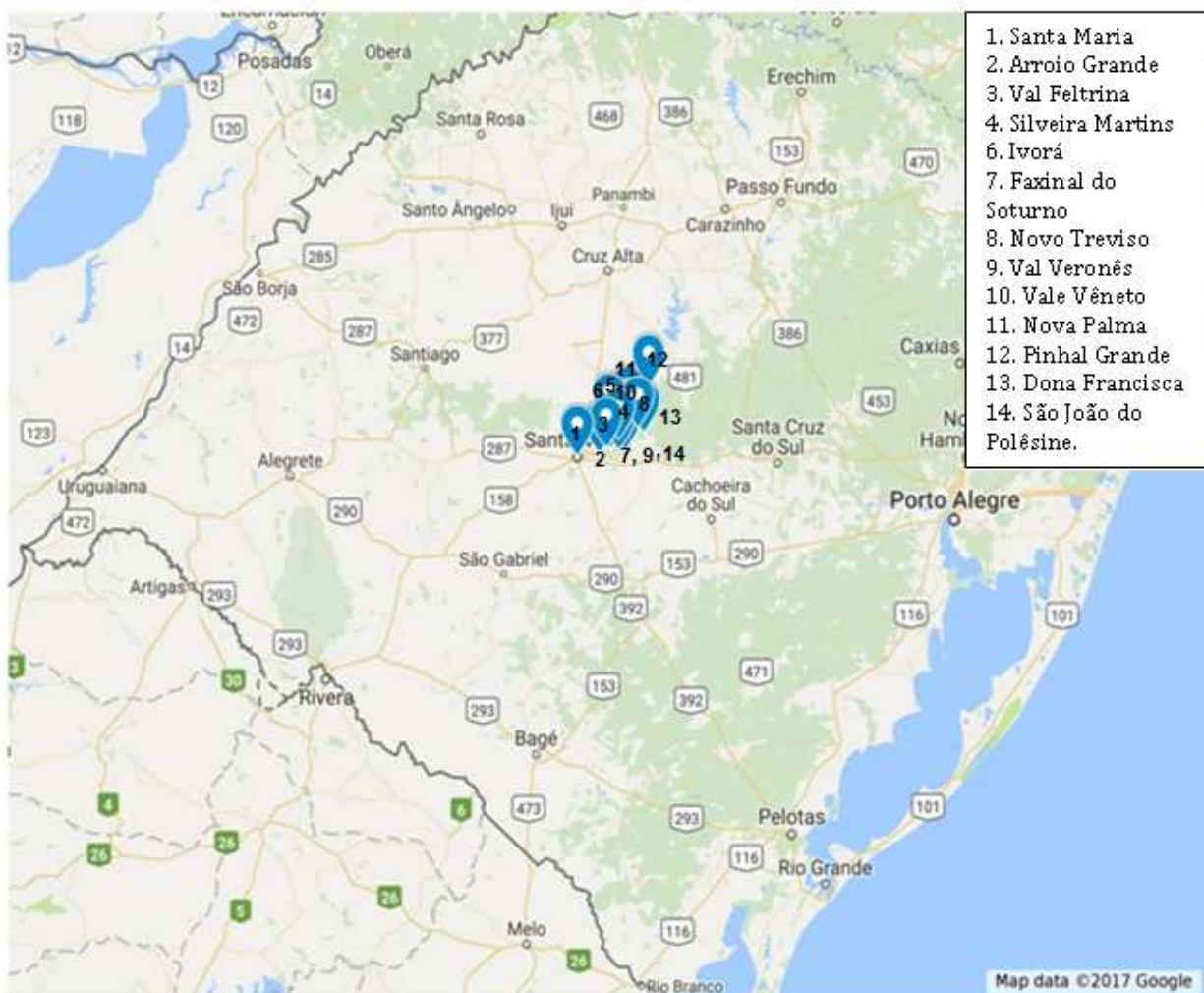
Dessa forma, percebemos que padre Luiz Sponchiado, que era o presidente da Comissão Diocesana das Comemorações do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins esteve presente em uma reunião sobre os festejos na antiga colônia Campos dos Bugres, atual Caxias do Sul. Isso indicava a ligação das festividades do quarto núcleo com as festas estaduais do Biênio da Imigração e Colonização.

Incentivados, portanto, pela Diocese de Santa Maria, os municípios e as localidades da região central do Rio Grande do Sul, mobilizaram-se para realizar as festividades em alusão ao Centenário da Imigração Italiana. Diante das fontes históricas analisadas, mapeamos como centros de comemorações, as comunidades de Silveira Martins, Arroio Grande, Val Feltrina, Ivorá, Vale Vêneto, Novo Treviso, Faxinal do Soturno, Val Veronês, Dona Francisca, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine e Santa Maria. É válido ressaltar que, no período das comemorações do Centenário, as comunidades de Silveira Martins, Arroio Grande e Val Feltrina pertenciam ao município de Santa Maria. Ivorá e parte de Pinhal Grande pertenciam ao município de Júlio de Castilhos. Vale Vêneto, Novo Treviso e São João do Polêsine pertenciam ao município de Faxinal do Soturno. Abaixo, encontra-se o mapa para a localização das comunidades que organizaram manifestações comemorativas.

---

<sup>87</sup> Manuscritos de Padre Luiz Sponchiado. In: Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma.

**Figura 4: Mapa de localização das comunidades que promoveram festejos no Centenário da Imigração Italiana**



Fontes: Google Maps, organizado pela autora.

Pensando na ritualização da festa do Centenário, cada comunidade produziu meios que aproximavam o passado do presente, passando a ideia de que todos se identificavam com uma trajetória em comum. Além disso, ficou patente que as comunidades locais se envolveram na promoção destas festividades ligadas ao Centenário da Imigração Italiana, criando uma narrativa identitária sobre o passado que orientava as escolhas em relação à organização das festas. O festejo tem como dimensão a integração da “história concreta dos grupos humanos e participam ativamente da construção de

identidades sociais [...]” (CAVALCANTI, 1998, p. 4). Nesse sentido, as festividades do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins buscavam a construção de uma identidade capaz de agregar e reforçar aspectos dela própria, mas também de valorização de características que são próprias das comunidades.

Ao analisar a documentação deixada por essas festividades, percebemos que o Biênio da Colonização e Imigração propunha que os festejos fossem realizados entre 1974 e 1975, sendo este último ano dedicado ao Centenário da Imigração Italiana. No entanto, na região da ex-colônia Silveira Martins as comemorações iniciaram-se em 1975 e estenderam-se, pelo menos, até 1993<sup>88</sup>, devido às diferentes datas de fundação dos núcleos coloniais. Pode-se constatar, portanto, que foram várias as festas dentro das comemorações da colonização italiana na mencionada região colonial.

Além disso, observou-se outra característica das festividades na ex-colônia Silveira Martins, que foi a realização de festividades em várias localidades e municípios no ano do Centenário. Não houve uma festa única de toda a região central. Cada comunidade organizava a sua própria festa, da maneira que acreditava ser mais oportuna, respeitando a autonomia de cada uma delas. Estudado na dissertação, um exemplo do que se abordou ocorreu no município de Nova Palma, que promoveu festejos por todo o ano de 1984, porque correspondia ao ano do Centenário da fundação da localidade. As comemorações iniciaram com a celebração católica realizada na virada do ano até o mês de dezembro, com o encerramento das comemorações. Houve preparação desde o ano anterior, com reuniões para tratar dos assuntos referentes aos festejos. “Em outubro de 1983, a comissão organizadora do Centenário lançou cédulas, destinadas à votação para escolher o lema das comemorações de um século de colonização italiana” (MANFIO, 2015, p.101). Os meses de junho e dezembro foram considerados o ponto alto dos festejos, devido às comemorações das santas padroeiras da cidade. Entre as atividades ocorreram almoços, jantares e desfiles, além de outras manifestações. Em julho, “aconteceu uma celebração católica, às margens do rio Portela, no local onde havia sido

---

<sup>88</sup>Em 1993, o já município de São João do Polêsine comemorou o Centenário da Imigração Italiana. A passagem de 1893-1993, “da chegada dos primeiros colonizadores, [...] o novo município presta uma homenagem de gratidão e reconhecimento, festejando o Centenário da Imigração Italiana e valorizando seu passado na cultura deixada pelos imigrantes que lhe deram origem”. Então, no dia 12 de setembro, ocorreu uma missa solene, descerramento de placa comemorativa, almoço à italiana, apresentações artísticas e café colonial para celebrar o Centenário da Imigração Italiana na cidade de São João do Polêsine. (FOLDER: SÃO JOÃO DO POLÊSINE, 1893-1993, CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA. CPG: Caixa São João do Polêsine).



realizada a primeira missa na cidade. A celebração contou com a presença do Bispo Dom Ivo Lorscheiter” (MANFIO, 2015, p.105-106).

Cada município ou localidade organizou suas comissões e promoveu as festividades de forma própria. Em algumas comunidades, as festividades foram estendidas, ou seja, iniciaram em 1975 e, se estenderam até o ano de fundação dos núcleos coloniais. As comunidades de Vale Vêneto<sup>89</sup>, Silveira Martins<sup>90</sup> e Ivorá foram exemplos da ampliação das festas do Centenário da Imigração Italiana.

Ivorá é um caso à parte porque, em 1975, promoveu as festividades do Centenário da Imigração Italiana, do período de 24 de maio à 1º de junho— quando ainda era distrito de Júlio de Castilhos, sendo o município o organizador dos festejos. A programação contou com inúmeras cerimônias religiosas, algumas com confraternização, abarcando as comunidades católicas de Ivorá. Inaugurou-se um museu histórico na capela da localidade da Linha Um. O encerramento destas festividades aconteceu com um “grandioso desfile de encerramento, que consistirá em carros alegóricos alusivos à solenidade”<sup>91</sup>. O término das comemorações em 1975, não foi o fim das comemorações em Ivorá, pois elas foram retomadas em 1983, ano do Centenário desse núcleo colonial, como apontaram os materiais de propaganda da festa, os folders.

O primeiro folder intitulado de “Ivorá: 1883-1983” trouxe um pouco da história do antigo núcleo colonial e a programação de eventos comemorativos do Centenário da Colonização de Ivorá. A abertura dos festejos iniciou-se em 20 de março de 1983, com a festa do padroeiro São José. Em uma programação que se estendeu até 18 de março de 1984, tivemos o baile do Centenário, o festival do queijo e do vinho, a peregrinação ao Santuário da Medianeira em Santa Maria, a homenagem póstuma aos imigrantes falecidos e, ainda, torneios de futebol. Foi uma forma bem popular de comemoração, lembrando dos vivos e dos mortos e, dando aos primeiros, muitas possibilidades de participação nas atividades. No entanto, dentro do “Ano do Centenário” ocorreu, simultaneamente, entre os dias 17 e 25 de setembro, a “Semana do Centenário da Colonização Italiana”, com torneios de bocha, três, sete e mora, jantar italiano, missa em ação de graças com alvorada festiva e repicar dos sinos, show com canções italianas, desfile de carros alegóricos e almoço festivo cujo cardápio era o seguinte:

---

<sup>89</sup> Vale Vêneto iniciou as festividades em 1975 e estendeu até 1978, ano do Centenário do núcleo.

<sup>90</sup> Silveira Martins iniciou suas festas em 1975 e estendeu até 1977, ano do Centenário do núcleo.

<sup>91</sup>Festividades do Centenário da Imigração Italiana em Ivorá – Promovidas pelo município de Júlio de Castilhos, 1975. Folder. Caixa Ivorá. Centro de Pesquisas Genealógicas.

sopa de agnoline,  
risoto,  
galinha assada,  
leitão,  
salada e  
churrasco<sup>92</sup>(Folder do Centenário de Ivorá: CPG. Nova Palma,s/d.).

Nesta festa, com uma semana de comemorações, todos os setores da vida comunitária puderam ser contemplados, pois nesta semana a localidade se converteria, metaforicamente, num palco. Assim, toda a população poderia se fazer presente, quer como participante ou como expectadora. Percebeu-se assim, que há diferentes maneiras de festejar o Centenário da Imigração Italiana com maior ou menor número de eventos, significa também que a comunidade queria participar da confraternização e demonstrava, ainda, certa preocupação em assinalar as datas de fundação dos antigos núcleos de colonização, mesmo que isto implique em duas festas considerando a data real da fundação.

É constatado, portanto, um movimento de comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins desde a época do Biênio aliado ao incentivo da Igreja Católica que sempre esteve presente nesse processo migratório e de colonização. Isso demonstra que existiram manifestações festivas locais e regionais para recordar a saga migratória e que estas ocorreram ao mesmo tempo em que se dava o conhecimento da própria história da imigração e da valorização de características próprias das comunidades. Apesar das inúmeras manifestações festivas em diferentes espaços de tempo na ex-colônia Silveira Martins, havia comunidades que se utilizaram de comemorações semelhantes para ritualizar o Centenário da Imigração Italiana. Ao apresentar tais aproximações entre os festejos e as comunidades desse antigo núcleo colonial, colocamos o foco na forma como as comunidades desejavam ser vistas.

### 3.2 AS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS: AS FORMAS DE COMEMORAR O CENTENÁRIO DA COLÔNIA SILVEIRA MARTINS

O ato de comemorar é um indício do passado. Envolve toda uma simbologia e experiência da comunidade que promove e vive a festa, construindo uma memória

---

<sup>92</sup> Ivorá: 1883-1983.

coletiva relacionada ao seu contexto (BENEDUZI, 2016). Nesse sentido, percebemos o envolvimento das comunidades na elaboração das festividades alusivas ao Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins. Aqui, buscou-se compreender os eventos festivos eleitos para celebrar e homenagear o imigrante italiano, percebendo as aproximações entre as festas, mas também a forma como as comunidades queriam ser vistas e recordadas.

De acordo com Beneduzi (2016, p.104-105), as manifestações festivas eleitas pela comunidade como “os álbuns comemorativos, as paradas e desfiles, as encenações, os cantos, as reconstruções arquitetônicas, a gastronomia, todos são componentes de uma narrativa sobre a comunidade a qual deve perdurar no tempo”. No entanto, acredita-se que os atos de comemoração, muitas vezes, demonstravam as práticas sociais e culturais que já ocorriam no cotidiano daquele determinado grupo étnico, buscando endossar características para a construção de uma narrativa identitária. Para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, as comunidades da antiga ex-colônia Silveira Martins realizaram releituras do passado e também se apresentaram com características que lhe eram próprias. Essa volta ao passado relaciona-se aos pioneiros, na tentativa de construir uma narrativa histórica, consolidando como uma verdade comunitária, reelaborando uma memória, que visava atender as gerações do presente e do futuro<sup>93</sup>. Acredita-se que esta narrativa as construía como grupo imigrante.

Os eventos festivos eleitos para ritualizar as comemorações do Centenário da Imigração Italiana buscaram apresentar características do processo imigratório da região da ex-colônia Silveira Martins, mas também demonstravam a forma como as comunidades queriam ser vistas e recordadas. As comunidades precisaram conhecer a própria história para organizar as manifestações festivas. Por isso, a seguir, serão tratados dos eventos que fizeram parte das festividades alusivas do Centenário.

### **3.2.1 A Igreja católica e a celebração de missas festivas**

A religiosidade é “o principal suporte de quem *e/i/migra*, de quem se desloca de um lugar para outro” (RAMOS et al, 2016, p.7). Com a imigração italiana para o Rio Grande do Sul, as crenças religiosas também se apresentaram com um importante papel

---

<sup>93</sup> No entendimento de Cavalcanti (1998, p.4), “depositam desse modo nas festas a sua própria história e memória, em permanente elaboração”.

na organização social e da reconstrução dos italianos nos núcleos coloniais, sendo um dos aspectos que acompanham esse grupo étnico, desde a saída do país de origem até o estabelecimento em nova morada.

Os imigrantes italianos que se estabeleceram na ex-colônia Silveira Martins a partir de 1877, “almejavam ser proprietários de terras, cultivar seus produtos, produzir riquezas e sonhavam com uma vida sem patrão que lhes desse ordens ou cobrasse pelo arrendamento das terras” (VENDRAME, 2007, p.29). Além disso, procuravam organizar as comunidades de acordo com as “crenças e práticas religiosas, e, para isso, tinham que ter liberdade, pois assim poderiam estruturar os núcleos coloniais conforme seus anseios”. Segundo Beneduzi (2008, p. 52), os imigrantes italianos “trouxeram uma religiosidade viva, não-institucionalizada e obrigatória, mas inculcada e impregnada do espírito conciliar, preenchida por práticas caseiras como a reza do rosário (...) e pela vivência comunitária da religião”. Por isso, os imigrantes buscavam a autonomia religiosa dentro dos núcleos coloniais.

Isso ficou evidente com a população da ex-colônia Silveira Martins que buscava ambientar o núcleo colonial em condições próximas como estavam acostumados do outro lado do Atlântico. Então, ao se instalarem no núcleo de Vale Vêneto, Paulo Bortoluzzi e as famílias locais se organizaram na construção de uma capela e na “vinda de um sacerdote que se instalasse no lugar” (VENDRAME, 2007, p.30). O imigrante Antônio Vernier foi escolhido como emissário para ir a Itália procurar um padre para atender a comunidade do Vale Vêneto. Após três anos, retornou ao Brasil com dois padres italianos. Porém, quando os dois primeiros padres chegaram a Porto Alegre, iniciou-se um conflito entre os imigrantes do Vale Vêneto com os de Silveira Martins<sup>94</sup> e com o Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira. Sob os protestos de Paulo Bortoluzzi, o bispo tomou a seguinte decisão: um deles, Antônio Sório, ficaria em Vale Vêneto e o outro, Vitor Arnoffi, iria para Silveira Martins. Outros conflitos aconteceram logo após a morte do padre Arnoffi e, quando o Bispo designou o Padre Sório para dar assistência à sede Silveira Martins. Havia descontentamento por parte dos moradores de Vale Vêneto que, além de terem financiado a vinda dos padres, naquele momento, haviam perdido seu pároco residente.

---

<sup>94</sup> Os moradores de Silveira Martins passaram a disputar um padre, pois acreditavam ser uma ameaça a presença de um sacerdote em Vale Vêneto, devido a perda do controle da sede nos registros de batismo, óbito, casamentos e na administração do cemitério (VENDRAME, 2007).

Nesse sentido, Vendrame (2007, p.65) afirma que “não se pode negar o fato de os colonos serem religiosos, mas essa religiosidade não os tornava passíveis e submissos às ordens do clero”. Desde a organização da comunidade, havia iniciativas de algumas lideranças para manter a religiosidade entre os imigrantes e, por isso, os moradores de Vale Vêneto se empenharam para trazer párocos que residissem no local. “A busca por autonomia e o interesse em tomar decisões à sua maneira, fez com que, muitas vezes, entrassem em desavenças com os sacerdotes, e até com o próprio bispo” (VENDRAME, 2007, p.65).

Outra questão importante é o “ser italiano”. Vendrame (2007) abordou a italianidade<sup>95</sup> entre os primeiros imigrantes italianos da ex-colônia Silveira Martins e constatou que esse sentimento gerava conflitos entre as congregações religiosas instaladas na colônia. Os imigrantes promoviam comemorações de datas nacionais italianas, organizações de entidades e construção de monumentos apenas com o interesse de manter o sentimento de italianidade. Essas promoções não tinham vínculo com a Igreja Católica, no entanto, não significava que os italianos não fossem religiosos.

A população colonial expressou o seu sentimento de italianidade através da organização de entidades, festejos e edificação de monumentos. E isso ocorria ao mesmo tempo em que trabalhavam para construir suas igrejas e para conseguir sacerdotes que atendessem suas diversas necessidades. Uma busca não anulava a outra, pois, para muitos imigrantes, italianidade e catolicidade eram sentimentos que se completavam, ambos podendo servir de identificação para o grupo (VENDRAME, 2007, p.105).

O acontecimento acima citado mostrava como os imigrantes italianos eram preocupados com a manutenção do sentimento da italianidade e também da religiosidade, mesmo quando acabavam entrando em conflito com sacerdotes e bispos. “Os colonos simpatizavam com essas manifestações de italianidade [...], mas isso não mudava a sua condição de católicos” (VENDRAME, 2007, p.100). Dessa forma, os imigrantes organizaram as comunidades de forma autônoma, através de manifestações de italianidade e da manutenção da religião e da fé, mesmo que precisassem entrar em conflito com párocos, bispos ou ordens religiosas.

Quanto à religiosidade, os imigrantes italianos nutriam a reza do terço, as ladainhas a Nossa Senhora, as estátuas de santos trazidos da Itália, a construção de

---

<sup>95</sup> As manifestações de italianidade significavam o sentimento de ser italiano por parte dos imigrantes que se instalaram no RS, promovendo situações de lembrança da terra natal, cultuando símbolos e defendendo inclusive posições políticas (VENDRAME, 2007).

capitéis<sup>96</sup>. “O terço era a oração mais comum. As famílias costumavam, após a janta, reunir-se em torno da mesa para rezar devotadamente o terço e honra da Virgem Maria” (MARCUIZZO, 1982, p.44). Isso demonstrava as concepções de religiosidade, fé e a educação religiosa familiar entre os imigrantes que se instalaram na região da ex-colônia Silveira Martins.

Por isso, durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, a Igreja católica homenageou a religião e a fé dos imigrantes, construindo assim, uma imagem positiva sua. As festas comemorativas foram incorporadas às festas tradicionais dos padroeiros<sup>97</sup>, pois elas pertenciam ao cotidiano dos descendentes de imigrantes italianos. “Os mesmos santos venerados na Itália, alguns trazidos pelos imigrantes, continuam nas Igrejas ou capelas da colonização italiana” (MARCUIZZO, 1982, p.45). As missas festivas se tornavam uma forma de mostrar as práticas religiosas para as comunidades locais, exaltando os imigrantes italianos.

Todas as comunidades da região da ex-colônia Silveira Martins tiveram celebrações católicas como uma forma de homenagear os imigrantes nas festividades do Centenário da Imigração Italiana. Por exemplo, o município de Júlio de Castilhos promoveu em 1975, as festividades do Centenário da Imigração Italiana em Ivorá. Como uma forma de contemplar cada localidade do distrito de Ivorá, realizou-se celebrações religiosas e confraternizações, dedicando um dia para cada comunidade. No dia 24 de maio de 1975, ocorreu a abertura das comemorações, com “cerimônias religiosas na matriz e recreações e confraternização no salão de festas”<sup>98</sup>, sendo este “dia dedicado às comunidades de Sítio Alto (capela de Nossa Senhora do Caravaggio), Linha Um, Linha Londero-Moro, Capela de Santa Maria Goretti”<sup>99</sup>. Foram oito dias dedicados às comunidades de Ivorá até a realização do encerramento das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, no dia 1º de junho, com a festa do Padroeiro da paróquia São José.

A prática religiosa foi recordada por serem características dos imigrantes que vieram da Itália, se fazendo presente desde a instalação nos lotes coloniais, através da reza do terço, da posse de imagens de santos, na construção de pequenos oratórios e no exercício diário da fé. Além disso, as celebrações religiosas ocorridas durante as

---

<sup>96</sup> Como foram apresentados no capítulo anterior, os capitéis são exemplos da manutenção da fé e da religiosidade dos imigrantes e descendentes que, construíram esses oratórios a partir de interesses e recursos próprios.

<sup>97</sup> A devoção dos santos padroeiros foi trazida da Itália pelos imigrantes italianos.

<sup>98</sup> Festividades do Centenário da Imigração Italiana em Ivorá – Promovidas pelo município de Júlio de Castilhos, 1975. Folder. Caixa Ivorá. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>99</sup> *Op Cit.* Caixa Ivorá. Centro de Pesquisas Genealógicas.

comemorações demonstravam a prática religiosa das comunidades de descendentes de imigrantes italianos e ressaltavam a imagem de bons católicos e exemplos de fé entre as comunidades atuais, como uma herança deixada pelos antepassados.

Em Nova Palma, foi inaugurada uma pedra fundamental para recordar o local onde ocorreu a primeira missa, em 1884, enquanto era ainda o Núcleo Soturno, da ex-colônia Silveira Martins. Para celebrar o Centenário da missa e da colonização italiana projetou-se uma pedra, com uma esfinge que possuía a fotografia de padre Antônio Sório, sacerdote italiano que realizou a primeira celebração. Abaixo, uma imagem que ilustra o monumento. A senhora que aparece junto ao monumento é Dona Maria Aléssio Didodet, filha de imigrantes italianos que se estabeleceram no núcleo Soturno e, nessa data, tinha 100 anos.

**Figura 5: Maria Didodet e a pedra fundamental**



Fonte: Centro de Pesquisas Genealógicas, 1984.

A presença de Dona Maria, filha de imigrantes italianos, no ato de inauguração da pedra que marcava o local da primeira missa se tornava bastante simbólico. O

comparecimento nesta celebração religiosa ajudou a legitimar a criação deste monumento, pois ela fez parte daquele processo inicial de colonização do núcleo Soturno. Nesse sentido, o monumento buscava marcar na comunidade, o espaço e a história que unia a todos, uma vez que tinha nela o local da primeira celebração e ainda era legitimada pela presença de uma filha de imigrantes italianos que se instalaram no município. Nesse sentido, o monumento marcava a origem e a estabilidade (HUYSSSEN, 2000). Sendo assim, o espaço necessitava ser recordado, fazendo que com a comunidade entendesse a importância da religião para os antepassados, reforçando a condição do imigrante católico na região.

Outro aspecto importante das comemorações do Centenário da Imigração foi a participação do Bispo Dom Ivo Lorscheiter nas celebrações das missas nas comunidades<sup>100</sup>. O bispo mostrou-se atuante, como uma importante liderança religiosa nas comemorações do Centenário, pois acreditava ser um dever da Igreja católica homenagear os imigrantes italianos. A participação da Igreja e/ou de seus membros como promotores ou apenas participantes de comemorações festivas foi determinante para perceber “suas funções, lugar social, prestígio e poder” (PAIVA, 2001, p.75) diante das comunidades.

A fé em Deus, com efeito, foi o segredo da coragem e da perseverança daqueles primeiros. A fé em Deus os orientou na organização das suas vigorosas comunidades. A fé em deus foi a melhor herança que eles procuraram legar aos seus descendentes, como alma transformadora dos bens materiais. A fé em deus é a chave explicativa das numerosas vocações sacerdotais e religiosas que brotavam e continuam a brotar nas famílias de descendência italiana (LORSCHHEITER, 1975, p. 12).

Esse trecho faz parte de uma mensagem deixada pelo Bispo, em uma edição especial do jornal *A Razão* sobre os cem anos do processo imigratório na região central do Rio Grande do Sul. Ele destacava a religiosidade do imigrante, como uma característica trazida desde a Itália, sendo fundamental na organização social das colônias. Dom Ivo esteve presente em várias celebrações, pregando a necessidade de prestar uma homenagem à memória dos imigrantes italianos, exaltando a fé, a religiosidade e a imagem de bons católicos dos pioneiros. Durante as comemorações do

---

<sup>100</sup>Exceto em Vale Veronês e São João do Polêsine. Em Vale Veronês, as festividades do Centenário da Imigração Italiana ocorreram em 1982. Em 28 de agosto, “houve missa concelebrada, por c5 padres, entre eles o italiano, Bruno Zamberlan, atualmente diretor da Obra Dom Bosco, no Uruguay. Padre Danilo Pedro Cerezer, natural de Vale Veronês, oficiou a concelebração. Outros concelebrantes foram: Felix Pillon, João Tomasi e Aquiles Rubin”. (MARCUSO, 1982, p.130).



Centenário da Imigração Italiana, portanto, tais atributos dos imigrantes foram constantemente ressaltados através de missas celebrativas e construção de monumentos.

Outro ponto que mereceu destaque foi a presença de sacerdotes, ligados a comunidade de atuação, que exerceram o papel de lideranças durante as festividades do Centenário da Imigração Italiana. Por exemplo, o padre Luiz Sponchiado e o padre Clementino Marcuzzo atuaram diretamente nas Comemorações do Centenário da Imigração Italiana de suas respectivas comunidades, Nova Palma e Vale Vêneto. Além de desempenharem a função de sacerdotes, atuaram diretamente no processo de construção de uma narrativa identitária, a partir do trabalho de pesquisa e coleta de dados, objetos e documentos. O que legitimava o seu trabalho na recuperação da história local era a condição de serem descendentes de imigrantes italianos. Com descendência italiana, os sacerdotes auxiliaram na organização, promoveram a preservação de objetos e documentos antigos, como também, participaram da produção de registros históricos e divulgação dos eventos festivos. A presença de uma liderança religiosa muito ligada a comunidade étnica era um aspecto que poderia garantir, em parte, o sucesso das festas, pois impulsionaram a comunidade no conhecimento da própria história e, com isso, na participação e organização dos eventos festivos.

Portanto, os imigrantes italianos que chegaram ao quarto núcleo, trouxeram a devoções diferentes e vivências religiosas como uma característica de grupo. No entanto, isso não impediu que entrassem muitas vezes em conflito com sacerdotes e/ou ordens religiosas frente aos seus interesses. Os imigrantes buscavam autonomia para organizar a colônia da forma que mais se aproximasse com a sua terra natal ou com seus interesses. Nessa perspectiva, as manifestações de italianidade, o sentimento de “ser italiano” foi percebido desde os primeiros imigrantes como uma forma de cultuar símbolos e promover lembranças da pátria de origem. E a presença de sacerdotes e bispos como lideranças locais, se por um lado demonstrava a participação e o interesse da Igreja Católica na promoção dos festejos, por outro poderia tensionar as relações com alguns imigrantes, já que havia lideranças e interesses de ambos os lados. Mas, como já registramos, a presença de padres ligados às comunidades e com o papel de liderança durante as comemorações era uma garantia de sucesso dos festejos e um momento oportuno para a construção de uma imagem positiva do imigrante.

### **3.2.2 Os desfiles: a representação do passado**

O desfile, segundo Da Matta (1986, p.58), é uma “forma de apresentação social desinibida e exuberante, onde as corporações que passam e se apresentam revelam-se [em] todo o seu esplendor ou miséria”. No caso do Centenário da Imigração Italiana, ele propôs representar a vida cotidiana dos imigrantes nos núcleos de colonização italiana através de encenações, usos de vestes típicas e alegorias construídas pelas comunidades, com objetos deixados pelos imigrantes, demonstrando a trajetória de sofrimento e dificuldades iniciais que culminaram com o sucesso final.

O desfile histórico com carros alegóricos e indivíduos com trajes “típicos” parece ter sido um importante meio de mostrar o passado do processo imigratório italiano na região da ex-colônia Silveira Martins. Com uma narrativa simbólica, seguindo a dinâmica de um cortejo em fluxo linear (CAVALCANTI, 1998), muitas localidades utilizaram este artifício para retratar os imigrantes e a colonização dos seus núcleos durante as festividades do Centenário da Imigração Italiana.

As comunidades de Nova Palma, Ivorá, Silveira Martins, Pinhal Grande<sup>101</sup>, Dona Francisca e Novo Treviso foram locais que realizaram desfiles históricos para apresentar a colonização italiana no lugar. Por meio da apresentação, o desfile transformava a comunidade em espectador e também em ator (DA MATTA, 1986). A população se envolvia nas atividades festivas, sendo ator e espectador do desfile, como será evidenciado no desfile realizado na comunidade de Novo Treviso.

Novo Treviso é uma comunidade que se localiza no interior do município de Faxinal do Soturno. Nessa localidade, a partir de 1885, a comissão de medição demarcou os primeiros 42 lotes para estabelecer os imigrantes italianos. Inicialmente esse povoado chamou-se Geringonça (SPONCHIADO, 1996). A mudança para o nome de Novo Treviso ocorreu devido à origem da maioria dos moradores, vindos da região de Treviso, na Itália.

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana nessa comunidade aconteceram em 19 de outubro de 1975. Ou seja, dentro do período do Biênio da Colonização, conforme o calendário do Estado do Rio Grande do Sul. Os festejos foram retratados em fotografias e no jornal *O Radar*. A festa contou com a seguinte programação: benção e inauguração da lápide comemorativa do jubileu da paróquia, missa solene com a presença de Dom Ivo Lorscheiter, procissão com Nossa Senhora do

---

<sup>101</sup> No dia 29 de junho de 1975, a comunidade de Pinhal Grande, distrito de Júlio de Castilhos, promoveu as festividades alusivas ao Centenário da Imigração Italiana. O ponto alto dos festejos foi o desfile com carros alegóricos. (A RAZÃO, 1975).

Rosário, almoço festivo, desfile histórico, inauguração da Praça do Imigrante, coquetel ‘típico’ às autoridades presentes e, por fim, um baile à italiana para encerrar as festividades<sup>102</sup>.

O ponto que mais chama atenção nesta comemoração foi o desfile histórico, registrado por um fotógrafo e contendo cerca de 100 imagens em preto e branco<sup>103</sup>. Então, para a análise de algumas passagens desse desfile histórico, utilizou-se a fotografia como fonte principal. Através de uma abordagem histórica-semiótica, como mostra Mauad (1996), foi possível auxiliar e montar o cenário no qual ocorreram as festividades do Centenário.

Para tanto, levamos em conta três pontos de análise das imagens: o primeiro e o segundo pontos abordam os elementos da forma do conteúdo e da forma de expressão. De acordo com Mauad (1996), esse método auxilia a decompor a imagem fotográfica em unidades culturais – unidade semântica inserida em um sistema. Em seguida, as unidades culturais são realocadas em categorias espaciais para a estruturação final de análise das imagens fotográficas (MAUAD, 1996, p.85).

Foram eleitas algumas imagens que narravam o universo da imigração italiana, pois se acreditava que nas “‘encenações’ públicas, o tempo em que tudo decorria, os gestos executados, as palavras proferidas, os lugares ocupados por cada indivíduo ou grupo assumiam importante significação” (PAIVA, 2001, p, 85). Além disso, as roupas, as alegorias e os objetos utilizados reproduziam a história e a memória era reelaborada nas festas. A figura abaixo representava o cotidiano do trabalho na pequena propriedade agrícola.

---

<sup>102</sup>Novo Treviso. In: *Jornal O Radar*. Faxinal do Soturno, setembro de 1975. Ano 1, nº 2).

<sup>103</sup>A coleção de fotografias pertencia a um arquivo pessoal e foi doado ao Museu Geringonça de Novo Treviso.

**Figura 6: Desfile à Italiana**

Fonte: APMIV

As cenas do cortejo histórico foram montadas e apresentadas em cima de caminhões, tratores e carros com carrocerias. Na imagem acima, no centro encontrava-se a representação do trabalho agrícola do imigrante. Seis pessoas— três mulheres identificadas por estarem de vestido e três homens – ocupavam a carroceria de um caminhão. Todos estavam de chapéu o que dá a entender que o trabalho está sendo realizado durante o dia e possivelmente com um sol escaldante. Além disso, encontrava-se palha no chão e instrumentos de trabalho nas mãos dos sujeitos. O homem que está de costas carrega consigo um rastelo e um facão na cintura. Duas das mulheres carregavam um instrumento chamado de batedor de sementes. Os outros dois senhores parecem estar conversando. Essas constatações levam a pensar que este grupo fez referência ao trabalho na terra e à colheita de grãos. É provável que o grupo representasse um agregado familiar, composto por mais de um casal - o patriarca e os filhos casados – residiam na mesma casa e trabalhavam juntos. Esse modelo de família era frequente e também, considerava-se uma prática de trabalho entre os imigrantes italianos.

A imagem do desfile induz à exaltação do trabalho diário do imigrante e de sua família<sup>104</sup>. Os imigrantes italianos tinham um modelo de família: apesar de nem sempre residirem sob o mesmo teto, muitas vezes os pais e os filhos casados trabalhavam juntos (VENDRAME, 2013). Segundo Manfroi (1975, p. 121), “o imigrante foi um trabalhador incansável, rude e persistente. É essa uma das qualidades, por todos reconhecidos, do imigrante italiano e que constitui sua glória”. As palavras do autor dizem muito a respeito da representação construída do colono imigrante, apontando para uma trajetória de sucesso e uma narrativa identitária transmitida para as futuras gerações durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana.

A imagem seguinte fez referência a outro episódio do trabalho do imigrante na terra. No centro da fotografia, percebem-se três homens lavrando a terra, com o arado, puxado por bois. Destaca-se que eram sempre vários indivíduos que realizavam as atividades. Os utensílios e os animais eram considerados importantes bens que garantiam a unidade de produção (VENDRAME, 2018). Ao fundo, o grande público que prestigiou o desfile.

**Figura 7: Desfile à Italiana (2)**



Fonte: APMIV

---

<sup>104</sup> Vendrame (2018) afirma que o trabalho familiar garantia o desenvolvimento econômico e a autonomia da unidade doméstica.

O trabalho foi um dos elementos centrais do desfile histórico ocorrido em Novo Treviso, bem como o envolvimento de homens, mulheres e crianças nas diferentes atividades que marcavam a vida nas comunidades de colonização italiana. Através das situações encenadas e das ferramentas utilizadas ganharam destaque a valorização das atividades agrícolas. O próprio termo “colono” era motivo de vergonha para imigrantes e descendentes antes das comemorações. O termo era “designativo de rudeza, ignorância e falta de trato”. (ZANINI, 2008, p.144). Não havia uma valorização do trabalho e nem do trabalhador, o colono. Como a terra ganhou um valor simbólico e econômico nessas regiões de colonização italiana, as festas do Centenário representaram o pioneiro, como “um trabalhador incansável da terra e portador de virtudes específicas” (ZANINI, 2008, p.144), positivando as atividades agrícolas e sendo motivo de orgulho a posição de trabalhador da terra.

Além disso, a imagem acima demonstrava a presença de animais junto ao trabalho agrícola. Possuir um animal era considerado um bem para algumas famílias de imigrantes, pois implicava na autonomia da propriedade como também indicava ascensão social. Maíra Vendrame (2018, p. 270) explicou que “na Itália, os cavalos eram um símbolo de poder associado aos patrões, assumindo o mesmo significado entre os imigrantes fixados nos núcleos coloniais do sul do Brasil”. Ancoradas nesses valores, as comemorações buscaram destacar a dedicação ao trabalho agrícola do imigrante e em consequência deram valor às conquistas financeiras daí decorrentes.

Na imagem seguinte, o desfile do Centenário da Imigração Italiana representou o trabalho da mulher na propriedade rural. Além de auxiliar no trabalho agrícola, valorizaram-se as atividades complementares desenvolvidas pela mulher. Na imagem, apresentavam-se quatro mulheres, sendo que a matriarca se encontrava no centro do grupo. Também há duas crianças que estão realizando trabalhos manuais. Na organização do desfile, as gerações que estavam sendo representadas com a matriarca mais idosa, poderiam ser as filhas e/ou noras da senhora e também, as crianças seus netos. Aqui também ficou evidente o trabalho coletivo das mulheres, através do trabalho com a palha de milho (com a confecção de chapéus e bolsas); há uma máquina de costura em cima da mesa (lado direito), representando o ato da costura de roupas ou tecidos; a figura do lado esquerdo (uma menina está a sua frente) representa um tear e, é provável que a menina esteja aprendendo o ato de tecer.

**Figura 8: Desfile à Italiana (3)**

Fonte: APMIV

No desfile à italiana em Novo Treviso, a mulher foi representada como aquela que auxiliava o marido na propriedade rural, cuidava dos afazeres da casa e dos filhos e ainda, realizava trabalhos complementares, com o tear, a costura e o trabalho com a palha. Como mães, eram responsáveis pela educação das crianças, dando inclusive a instrução religiosa. Também tinham importância na educação das filhas, ensinando-as sobre o cuidado com a casa, com o preparo da comida e outras atividades que eram desempenhadas pela mulher como o fabrico de chapéus e bolsas, a costura de roupas, lençóis e toalhas, como foi retratado na passagem do desfile acima. No entanto, o papel da mulher não estava apenas relacionado aos cuidados dos filhos e da casa, mas também foi percebida a atuação das mulheres em estratégias familiares para a manutenção do grupo familiar. A última fotografia selecionada representava um grupo de imigrantes, entre mulheres e homens que estavam em plena comemoração. Fato esse possível de identificar devido à presença de instrumentos musicais, como um acordeão e um violão<sup>105</sup>. No centro da imagem, percebeu-se uma mesa e em cima dela, encontrava-se

---

<sup>105</sup> O canto foi um dos elementos culturais que caracterizou o povo imigrante como alegre, que soube enfrentar as dificuldades e obter o sucesso.

uma pipa (de vinho). Como o cenário representado desfilava em cima de um caminhão, na parte inferior, constatava-se um cartaz com a seguinte frase: “*La festività della imigracione*<sup>106</sup>”. A interpretação dessa foto remete às comemorações da imigração italiana que estavam ocorrendo naquele momento em pleno desfile do Centenário da Imigração de Novo Treviso. O quadro representado era, pois, uma parte do todo.

O desfile buscou abarcar a passagem do Centenário da Imigração Italiana, em partes que mostravam desde a vinda dos imigrantes à comunidade de Novo Treviso, até a festa alusiva.

**Figura 9: Desfile à Italiana (4)**



Fonte: APMIV

O Centenário da Imigração Italiana em Novo Treviso representou “a natureza simbólica das festas e seu forte apelo aos sentidos humanos [que] estão na base de sua notável dimensão estética e de sua capacidade de resistência à usura do tempo” (CAVALCANTI, 1998, p.4). Isso significava um momento oportuno de valorização dos sentidos do imigrante em relação ao trabalho, a família e propriedade, através de um desfile histórico.

---

<sup>106</sup> Tradução livre: A festividade da imigração.



O desfile retratou a história de indivíduos e de famílias de imigrantes italianos e passou a dar suporte para a construção de uma narrativa identitária e de uma memória sobre esse passado. O cortejo, representando por alegorias e fantasias, buscou dar crédito a qualidades e a fatores positivos dos imigrantes<sup>107</sup>, sendo a imagem apoiada no trabalho coletivo e diário, como forma de obtenção do sucesso. Então, essas elaborações promovidas para o Centenário da Imigração Italiana buscaram proteger um passado, contando a história de seu povo, revivendo práticas e comportamentos, bem como reforçando uma narrativa identitária.

### **3.2.3 Os almoços e jantares: o que se come durante das festividades**

O ato de alimentar-se se constituiu de uma necessidade biológica, mas também é uma ação simbólica, capaz de expor significados de envergadura social, cultural, política, étnica, entre outras. Abordar a história da alimentação não é apenas falar sobre comida, mas também compreender que “os sabores são algo mais do que o desfrute de um sentido que indica a comensalidade das coisas. O gosto diferenciado é o que caracteriza os diferentes povos e as diferentes épocas de uma mesma cultura” (CARNEIRO, 2003, p.124).

A alimentação é um dos elementos que promoveram a construção de identidades sociais<sup>108</sup>, distinguindo os grupos étnicos através do que se alimenta e a forma como se alimenta. Como um jeito de evidenciar esses elementos, durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, por exemplo, os almoços e os jantares foram incorporados como atos de celebração da cultura italiana, marcando a identidade daquele grupo. Segundo da Matta (1986, p.39), “a comida vale tanto para indicar uma operação universal - o ato de alimentar-se, quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais, estilos regionais e nacionais de ser, fazer e viver”. Com isso, o Centenário da Imigração Italiana também buscava ressaltar certos hábitos alimentares, costumes e

---

<sup>107</sup> Favaro (1996, p.281), atribuiu a imagem criada ao imigrante ao crédito de “valores e qualidades individuais: ser dotado de coragem, tenacidade, perseverança, honestidade, espírito de iniciativa e, simultaneamente, de uma inabalável confiança no futuro, apoiada no trabalho incessante e infatigável”, no sentido de garantir o sucesso.

<sup>108</sup> Segundo Maria Eunice Maciel (2005, p.445), os elementos construtores de identidade “são buscados no passado do grupo, em um modo de vida em vias de desaparecimento, senão já desaparecido, ou seja, aquilo que é conhecido geralmente como tradição”.

comportamento dos antepassados, aspectos estes que reforçariam a constituição de uma narrativa identitária na ex-colônia Silveira Martins.

Nos processos migratórios, a alimentação era um aspecto de identificação de um grupo étnico<sup>109</sup>. Os imigrantes italianos estabelecidos no sul do Brasil buscaram garantir a preservação de determinados hábitos e costumes através da comida. A disponibilidade de terras aráveis e grãos para a produção, a fartura de produtos alimentícios, a possibilidade de possuir animais como vacas, bois e cavalos, atraíram os italianos e, através do trabalho coletivo da família, conseguiram construir a noção de sucesso na escolha migratória. Esses elementos também foram transmitidos durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins, conforme descrições trazidas anteriormente em especial nos jantares ditos “típicos”. Vendrame (2018) nos mostra que:

O sucesso da transferência para a América, bem como a organização da nova vida nos lotes coloniais, passava pela manutenção de certos costumes alimentares e pelo cultivo de produtos variados, estando estes aspectos também ligados à reunificação e ao trabalho coletivo de todos os integrantes da família (VENDRAME, 2018, p.11).

Analisando as cartas emitidas por imigrantes italianos aos parentes na Itália, Vendrame (2018, p.266) constatou que as notícias sobre determinados alimentos e a abundância de terra eram utilizadas para fazer propaganda positiva sobre a vida nas áreas de colonização no sul do Brasil. Os imigrantes estimulavam a vinda daqueles que permaneciam ainda no outro lado do Atlântico, afirmando que aqui encontrariam “a disponibilidade de trabalho e abundância de comida e bebida”. E, dessa forma, muitos foram atraídos pelas notícias positivas sobre a abundância de terras, grãos, animais, alimentos e bebidas. Ruggiero (2018, p.123), também analisou cartas trocadas entre os imigrantes e percebeu que, os imigrantes “investiram dinheiro em atividades comerciais de importação que podiam propiciar a parcial manutenção de costumes e tradições gastronômicas originárias”. Dessa forma, podemos perceber que havia uma ligação identitária entre os imigrantes e a alimentação.

Quando do Centenário e na tentativa de definir e marcar uma identidade de origem italiana, as festividades realizadas na ex-colônia Silveira Martins procuraram

---

<sup>109</sup> Para Ruggiero (2018), a alimentação tem dimensões íntimas, emotivas e familiares entre os imigrantes italianos.

divulgar, além do trabalho como palavra-chave, outro marcador identitário importante: os banquetes. Promovidos em atos festivos nas comunidades, os banquetes serviam para celebrar o Centenário da Imigração Italiana, apresentando-se com mesas fartas e diversidade de alimentos produzidos pelos descendentes.

Em convites, folders ou notas dos jornais<sup>110</sup> *A Razão* e *O Radar*, as festas anunciavam o que seria servido em um “almoço à italiana” ou em um “jantar à italiana”, sendo que, muitas vezes, não divulgavam o cardápio por completo. Outras festas, como as ocorridas em Val Verônes, Nova Palma, Vale Vêneto, Ivorá e Santa Maria foram publicados os banquetes *à italiana*. Dessa forma, ao analisar as fontes, buscou-se identificar os alimentos que compunham os almoços e jantares *à italiana* – comidas que marcavam a cultura, mas eram alimentos de festa/domingo e não faziam parte da dieta alimentar diária – servida nas festividades ocorridas nas comunidades mencionadas acima.

Abaixo, utilizou-se uma tabela para uma melhor visualização dos cardápios nas festas do Centenário da Imigração Italiana na região ex-colônia Silveira Martins.

**Tabela 1: Cardápios das festas**

<b>Comunidades</b>	<b>Almoço à Italiana</b>	<b>Jantar à italiana</b>
<b>Ivorá</b>	Sopa de agnoline, risoto, galinhas assadas, leitão, salada e churrasco. (Cartaz da Festa, 1975; 1983).	Não divulgado
<b>Santa Maria</b>	Não divulgado	[...] aperitivo com salame, queijo colonial, copa e pão colonial, depois sopa de “capelete” e risoto, porco e galinha assados, acompanhados de dois mil litros de

<sup>110</sup>Para desenvolver esse capítulo, utilizaram-se principalmente os jornais *O Radar* e *A Razão*. O primeiro, *O Radar*, teve como diretor e fundador Padre Clementino Marcuzzo, sendo produzido no município de Faxinal do Soturno, com a primeira edição em 16 de agosto de 1975, circulando até, pelos menos 1976. Alguns números do *O Radar* foram encontrados no arquivo permanente da prefeitura municipal de Faxinal do Soturno e no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, onde se encontram disponíveis ao público na forma impressa. O segundo, *A Razão*, foi fundado em 1934, na cidade de Santa Maria. Tinha uma circulação diária, apresentando textos e imagens. Deixou de circular em 25 de fevereiro de 2017. Seu acervo encontra-se disponível no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

		vinho de Val Feltrina”. (A <i>Razão</i> , 15 de maio de 1975, p.3)
<b>Val Veronês</b>	Almoço com sopa de agnoline, risoto, churrasco, pão, cuca e salada (CENTENÁRIO DE VAL VERONÊS. Cartaz da festa. Centro de Pesquisas Genealógicas, 1982).	Jantar à italiana, com polenta, salame, presunto, queijo, fortaia (omelete), salada, pão e o bom vinho italiano. (CENTENÁRIO DE VAL VERONÊS. Cartaz da festa. Centro de Pesquisas Genealógicas, 1982).
<b>Vale Vêneto</b>	Não divulgado	junto com a polenta foi servido o seguinte cardápio “típico”: sopa de agnoline, queijo colonial, fortaia com salame, galinha lessa e assada. crem, com grostoli por sobremesa. Não faltou o bom vinho colonial. (Em Vale Vêneto a maior polenta da história, O Radar, Faxinal do Soturno, de 16 de agosto de 1975, p.16).
<b>Nova Palma</b>	Sopa de agnoline, Galinha rosta, em molho e lessa, risoto e saladas, salame e presuntos.	Polenta, com fortaia e outros.

Fonte: Dados organizados pela autora

Diante da tabela com os cardápios, pode-se perceber, não só a fartura e abundância da mesa italiana nos almoços e jantares festivos, mas que a variedade de pratos possuía um cardápio muito semelhante. A variedade de comida, por seu turno, mostrava também a riqueza desse grupo étnico<sup>111</sup>. Salienta-se ainda que, a maioria dos alimentos apresentados acima era considerada comida de festa ou de domingo, não

<sup>111</sup>Para Zanini; Santos (2008, p.257), “a comida farta e forte foi e ainda é um importante demarcador étnico. Ela deve ser servida à mesa, em exposição de abundância e trabalho produtivo. Serve para o paladar e para os olhos também”.

estando diariamente na mesa do imigrante e do descendente. A mesa farta significava a organização do trabalho familiar, no qual representava o labor na terra, através do plantio e da colheita; mas também o trabalho na preparação do alimento dentro da cozinha. A fartura da mesa italiana também demonstrava o sucesso dos imigrantes na superação das dificuldades, como ainda buscava a preservação de determinados hábitos e costumes através da comida. Isso resultou nos banquetes que foram servidos nas festas alusivas do Centenário da Imigração Italiana na região central do Rio Grande do Sul.

O trabalho dentro da cozinha, no preparo da comida para as festividades era de responsabilidade das mulheres<sup>112</sup>. Isso se deveu ao papel importante da figura feminina na adaptação alimentar do imigrante europeu no Rio Grande do Sul<sup>113</sup>, tornando-se protagonistas na “manutenção de gostos, paladares e costumes culinários étnicos” (ZANINI, SANTOS, 2008, p.258). A mulher era responsável pela cozinha, pelo preparo da comida e, na adaptação dos alimentos adquiridos na nova terra e/ou produzidos na pequena propriedade. A imagem abaixo ilustrava o trabalho de mulheres no preparo dos pratos à italiana em Val Veronês:

---

<sup>112</sup> Apesar de a cozinha ser um espaço de domínio da mulher, os atuais estudos sobre imigração italiana comprovam a participação da imigrante atuando também em estratégias familiares, na manutenção dos lotes de terras e na permanência de membros familiares próximos ao núcleo colonial.

<sup>113</sup> Sobre a adaptação alimentar de imigrantes, Fabiana Friedrich (2015, p.95) abordou o papel desempenhado pelas imigrantes alemãs instaladas na Colônia Santo Ângelo, “ao substituir ingredientes de suas receitas por itens locais, assim como, preservar e reelaborar as questões culturais de suas famílias [...]”

**Figura 10: Mulheres no preparo do prato à italiana em Val Veronês**



Fonte: Marcuzzo, 1982, p.135

O trabalho das mulheres na cozinha resultou em almoços e jantares à italiana, pois “a comida e a necessidade de manutenção de algumas tradições ligadas ao papel da mulher na questão da diversidade e autonomia alimentar do grupo, surgem como elementos fomentadores da reunificação familiar” (VENDRAME, 2018, p.277). Identificou-se que, um dos pratos mais assíduos, tanto no almoço quanto no jantar “à italiana” era a *sopa de agnoline*<sup>114</sup>. Trazida da Itália, esta sopa é feita com massa fechada em formato de meia lua, com recheio de carne (frango ou gado) e caldo de galinha. Tornando-se uma comida de festa, apareceu principalmente nos eventos que ocorreram no inverno. Nas festas do Vale Vêneto e de Nova Palma, foi servida a *galinha lessa*, um tipo de carne de frango fervida na água - que resultava no caldo da sopa e para o risoto.

Outra comida considerada típica da região colonial, produzida nas cozinhas das festas foi o *risoto*. Apareceu com frequência nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana tanto em almoços como em jantares “à italiana”. Também é

<sup>114</sup>Servida nos dias frios, é considerado o prato de entrada em almoços e jantares à italiana.

considerada uma comida de festa no domingo. Originário da Itália, na ex-colônia Silveira Martins, o prato era feito com arroz, caldo, carne de galinha caipira<sup>115</sup> e temperos. Foram acompanhados por galinhas e leitões assados, saladas, pão e cuca<sup>116</sup>. Em Vale Vêneto, o *crem* - “feito de raízes raladas e postas em vinagre” (ZANINI, SANTOS, 2008, p. 268) - também foi servido.

O *churrasco* esteve presente durante as festividades, nos almoços “à italiana”. Vale destacar que, o preparo deste alimento estava sobre a responsabilidade masculina. É provável que, sua inserção na alimentação considerada típica das zonas de colonização venha, segundo Possamai (2007, p. 54) do desejo dos imigrantes e de seus descendentes “em inserir-se na sociedade regional, mas, ao mesmo tempo, eles cuidavam em preservar uma identidade [...]”. No entanto, apesar do churrasco ser um dos pratos adaptados por imigrantes e descendentes, é válido ressaltar que, a carne foi um dos alimentos encontrados com abundância entre a população sul-rio-grandense, sendo incorporada à dieta alimentar dos imigrantes e descendentes.

Este aspecto da inserção da carne bovina na dieta foi percebido por Vendrame (2018) ao analisar cartas emitidas por imigrantes italianos que se instalaram no Brasil. “O consumo de carne pelas famílias colocava fim à carência de proteínas que sentiam quando moravam nas regiões rurais do Vêneto e do Friuli” (VENDRAME, 2018, p.271). Isso demonstrava que, ao se instalaram nos lotes coloniais, os imigrantes italianos encontraram fartura de diversos alimentos, sendo inserido na dieta alimentar das populações nas áreas de colonização.

O *vinho* era outra bebida que não poderia faltar em uma festa italiana. Sendo uma “bebida muito apreciada entre a população do campo no norte da península itálica, o vinho irá assumir um papel estratégico na preservação das raízes territoriais e na constituição de uma identidade étnica no sul do Brasil” (VENDRAME, 2018, p.280). Nas festas, o vinho estará sempre presente, pois representava a dedicação e o trabalho duro do imigrante que, com o esforço de toda a família, conseguiu produzir essa fruta em abundância, demonstrando seu empreendedorismo na atividade de vinicultura, bem como a mesa farta que o labor proporcionou<sup>117</sup>.

---

<sup>115</sup> Galinha Caipira é a ave que foi criada solta. Com o cozimento, a carne solta uma gordura amarela, que dará pigmentação, sabor e textura ao risoto.

<sup>116</sup> É uma espécie de pão doce, com uma farofa feita de açúcar, farinha e manteiga.

<sup>117</sup> A produção de uva e vinho caracterizou mais a região da Serra Gaúcha, local onde se fixaram os primeiros imigrantes, nas três primeiras colônias. A região é grande produtora nacional, com Festa Nacional da Uva e, ainda, com a exportação do produto que é reconhecido internacionalmente.

A *polenta* continuou sendo um dos alimentos característicos dos imigrantes italianos no sul do Brasil, devido às terras férteis e a disponibilidade de grãos de milho para a produção. Além disso, com presença diária na mesa do imigrante e descendente, era um alimento comum e barato, que alimentava as famílias italianas numerosas, garantindo o sustento do grupo familiar. Segundo Vizzotto (2012, p. 187),

Para as famílias italianas, a *polenta* era o alimento presente nas três refeições. No café da manhã a primeira refeição do dia, *polenta brustolada* (assada) na grelha, com queijo e salame. No almoço acompanhava a '*menestra*' (sopa de arroz e feijão) ou com algum tipo de carne e vinho. Na janta novamente a *polenta* comandava a refeição sendo saboreado com queijo, salame, ovo frito ou *fortaia* (omelete).

Como as festividades do Centenário da Imigração Italiana, os imigrantes e descendentes buscavam a preservação de determinados hábitos e costumes como o da farinha de milho em forma de polenta. Este foi um dos pratos servidos apenas nos jantares *à italiana*, com os seguintes acompanhamentos: queijos, salames, *fortaia* - espécie de ovo mexido com salame e queijo. Pode-se considerar que a polenta propagandou as festividades do Centenário em Val Veronês e Vale Vêneto<sup>118</sup>, pois em ambas o prato foi destacado. Na primeira, faz parte da capa de um livro que conta a história da comunidade. Abaixo, a imagem da capa do livro "Centenário de Vale Veronês: epopéia da imigração italiana de Vale Veronês com seus costumes e tradições"<sup>119</sup>. A outra festa construiu-se um fondal de três metros de diâmetro, para servir a polenta.

---

<sup>118</sup> A comunidade de Vale Vêneto, em sua festa ao Centenário da Imigração Italiana, ofereceu ao público, uma polenta que continha 9 metros. Assim, promoveu sua festividade, anunciando que o vale teria a "maior polenta da história". Este assunto terá destaque o próximo capítulo.

<sup>119</sup> O livro foi lançado em 1982, em relação ao Centenário da Imigração Italiana de Val Veronês. Escrito por padre Clementino Marcuzzo, sacerdote católico e neto de imigrantes italianos, desenvolveu a história da pequena comunidade, onde no final do século XIX, imigrantes italianos haviam se estabelecido. A abordagem da obra foi de forma linear, coerente e factual, destacando desde a localização, a geografia, hidrografia, até a história das chegadas dos imigrantes. O sacerdote também se preocupou em trazer inúmeras imagens que ilustravam os imigrantes, os descendentes e as suas conquistas.



**Figura 11: Produção da polenta**



Fonte: MARCUZZO, 1982

A fotografia da capa do livro mostrava uma senhora idosa<sup>120</sup> – Virgínia Dall’Asta - natural de Val Veronês, fazendo a polenta com a utilização de utensílios antigos e de um *fogolare* - uma espécie de fogão das primeiras casas de imigrantes, na qual a panela era presa por uma corrente e aquecida com fogo de chão. A ideia era representar a alimentação típica dos imigrantes e descendentes, como também apresentar a cozinha e a forma como o alimento era produzido nos primeiros tempos. Além disso, reforçava o trabalho da mulher no preparo da polenta, através da figura da *nonna*<sup>121</sup>. Apesar de ser um alimento simples, o preparo do principal alimento dos imigrantes, a polenta, exigia um saber fazer, que apareceu representado na imagem acima. O modo do preparo e o espaço onde a comida era elaborada também era um espaço de significação. Maciel (2005, p.54) explica que uma cozinha

---

<sup>120</sup> A senhora idosa é considerada uma pessoa legitimada para a elaboração deste prato (ZANINI, SANTOS, 2008).

<sup>121</sup> Tradução livre: vó

[...] torna-se um símbolo de uma identidade, atribuída e reivindicada, por meio da qual os homens podem se orientar e se distinguir. Mais do que hábitos e comportamentos alimentares, as cozinhas implicam formas de perceber e expressar um determinado modo ou estilo de vida que se quer particular a um determinado grupo. Assim, o que é colocado no prato serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza um pertencimento, servindo como um código de reconhecimento social. (MACIEL, 2005, p.54).

Produzida com farinha de milho, água e sal, a polenta é considerada “o fio condutor da história alimentar dos [imigrantes e] descendentes de italianos, desde o grande êxodo do Vêneto, como alimento básico das populações rurais e como uma iguaria presente ainda hoje em mesas de diversas cidades brasileiras” (FEDER; DIAS, 2016, p.392). Apesar da origem americana do milho, o cereal atravessou o oceano Atlântico e passou a ser cultivada no continente europeu. Alimento de fácil cultivo tornou-se a base alimentar da população camponesa e pobre em áreas do norte da Itália, como também nos espaços da emigração para a América meridional.

O milho levado ao continente europeu entra no norte da Itália entre 1530 e 1540, chamado de milhete graúdo. Naquele tempo, a polenta era confeccionada com trigo-mouro e era chamada de polenta cinza. O trigo mouro veio do nordeste da Europa e se espalhou no século XVI até chegar ao norte da Itália. A polenta produzida com milho possuía a coloração amarelo-clara. Em função do cereal escolhido para a fabricação, a coloração se modificava e, ainda hoje é diferenciada como polenta branca, polenta amarela, etc. Os italianos do norte têm, há muito tempo, o hábito de comer polenta: polenta branca, feita de milhete na Idade Média, depois polenta cinza, de trigo-mouro na renascença e por fim polenta amarela, de milho, que fez desaparecer as anteriores (FEDER; DIAS, 2016, p.393).

A polenta foi um alimento que acompanhou os imigrantes italianos desde os locais de origem até os de destino. Devido à importância do cultivo do milho na economia camponesa nas áreas de ocupação colonial do Rio Grande do Sul, a polenta permaneceu como base alimentar das famílias italianas. Tornou-se um dos pratos característicos da colonização italiana, um “emblema, como uma figura simbólica destinada a representar um grupo, faz parte de um discurso que expressa um pertencimento e, assim, uma identidade” (MACIEL, 2005, p.50). Dessa forma, a polenta seria o alimento emblema da imigração italiana, pois representaria tanto o medo da miséria, quanto a superação das dificuldades com a fartura da mesa italiana.

Considerando a tabela acima e a exposição dos alimentos mais assíduos nas festas do Centenário da Imigração Italiana, tanto no almoço à italiana quanto no jantar à italiana, a *sopa de agnoline* e o *risoto* aparecem nas duas ocasiões, como também o

*salame, os pães e as cucas*. O almoço à italiana na região da ex-colônia Silveira Martins foi composto por *sopa de agnoline, risoto e churrasco*<sup>122</sup>. Nos jantares à italiana, *a sopa e o risoto* também se fizeram presentes, mas o prato principal foi *a polenta*. Por fim, o *churrasco* foi o alimento que definiu o almoço à italiana e *a polenta*, o jantar à italiana na antiga ex-colônia Silveira Martins.

Constata-se, então, que as comidas podem se “transformar em marcadores identitários, apropriados e utilizados pelo grupo como sinais diacríticos, símbolos de uma identidade reivindicada” (MACIEL, 2005, p. 50). Então, para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins, utilizou-se a alimentação como uma forma de identificar aquele grupo étnico, através da manutenção de costumes e hábitos. Mas também, a abundância e a fartura dos alimentos encontrados nas festividades buscaram mostrar a prosperidade, a riqueza e o sucesso dos imigrantes e de seus descendentes na trajetória migratória. Este era outro discurso que se constituiu *pari passu*<sup>123</sup> com o discurso identitário da comida.

Dentro das cozinhas, o preparo dos alimentos estava a cargo das mulheres, exceto o churrasco. Elas foram importantes na adaptação dos alimentos no período da colonização e na elaboração de pratos que alimentavam suas famílias diante do que era encontrado na região, como também no que era produzido pela pequena propriedade. Isso levou as mulheres a produzir durante das festividades do Centenário da Imigração Italiana, almoços e jantares *à italiana*. Identificaram-se quais pratos compunham esses dois momentos alimentares nas festas, porque esses pratos eram considerados como alimentos de domingo ou de dia de festa nas casas imigrantes<sup>124</sup>. Ao fazer esta busca, constatou-se que a *sopa de agnoline* e o *risoto* eram os pratos servidos tanto no almoço quanto no jantar em dias de festa. O que diferenciava o almoço *à italiana* era o *churrasco* - uma adaptação da comida gaúcha e da disponibilidade de carne em terras brasileiras. Já o jantar à italiana era a *polenta*. Junto com seus acompanhamentos, esses pratos tornaram-se característicos da região colonial, servindo como alimentos que tornaram conhecidos os indivíduos daquela região, preservaram determinados comportamentos, hábitos e costumes dos imigrantes italianos e, por fim, redefiniram uma identidade.

---

<sup>122</sup>Ainda hoje nas festas dedicadas aos santos padroeiros, que ocorreram nas comunidades rurais da região da ex-colônia Silveira Martins, a *sopa de agnoline*, o *risoto*, o *churrasco*, os pães, as cucas e a maionese são servidas nos almoços.

<sup>123</sup> É uma expressão de origem latina, que significa “ao mesmo tempo”.

<sup>124</sup>Esses alimentos não se encontravam diariamente na mesa do imigrante ou descendente, diferentemente da *polenta*, consumida no dia-a-dia.

### 3.2.4 Marcos de memória: festas, monumentos, museus e as comemorações dos 100 anos da Imigração Italiana

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins não viveram só de jantares, almoços desfiles ou missas. Elas impulsionaram as comunidades na construção de espaços para marcar a memória da imigração italiana. Houve em tais comunidades, um esforço para a elaboração de uma narrativa sobre o passado com a criação de espaços de memória – os monumentos, os acervos e os museus, que indicavam a necessidade de se tomar conhecimento e recordar a história dos antepassados.

[...] as festas são momentos mágicos, alegres, divertidos: mas atrás desse visual está uma comunidade ou um grupo que festeja para lembrar, para marcar, para garantir simbolicamente o vínculo com a pátria de origem. É preciso construir símbolos quando se quer marcar algo na alma das pessoas. (RAMOS, 2016, p.141).

O primeiro passo para a construção de espaços de memória era fazer com que a comunidade compreendesse a importância de documentos e objetos antigos que teriam pertencido aos imigrantes italianos, ou seja, atribuísse valores aos materiais. O objetivo era “recuperar objetos inúteis, jogados no porão ou abandonados no tempo. Salvar das traças e dos ratos os restos de velhas cartas e passaportes antigos, ou papéis rabiscados, recortes de jornais [...]” (SANTIN, 1986, p.20). As festas do Centenário da Imigração Italiana auxiliavam na compreensão do valor cultural desse material, levando em conta que a participação nas atividades<sup>125</sup> comemorativas propiciou um aprendizado sobre a importância da própria origem e da história para a população das comunidades da ex-colônia Silveira Martins. Isso impulsionou a comunidade na preservação de documentos e objetos dos antigos. Aqui, é preciso salientar o papel desempenhado por dois padres na manutenção da memória dessas comunidades. Como foi visto, a Diocese de Santa Maria através de seu representante maior, estava atenta às festas do Centenário, mas outros prelados também se fizeram presentes neste acontecimento: são os padres Luiz

---

<sup>125</sup> Para auxiliar a população nessa compreensão, dois sacerdotes tiveram papel fundamental: padre Luiz Sponchiado e padre Clementino Marcuzzo engajaram-se no estudo e na pesquisa sobre a história da imigração italiana na região na Colônia Silveira Martins. O primeiro pesquisou em arquivos, igrejas, casas de moradores e organizou o Centro de Pesquisas Genealógicas, acervo que ajuda a contar a história das famílias que circularam na região da Colônia Silveira Martins. O segundo pesquisou e recolheu inúmeros objetos e documentos pertencentes aos imigrantes e construiu o Museu da Imigração em Vale Vêneto. Ambos envolveram as comunidades de atuação nos projetos de pesquisa e recolhimento de informações, no conhecimento da própria história da imigração, fortalecendo uma narrativa identitária.

Sponchiado e Clementino Marcuzzo. O primeiro organizou em Nova Palma, o Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) e o segundo recolheu objetos e criou o Museu da Imigração de Vale Vêneto. O trabalho desses dois sacerdotes iniciou uma nova fase para o conhecimento das famílias da região, tanto no que se refere à documentação sobre sua trajetória, quanto ao que diz respeito à organização museológica, onde as lembranças e memórias da imigração e da vida na colônia estão presentes.

As comunidades de São João do Polêsine e Dona Francisca optaram pelo descerramento de placas comemorativas em homenagem às famílias pioneiras da imigração italiana em suas comunidades. Ivorá instalou um museu histórico, na capela reconstruída da localidade de Linha Um. O Vale Vêneto inaugurou o Museu do Imigrante e o Monumento à Polenta. Nova Palma inaugurou o Centro de Pesquisas Genealógicas<sup>126</sup> (CPG) e colocou uma pedra fundamental marcando o local onde foi realizada a primeira missa campal no município (figura n. 9). A comunidade de Novo Treviso inaugurou a Praça do Imigrante e Silveira Martins, o Monumento do Imigrante. A cidade de Faxinal do Soturno construiu em 1975, o monumento do Imigrante, sendo a réplica do navio *Columbus* que trouxe os italianos para o Rio Grande do Sul. A criação de espaços de memória nessas localidades era fundamental para um entrelaçamento com o passado e uma justa homenagem aos imigrantes italianos, sendo “encarados como expressões das mais elevadas necessidades culturais de um povo”. (HUYSSSEN, 2000, p.63). A recordação desse passado se tornava uma necessidade do povo, porque ajudava na construção e manutenção de uma narrativa identitária. Os lugares escolhidos para a instalação de monumentos e placas comemorativas eram espaços simbólicos, com certa representatividade e de alta circulação da comunidade.

Vale lembrar que esse período de festividades foi marcado pela construção de inúmeros monumentos e acervos, que buscaram dar conta da história da imigração italiana na ex-colônia Silveira Martins, como também demonstravam um preito à gratidão aos antepassados. Inspirado em Huyssen (2000)<sup>127</sup>, pode-se dizer que esses eventos

---

<sup>126</sup> O Centro de Pesquisas Genealógicas foi fundado em 1984, em alusão ao Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma. O acervo em parte, coletado por Padre Luiz Sponchiado registrou mais de 50 mil famílias de imigrantes e descendentes que circularam na região da ex-colônia Silveira Martins. Conta com uma biblioteca, uma coleção de VHS, de fitas cassete, dos livros de genealógicas e das caixas de família. O acervo encontra-se em constante interação com a comunidade, que leva informações e documentos em trocas de informações dos antepassados.

<sup>127</sup>O autor ainda refletiu sobre a obsessão memorialistas, apontando que “quanto mais monumentos, mais o passado se torna invisível, mas fácil se torna esquecer: a redenção pelo esquecimento” (HUYSSSEN, 2000, p.44). Isso significa que, o monumento carregaria toda a carga da memória e, com o tempo, ele ficaria invisível diante da própria comunidade que o construiu.

comemorativos tinham uma obsessão pelas origens e pelas epopéias, visando atender necessidades e legitimavam a história e a cultura da imigração italiana, garantindo a origem e a estabilidade do mito fundador.

Destacam-se alguns desses espaços de memória que foram construídos para o Centenário da Imigração Italiana. O primeiro é o projeto arquitetônico do Monumento do Imigrante, na localidade de Val de Buia em Silveira Martins, construído no local onde havia um barracão – uma estalagem precária que recebeu os primeiros imigrantes italianos em 1877, quando se estabeleceram no quarto núcleo colonial do Império. “Foi ali a primeira, tosca e precária casa dos colonos que, vindos do Vêneto, sonhavam em construir na região uma nova Itália” (A RAZÃO, 28 de setembro de 1975, p.36). A construção de um monumento no local onde havia o barracão - que abrigou os primeiros imigrantes – representava marcar o espaço inicial da colonização italiana na região da ex-colônia Silveira Martins.

O projeto foi executado pelos arquitetos Florêncio Della Méa e Sérgio Fayh, mas a construção do monumento foi realizada pela subcomissão dos festejos da Imigração Italiana de Silveira Martins. “O agricultor aposentado, Valentim Aita, de 83 anos, que mora há poucos metros do local, além de ser membro da comissão, foi quem doou o terreno para a construção do monumento”.<sup>128</sup> A doação de um terreno para a construção de um monumento que representava o universo da colonização italiana era sinal de prestígio social e poder na comunidade.

O monumento tinha como proposta homenagear aos imigrantes que migraram para esta região há cem anos como também, de “[...] garantir a origem e a estabilidade bem como a largueza do tempo e do espaço de um mundo que se transformava rapidamente e era vivido como transitório, desenraizador e instável”. (HUYSSSEN, 2000, p.54).

O Monumento do Imigrante foi considerado o marco da chegada dos imigrantes italianos na região da ex-colônia Silveira Martins, sendo o local de instalação inicial em um barracão, mas também o espaço onde teria sido construído em cemitério com as vítimas de uma epidemia. As histórias sobre uma possível disseminação de uma doença, causando a morte de muitos imigrantes, construíram um imaginário sobre as dificuldades enfrentadas nos primeiros tempos da colonização (SPONCHIADO, 1996), (SIMONETTI,

---

<sup>128</sup> Site da Prefeitura de Silveira Martins – RS, disponível em: <<http://silveiramartins.rs.gov.br/2014/05/monumento-do-imigrante-revitalizado-e-cheio-de-historias/>> acesso em 01 de junho de 2015.

2011). Dessa forma, criou-se um universo de sofrimento, dor e superação nesse espaço. No entanto, foram realizadas pesquisas e escavações, mas nada encontraram a respeito dessa mortandade e do possível cemitério, apenas havia resquícios de presença humana no local. Abaixo a imagem do Monumento do Imigrante.

**Figura 12: Monumento do Imigrante (Frente)**



Fonte: <http://blog.casadipaolo.com.br/quarta-colonia-um-passeio-na-historia-da-imigracao-italiana/> <acesso em 20 de setembro de 2019>.

**Figura 13: Monumento do Imigrante - Silveira Martins (foto vista de trás)**



Fonte: <http://esportesul.com/2015/07/17/meia-maratona-subida-da-imigracao-movimenta-a-quarta-colonia-neste-domingo/> <Acesso em 12 de janeiro de 2016>.

A figura 13 mostra uma visão panorâmica do Monumento do Imigrante erguido em Val de Buia, Silveira Martins. O monumento se encontra na beira da estrada que liga Santa Maria a Silveira Martins. À esquerda, há um conjunto de 12 bandeiras que representam os nove municípios da região da ex-colônia Silveira Martins e as bandeiras do Rio Grande do Sul, do Brasil e da Itália. A disposição de bandeiras representava as manifestações de um sentimento de amor e respeito à pátria de origem, de acolhida e de instalação dos imigrantes nos núcleos coloniais.

A descrição do monumento mostra quatro pilares, um detalhe arquitetônico que representava os “pilares da imigração”. O primeiro pilar, em nossa esquerda, tem “um bloco retangular com três metros de altura, onde serão afixados dois painéis de bronze com cenas alusivas ao início da imigração e colonização italiana” (A RAZÃO, 28 de setembro de 1975, p.36). Uma imagem foi fixada e representava o trabalho do pioneiro imigrante na terra em 1877. Simbolizada por um senhor sentado com uma enxada nos braços, olhando para o horizonte, junto com uma criança que segura um livro aberto. A obra para a posterioridade representava a presença do imigrante, o cultivo da terra e a



possibilidade do estudo através das crianças, como herança deixada pelos antepassados aos descendentes.

O outro painel em bronze contém a seguinte mensagem:

No ano em que se comemora o Centenário da Imigração Italiana em Silveira Martins, o povo do 4º distrito ergueu este monumento como homenagem e preito de gratidão aos valores pioneiros peninsulares que aqui acamparam, legando aos descendentes e a história de Santa Maria, o exemplo dos sacrifícios vividos junto ao barracão de Val de Buia, assim como a fé e a esperança na nova pátria brasileira.

Apesar de Silveira Martins ter sido a sede do quarto núcleo de colonização do Estado, a comunidade não havia conquistado a emancipação político-administrativa, sendo ainda distrito do município de Santa Maria e essa condição foi frisada na placa comemorativa. A comunidade se manifestava com respeito aos antepassados, exaltando as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes italianos naquele momento inicial da colonização, na referida região.

O último pilar, “o elemento principal” desse monumento consta de uma cruz de 15 metros de altura, simboliza a fé do imigrante. Esse símbolo religioso foi uma homenagem à memória dos italianos presumivelmente mortos na terrível epidemia que em 1878 assolou o acampamento de Val de Buia. (A RAZÃO, 28 de setembro de 1975, p.36). Os episódios que retratavam as tragédias no percurso da colonização italiana no Rio Grande do Sul e, em específico, na região da ex-colônia Silveira Martins, enfatizavam as adversidades do início da colonização, como uma forma de exaltar a trajetória do imigrante nos núcleos coloniais. Esse foi o típico fato que caiu no imaginário da população local e criou-se uma verdade, hoje duvidosa sobre o incidente.

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana foram momentos importantes de construção de uma memória em torno do processo imigratório e das origens das comunidades que pertenciam à região da ex-colônia Silveira Martins. Para Ramos (2016, p.151), que abordou as comemorações e as construções de monumentos, “podemos pensar o centenário e o monumento comemorativo à efeméride, então, não só como uma parte da comemoração, mas também como um ritual, porque eles são momentos centrais de qualquer liturgia cívica e estão ligados ainda às questões de memória e esquecimento”. Este monumento foi construído em um local simbólico para a imigração italiana na região da ex-colônia Silveira Martins, marcando o espaço onde havia o barracão, o abrigo para os primeiros imigrantes até a instalação dos lotes

coloniais. Além disso, logo após o projeto inicial do monumento, foi construída a estrada geral, constatando-se a alta circulação de pessoas no local. O projeto arquitetônico desta edificação representava elementos importantes que simbolizavam o processo de colonização, como o trabalho e a religiosidade do imigrante.

O museu também é considerado um espaço de memória, construído por indivíduos para guardar objetos e marcar datas que simbolizaram eventos importantes e comuns dentro de uma comunidade, pois “constitui a garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos” (CHOAY, 2001, p.18). Por isso, durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, a comunidade de Vale Vêneto decidiu a criação de um museu para homenagear e preservar a história da imigração italiana. Segundo a Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, os museus são

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento<sup>129</sup>.

O Museu da Imigração Padre João Iop, na imagem abaixo, como foi chamado inicialmente, fundado em 26 de julho em 1975. O senhor Eduardo Marcuzzo foi o responsável pela coleta de utensílios e objetos nas casas das famílias de Vale Vêneto, formando o MIEM. A salvaguarda de objetos e documentos da imigração italiana foi considerada como um ato de tomada de conhecimento e apropriação de uma narrativa sobre a imigração. Com a construção do museu, tinha-se a “preocupação em trazer ao presente a história e relembrar dos nossos antepassados. Com esse propósito é que surgiu o Museu do Imigrante, que é considerado um dos principais acervos histórico e cultural italiano do Rio Grande do Sul” (VIZZOTTO, 2014, p.222). Dessa forma, a construção do acervo, tinha como consequência a tomada de conhecimento de sua história pela população, como também a preocupação em preservar objetos e documentos deixados pelos imigrantes. Isso possibilitava reviver e reconhecer costumes, comportamentos e tradições.

---

<sup>129</sup>Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009

**Figura 14: Museu do Imigrante - Vale Vêneto**



Fonte: Acervo pessoal

O acervo<sup>130</sup> foi constituído pelas doações de objetos e documentos pelo trabalho de padre Clementino Marcuzzo, que recolhia os materiais nas casas das famílias da comunidade de Vale Vêneto, conscientizando a população sobre a importância daquele material. Foi um momento em que a comunidade reconheceu os materiais deixados pelos imigrantes, passando a perceber que eles remetiam a uma memória e a um passado vivenciado pelos antepassados. O museu tornava-se um espaço para reviver as tradições, os costumes e as práticas socioculturais dos italianos.

A riqueza cultural que marcou a vida dos imigrantes teria se perdido, em grande parte, não fosse o gosto em preservá-la liderado pelo Sr. Eduardo Albino Marcuzzo. Este vivenciava com profunda intensidade o gosto da preservação das memórias vindas da Itália. Percorria, recolhia nas famílias, objetos, lembranças e guardava-as para preservar a história. Futuramente reuniu o acervo criando um local para expor esse material (PLACA DE IDENTIFICAÇÃO, MIEM, 2017).

---

<sup>130</sup> O acervo está localizado no centro da comunidade de Vale Vêneto, local de circulação de pessoas que moram e visitam o espaço.

O acervo foi composto por uma diversidade de materiais como fotografias, documentos, livros, utensílios domésticos, móveis antigos, roupas, objetos do trabalho agrícola, objetos sacros pertencentes a celebrações religiosas, entre outros. Em algumas salas de exposição, é possível ver a reconstituição de espaços das residências dos imigrantes italianos, como a cozinha e o quarto da família. O MIEM é mantido pela Associação Vêneta de Vale Vêneto. Tem como missão, a coleta, a pesquisa, o registro, a preservação e a exposição da história dos imigrantes italianos de Vale Vêneto, promovendo e valorizando o patrimônio cultural local. (PLACA DE IDENTIFICAÇÃO, MIEM, 2017).

Outro monumento erguido durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana foi o Monumento do Imigrante, em Faxinal do Soturno. Inaugurado em 1975, a réplica do navio *Columbus* fez alusão à travessia dos imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul.

**Figura 15: Monumento do Imigrante - Faxinal do Soturno**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A travessia oceânica foi uma das passagens da imigração italiana mais lembrada durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, pois representava um momento doloroso, de sentimento de abandono da terra natal e de marcha ao desconhecido. Além de toda a viagem por terra, para chegar até os portos, os imigrantes, ao embarcar nos navios, enfrentavam algumas adversidades como embarcações lotadas, falta de higiene e de alimentos que provocaram doenças e onde proliferavam as epidemias. Essas situações foram expostas, enfatizando a superação das dificuldades enfrentadas pelos italianos. Dessa forma, transformava-se em uma epopéia a travessia do Oceano Atlântico, sendo essa exaltada durante as festividades.

No entanto, os estudos recentes mostraram que a travessia não foi uma experiência homogênea. A documentação analisada por Dilce Corteze (2002, p. 81) apresentou relatos positivos da transferência transatlântica, tendo as “viagens haviam transcorrido bem, sem incidentes, a não ser pelo calor, uma borrasca ou fatos sem maior importância”. Na dissertação de mestrado que desenvolvi, percebeu-se que os Sponchiados tinham um integrante do núcleo familiar trabalhando na distribuição de alimentos do navio e então, a família não passou fome durante a travessia (MANFIO, 2015). Consta-se então que, os estudos recentes demonstraram que, a travessia oceânica foi uma experiência heterogênea. Porém, ganhou evidência uma memória da travessia como sendo uma viagem dolorosa, com percalços e dificuldades. Esses aspectos construíram uma narrativa para o imigrante que se fixou nos núcleos coloniais do Rio Grande do Sul.

Três monumentos com o mesmo nome foram construídos para o Centenário da Imigração Italiana, nas localidades de Silveira Martins, Vale Vêneto e Faxinal do Soturno. As construções evidenciavam as diferentes dinâmicas internas, promovendo festividades da forma que julgavam ser mais oportuna. Além disso, demonstravam o preito de gratidão ao imigrante ao prestar uma homenagem através da edificação de monumentos, mas também expressava a necessidade de recordar um passado, pois estava presente entre eles o medo do esquecimento.

O museu e o monumento são espaços de memória, pois guardam as lembranças de um passado, contribuindo para a manutenção e a preservação da identidade das comunidades que foram ocupadas pelos imigrantes italianos. Eles foram criados com o intuito de não deixar o passado cair no esquecimento. Dessa forma, essas edificações tornam-se um “dispositivo de segurança”, pois se constituíram em espécies de garantia da

preservação da história, de hábitos e de comportamentos, bem como de uma determinada identidade.

### **3.2.5 Concursos de beleza: as rainhas e princesas do Centenário da Imigração Italiana**

As comunidades pertencentes à região da ex-colônia Silveira Martins – Arroio Grande, Silveira Martins e Faxinal do Soturno – promoveram durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, os concursos de beleza para eleger a rainha e as princesas dos festejos. Pode-se definir que, um concurso de beleza é um desfile, no qual mulheres se candidataram para participar, seguindo os critérios dos editais do próprio concurso. O objetivo era “eleger dentre uma série de candidatas aquela que melhor representaria a ideia que tal grupo faz de si, o que tanto produz a imagem de uma coerência interna deste grupo, como o visibiliza perante um público e coletivo externo a este” (LOPES, 2013, p.2). A eleita representaria um grupo e a imagem que esse grupo desejasse transmitir sobre si mesmo.

Nesse caso, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana buscaram eleger a candidata que melhor representava a beleza da mulher descendente de imigrantes italianos, mas a eleita carregaria também a imagem de um grupo étnico. Isso se constituiu em um perfil, no qual a candidata deveria ter forte ligação com o seu grupo étnico. “Sendo relevantes os valores e a ideia mais ampla de rainha, a qual não corresponderia apenas à beleza física” (LOPES, 2013, p.4). Esta representação está calcada na imagem do grupo social que a rainha vai representar.

Através da análise dos jornais<sup>131</sup>, percebeu que a escolha da rainha e das princesas nas comunidades da na região da ex-colônia Silveira Martins foi muito parecida, obedecendo a critérios comuns como, o uso de roupas típicas e a descendência italiana por parte do pai ou mãe. No entanto, vamos expor o concurso que ocorreu na cidade de Santa Maria, com a participação dos antigos núcleos coloniais de Silveira Martins e Arroio Grande nessa escolha da rainha e princesas. Vale ressaltar que, essas duas ultimas

---

<sup>131</sup> Lapuente (2016, p.19) afirmou que, para utilizar os jornais como fonte histórica, o historiador precisa de, “não apenas os elementos do momento histórico que são importantes, mas buscar captar também quais são os subsídios de interesse do próprio jornal. Fazer uma análise de seu discurso é imprescindível, pois o jornalismo, ao selecionar e transmitir a notícia procede a uma manipulação do conhecimento apreendido pelo público leitor.

comunidades pertencia ao município de Santa Maria no período das comemorações do Centenário da Imigração Italiana.

Para participar do concurso que elegeria a Rainha e as Princesas da Imigração Italiana em Santa Maria, as candidatas seguiram determinados critérios: deveriam desfilar com trajes típicos, ter a idade mínima 15 anos completos e serem filhas de descendentes de italianos, por parte de pai ou mãe. Esses eram os critérios divulgados inúmeras vezes pelo jornal *A Razão*, naqueles meses de junho e julho de 1975.

Através do Baile da Imigração Italiana, ocorrido no dia 26 de julho de 1975, no Clube Santamariense, nove candidatas representaram clubes e entidades do município de Santa Maria e concorreram ao título de Rainha. A eleita foi Solange Maria Pilon Fontana, representando o clube recreativo Minuano de Camobi. O perfil da vencedora, destacado no jornal *A Razão*, a descreve como estudante “de comércio no Colégio Santa Maria, gosta de cinema, preferindo como ator Alain Delon. Sobre música disse ser fã de Roberto Carlos, Claudia Barroso e Secos & Molhados.” (*A RAZÃO*, 29 de julho de 1975, p.6). Vale pontuar que, foram apresentadas características sobre os gostos pessoais das candidatas, não sendo verificados os dados que condizem sobre a aparência física como altura, peso, manequim, entre outras. Como primeira princesa a eleita foi Janete Magnago Moro, representante do Clube Santamariense e a segunda princesa Rosecler Ruviano do Clube Caixeiral (*A RAZÃO*, 1975).

Dessa forma, como um evento que fazia parte das comemorações, o concurso da Rainha da Imigração italiana visava eleger uma mulher que representasse os descendentes de italianos como também, fazer uma festa em homenagem aos imigrantes, construindo através da eleita, um sujeito político. Por isso, os concursos de beleza são uma forma de exaltar as qualidades de um grupo étnico e também podem ser considerados como um espaço de construção e difusão de uma identidade, desempenhando um importante papel na identificação de um grupo étnico.

Chamou-se atenção também a escolha da rainha do Centenário da Imigração Italiana ocorrida na cidade de Caxias do Sul – que representava as comemorações oficiais, relacionadas ao Biênio da Colonização e Imigração. Uma manifestação festiva, quando promovida, necessita ser divulgada, para atrair o público para prestigiar o evento, e assim, alcançar o seu sucesso. Pensando nisso, a comissão dos festejos do Centenário da Imigração Italiana promoveu um concurso de beleza, cuja função era de divulgação do evento, em todas as esferas possíveis.

Longe de realizar uma comparação, este concurso se mostrou diferente em vários aspectos como a data da realização do concurso, os critérios de participação e avaliação e, a função da rainha e princesas. Primeiramente, o concurso se realizou no dia 8 de dezembro de 1974, ano anterior as comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Um baile foi promovido para a escolha da Rainha e Princesas do Centenário da Imigração Italiana, o qual teve 21 candidatas da região nordeste do Rio Grande do Sul, disputando o concurso. A proposta de escolher anteriormente a corte significava que a Rainha e Princesas eram responsáveis pela divulgação do evento.

O júri do concurso foi composto por membro da comissão do Biênio, jornalistas, atores e atrizes, diretores de TV e meios de comunicação e pelo Cônsul geral da Itália no Rio Grande do Sul. “As candidatas inicialmente desfilaram uma a uma frente à comissão julgadora e, posteriormente, todas juntas para uma melhor avaliação do júri e em ordem alfabética [...]” (CORREIO RIOGRANDENSE, 1974, p.10). Com o desfile na passarela, havia os seguintes critérios de avaliação, para a escolha da corte do Centenário da Imigração Italiana: as candidatas deviam possuir “conhecimentos gerais de história da imigração italiana no Rio Grande do Sul; ter elegância, jovialidade, simplicidade, desembaraço e outros dotes de ordem pessoal<sup>132</sup>; ter relativa facilidade de expressão e apresentar um físico atraente” (CORREIO RIOGRANDENSE, 1974, p.10). Os critérios para esse concurso visavam o conhecimento da história, aptidões da própria candidata e, principalmente a beleza física feminina – fatores considerados importantes para a divulgação do evento.

A Rainha do Centenário da Imigração Italiana foi Tânia Maria Slongo, de Caxias do Sul, descrita pelo jornal Correio Riograndense com o seguinte perfil: uma “linda loira [...], manequim 42, com 1,70 de altura, olhos verdes, cabelos castanhos claro, com 59 kg, estudante da escola Técnica de Comércio de Caxias do Sul” (CORREIO RIOGRANDENSE, 11 de dezembro de 1974, p.10). As princesas eleitas foram Náira Valenti, de Bento Gonçalves e Rosânia Barreto, de Porto Alegre. É perceptível que esse concurso visava à representante como um símbolo de beleza, sendo ressaltadas pelo jornal as características físicas como altura, peso, manequim, entre outros. O estereótipo belo e atraente da mulher era componente importante na responsabilidade de divulgação e da promoção das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, no Rio Grande do Sul, no Brasil e exterior.

---

<sup>132</sup> Ter dom por algo específico, característica própria da candidata.



**Figura 16: Rainha e Princesas do Centenário da Imigração Italiana**



Fonte: CORREIO RIOGRANDENSE (1974, p. 10).

A corte de um evento festivo, formado por uma rainha e duas princesas, desempenhava o papel de importante na divulgação de um evento. Nesse caso, buscava

[...] divulgar os festejos que assinalarão consignamente o Centenário da Colonização e Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, nos órgãos de divulgação do Brasil, convidando todos os brasileiros a virem ao Rio Grande do Sul, no ano de 1975, a fim de verificarem “in loco” o que eles fizeram para o engrandecimento do Estado e do Brasil (CORREIO RIOGRANDENSE, 1974, p. 10).

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana tiveram como parte dos festejos a escolha de sua Rainha e Princesas. Apesar das diferenças do papel desempenhado pelas rainhas e princesas eleitas na região da ex-colônia Silveira Martins e das representantes oficiais das festividades do Centenário, ambas buscaram retratar as

características do grupo descendente de imigrantes italianos. A eleição de uma representante para um evento étnico significava não apenas exibir a beleza de uma mulher, mas também construir um sujeito político que exaltava e simbolizava as qualidades do grupo de descendentes de italianos. Dessa forma, os concursos para escolha da rainha e princesas as festas do Centenário da Imigração Italiana foram também momentos oportunos de produção de uma narrativa identitária, visando eleger na beleza da mulher descendente de italianos, aquela que melhor representava o grupo étnico.

\*\*\*

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins foram marcadas por diversas manifestações festivas que buscavam exaltar o imigrante através do trabalho, da religiosidade e da união familiar. Essas festividades buscavam mostrar como as comunidades se organizaram visando num momento oportuno, construir outra narrativa sobre o passado da imigração italiana.

Ao analisar as fontes históricas como os jornais, as fotografias, os convites, as programações e os folders, mapearam-se as comunidades e cidades que realizaram festividades para comemorar o Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins. Elas foram: Silveira Martins, Arroio Grande, Val Feltrina, Ivorá, Vale Vêneto, Novo Treviso, Faxinal do Soturno, Val Veronês, Dona Francisca, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine e Santa Maria. Ao apresentar os diferentes espaços em que essas comemorações foram vivenciadas, permitiu-se a compreensão das diferentes dinâmicas internas, as narrativas e os aspectos ressaltados durante os festejos.

Além do mais, foi perceptível a atuação de padres e bispos nos festejos do Centenário da Imigração Italiana. O bispo Dom Ivo Lorscheiter, padre Luiz Sponchiado e padre Clementino Marcuzzo foram exemplos de sacerdotes que desempenharam papel fundamental da organização e na divulgação dessas comemorações. Mais que isso, esteve diretamente envolvido na preservação da história da imigração italiana na região da ex-colônia Silveira Martins, articulando as comunidades na qual atuavam na organização de atividades festivas e desfiles. Isso propiciou que a população fosse construindo e reforçando uma narrativa sobre o próprio passado.

Sobre as comemorações do Centenário na região da ex-colônia Silveira Martins, destacou-se que não houve uma única festa. Cada comunidade realizou sua própria festa,

estabelecendo os próprios critérios de organização e realização. Nesse sentido, foi possível identificar que não houve uma programação oficial que abarcasse todas as festas que aconteceram na região da ex-colônia Silveira Martins. Os programas foram individuais e correspondiam, em sua maioria, às datas de fundação dos antigos núcleos coloniais.

As manifestações festivas escolhidas pelas comunidades para construir uma narrativa identitária sobre o processo migratório auxiliavam na representação do passado. E ainda, destacavam os elementos julgados como característicos dos imigrantes italianos que chegaram a cada um daqueles antigos núcleos de colonização. Para isso, incorporaram as comemorações do Centenário da Imigração Italiana às atividades que já ocorriam nas comunidades. Um exemplo disso foram às celebrações católicas que aconteceram em quase todas as comunidades, lembrando que as festividades do Centenário foram inseridas às festas dos padroeiros. Boa parte dessas missas ainda contava com a presença do Bispo Diocesano Dom Ivo Lorscheiter. Através das manifestações religiosas, demonstrava-se a importância da religiosidade e da fé do imigrante, expressa nesse caso, nos santos que eram cultuados pela comunidade, sendo os mesmos que os imigrantes italianos eram devotos.

Outra manifestação festiva que aconteceu com certa frequência nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana foram os desfiles históricos. As encenações representavam a trajetória dos imigrantes, demonstrando o cotidiano nos primeiros tempos de colonização, endossando os detalhes nas roupas, nos objetos e nos instrumentos de trabalho herdados pelos antepassados. Os cortejos também valorizaram a dedicação ao trabalho do imigrante e a união familiar, a religiosidade e fé, culminando com uma trajetória de sucesso. Dessa forma, os desfiles também se tornaram momentos de construção de uma narrativa identitária sobre o processo migratório italiano na região da ex-colônia Silveira Martins.

Como uma forma de exaltar a vitória do imigrante com o processo migratório, valorizou-se a gastronomia italiana. Representando a união familiar e o trabalho agrícola, as festividades do Centenário da Imigração Italiana ofereceram ao público, almoços e jantares que contemplavam pratos considerados típicos daquele grupo étnico. Esse momento comemorativo simbolizava a fartura e a abundância da mesa do italiano, representando a riqueza adquirida pelo imigrante e descendente. Dessa forma, construiu-se um imaginário positivo e heróico sobre os imigrantes.

Outra manifestação festiva ocorrida durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins foi à construção de espaços de memória, representados por museus, arquivos e monumentos. Esses espaços foram construídos para recordar e guardar memórias relativas ao passado do processo migratório, contribuindo para a manutenção e a preservação da identidade das comunidades que foram colonizadas por imigrantes italianos. Eles são criados com o intuito de não deixar cair no esquecimento o passado e assim, perpetuando uma narrativa identitária. Dessa forma, essas edificações tornam-se uma garantia da preservação da história, de hábitos, dos comportamentos e das tradições dos antepassados.

Por fim, os concursos de beleza também eram manifestações festivas comuns entre as comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Na região da ex-colônia Silveira Martins, eleger a Rainha e as Princesas de um evento representava a passagem dos cem anos do grupo italiano, significava formar um sujeito político capaz de representar um grupo étnico, mas também significava a forma como o grupo queria ser representado.

Essas manifestações festivas, comuns entre os festejos das cidades e comunidades da região da ex-colônia Silveira Martins, expressaram a construção de uma consciência sobre o passado da região. Isso significa que, as comunidades precisavam, primeiramente, conhecer a história, percebendo a importância desse passado que os impulsionava na preservação e, assim, promover as comemorações como forma de construir uma narrativa identitária do e para o grupo.

Percebeu-se que as fontes históricas analisadas que evidenciaram as manifestações festivas, foram produzidas para/pelas festividades do Centenário da Imigração Italiana. Dessa forma, a documentação deixada para a posterioridade mostrava os festejos da forma como eles queriam ser vistos: de forma linear, coerente, a partir de fatos históricos exaltados pelas comunidades.

A seguir, o próximo capítulo da tese, apresenta as aproximações, mas principalmente os distanciamentos das festas de Val Feltrina e de Vale Vêneto em relação às demais festas que ocorreram na região da ex-colônia Silveira Martins.

#### **4. ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMEMORAÇÕES: VAL FELTRINA, VALE VÊNETO E AS FESTAS AO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA**

*Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal (SILVA, 2002, p.432).*

Dentro das comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins, destaca-se neste capítulo, as festividades desenvolvidas em Val Feltrina e no Vale Vêneto, procurando mostrar as aproximações ocorridas, mas principalmente, o distanciamento que estes dois lugares apresentaram em relação às

demais festas que ocorreram na região. A proposta é compreender como em comunidades tão próximas geograficamente, foram organizadas e vivenciadas as comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Isto permitirá, também, compreender as diferentes dinâmicas internas destes eventos festivos. Além disso, os festejos celebrativos escolhidos pela comunidade buscavam recordar o processo migratório dos antepassados, embasados na própria história.

A escolha das festividades de Val Feltrina e do Vale Vêneto está, primeiramente, na forma de comemorar o Centenário da Imigração Italiana. A primeira localidade, Val Feltrina, destacou o trabalho e a produção da uva e do vinho, como também as atividades de lazer que aconteciam tradicionalmente na comunidade local<sup>133</sup>. Já o Vale Vêneto, apostou em na realização de almoços e jantares para demonstrar a fartura e a abundância da mesa italiana. O segundo ponto está no registro das festividades: sobre as festas de Val Feltrina foram encontradas somente três reportagens em jornais do Estado. Já sobre Vale Vêneto, localizou-se inúmeras reportagens que circularam dentro e fora do Rio Grande do Sul. No museu da referida comunidade, existem inúmeras fotografias e objetos que buscam contar como foram as festividades do Centenário da Imigração Italiana na localidade.

Para montar os cenários de ambas as festividades, os jornais foram essenciais para este trabalho, pois as notícias empregam “situações plenas de significação” (SCHWARCZ, 2017, p, 18-19). As reportagens<sup>134</sup> apresentaram os detalhes, as informações e as programações das festividades, sendo publicados nos jornais *A Razão*, *Correio Riograndense* e *Correio do Povo*, ajudando na organização do “quebra-cabeça” de cada festa e, desvendando as diferentes dinâmicas internas dos festejos.

#### 4.1 VAL FELTRINA E A FESTA DA UVA E DO VINHO

Durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, Val Feltrina<sup>135</sup> era distrito de Silveira Martins, que por sua vez pertencia ao município de Santa Maria. A pequena comunidade foi colonizada por imigrantes italianos, e composta por pequenas propriedades, baseadas no trabalho familiar. O jornal *Correio Riograndense* apresentou

---

<sup>133</sup> Vale salientar que, durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana foram valorizadas as experiências das comunidades.

<sup>134</sup> O jornal é um documento significativo para a pesquisa histórica, constituindo-se de uma fonte complexa e completa (SCHWARCZ, 2017).

<sup>135</sup> Atualmente Val Feltrina pertence ao município de Silveira Martins.

um pequeno histórico do lugarejo, afirmando que “as 11 famílias de imigrantes que se estabeleceram naquele profundo desfiladeiro da Serra de São Martinho, distante apenas 6 quilômetros do célebre Barracão de Val de Buia, procediam todos do Feltre, uma comuna do norte de Vêneto, na Itália”<sup>136</sup>. Por isso, o lugarejo que passou a abrigar os imigrantes italianos foi nomeado de Val Feltrina, sendo seus primeiros imigrantes originários do Feltre, do norte do Vêneto.

Val Feltrina foi o primeiro núcleo de colonização da região da ex-colônia Silveira Martins. Em entrevista, V.T explicou sobre a trajetória desses imigrantes, no qual a “[...] primeira leva de imigrantes que vieram para se instalar no barracão de Val de Buia, e eles ficaram no máximo três dias, ta morrendo muita gente e eles se retiraram e pegaram o rio, foram subindo e se instalaram em Val Feltrina” (VT, 2019)<sup>137</sup>. Então, os primeiros imigrantes italianos se instalaram por poucos dias no barracão de Val de Buia, resolvendo retirar-se do local, segundo o entrevistado, devido às mortes que estavam ocorrendo na estalagem. O grupo originário do Feltre, subiu o vale, margeando o rio, instalando-se em Val Feltrina, construindo um acampamento com lençóis brancos<sup>138</sup>, conhecidos por *tinta bianca*<sup>139</sup>. Abaixo, um mapa que demonstra a localização de Val Feltrina, cerca de 4 km de Silveira Martins e 30 km de Santa Maria.

---

<sup>136</sup>Val Feltrina festeja a uva e o vinho. In: *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 17 de março de 1976, p. 19.

<sup>137</sup>Optou-se por usar as iniciais. No início da entrevista, solicitei a permissão para gravar, obtendo a afirmativa. Por opção, não se utilizou autorização por escrito, mas sim, uma autorização oral, concedida pelo entrevistado.

<sup>138</sup> VT (2019) afirmou que, “a *tinta bianca* que falam é em Val Feltrina, é um acampamento com lençol brancos”.

<sup>139</sup> Tradução livre: tinta branca, referente aos lençóis brancos.

**Figura 17: Localização de Val Feltrina**

Fonte: Animaps

O cultivo e a produção de uva na região da ex-colônia Silveira Martins aconteceu desde a chegada dos imigrantes italianos, na qual “a organização produtiva da vitivinicultura constituía-se por diversas unidades produtivas, mantidas pelo colono e sua família com o uso de técnicas artesanais, visando basicamente à reprodução do núcleo colonial” (SILVA, 2008, p.85). No entanto, é válido ressaltar que, a uva e o vinho não tinham destaque econômico na região central, pois a produção era voltada para a subsistência<sup>140</sup>. Como a região era de pequena propriedade, plantava-se em pequena escala, produtos como a soja, o milho e outros cereais.

Val Feltrina<sup>141</sup> tinha uma produção de uva e vinho considerada significativa em comparação aos demais núcleos coloniais da ex-colônia Silveira Martins. A comunidade de imigrantes e descendentes italianos passou a cultivar a uva e a produzir vinho, no qual ficava “uma pequena produção de vinho para o consumo da família e comercialização do excedente” (SILVA, 2008, p.85). Ressalta-se que, diferentemente das primeiras colônias de imigração italiana, nas quais a produção da uva e do vinho é bastante significativa, na

<sup>140</sup> Mas a subsistência garantia algumas práticas e hábitos culturais e sociais do grupo.

<sup>141</sup> Em 1975, o jornal *A Razão* noticiava que na produção de uva e vinho de Val Feltrina “uma parte é vinificada na cantina dos irmãos Torri e outra vendida na Cidade (*A Razão*, Santa Maria, 17 de fevereiro de 1975, p.7. In: Arquivo histórico municipal de Santa Maria).



ex-colônia Silveira Martins, a uva e o vinho se constituem em produtos de subsistência e de pequena comercialização.

A produção relativamente pequena de uvas e vinhos na região da ex-colônia Silveira Martins foi brevemente referida por Zanini & Oliveira (2013, p. 42), quando explicaram que:

A produção de uva, por exemplo, por questões climáticas e de sol, não obteve sucesso na região central do Estado, o que faz com que esta fruta não tenha o peso simbólico que adquiriu na serra gaúcha, onde se converteu em fonte de renda para as famílias de imigrantes e seus descendentes e falar em imigração italiana significava falar de uvas e vinhos.

Val Feltrina, a pequena comunidade de colonização italiana, tinha uma produção relativamente maior do que as demais localidades da região. No entanto, acredita-se que para esta festa do Centenário, a fruta tenha tido um peso simbólico, pois era elemento que historicamente caracterizava a alimentação daquele grupo e, conseqüentemente, havia ali uma relação cultural, certa identidade étnica. Por isso, em nosso entendimento, foi organizada a festa. Ou seja, para divulgação e reconhecimento da produção local.

Para celebrar o imigrante italiano, portanto, a comunidade de Val Feltrina se envolveu na organização de festejos alusivos ao Centenário da Imigração Italiana, comemorando entre os dias 14 a 22 de fevereiro de 1976, a *I Festa da Uva e do Vinho*. O evento tinha como finalidade, a promoção e o desenvolvimento do Vale, pois a região se entendia como esquecida pelas autoridades locais<sup>142</sup>. O jornal *Correio Riograndense* apontou que a população aspirava “a instalação da energia elétrica e o alargamento da estrada que ligava Val de Buia com Val Feltrina”<sup>143</sup>. Considera-se que as comemorações tornaram-se, ainda, momentos em que as pequenas comunidades da ex-colônia Silveira Martins buscaram certa visibilidade e apoio das autoridades municipais em investimentos que visassem o desenvolvimento local. A presença de autoridades públicas salientava que as festas exercem o papel de dinamizadores e promotores de um capital social para as comunidades (ZANINI; SANTOS, 2013). Dessa forma, as festas promovidas pelas pequenas comunidades não eram apenas momentos de exaltação de determinados costumes e hábitos e da construção de uma identidade, mas ao mesmo tempo se tornam

---

<sup>142</sup> Festa da Uva e do Vinho no distrito de Val Feltrina em Santa Maria. In: *Correio do Povo*, fevereiro de 1976, s/p. Caixa: Jornais. Centro de Pesquisas Genealógicas, (CPG) Nova Palma.

<sup>143</sup> Val Feltrina festeja a uva e o vinho. Op. cit.

um ato político, de reivindicação de melhorias. Nesse caso mostravam a riqueza que possuíam e apontavam para a necessidade de investimentos, visando o crescimento local. O cenário no qual foi desenvolvida a festa da uva e do vinho era de uma pequena comunidade rural com relevo montanhoso, como destacou o jornal *Correio Riograndense*<sup>144</sup>. “O vale se estende por mais de 6 quilômetros pelas encostas, todo pontilhado de gigantescos blocos de pedra”<sup>145</sup>. O jornal *A Razão* ainda enfatizou a estrutura organizacional de Val Feltrina, narrando o cenário onde aconteceram as festividades. A pequena comunidade de colonização italiana tinha como centro a Igreja e os espaços físicos de lazer.

O local da festa é um descampado onde há um pavilhão que é a sede da ‘sociedade de Val Feltrina’, que promove a festa todos os anos. Há também uma cancha de bocha, um campo de futebol e o que não pode faltar, uma igreja situada ao lado da cancha de bocha, muito bem cuidada, com uma cruz da madeira e um sino para anunciar a fé <sup>146</sup>.”

A *I Festa da Uva e do Vinho* era uma festa da comunidade e contava com produtos coloniais produzidos pelos moradores de Val Feltrina, valorizando assim a produção local. Entre as mercadorias, estava a “uva, vinho, suco de uva, aguardente, cebola, batatinhas, figo, doces à italiana, pão colonial, “grostoli” e artefatos de palha não faltaram nos estandes colocados à visitação pública” <sup>147</sup>. O cultivo de diferentes produtos coloniais, a produção da uva, do vinho e da aguardente, por exemplo, foram elementos que demonstravam a união familiar na produção agrícola da pequena propriedade de descendentes de italianos. “A questão do trabalho e da fartura de alguns alimentos se tornaram signos ritualizados da identificação e integração nas festividades [...] nas localidades coloniais” (VENDRAME, 2018, p.282). Dessa forma, os eventos festivos eram marcados pela dedicação ao trabalho e pela união familiar, auxiliando na construção de uma narrativa identitária do grupo e utilizando-se também de características próprias da comunidade.

A feira foi organizada para a exposição e venda de produtos coloniais e artesanais que estavam colocadas em tendas decoradas “com motivos italianos que estarão dispostos

<sup>144</sup> O correspondente das notícias sobre a região da Colônia Silveira Martins era o padre Clementino Marcuzzo.

<sup>145</sup> Val Feltrina festeja a uva e o vinho. In: *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 17 de março de 1976, p. 19.

<sup>146</sup> Quatro mil pessoas na Festa da Uva em Val-Feltrina. In: *A Razão*, Santa Maria, 17 de fevereiro de 1975, p.7. In: Arquivo histórico municipal de Santa Maria.

<sup>147</sup> Val Feltrina festeja a uva e o vinho. Op. cit

ao longo da estrada e, principalmente nos núcleos do Vale. As tendas venderão vinho doce com *grostoli*, café colonial, uva, vinho e aguardente que tem produção em larga escala pelos moradores”<sup>148</sup>. Cada família tinha por responsabilidade uma tenda, na qual tanto os adultos como as crianças auxiliavam no atendimento dos visitantes. Dessa forma, a festa de Val Feltrina valorizava a união familiar no trabalho agrícola e na comercialização dos produtos produzidos na pequena propriedade. Esses fatores tornavam-se elementos que marcavam a identidade desse grupo étnico.

O trabalho relacionado à colheita da uva e à produção de vinho estimulava a comunidade a organizar eventos para divulgar sua cultura e produção, que era denominada por aquilo que produzia as tradições alimentares e religiosas que possuía, e pelas atividades de lazer da comunidade. Com isso, estipulou-se que a festa teve a “presença de mais de 30 mil visitantes não só dos municípios vizinhos, como dos Estados de Santa Catarina e Paraná.”<sup>149</sup> O jornal *Correio Riograndense* destacou em sua publicação os fatores positivos da festa, apontando o sucesso da mesma através da presença de inúmeros visitantes, de diversas cidades e estados<sup>150</sup>.

Levando em conta os interesses da comunidade, a festa tinha como objetivo a valorização da cultura local e a divulgação dos produtos que eram produzidos em Val Feltrina. De acordo com o jornal *Correio Riograndense*<sup>151</sup>, “a grande maioria dos visitantes ignorava a existência do Vale com sua produção de uva e vinho. Calcula-se que tenham sido vendidos mais de 200 toneladas de uva tipo Isabela<sup>152</sup> e 20 mil litros de vinho seco e doce”<sup>153</sup>. Dessa maneira, a festa era um momento de divulgação da comunidade e também de exposição da produção agrícola e artesanal. Para a comunidade

<sup>148</sup>Feira da Uva e do Vinho no distrito de Val Feltrina em Santa Maria. In: *Correio do Povo*, fevereiro de 1976, s/p. Caixa: Jornais. Centro de Pesquisas Genealógicas, (CPG), Nova Palma.

<sup>149</sup>Val Feltrina festeja a uva e o vinho. In: *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 17 de março de 1976, p. 19.

<sup>150</sup>Cavalcanti (1998, p.2), abordou que as festas populares “atraem, encantam e integram participantes e admiradores. Envolvem ricos e pobres; brancos, mulatos caboclos e pretos; distintas origens étnicas; sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam a face da coletividade que se superpõe a essas diferenças”.

<sup>151</sup>Lembrando-se que, as notícias sobre Val Feltrina no jornal *Correio Riograndense* eram divulgadas por quem tinha conhecimento da região: padre Marcuzzo era o correspondente e quis dar visibilidade à comunidade.

<sup>152</sup>A uva tipo Isabella, “variedade cultivada na região principalmente em função da sua resistência às pragas, não era a espécie de uva ideal para a produção de vinhos de melhor qualidade”. Na região nordeste do Estado, as autoridades colocaram a disposição dos produtores de vinho outros tipos de viníferas. “Estas modificações, contudo, não foram bem aceitas pelos colonos que temiam o cultivo de variedades de uva que pudessem não se ambientar à região ou apresentar pragas desconhecidas”. Dessa forma, a primeira festa da Uva em Caxias do Sul foi uma “tentativa de convencer aos colonos que outras variedades viníferas poderiam ser cultivadas com sucesso na região” (ZANINI; SANTOS, 2013, p.3-4).

<sup>153</sup>Val Feltrina festeja a uva e o vinho. In: *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 17 de março de 1976, p. 19. (AHCM).

que promoveu o evento festivo, esse foi um ato de conhecimento da história local e de divulgação dessa cultura e da riqueza produzida na localidade, no qual foram apresentados os elementos que caracterizam este espaço - a uva e o vinho que provêm do trabalho e da dedicação do grupo familiar.

Seguindo a programação da *I Festa da Uva e do Vinho*, uma das atrações foi o Festival de coros italianos. Já mencionamos no capítulo anterior, a preocupação das comunidades de origem italiana na recuperação das canções em dialeto italiano. Para Santin (1986, p. 71), existiu um “esforço de recuperar os falares dialetais nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana”, sendo percebido através da retomada das canções italianas. Neste dia aconteceu a “celebração de uma missa na Capela de São Victor, no local do evento, que contou com a presença da réplica da imagem da ‘Madonna Della Salute’”<sup>154</sup>. A presença de celebrações religiosas durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana indicava para a importância das atividades sócio-religiosas na vida da população que residia na região da ex-colônia Silveira Martins desde a sua fundação.

No ano seguinte, em 18 de fevereiro de 1977, voltou a ocorrer a *Festa da Uva e do Vinho*, em sua segunda edição<sup>155</sup>. No entanto, estava inserida dentro da programação das Comemorações do Centenário da Imigração Italiana de Silveira Martins<sup>156</sup>, local sede da antiga colônia. Neste lugar, os festejos iniciaram em 1975, mas foram estendidas até 1977, ano que celebrava a passagem dos cem anos da fundação do núcleo colonial.

É válido ressaltar outra vez que, as festas do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins foram construídas quase sempre a partir de práticas sociais e culturais que já eram desempenhadas nas comunidades como também foram

---

<sup>154</sup> Val Feltrina festeja a uva e o vinho. *Op.Cit.*

<sup>155</sup> Um ano de festas para comemorar o Centenário de Silveira Martins. In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 de novembro de 1976, p.15. (CPG).

<sup>156</sup> As comemorações do Centenário da Imigração Italiana na localidade de Silveira Martins ocorridas em 1977 tiveram início em janeiro e se estenderam até novembro. A abertura das festividades aconteceu com um baile no Clube Silveira Martins. No mês de janeiro ainda ocorreu jogos de futebol e o baile do chope do Centenário no clube Silveira Martins. No mês de fevereiro inaugurou-se oficialmente a segunda edição da feira da Uva e do Vinho, juntamente com a Feira da Batatinha. No mês de maio, aconteceram importantes manifestações festivas como a coroação da Rainha do Centenário no Baile do Centenário da Imigração e colonização Italiana; inaugurou-se a estrada do Imigrante e também o Monumento do Imigrante em Val de Buia, com missa campal presidida pelo Bispo Dom Ivo Lorscheiter. Ainda nesse mês aconteceu um desfile histórico representando o processo migratório italiano. Em junho, deu-se a Festa de Santo Antônio, padroeiro de Silveira Martins. No mês de julho aconteceu a II Festa da Batatinha, com exposição da indústria, do comércio e da agricultura. No mês de agosto ocorreu outro baile, em alusão ao aniversário do Clube Silveira Martins. Em novembro, com o encerramento das festividades alusivas, se deu a Romaria do Santuário de Nossa Senhora da Saúde e um campeonato estadual de bocha (CORREIO DO POVO, 28 de novembro de 1977, p. 15). (CPG).

desenvolvidos rituais comemorativos especialmente para este evento festivo. Isso significa que, as festas alusivas ao Centenário eram caracterizadas tanto por elementos sociais e culturais da própria comunidade que se transformaram ao longo do tempo, quanto por novos rituais. A festa realizada em alusão ao Centenário da Imigração Italiana em Val Feltrina, como já evidenciamos, já ocorria na localidade em anos anteriores, primeiramente em forma de torneios de futebol e depois, em forma de festa.

As festas do Centenário da Imigração Italiana, por seu turno, construíram narrativas étnicas com adoção de características em parte dos antepassados, mas também com elementos novos, que eram próprios das comunidades. Por exemplo, a primeira organização de festa que aconteceu em Val Feltrina teria sido fevereiro de 1975, conciliando a exposição da uva e derivados, com almoço festivo e torneio de futebol - sendo essas atividades a marca do evento. De acordo com o jornal *A Razão*, de 17 de fevereiro de 1975, “enquanto em Caxias do Sul acontece a festa da Uva e em Bento a Festa do vinho, ambas com uma imensa estrutura montada em função do turismo, no 4<sup>a</sup> distrito de Santa Maria, em Val Feltrina, domingo foi realizada uma espécie de ‘Festa da Uva em miniatura’”. O jornal, além de anunciar a festa, ainda fez comparação com a festa da Uva e do Vinho que ocorria na região de colonização italiana, no nordeste do Estado. Em uma análise crítica, constatou que, mesmo numa localidade de pequenas proporções e com pouca estrutura, havia uma produção voltada para a viticultura e se realizava uma festa para expor e vender os produtos que a comunidade produzia.

A festa da uva e do vinho em Val Feltrina, dessa forma, vinha ao encontro dos interesses da própria comunidade, acontecendo nos meses da colheita da uva e durante um torneio de futebol de várzea que ocorria no mês de fevereiro. “Nos anos anteriores, - explica Seu Virgílio Torri, dono da única cantina do lugar e proprietário de alguns hectares de terra, era apenas um torneio de uva, depois o pessoal começou a chamar de festa, porque foi ficando maior”<sup>157</sup>. O depoimento de Virgílio ao jornal expõe que a festa foi ganhando o público e, por isso o evento teria outras edições.

A festividade que envolvia o trabalho e o lazer do morador de Val Feltrina era composta por “churrasco e dos jogos no estilo de quermesse, [mas] a grande atração da festa foi um torneio de futebol que reuniu mais de trinta equipes de várzea tendo os jogos se estendido até o entardecer”<sup>158</sup>. Através da festa da comunidade trazia para a cena

---

<sup>157</sup>Quatro mil pessoas na Festa da Uva em Val-Feltrina. In: *A Razão*, Santa Maria, 17 de fevereiro de 1975, p.7. In: Arquivo histórico municipal de Santa Maria.

<sup>158</sup>Quatro mil pessoas na Festa da Uva em Val-Feltrina. *Op. Cit.*

formas de sociabilidade dos imigrantes e descendentes de italianos entre as quais figuravam as festas religiosas, as missas, a bodega, os jogos de mora e bocha (ZANINI, 2008). No entanto, essa comemoração retratava num primeiro plano, as práticas de lazer e do trabalho familiar, em detrimento das atividades religiosas daquele grupo, relacionando-a com as demais festividades do Centenário da Imigração italiana que ocorreram na região da ex-colônia Silveira Martins.

Essa festa ocorrida em Val Feltrina demonstrou a falta de organização dos festeiros. A comissão organizadora não esperava o grande número de pessoas que acabaram comparecendo no evento. Para V.T (2019), a festa “foi àquela primeira e bastante grande ta, que ela ficou tão grande que foi perdido o controle dela. Porque o órgão de imprensa local, principalmente de Santa Maria, deu como um grande evento, tipo festa da uva de Caxias né, mas só que o lugar não comportava tanta gente”. Para o entrevistado, a ampla divulgação da festa na imprensa local, ocasionou a atração de um grande público à comunidade, que não estava preparada para receber tantos participantes.

Apesar da festa ter sido organizada com antecedência, a organização festiva não esperava tanto público. De acordo com V.T (2019) “o lugar não comporta, não tem espaço físico e nem gente suficiente para encarar uma festa de uva a nível de Estado. Então, deu muitos problemas, problema de administração da festa, porque não tem tanta gente para trabalhar[...]”. A comunidade inteira estava envolvida na organização desse evento, mesmo assim, faltaram pessoas para trabalhar, pois a festividade recebeu mais pessoas que o esperado.

O entrevistado deu detalhes da forma como a comunidade se organizou para receber o público na Festa da Uva. Como a comunidade era composta por pequenos núcleos familiares, “cada família, que todas as famílias eram produtores rurais de uva e de vinho fizeram sua barraca, digamos sim, de demonstração de produtos e vendiam uva” (VT, 2019). Algo muito próximo com o que houve depois nos anos seguintes. O objetivo era apresentar ao público presente a produção de uvas e vinhos, bem como de outros produtos produzidos na pequena propriedade. No almoço, foi oferecido o churrasco, ficando sob a responsabilidade da comissão da comunidade de Silveira Martins. VT explicou que, mesmo

[...] em contrariedade do povo de Val Feltrina, ficou decidido que a parte de churrasco pra coletividade de Silveira Martins, ah, que isso serviria para angariar dinheiro para a construção do monumento em Val de Buia. Foi a colaboração de Val Feltrina que todas as coletividades participaram em

dinheiro e ajuda. Como Val Feltrina não tinha pessoas, não tinha gente para trabalhar no monumento e nem dinheiro para ajudar acabaram cedendo a parte do churrasco para a comissão de Silveira Martins para a construção do monumento de Val de Buia.

Mesmo sendo contrária - essa posição foi frisada -, e sabendo que havia poucas pessoas para trabalhar, a comunidade de Val Feltrina acabou cedendo a parte da realização do churrasco para a comissão de Silveira Martins. Essa ação seria a colaboração da localidade para a construção do Monumento do Imigrante em Val de Buia. Percebeu-se assim, a preocupação das comunidades em realizar doações para a construção de um monumento, em Val de Buia.

No entanto, segundo o jornal, “três vacas, dez ovelhas e centenas de quilos de salada não foram suficientes para as quatro mil pessoas que se reuniram na festa. Segundo Seu Virgílio, ‘houve problemas de organização, pois não se esperava tanta gente’”<sup>159</sup>. O problema, além da possível falta de comida, foi na administração e na condução da festa. Sendo possível identificar através de depoimentos orais, pois as fontes jornalísticas trataram a festa como um sucesso. Naquele ano de 1975, o jornal *A Razão* apontou que “para os responsáveis pela festa, foi um marco inicial das grandes festas da uva que serão realizadas nos próximos anos”<sup>160</sup>. Como a memória trabalha com as recordações, os esquecimentos e as confusões, sendo “a memória seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 203). Para o entrevistado, depois da desorganização dessa festa, a comunidade não quis realizar essa festividade, que era a “primeira festa da uva e do vinho”<sup>161</sup>. Passaram-se “dois ou três anos que não teve mais”<sup>162</sup> a festa. Percebeu que, depois da Festa da Uva de 1975, teve duas edições, em 1976 e 1977, ficando a festa suspensa, provavelmente pelos motivos já expostos aqui, retomando a partir dos anos 2000, com outro perfil.

Conforme o jornal *A Razão*, a proposta de evento foi bem sucedida, apesar dos problemas de organização da festa da Uva de Val Feltrina. Até então, a fonte, o jornal apresentava o festejo relatando a sua versão dos fatos. Pontuaram-se festas lineares, coerentes, com exaltação de fatos e heróis históricos, praticamente sem nenhum percalço ou imprevisto que pudesse comprometer a festa. Nesta, foi mencionado um problema que ocorreu na organização do evento, mas que rapidamente foi superado, pois a proposta da

<sup>159</sup>Quatro mil pessoas na Festa da Uva em Val-Feltrina. *Op. Cit.*

<sup>160</sup>Quatro mil pessoas na Festa da Uva em Val-Feltrina. *Op. Cit.*

<sup>161</sup>Depoimento de VT, 2019.

<sup>162</sup>Depoimento de VT, 2019.

festa teria sido um sucesso. No entanto, vale ressaltar que, a falta de comida constatada na festa gerava um sentimento de vergonha em comunidades rurais de colonização italiana. Ceretta (2017), ao estudar as representações sociais nas festas de padroeiros na região central do Rio Grande do Sul, ressaltou que, havia preocupação por parte dos organizadores e cozinheiros para que não faltasse comida durante a festa. Para Caroline Ceretta (2017, p.150), ao recolher depoimentos de moradores das comunidades, percebeu que havia preocupação com os alimentos servidos, pois

[...] o sabor da comida e a fama de ser uma festa de fartura e bem servida, que a destacava das outras festas da Quarta Colônia, pois nunca houve falta de sopa de *agnolini*, *risoto* ou bife à milanesa durante a festa. Isso também justificava alguns dos desafetos que aconteciam entre os participantes, receosos de não acertar a quantidade de alimentos para servir os visitantes.

Constatou-se que, a falta de comida gerava constrangimento da comunidade organizadora da festa e com os participantes. A possível carência de pratos que estariam no cardápio da festa poderia alterar a fama da festa de origem italiana, modificando características importantes da cultura local, como a mesa farta, bem servida por um grupo considerado hospitaleiro. O fato de escassez de comida durante uma festa poderia gerar conflitos e tensões entre os organizadores da comunidade festeira. Ceretta (2017) também abordou os conflitos existentes durante a Festa do Anjo da Guarda, na comunidade de Santos Anjos, em Faxinal do Soturno. As tensões eram comuns, motivados, devido a

[...] quantidade de alimentos preparados, do ‘ponto’ das bolachas, das preocupações com os cortes dos bifes à milanesa, dos envios de convites para a participação das pessoas nos preparativos e das diferentes opiniões dos colaboradores a respeito do sabor dos alimentos. No entanto, presenciou-se que no momento em que discutiam, rapidamente invocavam a presença do Anjo da Guarda, pedindo em volta que refletissem a respeito das tensões (CERETTA, 2017, p.149).

A autora explorou os conflitos ocorridos entre os organizadores aconteciam durante os preparativos da festa, que eram provocados pela preocupação em servir uma mesa farta, com produtos de qualidade para manter a fama das festas produzidas pela comunidade. No entanto, eram desavenças resolvidas ali mesmo, durante os preparativos do festejo. Uma festividade bem sucedida era motivo de prestígio social e orgulho para toda a localidade.

Em Val Feltrina, houve sérios problemas na organização, causados, principalmente, pela falta de pessoas para trabalhar e para controlar em um evento que trouxe quatro mil pessoas a comunidade. VT (2019) explicou que, “[...] como não tinha



tanto controle e a população é muito ligeira, ah, muita gente se serviu sem pagar. Em tudo que é setor<sup>163</sup>. Então, não tinha pessoas, não tinha controle suficiente para fazer aquele nível de festa”. Uma comunidade inteira trabalhando na organização de uma festa não foi suficiente para administrar e controlar o evento. Esses problemas foram percebidos, principalmente, pela comunidade que preparou a festa.

Houve esforço na continuação, ocorrendo duas edições da Festa da Uva e do Vinho, nos anos de 1976 e 1977. Sendo que em 1977, ela estava inserida dentro das comemorações de Silveira Martins, provavelmente em outro formato. No entanto, logo após as primeiras edições, a festa foi encerrada. Para esse fato, acredita-se que, o desgosto e a frustração gerados através dos problemas que aconteceram na comunidade com a má organização da festividade de 1975, tenha sido fundamental para o encerramento da Festa da Uva. Isso foi percebido através de uma entrevista realizada com uma das pessoas que participou da comissão organizadora do evento.

[...] só que aquilo foi para mim, não foi uma experiência muito boa não. Porque o esforço foi tão grande, o esperado na imprensa, a notícia foi até que boa, mas é, tem muita família que ficou meio frustrada, porque botaram muito trabalho, porque botaram o dinheiro deles também para que a festa acontecesse [...]

A festa não teve lucro e sim, prejuízos financeiros, acarretando frustração nas famílias da comunidade que promoveram a festa da Uva. Dessa forma, o que era para ser um evento festivo, de comemoração, acabou se tornando um problema para as famílias que auxiliaram na organização do evento.

Somente nos anos 2000, a festa da uva foi retomada em forma de festival, com parceria de organização da Prefeitura Municipal de Silveira Martins. O evento ocorre nos meses de janeiro e/ou fevereiro, com a organização do Festival da Uva e das águas, surgiu frente aos interesses da comunidade, em valorizar a vitivinicultura.

A promoção desta festa na atualidade é resultado de uma proposta de planejamento para o desenvolvimento do turismo rural no município, uma alternativa aos meios de produção convencionais, como indústria ou agricultura. O festival contempla duas localidades de Silveira Martins – que teriam sido escolhidas por possuírem potencialidade para o desenvolvimento desta proposta –, a Linha Val Feltrina e a Linha Val de Buia. Há nessas localidades vinícolas e balneários, o que faz delas pontos estratégicos para o desenvolvimento de ações desse cunho e sugerindo também o nome do festival (CHIAMULERA, 2010, p.100).

---

<sup>163</sup> Os setores eram referidos pela cozinha, cuca, bebidas, por exemplo. Haviam de uma a duas pessoas a cada setor. Se pensando em números, é pouco para uma festa que recebeu mais de 4 mil pessoas.

O Festival da Uva e das Águas foi reestruturado e tem o objetivo de desenvolver e alavancar a produção de uva e de vinho de alta qualidade, já que Val Feltrina era a maior produtora de uva e derivados na região central do Estado, retomando um evento que já ocorria na comunidade. Também, busca-se a valorização do espaço físico, impulsionando o turismo, enaltecendo as águas, através de rios, córregos e cachoeiras e assim, o reconhecimento da cultura local.

Constatou-se que, uma das primeiras festas organizadas em homenagem aos imigrantes italianos foi em Val Feltrina – local onde se instaláramos os primeiros imigrantes italianos originários do Feltre. A festa marcava a produção de uva e dos vinhos locais, como também o tradicional torneio de futebol que acontecia todos os anos. As festas envolviam toda a comunidade, exigindo dedicação, trabalho e organização. Por isso, nem sempre as festas ocorriam da forma como as comunidades planejavam, ocorrendo imprevistos e deixando a sensação de insatisfação quanto o evento comemorativo.

#### 4.2 VALE VÊNETO E A MAIOR POLENTA DA HISTÓRIA

Vale Vêneto, localizada no centro do Rio Grande do Sul, atualmente é distrito do município de São João do Polêsine. A comunidade foi fundada como um dos núcleos de colonização da Colônia Silveira Martins no ano de 1878, com a chegada do imigrante Paulo Bortoluzzi e seu grupo familiar, que “era composto por um total de trinta pessoas, além de outros parentes, vizinhos e conhecidos das comunas próximas de Piavon [na Itália], formando um agregado de duzentos indivíduos” (VENDRAME, 2014, p. 172). O mapa abaixo mostra a localização do distrito.

Figura 18: Localização de Vale Vêneto



Fonte: <http://www.valeveneto.net/Como-Chegar>. <acesso em 21 de setembro de 2019>.

Os imigrantes italianos que chegaram ao Vale Vêneto eram oriundos da região do Vêneto na Itália. Diversos grupos familiares e indivíduos se instalaram no local, sendo alguns deles liderados pelo imigrante Paulo Bortoluzzi<sup>164</sup>. Segundo Vendrame (2013, p.127),

[...] o imigrante Paulo Bortoluzzi adquiriu diversos lotes de terras coloniais no local onde seria fundado o povoado do Vale Vêneto. Posteriormente, em 1886, vendeu pequenas dimensões destas propriedades aos padres palotinos, convidados a se estabelecer na comunidade. Também realizou empréstimos financeiros aos sacerdotes. A fim de garantir a independência e progresso da comunidade, concedeu casa para a instalação das irmãs do Sagrado Coração de Maria, em 1892.

De acordo com Vendrame (2014), tais iniciativas do imigrante Paulo Bortoluzzi tinham como finalidade promover a autonomia e o progresso de Vale Vêneto. Em 1887, chegaram os *padres palotinos* à comunidade e, no ano de 1892, instalaram-se as irmãs do

<sup>164</sup> Sobre Paulo Bortoluzzi, ver mais em: VENDRAME (2007), (2013).

Sagrado Coração de Maria. Com a presença destas congregações, o povoado tornava-se um importante centro religioso dentro da colônia.

A atuação de Paulo Bortoluzzi na região do Vale Vêneto foi de “principal líder entre os conterrâneos, empenhando-se em garantir a formação de uma estrutura autônoma para a comunidade do Vale Vêneto” (VENDRAME, 2013, p.167). Com a instalação das famílias, construiu no local uma casa de comércio e um moinho. Além disso, ele representou as famílias do local, agindo como mediador em negociações para trazer padres à região, bem como tinha envolvimento no mercado de terras.

A constituição do Vale Vêneto exemplifica a questão da relação direta existente entre o ambiente de origem e o de adoção, uma vez que as famílias se organizaram a partir dos laços que uniam indivíduos que já se conheciam. Nesse sentido, a investigação do prolongamento dessas relações auxilia a compreender os comportamentos particulares e as normas que orientavam a vida nas novas comunidades. Os vínculos ativados nos núcleos coloniais são guias para se entender alguns dos princípios que proporcionaram o surgimento de configurações sociais sólidas (VENDRAME, 2013, p.167).

Através de um breve histórico de Vale Vêneto, percebeu-se que a comunidade foi marcada pela colonização italiana, tornando-se um importante centro religioso na antiga colônia. Na passagem dos cem anos da fundação, a população local organizou uma comemoração. A festa era pensada aqui “como aquilo que ela é, uma forma de discurso, uma maneira de significar, uma forma de produzir, distribuir, fazer circular e se apropriar de sentidos”. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 146). Foi por estar atribuída de significados, que produziu-se uma festividade com missas católicas, inauguração de museu e monumento, benção do bispo, presença de autoridades locais e apresentou-se também uma gastronomia farta, buscando reavivar a cultura local.

#### 4.2.1 “Uma polenta linda e boa como a Itália e grande como o coração de gringo”<sup>165</sup>

Logo ao entrar no recém reformado<sup>166</sup> prédio do Museu Italiano Eduardo Marcuzzo, na comunidade de Vale Vêneto, o visitante fica diante da enorme tábua de 3 metros de diâmetro e 9 metros de circunferência nela foi servida a “maior polenta da

<sup>165</sup> Uma polenta linda e boa como a Itália e grande como o coração de gringo. In: *A Razão*. Santa Maria, 11 de julho de 1976, p.10.

<sup>166</sup> O Museu passou por reformas e foi reinaugurado em 2017.

história”, durante o Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto, em 1975. Além da tábua, a panela usada para fazer a polenta e a forma em formato de V são utensílios que compõem o acervo. Para o historiador que estuda as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, o museu é um importante instrumento de pesquisa histórica, mas também um espaço de construção de memória e de identidade de um povo<sup>167</sup>.

**Figura 19: Utensílios utilizados na festa do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto**



**Fonte:** Museu Italiano Eduardo Marcuzzo, 2017.

Os objetos acima expostos fizeram parte das comemorações do Centenário da Imigração Italiana ocorridas em Vale Vêneto em 1975. Sobre a festa, o jornal *A Razão* noticiou que, “Vale Vêneto prepara-se com grande entusiasmo para festejar a Imigração Italiana. Região de predominância italiana fará com que atraia pessoas da redondeza.”<sup>168</sup>.

<sup>167</sup>De acordo com Sabina Loriga (2009, p. 27), o trabalho do historiador é “desempenhar realmente um papel crítico fundado na equidade em relação à memória; o conhecimento histórico deve renunciar a se erigir como saber absoluto”.

<sup>168</sup>Vale Vêneto quer fazer a maior polenta: 4 metros. In: Jornal *A Razão*, Santa Maria, julho de 1975.

Verificou-se, diante do conteúdo deste material jornalístico<sup>169</sup>, que a festa foi bastante divulgada pelo jornal, sendo publicado o convite da festa por vários dias até a realização da mesma. A região tinha como maioria, os descendentes de imigrantes italianos, sugerindo que eles predominavam no local. Mas havia outras etnias que também habitavam aquele espaço<sup>170</sup>. Além disso, acreditavam que, por ser uma região onde sobressaíram os italianos, esse fator atrairia outros indivíduos à festa da imigração italiana, devido à propaganda em torno da gastronomia e à fartura da festa<sup>171</sup>.

Outro ponto que o jornal destacou foi a geografia do lugarejo, com um relevo declivoso e coberto por matas, mas chamou a atenção pela proximidade com o município de Santa Maria<sup>172</sup>. “A escolha do lugar, Vale Vêneto, não poderia ser mais acertada: um lugar pitoresco encravado entre as montanhas, onde depois de se percorrer apenas 40 quilômetros em um bom asfalto, a gente encontra aquela alegria de viver do italiano”<sup>173</sup>. Percebeu-se que existiu a difusão de uma propaganda acentuada para convidar a população santamariense para as festividades do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto. A interação do grupo étnico com o outro grupo tinha como intuito mostrar a cultura italiana naquele espaço, valorizando a identidade daquele povo.

Pensando nas interações entre grupos étnicos com outros, Barth (2000, p.34), definiu que “[...] se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com os outros, disso decorre a existência de critérios para determinação do pertencimento ou exclusão”. Então, o contato social de grupos étnicos se tornava importante no que implicava a manutenção de fronteiras étnicas - para Barth (2000), foi a definição de grupo, canalizando a vida social e uma organização complexa do comportamento e das relações sociais, - que criou critérios para uma noção de pertencimento.

No intuito de compreender o significado que a festa do Centenário em Vale Vêneto tentou (re) produzir, buscou-se o aporte teórico em Albuquerque (2011, p. 146),

---

<sup>169</sup> A análise sobre a fonte jornalística segue inspirado no trabalho de Lilia Schwarcz (2017, p. 18-19), aponta que “as notícias, os fatos selecionados serão entendidos e recuperados, então, não enquanto situações que ‘realmente’ aconteceram e cuja veracidade irá comprovar, mas antes enquanto situações plenas de significação, sendo nesse sentido mais relevante aprender como se produziram, difundiram e repercutiram às vezes diversas interpretações de um mesmo fato do que buscar uma concepção única, onde se operaria uma síntese empobrecedora das diferentes visões”. Nesse sentido, buscou compreender como as notícias foram produzidas e divulgadas.

<sup>170</sup> Há uma lista de colonos brasileiros que se estabeleceram na ex-colônia Silveira Martins.

<sup>171</sup> A fartura da mesa italiana significava o sucesso sobre as dificuldades enfrentadas pela colonização (BENEDUZZI, 2016).

<sup>172</sup> Este foi o cenário das comemorações do Centenário em Vale Vêneto: no meio rural, entre os montes e vales, sendo um dos momentos de festejo, a inauguração de luminárias de mercúrio, marcando a chegada da energia elétrica em lugares públicos.

<sup>173</sup> Jornal *A Razão*, 11 de julho de 1975, p.10.

que “aborda o festejar como um momento de instauração de diferenças, de criação e simulação do novo, mesmo a pretexto de encenar o idêntico e o semelhante”. Nesse sentido, buscava-se ressaltar as características da cultura italiana como também, canalizar a manutenção de fronteiras étnicas de Vale Vêneto diante do outro. Para assinalar uma identidade, evidenciaram-se as formas de festejar o Centenário de Vale Vêneto, através da alimentação, da missa católica, da inauguração de acervo com objetos da colonização, com o canto, entre outros aspectos daquela cultura.

A festa de abertura oficial dos festejos do Centenário da Imigração e Colonização Italiana em Vale Vêneto ocorreu na noite de 26 de julho de 1975, embora dia 25 de julho fosse a data mais indicada, por ser o “Dia do Colono”. Segundo o jornal *A Razão*, “o dia 26 acabara ganhando a preferência, uma vez que o sábado permite reunir um número ainda mais expressivo de pessoas nessa homenagem ao colono imigrante”<sup>174</sup>. Havia a preocupação de que muitas pessoas conseguissem participar deste ato festivo que estava sendo preparado não apenas para os descendentes de imigrantes italianos e sim, para a população em geral. Isso ficou claro nas reportagens do jornal *A Razão*, que frisavam a curta distância entre Vale Vêneto e a cidade de Santa Maria, como vemos no seguinte trecho: “[...] segure o seu ingresso firme e vá lá que a distância é curta, apenas 40 quilômetros asfaltados de Santa Maria<sup>175</sup>.” Nesse sentido, o jornal difundia a ideia de convite e proximidade do evento. Constata-se também que a festa não era apenas para a comunidade e sim, para o público em geral, destacando a interação entre o grupo que promovia a festa e o outro, visitante, sendo que este contato permitiu, também, estabelecer a noção de pertencimento e das diferenças culturais.

A interação entre os grupos em um momento festivo provoca a manutenção de fronteiras étnicas, através das diferenças entre cada grupo. Segundo Barth (2000, p.35), “a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas a existência e sinais de identificação, mas também uma estruturação das interações que permita a persistência de diferenças culturais”. Dessa forma, a interação entre os grupos de diferentes culturas não reduz as diferenças entre si, mas permite que elas permaneçam.

Além do mais, a festa também tem um caráter lucrativo, no sentido de atração do público para ir à festividade para comprar e consumir os produtos produzidos pelos

---

<sup>174</sup>Uma polenta linda e boa como a Itália e grande como o coração de gringo. In: *A Razão*. Santa Maria, 11 de julho de 1976, p.10.

<sup>175</sup>Muito vinho e polenta na Festa de Vale Vêneto. In: *Jornal A Razão*, Santa Maria, 25 de julho de 1975, p.3.

descendentes de italianos. Por esse ponto de vista, Albuquerque (2011, p. 145) afirma que as festas são investimentos realizados, “[...] tanto pelas elites destas comunidades, como pelos diversos grupos sociais que participam da festa, investimentos de sentidos, de significados, de desejos e expectativas tanto no passado, como no presente”. Nesse sentido, era consumido o produto e a simbologia que ele trazia consigo.

Então, no dia 26 de julho de 1975, aconteceu a seguinte programação de abertura dos festejos do Centenário da Imigração e Colonização Italiana em Vale Vêneto: segundo o jornal *A Razão*, às 17 horas foi inaugurada as luminárias de mercúrio nas principais ruas, possibilitando o funcionamento noturno da comunidade, representando assim, o desenvolvimento e o progresso local. Às 18 horas celebrou-se uma missa em ação de graças, marcando a presença do Bispo Dom Ivo Lorscheiter e da Igreja católica nas festividades da imigração e colonização italiana. Para Matta (1986, p. 55), “os rituais partem de igrejas e locais sagrados, pretendendo ordenar o mundo de acordo com os valores que são ali articulados com os mais básicos”. A igreja que esteve presente no processo migratório, desde a saída da Itália até a instalação nos lotes coloniais, nas festividades colocou-se a frente não apenas como um preito de gratidão aos imigrantes, mas também como uma maneira de impor seus valores à comunidade.

Neste dia, ocorreu a inauguração do Museu do Imigrante Padre João Iop<sup>176</sup>, às 19 horas e 30 minutos, contando com as presenças de Pe. Jorge Albino Zanchi e os imigrantes italianos Ângelo Marime e Cesar Pivetta. Construído como marco do Centenário da Imigração Italiana, é considerado o maior acervo sobre a história da imigração italiana no Rio Grande do Sul, contendo mais de três mil peças doadas pela comunidade. Este movimento de doação garantia a preservação dos materiais e objetos, mas também da memória, da identidade e da história da imigração. Por isso,

[...] esses materiais passaram a integrar os acervos particulares ou lugares especialmente reservados para sua guarda, sob a proteção da coletividade e, dispostos a partir de certos critérios de classificação que ao mesmo tempo, foram construindo os parâmetros para essa seleção e atribuição de valor a esse arranjo (SILVA, 2006, p.26).

Além disso, a criação de museus em momentos festivos significava um momento cívico, de construção da história, no qual eram eleitos elementos para recordar um

---

<sup>176</sup>Atualmente esse acervo foi reinaugurado após três anos fechado, devido à insegurança do prédio. Recebeu também outro nome, Museu Eduardo Marcuzzo, devido à iniciativa de seu fundador. É mantido pela Associação Vêneto, de Vale Vêneto.



passado (CATROGA, 2005). Sendo o acervo, um espaço de recordações (e neste caso, no Museu Eduardo Marcuzzo) prevaleceu o predomínio da memória e do poder de um grupo étnico nos seus costumes, tradições, na vida social, cultural e econômica. Nesse sentido, “a tendência para a celebração da memória do poder é [que se torna] responsável pela constituição de acervos [...]” (CHAGAS, 2009, p.63). O ato de comemorar provocou uma explosão de espaços de memória, como museus, arquivos e monumentos, pois era um momento em que havia necessidade de construção da história e da memória da imigração italiana, elegendo elementos que provocassem a recordação.

**Figura 20: Momento de inauguração do Museu**



**Fonte:** Acervo do MIEM, 2018.

Mas, de acordo com o jornal *A Razão*, “o que estava chamando mais atenção em Vale Vêneto, sábado, era o jantar às 20 horas, com o cardápio próprio dos italianos”<sup>177</sup>. Percebeu-se também, nesta comunidade, que os alimentos que constituíram o jantar na comunidade eram considerados típicos italianos, trazidos pelos imigrantes e adaptados conforme a disponibilidade do que havia na região, embora houvesse também a

---

<sup>177</sup>Muito vinho e polenta na festa de Vale Vêneto. In: jornal *A Razão*, Santa Maria, 25 de julho de 1975, p.7.

incorporação de alimentos do lugar. Os alimentos “podem se transformar em marcadores identitários, apropriados e utilizados pelo grupo como sinais diacríticos, símbolos de uma identidade reivindicada” (MACIEL, 2005, p. 50). Dessa forma, a alimentação se transformava na atração festiva de Vale Vêneto e ainda marcava a identidade étnica daquele grupo.

O cardápio do jantar ofereceu “aperitivo, sopa de agnoline, radicci temperada com toucinho, fortaia com salame, queijo colonial, risoto com gordas galinhas, carne de galinha ‘lessa’, vinho de colônia puro e, antes que se fale em sobremesa (grostoli), é claro que não faltará a polenta ...”<sup>178</sup>. Esses alimentos foram produzidos na comunidade colonial, sendo considerados típicos dos imigrantes, como uma seleção de sinais adscritivos étnicos (BARTH, 2000). A comida também era uma construção que se transformava, pois se adaptava e inseria no cardápio outros alimentos encontrados disponíveis naquele espaço. Dessa forma, o que foi servido ao público remetia à simbologia de uma alimentação abundante, provinda do trabalho agrícola na produção de grãos e da dedicação do imigrante e de sua família, transformando-o em fartura à mesa.

A mesa farta foi um indicativo de prosperidade e sucesso do projeto migratório. Significava a superação das dificuldades, através do trabalho agrícola desempenhado pelo imigrante e sua família. Logo, a fartura foi destaque no jornal *O Radar*<sup>179</sup> ao mencionar a quantidade de comida que sobra após a refeição festiva.

A fartura foi grande. Terminada a janta, fomos verificar na cozinha, onde labutavam 60 cozinheiras, e ficamos sabendo que haviam sobrado 100 quilos de salame, 30 dúzias de ovos, um panelão de risoto, 20 quilos de queijo colonial, 20 galinhas assadas. O que sofreu maior assalto foi o vinho, em parte devido ao frio daquela noite”. (Em ‘Vale Vêneto a maior polenta da História’. In: *O Radar*, 16 de agosto de 1975, p.16).

Houve um apelo à fartura e à abundância de alimentos nas propagandas do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto<sup>180</sup>. Isso construiu uma imagem heróica do imigrante, que remetia, por sua vez, à sua fuga da miséria<sup>181</sup> ao migrar para o Brasil e que, apesar das adversidades, conseguiu prosperar através do seu trabalho diário com o

<sup>178</sup>Uma polenta linda e boa como a Itália e grande como o coração de gringo. In: *A Razão*. Santa Maria, 11 de julho de 1976, p.10

<sup>179</sup>Vale mencionar que, esse jornal tinha como editor responsável o Padre Clementino Marcuzzo.

<sup>180</sup>Zanini; Oliveira (2008) também aponta a fartura como um elemento indicativo de prosperidade e como elementos centrais em propagandas de festas de imigrantes e descendentes de italianos.

<sup>181</sup>Os imigrantes já estabelecidos no sul do Brasil enviavam cartas aos que permaneciam na Itália, informando os familiares sobre a disponibilidade de trabalho e sobre a abundância de alimentos que se encontravam em terras brasileiras (VENDRAME, 2018).

grupo familiar. Para Zanini (2007, p.168), “a comida transformou-se num elemento fundamental que transformou aqueles camponeses pobres e que comiam muito mal na Europa em colonos italianos proprietários que, na América, comiam com fartura e qualidade”. Através do momento festivo encontra-se também o momento oportuno para ritualizar a prosperidade alcançada “e o desejo de perpetuá-la” (ZANINI; OLIVEIRA, 2008, p.268). Com isso, a festividade tornava-se um meio de preservação dos hábitos, costumes e comportamentos alimentares, demonstrando o sucesso da trajetória imigrante e descendente.

Além do mais, acima o jornal *O Radar* mencionou um número de 60 cozinheiras que produziram o jantar que marcou a abertura dos festejos do Centenário da Imigração Italiana na localidade. A fotografia abaixo, que compõem o acervo do Museu Eduardo Marcuzzo, destacou a panela onde foi feita a “maior polenta da História”, pelo trabalho de mulheres que era filhas de imigrantes italianos.

**Figura 21: As mulheres que produziram a polenta em Vale Vêneto**



Fonte: Acervo do Museu Eduardo Marcuzzo

Destacam-se dois pontos sobre o preparo dos alimentos. Primeiramente, o fato de a cozinha ser um espaço onde a mulher italiana predominou e onde foram produzidos pratos típicos da cultura italiana, provavelmente passados de geração em geração. Além do mais, os alimentos produzidos na festividade de Vale Vêneto foram elaborados pelas filhas dos imigrantes que colonizaram o local, logo, este fator dava legitimidade ao prato e tudo o que era preparado na cozinha.

Um dos pratos que recebeu mais destaque foi a polenta. A comunidade de Vale Vêneto preparou um fondal<sup>182</sup> com 3 metros de diâmetro e 9 metros de circunferência para receber “[...] ‘a maior polenta da história’, que será cortada com um fio de linha como nos velhos tempos pela mais idosa dona de casa italiana que se fizer presente, tipicamente vestida”<sup>183</sup>. Antes de a polenta ser distribuída e consumida pelo público, recebeu ainda a benção do Bispo Dom Ivo Lorscheiter. Percebeu-se que essa gigantesca polenta foi envolta em um universo simbólico, propondo comportamentos que remetem a um passado histórico. Através da preocupação da organização do evento com cortar a polenta com um fio de linha e, esse procedimento ter sido realizada por uma senhora idosa com traje italiano, remete a uma tradição do passado da imigração italiana. O corte com o fio de linha, a benção do bispo, a mulher mais idosa tornava-se símbolos que legitimavam a tradição durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana.

Na imagem abaixo, podemos ver o momento em que o casal mais idoso de Vale Vêneto, João Rorato (87 anos) e Virginia Rorato (85 anos) cortou a polenta com o fio de linha, conforme a tradição. Dona Virgínia encontra-se mais próxima da polenta, já realizando o corte. Identificamos também, João Rorato, idoso com óculos, na parte esquerda da imagem, ao lado de Dom Ivo Lorscheiter, bispo diocesano que efetuou a benção do alimento.

---

<sup>182</sup> Tabuleiro que recebe a polenta.

<sup>183</sup> Uma polenta linda e boa como a Itália e grande como o coração de gringo. In: *A Razão*. Santa Maria, 11 de julho de 1976, p.10

**Figura 22: O casal mais antigo cortando a polenta com fio de linha**



Fonte: acervo do MIEM, de 26 de julho de 1975.

A noção de tradição inventada foi estudada por Eric Hobsbawm (1997, p.9). O autor compreendeu por tradição inventada o “conjunto de práticas normalmente reguladas por regra tácita ou abertamente aceitas; [...] de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com o passado”. Dentro da festividade do Centenário da Imigração Italiana, pode-se considerar a ideia de tradição inventada, pois diante da polenta, construiu-se um cenário simbólico, houve um ritual tanto na forma como deveria ser cortada, por quem deveria ser contada e ainda, a benção do alimento pelo bispo.

Abaixo, uma imagem da “maior polenta da história”, reproduzida pelo jornal *O Radar*, em 16 de agosto de 1975<sup>184</sup>.

---

<sup>184</sup>*O Radar*, de Faxinal do Soturno, de 16 de agosto de 1975, p.16. Arquivo da Prefeitura de Faxinal do Soturno.

**Figura 23: Festa de Vale Vêneto**



Fonte: *O Radar*, 1975, p.16

A fotografia contextualiza umas das poucas imagens reproduzidas da festa do Centenário da Imigração Italiana ocorrida na localidade de Vale Vêneto, que circularam pelos jornais. A “maior polenta da história”, representada na parte inferior da imagem, possuía em torno de 9 metros de circunferência, demonstrou a fartura da mesa e da festa dos imigrantes e descendentes de italianos. Nessa imagem ainda foi possível identificar o grupo de pessoas, entre homens e mulheres, sendo que parte dos indivíduos está com garrafas nas mãos (alguns garrafões provavelmente de vinho e outras garrafas menores), erguendo-as para cima, no sentido de celebrar a vitória – daqueles imigrantes italianos que chegaram até Vale Vêneto e ali construíram suas vidas<sup>185</sup>. Este era um momento de celebração do passado, mas também do presente, das conquistas dos imigrantes e dos descendentes. O vinho representava um dos prazeres que surgiam como uma recompensa pelos sacrifícios vivenciados (BENEDUZZI, 2016).

<sup>185</sup> Para analisar esta fotografia, utilizou-se como método a análise histórica-semiótica, inspirada em Ana Maria Mauad (1996), que apresentou a “fotografia como uma mensagem que se elabora através do tempo, tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento, tanto como testemunho direto quanto como testemunho indireto do passado” (MAUAD, 1996, p.1).

Na parte superior da imagem, logo acima do grupo, é possível observar uma taquara ou galho de árvore com salames pendurados. Acima dos salames, encontra-se o seguinte letrero em italiano: “*Aqua fa male e El vino fa cantare*”, traduzido para o português, significa: água faz mal e vinho faz cantar. A frase foi sugerida como “a receita para o povo ficar alegre”<sup>186</sup>, pode ser identificada também como os elos entre o sagrado e o profano das festividades do Centenário da Imigração. No sentido que, o sagrado se refere aos elementos da Igreja Católica que estavam presentes no festejo como a missa, a bênção do Bispo; e o profano, através do excesso de bebidas alcoólicas, como o vinho, que poderia causar manifestações pouco cristãs diante das normas de conduta da Igreja, bem como da comunidade local. Então, a festa pode relevar, ainda, os códigos de conduta e regras de moralidade de um grupo social, pois ela era um acontecimento que rompia com o cotidiano, sendo um momento único na vida social (ALBUQUERQUE, 2011).

Ainda em 1975, “estreitando sempre os laços da pátria-mãe, a Itália e mais particularmente, da província de Vêneto, com a pátria de adoção, o cardeal de Veneza, Dom Albino Luciani<sup>187</sup>, [...] visitou, no dia 11 de novembro, dez núcleos coloniais de imigração italiana”<sup>188</sup>, da região da ex-colônia Silveira Martins. Os antigos núcleos visitados pelo cardeal foram Arroio Grande, Val de Buia, Silveira Martins, Ivorá, Nova Palma, Faxinal do Soturno, Novo Treviso, São João do Polêsine, Ribeirão, Vale Vêneto.

A caravana que trazia o cardeal chegou ao final daquela tarde. “O grande sino dobrava festivo, anunciando a chegada do Patriarca”. Foi conduzido à Igreja, onde foi apresentando ao sacerdote local e ao povo. “O cardeal falou em dialeto vênето, deu a bênção ao povo e, no fim, cantou-se com todo o povo o canto do imigrante [...]”<sup>189</sup>. Dom Luciani foi levado para conhecer o Museu do Imigrante e também jantou na comunidade. Esse momento se mostrava importante, pois durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, as entidades e autoridades buscavam manter relações sociais com o estrangeiro. No caso, a vinda do cardeal italiano estreitava as relações da Igreja Católica com a colônia, relacionando-a com a fé e a religiosidade dos imigrantes italianos.

Mas o jornal *A Razão*, anunciava que “para aqueles que dia 26 de julho lá não puderem estar é bom adiantar desde já que as comemorações vão até 1978, quando Vale

<sup>186</sup>Em Vale Vêneto a maior polenta da História. In: Jornal *O Radar*, de Faxinal do Soturno, de 16 de agosto de 1975, p.16. Arquivo da Prefeitura de Faxinal do Soturno.

<sup>187</sup> Dom Lucianni tornou-se o Papa João Paulo I em 26 de agosto de 1978. Morreu 33 dias depois e assumir o cargo.

<sup>188</sup> Patriarca de Veneza visita dez núcleos de imigração italiana. In: *O Radar*, novembro de 1975, p.4-5.

<sup>189</sup>Patriarca de Veneza visita dez núcleos de imigração italiana. *Op Cit.*

Vêneto festejará o centenário da sua colônia italiana “<sup>190</sup>. Como uma característica das festividades do Centenário na região da ex-colônia Silveira Martins, os festejos foram iniciados em 1975, mas foram estendidas até o ano de fundação de cada núcleo colonial. No caso de Vale Vêneto, estendeu-se até 1978.

Este ano [1978] está acontecendo muita cantoria, almoço, cuca, ‘grostoli’, vinho e, naturalmente, celebrações religiosas. As festas do centenário, que iniciaram em maio, irão até o fim de outubro. Vão continuar possivelmente, a cada domingo seguinte, porque Vale Vêneto é o que é<sup>191</sup> (RAINHA, set/78, p.37-38).

Percebeu-se que os atos festivos foram eleitos para dar continuidade às comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto foram muito próximos aos que ocorreram na abertura dos festejos: utilizaram-se do canto, da alimentação e de celebrações religiosas. Os três itens criaram a imagem do imigrante como alegre, religioso e que produzia boa comida, “identificado invariavelmente pelos traços de um homem trabalhador, afeito a iniciativas rudes e corajosas, capaz de enfrentar situações de grande adversidade (SANTIN, 1986, p.64).

É importante salientar que houve repercussão da festa fora do Rio Grande do Sul. A noite com a ‘maior polenta da história’ alcançou a imprensa da cidade do Rio de Janeiro. O *Jornal do Brasil* publicou a seguinte notícia sobre as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto em 1975. O *Jornal do Brasil* destacou “Uma polenta com 9 metros de circunferência, cozida e assada na chapa e servida sobre um tablado especial, é o prato de destaque do “jantar dos gringos” <sup>192</sup> ocorrido na noite de 26 de julho de 1975. O material jornalístico publicou ainda sobre a tradição envolta no corte e na distribuição do alimento. “Para seguir a tradição, a volumosa polenta será cortada com fio de linha pela dona de casa mais idosa que comparecer ao jantar em trajes típicos” <sup>193</sup>. O jornal ainda divulgou toda a programação que ocorreria naquela noite.

<sup>190</sup>Uma polenta linda e boa como a Itália e grande como o coração de gringo. In: *A Razão*. Santa Maria, 11 de julho de 1976, p.10.

<sup>191</sup> Mas o que chama a atenção no trecho acima da revista é o seu posicionamento em relação à comunidade, pois “Vale Vêneto é o que é”. Houve uma exaltação da revista Rainha ao Vale Vêneto, definida na própria reportagem como aquela que “conserva muito viva a tradição, dialeto, usos, costumes e, principalmente a religiosidade deixada pelos antepassados” (RAINHA, set/78, p.37). Por isso, é importante ressaltar que, essa posição da revista está relacionada a sua própria fundação, ocorrida em Vale Vêneto, local onde se instalaram os Padres Palotinos e as Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

<sup>192</sup>Jantar com polenta gigante no Vale Vêneto marcará 100 anos da Imigração Italiana. In: *Jornal do Brasil*: Rio de Janeiro, 26 de julho de 1975, p.20.

<sup>193</sup> Jantar com polenta gigante no Vale Vêneto marcará 100 anos da Imigração Italiana. In: *Jornal do Brasil*: Rio de Janeiro, 26 de julho de 1975, p.20.



Com a extensão das festividades do Centenário da Imigração Italiana, os 98 anos de fundação de Vale Vêneto foram marcados pelo *II Jantar à Italiana*, chamada de Festa do Presunto. O jornal *O Radar* anunciava que “o cardápio será farto, com comida típica”<sup>194</sup>. De acordo com o jornal *Correio do Povo*, o cardápio para aquele jantar era composto de sopa de agnoline, queijo colonial, polenta, salame, fortaia, pão colonial, vinho, entre outros. No entanto, “a grande atração da noite são os 3 presuntos de grandes proporções, um deles medindo quase dois metros”<sup>195</sup>. Abaixo, ilustram-se os três presuntos que foram produzidos para o II Jantar à Italiana de Vale Vêneto.

**Figura 24: Festa do Presunto**



Fonte: Acervo do MIEM, 2018.

<sup>194</sup> Jantar à Italiana. In; *O Radar*, outubro de 1976, Faxinal do Soturno, p.12. Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG).

<sup>195</sup> Jantar à Italiana. In; *O Radar*, outubro de 1976, Faxinal do Soturno, p.12. Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG).

A proposta do jantar era prestar uma homenagem aos imigrantes italianos que tinham o hábito alimentar de comer presunto. O presunto cru feito a partir da cura da carne de porco. Os fabricantes dos presuntos gigantes eram Nelson e Inês Rorato<sup>196</sup> (na fotografia acima). Dois dos presuntos foram devorados durante o jantar e o terceiro foi vendido para o senhor Inácio Trevisan, ao custo de 3 mil cruzeiros (MIEM, 2018). Durante a noite, foram “dados 98 tiros de canhão, comemorando os 98 anos de fundação de Vale Vêneto” e ainda, uma banda de imigrantes alegrou a todos que se faziam presentes naquela noite. Também aqui percebemos que, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana buscaram valorizar a produção local e as características que eram próprias da comunidade de Vale Vêneto.

Outra comemoração que teve repercussão fora do Estado foi a noite das cucas gigantes em forma de V. No ano de 1977, o jornal *O Fluminense*<sup>197</sup> destacou a presença do Dom Arnold Onisto, bispo da cidade de Vicenza no Rio Grande do Sul “para participar do início das comemorações do ano do Centenário da Imigração Italiana na região de Val de Buia”<sup>198</sup>. Esteve primeiro em Silveira Martins onde rezou uma missa, deslocando-se depois para Vale Vêneto. “Dom Arnold vai inaugurar as novas instalações do Museu do Imigrante”<sup>199</sup>. O jornal ainda destacou o almoço tradicional italiano que seria servido, “mas a grande atração é a cuca em forma de ‘v’ com três metros de comprimento”<sup>200</sup>. O jornal apresentou todas as atividades daquele dia de festejo.

---

<sup>196</sup> Seu Nelson e Dona Inês Rorato eram os maiores produtores de suínos do município de Faxinal do Soturno. Nesse período, Vale Vêneto pertencia a esse município.

<sup>197</sup> Apesar de Dom Arnold chegar ao Rio Grande do Sul para a participação dos festejos do Centenário da Imigração Italiana na Colônia Silveira Martins, a chamada da reportagem diz respeito à sucessão do trono papal, com a possibilidade do sucessor ser o presidente da CNBB, o Bispo D. Lorscheider.

<sup>198</sup> D. Ivo Lorscheider, cotado para suceder o papa. In: *O Fluminense*. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1977, p.9.

<sup>199</sup>D. Ivo Lorscheider, cotado para suceder o papa. *OpCit*;

<sup>200</sup>D. Ivo Lorscheider, cotado para suceder o papa. *OpCit*;

**Figura 25: Cucas e cuqueiras de Vale Vêneto**



Fonte: Acervo do MIEM, 2018.

O envolvimento com as festividades do Centenário da Imigração foi tão grande que a comunidade teve suas festas anunciadas por jornais de fora do Estado. Além disso, percebeu-se que, as festas que ocorriam em Vale Vêneto buscaram destacar alguns dos pratos considerados típicos da culinária colonial italiana. A fotografia acima representava as cucas italianas, denominados como um pão doce com farofa de açúcar em cima. Foram produzidas pelas cuqueiras Maria Marin, Adélia Giacomini, Verginia Londero, Olga e Romeu Iop para o evento ocorrido em 17 de julho de 1977. O seu formato em V representava as iniciais da comunidade de Vale Vêneto, mas também (e sempre) a fartura e a abundância da mesa italiana.<sup>201</sup>

Na noite de 19 de novembro de 1977, no Clube da Sace de Vale Vêneto aconteceram o jantar e o Baile da escolha da Rainha e Princesas do Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto. Concorreram ao título, nove meninas entre 14 a 18

<sup>201</sup>Como já frisou Zanini (2008, p.153), a alimentação “era sempre um elemento adscritivo importante e apontado como diferenciador”.

anos. É provável que, além dos trajes típicos que as candidatas deveriam vestir para concorrer ao título de Rainha, ser descendente de imigrantes italianos também era um dos critérios para a participação no concurso, sendo parecida com os critérios de escolha da candidata a Rainha da Imigração de Santa Maria: “as candidatas desfilarão em trajes típicos, deverão ter idade mínima de 15 anos completos e serem filhas de descendentes de pais italianos”<sup>202</sup>.

Para a realização do primeiro concurso ocorrido em Vale Vêneto, o júri era composto pelas seguintes pessoas: Gaspar Miotto (jornal *Expresso*), Julio Monteiro (jornal *A Razão*), Valdomiro Aita (empresário), Clarice (Rainha de Santa Maria), Margarete Cattani (Rainha de Silveira Martins), Marli InesReffatti (Rainha de Faxinal do Soturno). As escolhidas para representar as comemorações do Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto foram: Janice Sartori, eleita a Rainha. A jovem Salete Marchesan foi escolhida a 1ª Princesa e; Nilza Mari, a 2ª Princesa. Com as eleitas, a noite seguiu com o baile até as 3horas da madrugada, que alegrou os que estavam presentes (RAINHA E PRINCESAS DO CENTENÁRIO DE VALE VÊNETO, MIEM, 2018).

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto iniciaram em 1975 e foram estendidas até o ano de 1978, ano da passagem do Centenário da fundação do núcleo colonial do vale. Estes festejos mostraram-se muito intensos, com diversos tipos de comemorações. Iniciaram-se em 25 de maio de 1978, com a festa de Corpus Christi. A revista Rainha registrou algumas das atividades neste dia, como também ocorreu uma procissão solene com a eucaristia, percorrendo as ruas da comunidade “a sob o troar dos tiros de canhão e o badalar do sino<sup>203</sup> da matriz. Ao meio dia foi servido o tradicional almoço à italiana“ (RAINHA, set/78, p.49). A revista estimou o comparecimento de, em torno de três mil pessoas, procedentes daquela região colonial.

No mês seguinte, dia 18 de junho de 1978, aconteceu a Primeira Grande Festa do Galeto. A revista atribuiu essa festa a Vale Vêneto, por ser esta localidade a maior produtora de aves da região, com uma produção de 50 mil mensais (RAINHA, 1978). Além disso, celebrou-se - através da alimentação - o trabalho, reconhecendo o esforço e a dedicação desses descendentes de imigrantes. Lembrando que a “comida serve para

---

<sup>202</sup>Baile da Imigração. Jornal *A Razão*, Santa Maria, 16 de julho de 1975, p.7.

<sup>203</sup> Para Santin (1986, p. 9), o sino é um elemento importante da vida do imigrante, pois “significava viver e reviver, reacender as esperanças e sentir-se em comunhão com todos, mas acima de tudo significava a quebra do silêncio e da solidão tão assustadores e massacradores”. O badalar dos sinos e os tiros de canhão eram considerados atos celebrativos.

identificar, reconhecer [...]” (MACIEL, 2005, p.53) a cultura de um povo. As festas queriam preservar a cultura dos antepassados, mas também buscavam valorizar as atividades e práticas sócio-culturais e econômicas que caracterizavam as comunidades de descendentes de italianos.

É provável que, muitas dessas festividades já ocorressem na comunidade e foram incorporadas as festividades do Centenário da Imigração Italiana. Por exemplo, o Baile Municipal do Colono, ocorrido no dia 22 de julho, contou com a presença das Rainhas e Princesas da Imigração Italiana. No dia 30 de julho, realizou-se uma missa e após ocorreu a inauguração do calçamento da vila e da Praça Antônio Vernier e de outra sala do Museu do Imigrante. No dia 13 de agosto aconteceu a Festa do Centenário das Vocações. Percebeu-se que partes desses atos festivos ocorriam com regularidade na comunidade (como a missa e o baile) e, a este momento foram introduzidos outros elementos alusivos para marcar o Centenário da Imigração Italiana, buscando criar um vínculo da comunidade com o passado e o presente. Por isso, “ao recordar - através do evento festivo - os momentos que marcaram a trajetória da comunidade, está se recuperando aquela experiência com algo coletivo que atravessa as diferentes temporalidades e vai sendo continuamente presentificado” (BENEDUZI, 2016, p.109).

Para o mês de setembro, foi programado o Grande Torneio do Centenário, com “a participação de 100 clubes de futebol, de vários municípios vizinhos. Dia 24 de setembro é o dia da Grande Carreirada do Centenário” (RAINHA, 1978, p.49). Constataram-se dois eventos esportivos que foram importantes para o desenvolvimento humano e união dos grupos, expressando que a festa é um espaço de lazer e diversão. Além disso, os dois eventos têm o adjetivo “grande”, referindo-se à grandiosidade do evento, não apenas em números, mas também na sua importância social e cultural para a comunidade.

Como uma necessidade de construir símbolos para marcar a memória da comunidade no dia 28 de outubro de 1978, inaugurou-se o Monumento do Imigrante na Praça Antônio Vernier, construída para este fim, em Vale Vêneto. Na ocasião da inauguração do monumento, disparou-se “100 tiros de canhão, simbolizando os 100 anos de fundação” (RAINHA, 1978, p.50), como um ato de celebração. Depois foi servido um almoço à italiana e houve disputas de bocha e jogo de mora.

A obra foi realizada para homenagear o imigrante, mas também para preservar sua arte culinária, “como primitivo alimento depois da caça, símbolo da gastronomia e marco histórico dedicado àqueles que povoaram Vale Vêneto (VIZZOTTO, 2014, p.186).

Abaixo, a imagem do Monumento do Imigrante, constituído de três hastes, formando um triângulo; na base que está unida há uma corrente que segura uma panela de ferro - utensílio onde era preparada a polenta.

**Figura 26: Monumento do Imigrante - Vale Vêneto**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A construção de um monumento pode estar ligada à perpetuação de um passado, fazendo com que os indivíduos de uma sociedade relembrem e também façam as outras gerações recordarem e preservarem os acontecimentos, os hábitos, as tradições, os rituais e os comportamentos. Além disso, uma edificação atua de forma direta na manutenção da identidade de um grupo étnico, como um marco de memória (CHOAY, 2001). Mas, também, o monumento pode estar ligado às práticas sócio-culturais e às características que são próprias da comunidade.

Os monumentos também pode ser um preito de gratidão. A placa que se encontra ao lado do Monumento do Imigrante afirmou que “seu povo rende justas homenagens aos bravos pioneiros imigrantes que da região do Vêneto (Itália) vieram povoar este pitoresco

vale”. Para Ramos (2013, p.268) que realizou estudos sobre a construção de monumentos em momentos festivos, a explicação para esse fato está na “gratidão pela contribuição dos imigrantes aos diferentes setores da vida rural/urbana da região, assim como a homenagem [oficial ou não] feita nas datas simbólicas da chegada desses grupos ou no aniversário das cidades que os acolheram”. A inauguração do Monumento do Imigrante em Vale Vêneto representava o agradecimento da população aos antepassados imigrantes, mas simbolizava um dos atos alimentares que ainda se fazia presente na mesa do descendente.

A imagem a seguir nos dá uma dimensão sobre a festa de encerramento do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto. A população às margens na via pública, na lateral da Igreja de Corpus Christi, na espera do desfile histórico. Na parte superior esquerda da imagem, é possível identificar a Praça Antônio Venier, o Monumento do Imigrante e um aglomerado de pessoas. A fotografia deu a visibilidade da quantidade de pessoas que participaram desse festejo.

**Figura 27: Vista panorâmica do Vale Vêneto, 1978**



Fonte: acervo do MIEM, 2018.

O encerramento das festividades alusivas ao Centenário da Imigração em Vale Vêneto ocorreu no dia 29 de outubro, contando com a presença do governador do Estado, Sinval Guazzelli. Os momentos festivos aconteceram desde a parte da manhã, com uma missa em ação de graças, cantada em italiano, ressaltando a religiosidade e a imagem de bons católicos do imigrante e do seu descendente. Seguindo a programação, foram “inauguradas algumas placas em homenagem aos fundadores e benfeitores de Vale Vêneto. Ao meio-dia, almoço à italiana, com 2.000 cucas à disposição do povo” (RAINHA, 1978, p.50). Os banquetes representavam aqui também, a fartura e abundância da mesa italiana. Na parte da tarde, houve desfile de carros alegóricos, representando “as tradições e os costumes antigos dos pioneiros” (RAINHA, 1978, p.50). Abaixo, algumas imagens do desfile histórico de Vale Vêneto, que buscavam representar os costumes e as tradições dos imigrantes italianos, mas também atividades desempenhadas pelos descendentes.

A imagem a seguir, demonstrou um pequeno veículo de tração animal que realizava o transporte de alimentos e mercadorias. Santo Bortoluzzi, neto de imigrantes italianos, conduzia o animal e a carroça carregada de alimentos. Atrás do veículo, pode-se ver crianças e mulheres com instrumentos de trabalho, como rastelos e foices, indicando o trabalho familiar na pequena propriedade.

**Figura 28: Desfile histórico da imigração em Vale Vêneto**





A união familiar e o trabalho na pequena propriedade foram os elementos norteadores da construção do desfile histórico. O cortejo era representado por atores que eram filhos e netos de imigrantes, com a utilização de ferramentas para o trabalho na terra como também a tração animal demonstrando os bens adquiridos pelos imigrantes italianos estabelecidos no sul do Brasil. Nos núcleos coloniais brasileiros, o imigrante teve a possibilidade de adquirir bens, como terra e animais, algo que estava nas mãos dos patrões na Itália (VENDRAME, 2018).

A imagem abaixo mostrava o trabalho feminino na construção da Igreja de Corpus Christi, mas também expressava a fé e a religiosidade dos imigrantes italianos. Essa cena do desfile representava as mulheres da comunidade de Vale Vêneto, que vestiam trajes típicos da época da colonização, carregando tijolos dentro de seus aventais, durante os domingos, para a construção da igreja. Para Zanini (2008, p. 157), “a religião, sendo uma instituição primordial para os imigrantes de italianos e seus descendentes, tornou-se uma esfera social muito importante e na qual investiam tempo e recursos”. E esse investimento foi expresso no desfile histórico do Centenário da Imigração de Vale Vêneto, pois representava “a força religiosa entre os imigrantes e o esforço que aquelas pessoas haviam feito para construir suas igrejas, capelas e capitéis” (ZANINI, 2008, p. 156). A autonomia religiosa dos imigrantes italianos foi representada nessa passagem do desfile histórico de Vale Vêneto. O investimento de recursos e tempo, mostrando que, tanto a fé, como o trabalho da comunidade resultaram na construção de templos religiosos que demonstravam riqueza e opulência.

**Figura 29: Desfile histórico da imigração em Vale Vêneto**



Fonte: acervo do MIEM, 2018.

Para encerrar as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, a base aérea de Santa Maria promoveu um espetáculo com os helicópteros. E, à noite, os festejos foram finalizados com os fogos de artifício provocando um espetáculo noturno. Usados em comemorações, os fogos de artifício e/ou os tiros de canhão têm efeito ruidoso, informando o fim ou o início de um evento. Por fim, percebeu-se que muitos desses atos festivos foram repetidos ao longo das festividades, concluindo que, eram elementos de uma narrativa sobre esta comunidade. Havia uma necessidade de perdurar no tempo, “pois ela está produzindo, no ato de rememorar, a consolidação de uma verdade comunitária sobre o grupo e sobre suas experiências, tanto no presente quanto no tempo” (BENEDUZI, 2016, p.105). Mas também se buscava valorizar as práticas sócio-culturais com características próprias da comunidade.

Nesse sentido, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana que aconteceram em Vale Vêneto exaltaram a imagem do imigrante italiano religioso e trabalhador. As formas de festejar, encontradas pela comunidade de Vale Vêneto, mostraram os momentos de ritualização e de simbolismo para recordar os aspectos da cultura dos antepassados que ainda se encontrariam presentes no local e ajudariam a

construir a memória e a identidade étnica, mas principalmente, apreciavam-se as atividades que caracterizavam a própria comunidade.

#### 4.3 VALE VÊNETO E VAL FELTRINA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Ao estudar dois atos de comemoração do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins na sua complexidade tinha-se como interesse mostrar as aproximações, mas também os distanciamentos das festas dos distritos de Val Feltrina e do Vale Vêneto. Apesar da proximidade geográfica, procurou-se perceber e destacar as diversas dinâmicas internas desses eventos festivos. Isso foi possível devido à análise de diferentes tipos de fontes que apontaram como as festividades queriam ser vistas e recordadas, mas também a forma como elas foram de fato: almoços e jantares com mesa fartura e abundante, fé e religiosidade expressas em missas, diversão e lazer com jogos e canções, a representação da trajetória do imigrante em desfiles, além de construção de museus, arquivos e monumentos. Mas as festas não foram marcadas somente por alegrias. Houve alguns momentos de tensão e conflito entre os organizadores.

Na essência, todas as festividades buscavam preservar os costumes, as tradições e os comportamentos dos imigrantes italianos, mas também valorizaram os elementos que eram característicos da comunidade. A partir dessas características, tomaram conhecimento da história dos antigos, percebendo algumas de suas práticas sócio-culturais como heranças e, assim, para as comemorações do Centenário construíram uma narrativa étnica baseada na adoção de aspectos que eram parte do modo de ser dos seus antepassados sendo a outra parte com elementos que lhe eram próprios, ou seja, modificados. Assim, as comemorações do Centenário da Imigração Italiana foram inseridas em atividades socioculturais praticadas nas comunidades.

Para analisar as duas festividades, criou-se quadro comparativo, no qual foram expostas algumas categorias, pois possibilitaram um olhar profundo diante das celebrações do Centenário da Imigração Italiana. As categorias foram desenvolvidas através da análise das fontes históricas, que são os jornais *A Razão*, o *Correio Riograndense* e *O Radar* e demais documentos. Assim, as categorias são: **1) local e data** – onde aconteceram os festejos; **2) tipo de celebração religiosa** – levando em conta o tipo de manifestações religiosa ocorrida na festividade **3) público** – os convidados as

comemorações; **4) formas de festejar** – os atos de celebrar, **5) alimentação** – as comidas que foram servidas nas festas dos 100 anos da imigração e **6) o registro histórico** – materiais e documentos produzidos para a posterioridade.

	<b>Val Feltrina</b>	<b>Vale Vêneto</b>
<b>1. Local e Data</b>	De 1975 a 1977 - na própria comunidade	De 1975 a 1978 - na própria comunidade
<b>2. Tipo de celebração religiosa</b>	Missa – Santos padroeiros	Missa – Santos padroeiros
<b>3. Público</b>	Da comunidade, da região e de fora do Estado	Da comunidade e região de Santa Maria (forte propaganda).
<b>4. Formas de festejar</b>	Festa da Uva e do Vinho, Almoço típico, torneio de futebol e feira de produtos coloniais.	Missas com a presença do Bispo Diocesano, Almoços e jantares típicos, desfiles históricos, canções, bailes, concurso da escolha da rainha, Inauguração de monumento e museu
<b>5. Alimentação</b>	No almoço: Churrasco e saladas. Na feira: a uva, o vinho, o suco de uva, a aguardente, cebolas, batatinhas, figos, doces à italiana, pães coloniais, “grostolli” e artefatos de palha.	Sopa de agnoline, churrasco, pão, cuca, presunto, polenta, radicci, fortaia, queijo colonial, salame, risoto de galinha, carne de galinha lessa, vinho colonial e grustoli.
<b>6. Registro Histórico</b>	Jornais (três reportagens) e depoimento oral.	Jornais, fotografias, convites (muito material registrado e salvaguardado por Padre Clementino Marcuzzo).

A organização de dados e informações em uma tabela pode-se identificar com clareza as aproximações entre as festividades do Centenário da Imigração Italiana de Val

Feltrina e Vale Vêneto. As comunidades priorizaram a realização das festas dentro de seus próprios espaços, com datas que acreditaram se mais oportunas. Ambas contaram as celebrações religiosas dos santos padroeiros. Vale Vêneto realizou um maior número de missas e atos religiosos, inclusive contando com a presença do Bispo Dom Ivo Lorscheiter. As duas festividades tiveram a presença de grande público quando se realizaram, contando com a população local, da região e de fora do Estado. Em 1975, em Val Feltrina, houve o episódio da falta de alimentos no almoço festivo, devido ao grande público que se fez presente nessa Festa da Uva. Nesta análise, apontou-se que, em Val Feltrina aconteceu uma festa que se destacava mais pelo trabalho (como discurso) e pelas práticas de lazer do imigrante, do que, por exemplo, pelas práticas religiosas. Talvez a explicação esteja no fato de não serem estas festas tão religiosas como em outras comunidades e sim, mais de lazer e sociabilidade. Val Feltrina e Vale Vêneto buscaram a preservação de hábitos, costumes e comportamentos dos antepassados, mas procuraram, ao mesmo tempo, valorizar as práticas sócio-culturais da comunidade.

Entre os fatores que diferenciavam as duas festividades tem-se a forma de comemorar o Centenário da Imigração Italiana e também o registro histórico sobre as festas. Val Feltrina incorporou a Festa do Centenário da Imigração Italiana dentro da festa da Uva e do Vinho, ato festivo que acontecia todo o ano na comunidade para celebrar a colheita da uva e a produção do vinho, juntamente com um torneio de futebol e de bocha. Além da cultura trazida pelos imigrantes e uma prática comum da comunidade, as festividades buscavam valorizar e divulgar a produção e a cultura local para o restante da região. Isto se dava porque havia uma produção significativa de uvas e vinhos em Val Feltrina, embora esta não tivesse o reconhecimento das cidades e comunidades nos arredores. Além do mais, poucos registros históricos sobre as festividades do Centenário foram encontrados na localidade, sendo três reportagens nos jornais *A Razão* e *Correio Riograndense*. O primeiro, da região de Santa Maria, a qual pertencia à comunidade. O outro, de Caxias do Sul, tinha como correspondente padre Clementino Marcuzzo, que era da região e que escrevia sobre os acontecimentos da localidade para o jornal da Serra. A passagem do Centenário da Imigração Italiana foi considerada também um momento oportuno de divulgação e reconhecimento de práticas sócio-culturais e de atividades agrícolas e comerciais dentro das duas localidades. O conflito interno de Val Feltrina na festa também pode ser visto como causador de alguma instabilidade na continuidade

desses eventos. Isso mostra também que, os eventos festivos, de forma geral, apresentam conflitos internos que não aparecem para o grande público.

Já as festividades do Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto foram repletas de manifestações festivas entre as quais encontramos as missas, inaugurações, almoços, jantares, escolha da Rainha do Centenário, e as presenças de autoridades políticas. Na comunidade, os atos festivos foram instituídos para comemorar a passagem do Centenário da Imigração Italiana. Além do mais, valorizou-se a produção em alta quantidade, principalmente de comida, para destacar a fartura e a abundância da mesa do imigrante e descendente. Ao abordar a festa na sua totalidade, buscou-se aporte em documentos e materiais que foram elaborados para as festividades, sendo esses materiais salvaguardados pelo trabalho de padre Clementino Marcuzzo e hoje estão armazenados no Museu do Imigrante. O espaço criado para preservar a história da imigração italiana, também era um lugar de memória sobre os registros produzidos nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto. O objetivo era não deixar a data de o Centenário cair no esquecimento e, mostrar de que forma esses filhos e netos de imigrantes queriam ser lembrados.

Apesar das diferenças, ambas as festividades buscavam a tomada do conhecimento da história da imigração e da colonização italiana na ex-colônia Silveira Martins, mas também buscavam passar uma imagem positiva de suas comunidades. Isso permitia a homenagem ao imigrante, exaltando as práticas, os costumes e as tradições, mas também, as comemorações de Val Feltrina e Vale Vêneto procurando dar importância à produção local e aos elementos que eram próprios da população, mais contemporaneamente. Dessa forma, as festas do Centenário da Imigração Italiana na ex-colônia Silveira Martins foram atos festivos heterogêneos, apesar de quererem ser vistos de forma linear e coerente.

No quinto capítulo, será explorada a construção da narrativa étnica sobre o processo migratório na região da ex-colônia Silveira Martins para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, isto é, a forma como os descendentes queriam ser vistos e através de que elementos conseguiram se mostrar.

## **5. AS FORMAS DE CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA: O PROCESSO IMIGRATÓRIO E A FIGURA DO IMIGRANTE ITALIANO NA ANTIGA COLÔNIA SILVEIRA MARTINS – RS**

*Cada grupo, localmente definido tem sua memória e uma representação só dele e de seu tempo (HALBWACHS, 2006, p.130).*

Neste capítulo, buscou-se refletir e analisar sobre as formas encontradas para reforçar uma memória em relação ao processo imigratório e à figura do imigrante para as festividades dos cem anos da imigração italiana na antiga ex-colônia Silveira Martins. Além do mais, procurou-se refletir sobre os agentes que promovem as ações de lembrança e de registro das festividades<sup>204</sup>, assim como sobre a recuperação de pequenos monumentos espalhados pelos caminhos da antiga ex-colônia Silveira Martins – os capitéis. Se a construção de uma memória permite reforçar a identidade étnica, a recuperação dos capitéis nos informa sobre a identidade religiosa dos descendentes de imigrantes neste mesmo espaço.

A escuta dos agentes que promoveram a rememoração da história do grupo étnico tinha por finalidade provocar situações de lembranças e de memórias dos antepassados. De buscar fatos esquecidos. Dessa forma, procurou-se destacar neste capítulo alguns elementos que se consideram importantes para perceber a memória do imigrante e para a construção de uma determinada narrativa étnica sobre ele. Entre estes elementos destacamos as crônicas e a forma de divulgação do processo imigratório ocorrido na região central<sup>205</sup> e também a questão da reconstrução dos capitéis. A partir da sua reconstrução, salienta-se a fé e a religiosidade do imigrante italiano ainda presente nas localidades estudadas. A esses dois fatores marcantes da memória da imigração incluiu-se o da produção de livros de cantos em italiano.

## 5.1 AS CRÔNICAS DA COLONIZAÇÃO: UMA NARRATIVA IDENTITÁRIA SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

---

<sup>204</sup> Inspirado em Halbwachs (2006, p.91), “[...] é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2006, p.91).

<sup>205</sup> Procurou-se também trazer um esboço da história da imigração italiana, a partir da narrativa do Padre Luiz Sponchiado.

As *Crônicas da Colonização*<sup>206</sup> foram escritas pelo Padre Luiz Sponchiado<sup>207</sup>, antigo pároco de Nova Palma, primeiro em busca de suas raízes e depois em preparação ao Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Convidado pelo periódico *Voz do Planalto*, do município de Júlio de Castilhos-RS, para escrever uma série de crônicas sobre a história da colonização na região, o sacerdote dedicou-se com afinco à tarefa e produziu um interessante material sobre imigração e colonização na ex-colônia Silveira Martins.

A primeira crônica, que se encontra datilografada, o sacerdote deixou um comentário separado do texto sobre a proposta de escrever no jornal.

Havia eu combinado com a direção do jornal, aqui em impresso, desde o Natal de 1969, contribuir com artigos. Estava empenhado, e com **idea**(SIC) antiga, de se aproximando o centenário da colonização itálica no RGS, escrever aqui a história [...]<sup>208</sup>

Nessa anotação, o sacerdote já demonstrava sua intenção de escrever a história da imigração italiana na sua “totalidade”, registrando a partir do seu ponto de vista, de forma linear, não excluindo as particularidades, mas apresentando a sua versão dos fatos. A divulgação no jornal possibilitava à população, o conhecimento da história dos antepassados.

No jornal *Voz do Planalto*<sup>209</sup> que logo deixou de circular, foram divulgadas 20 crônicas. No entanto, o pároco recebeu novo convite, agora em outro jornal local, *O Imigrante*, para continuar publicando suas crônicas. O resultado foi um total de 148 crônicas, divulgadas em jornais e rádios locais<sup>210</sup>. Como preparação para celebrar os 100 anos da imigração italiana, esses informes tinham o objetivo de lembrar e recordar a “saga heróica” dos pioneiros italianos. Santin (1986) afirmava que era necessário fazer

<sup>206</sup> Este material foi guardado e encontra-se disponível e digitalizado no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma (CPG) - acervo criado pelo sacerdote. Porém, nem todas as crônicas apresentam a referência do jornal de onde foram retiradas devido ao modo pelo qual o sacerdote guardava a documentação. Além disso, outras crônicas ainda se apresentam em forma de primeira escrita (datilografadas).

<sup>207</sup> O sacerdote era netos de imigrantes italianos que chegaram ao quarto núcleo colonial no final do século XIX. Ao escutar as histórias do avô, passou a gostar e a pesquisar sobre a imigração italiana na região. Sobre a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia, ver mais minha dissertação de mestrado: MANFIO, Juliana Maria. *Entre o sacerdócio e a pesquisa histórica: a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana- RS*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2015.

<sup>208</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 1. Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG), s/d.

<sup>209</sup> Não conseguimos dados sobre onde, o período e quando deixou de circular esse jornal.

<sup>210</sup> A Rádio AM São Roque, de Faxinal do Soturno, também divulgou as crônicas da Colonização.





Ao escrever as crônicas, o sacerdote expôs o conhecimento adquirido através de leituras e de pesquisas sobre a imigração e a colonização italiana ocorrida naquela região e sublinhou, ao escrever as crônicas, a sua visão de mundo. Sendo uma narrativa linear, exaltou os imigrantes italianos do quarto núcleo de colonização do Estado, mesmo quando ocorriam histórias de tragédias e/ou de fracassos. Além disso, romantizou todo o processo de vinda e instalação desses indivíduos, narrando de forma *onisciente e onipresente* os fatos, como se estivesse observando e estado presente nos acontecimentos por ele narrados.

Nesse sentido, busca-se mostrar como se deu a construção da narrativa sobre o processo migratório na região da ex-colônia Silveira Martins, através da análise das crônicas escritas pelo sacerdote e divulgadas em jornais locais. Elegeram-se as 20 primeiras crônicas da colonização, divulgadas no jornal *Voz do Planalto*. Nelas, identificaram-se três eixos pelos quais foram divididas as Crônicas. São eles:

- 1) O início da medição do Núcleo Soturno;
- 2) A fé e a religiosidade dos nossos emigrantes;
- 3) O folclore dos imigrantes.

A partir da crônica nº 21, modificou-se o foco de assuntos abordados, devido à mudança de jornal. Tais eixos temáticos foram questionados diante da historiografia recente sobre a imigração, com o intuito de compreender o interesse que o sacerdote tinha em produzir aquele tipo de narrativa sobre o processo migratório.

Com a aproximação dos cem anos da imigração na ex-colônia Silveira Martins, o Pe. Sponchiado apresentou a sua versão sobre a história do processo migratório local, enfatizando o cotidiano dos imigrantes e exaltando a figura do italiano. Abordar o universo imigrante foi o meio encontrado pelo padre para a construção de uma memória e, conseqüentemente, para a criação de uma determinada narrativa étnica para os imigrantes da ex-colônia de Silveira Martins que quase não é lembrada nos festejos oficiais do Biênio da Colonização e Imigração. A medição dos lotes de um núcleo, a fé, a religiosidade e o folclore foram os elementos abordados que mereciam, segundo Sponchiado, ser lembrados pela população. Para isso, construiu uma narrativa histórica positiva em torno do italiano e a propagou através do meio jornalístico mais usado na época: a rádio e o jornal. Portanto, “[...] a escritura adquire significado a partir de um processo de interação com aquele que a recebe, reconfigurando-se no modelo como acontece sua dinâmica de apropriação [...]” (BENEDUZI, 2016, p.106).

Consequentemente, a população tomou conhecimento dessa história a partir da leitura das crônicas, identificou-se com esse passado comum entre eles e, a partir daí, construiu uma memória positiva, preocupada com a preservação e manutenção de uma identidade italiana.

Nesse sentido, elaborou-se uma identidade como forma de manutenção de um grupo social através de elementos positivados, constituídos a partir da memória. As dinâmicas de construção de identidade, ou seja, “as construções, as desconstruções, as reelaborações e as retrações, tudo pode ser visto como estratégia para a manutenção dos grupos sociais: cada mudança social, entretanto, exige reformular de maneira diferente” (BENEDUZI, 2004, p. 19). Dessa forma, existia a preocupação primeira de conhecer a história da imigração italiana, para depois construir uma narrativa identitária capaz de ser preservada e revivida pela população local. A seguir, serão abordadas as reelaborações sobre a história da imigração construída pelo sacerdote.

### **5.1.1 O início da medição do Núcleo Soturno**

O início da demarcação dos lotes coloniais do Núcleo Soturno é tomada como eixo temático<sup>211</sup> foi encontrado nas primeiras crônicas escritas pelo Pe. Luiz Sponchiado. Elas apresentaram o início da colonização da ex-colônia Silveira Martins, situando o leitor nos percalços encontrados pelos imigrantes na chegada e instalação no barracão e nos lotes de terra. Dessa forma, a partir das Crônicas da Colonização, o padre conseguiu transmitir à população um breve histórico do processo migratório da região, apresentando as origens da sociedade local diante da iminente comemoração do Centenário da Imigração Italiana. Ou seja, o padre mostrava aos descendentes como havia sido a história de seus antepassados, construindo-a através da documentação que manuseava e analisava a seu modo.

Padre Luiz Sponchiado, agiu como um sujeito onisciente e onipresente nessas narrativas que ele mesmo criou. Certamente utilizou-se de documentos, pesquisas de campo e leituras para escrever as crônicas. Esta escrita nos colocou no que ele chamava de “preliminares”, ou antecedentes da colonização da região da ex-colônia Silveira Martins. Na primeira crônica, deixou claro que havia a necessidade de ocupação de terras devolutas no Rio Grande do Sul, afirmando que “colonizar, porém, com agricultores, era

---

<sup>211</sup>É importante salientar que seguirei a ordem temática escolhida por Sponchiado para mostrar a forma como ele construiu a narrativa da imigração italiana na região, no contexto do centenário.

o critério; colonos que se arraigassem nas zonas devolutas de matos ribeirinhos nos grandes rios e nas escarpas da Serra”<sup>212</sup>. O sacerdote defendia a ideia que muitos dos imigrantes italianos que se instalaram na região da ex-colônia Silveira Martins eram, em sua maioria, oriundos da zona rural e pretendiam ser proprietários de terras. No entanto, muitos dos imigrantes que se instalaram no Estado não eram agricultores, possuindo outras profissões. De acordo com Herédia (2010), muitos se intitulavam como camponeses, devido à política de ocupação que privilegiava os imigrantes voltados à agricultura, na fundação de núcleos coloniais. No entanto, a autora explicou que “nem todos os imigrantes italianos eram camponeses; que um número considerável trazia experiências anteriores, baseadas no trabalho artesanal, oriundas de tradições mantidas por gerações, que se tornaram ofícios nas áreas de imigração” (HERÉDIA, 2010, p.219). O próprio sacerdote, ao relatar a história de sua família afirmou que, os Sponchiado tinham um açougue e também trabalhavam em empregos temporários, antes de emigrarem para o Brasil. Foram atraídos pela possibilidade de tornarem-se proprietários de terra.

Mas o sacerdote justificava a presença dos imigrantes na ocupação de lotes de terras, afirmando que o indígena havia deixado aquele espaço e os únicos vestígios dessa cultura eram as cerâmicas.

[...] o bugre já abandonara estas paragens, pelas matas do Alto Uruguai, deixando por toda a parte as encontradiças panelas de barro, enterradas quase a flor da terra, que serviram para seus misteres, enterros e outros instrumentos de pedra lascada<sup>213</sup>.

Dessa forma, padre Sponchiado, ao narrar a presença indígena na região da ex-colônia Silveira Martins afirmou que eles haviam abandonado as terras e que existia a necessidade do imigrante ocupar aquele espaço. O sacerdote não questionou se os indígenas saíram por vontade própria ou se foram retirados do local. Apenas enfatizou a ocupação do imigrante num lugar que teria sido abandonado pela população indígena.

Os pesquisadores que estudaram a ocupação pré-colonial da região de Santa Maria investigaram a presença dos índios Guarani neste espaço. Eram um povo de “horticultores que viviam em aldeias, baseavam sua economia em pequenas roças ou hortas, e praticavam as atividades de caça, coleta e pesca” (MILDER; SANTI; ZUSE, 2010, p.89). Utilizavam “vasilhas de barro e instrumentos de pedra (cerâmica e material

---

<sup>212</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 1. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

<sup>213</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 1. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

lítico), principais vestígios remanescentes após o seu extermínio *devido ao contato com os ‘povos de além mar’*<sup>214</sup>” (MILDER; SANTI; ZUSE, 2010, p.89). A partir dos autores citados, a colocação de Sponchiado fica sem consistência, pois os indígenas não abandonaram aquelas terras, mas foram expulsos com a chegada e com contato o “homem branco”.

Todavia, os primeiros imigrantes que chegaram à região da ex-colônia Silveira Martins foram os russo-alemães. Pouco se sabe deste grupo que se instalou na região e logo migrou para outro espaço. “Cerca de quatrocentos imigrantes russos que se achavam estabelecidos em o núcleo colonial de Santa Maria da Boca do Monte, abandonarão-n’o e vierão para a capital, onde permanecem”<sup>215</sup>. Estes imigrantes não teriam se “adaptado” e abandonaram a região<sup>216</sup>, permanecendo na capital da Província, esperando um novo espaço para se instalarem. Segundo Sponchiado,

Em toda a província fazia uma grande seca, com os conseqüentes calores estivais. Mais o depauperamento da longa viagem marítima e por terra (vinham a pé desde Rio Pardo), a falta de higiene mais elementar nas selvas plena de imundícies, o aglomeramento promíscuo, o ambiente, costumes e clima diferente, tudo somou para desencadear assustadora epidemia de “pelagra”, disenteria, tifo e bubônica letais ... Abandonaram desvairadamente o lugar, e um 300 cadáveres ficaram no cemitério improvisado, cujo local, ainda hoje é piedosamente assinalado por um capitel, a beira esquerda da estrada. Somente isto! “Nem seus nomes” Nem o número exato! Nem óbitos ficaram! A cruz de madeira, solitária, na penumbra da mata, começou assim a pontilhar os caminhos heróicos da colonização, assinalando a margem das veredas, onde jaziam os pioneiros anônimos, tombados<sup>217</sup>!

Padre Luiz Sponchiado foi o pesquisador que mais mencionou a presença do grupo de russo-alemães na região. No entanto, sempre enfatizou que os mesmos imigrantes não conseguiram superar as dificuldades encontradas e então, resolveram abandonar o local. Além disso, outro fato que merece atenção nessa narrativa foi a busca pelo cemitério que os russo-alemães teriam deixado. Segundo Simonetti (2011, p. 1068),

[...] foi a realização de uma escavação no ano de 1991, na busca de um suposto cemitério no local onde os imigrantes construíram seus barracões. Esse fato teve início com vários relatos orais de pessoas que acreditavam na existência de um cemitério.

No entanto, não foram encontrados indícios de cemitério naquela região, apenas vestígios de objetos, assegurando que aquela área fora habitada. (SIMONETTI, 2011). Apesar de lacunas a respeito do processo imigratório dos russo-alemães, é pertinente

<sup>214</sup> Grifo nosso.

<sup>215</sup> Relatório da Província do Rio Grande do Sul, 1878, p.37.

<sup>216</sup> Algumas famílias permaneceram no local.

<sup>217</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 1. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

ressaltar que o fato de esses imigrantes terem abandonado a região reforçou o discurso da superação das adversidades e do êxito final da colonização italiana na Colônia Silveira Martins.

A imigração italiana na região da ex-colônia Silveira Martins começou após a saída dos russo-alemães, como lembrou Sponchiado. “Já em setembro deste mesmo ano, um grupo de 70 famílias italianas, substituiu aos desventurados *polacos*<sup>218</sup> [...]”<sup>219</sup>. Instalaram-se inicialmente em um barracão. Logo após a medição da terra, os imigrantes eram destinados aos seus lotes. Nesse período inicial, criaram-se os três primeiros núcleos coloniais: Silveira Martins (sede), Arroio Grande (1877) e Vale Vêneto (1878).

Com a demarcação dos lotes, iniciava-se a derrubada da mata, a construção da casa, o preparo da terra para a produção agrícola. Padre Luiz Sponchiado narrou como se tivesse presenciado o trabalho dos imigrantes italianos nos primeiros tempos:

Suores estivais, colhidos com a mão suja e calosa das frentes avermelhadas banhavam as sendas da terra ainda inculta. Os primeiros dos muitos suores, que em caudais haveriam de regar no futuro, as mesmas áreas, convertidas agora em cultivadas, onde “*Coll’ industria dei Nostri Italiani habíamo formato paesi e città*”<sup>220,221</sup>.

De maneira poética e com uma escrita rebuscada, o sacerdote foi apresentando as experiências vivenciadas pelos imigrantes, no antigo núcleo colonial. Destacou o esforço, a dedicação e o trabalho do colono no lote colonial através do suor que regaria a terra para a produção agrícola futura. A perseverança no pesado trabalho diário, que transformava a aparência física do agricultor, garantiria um futuro próspero.

O Padre Luiz Sponchiado construía uma narrativa étnica, traçando a trajetória do imigrante de forma heróica. Beneduzi (2016, p.113), sob este aspecto enfatizava que:

[...] na simbologia que marca o seu processo de ocupação da zona colonial não é apenas ressaltada a sua capacidade produtiva, mas o tom heróico é ditado pelas difíceis condições encontradas. O colono não produziu simplesmente a riqueza, mas o fez em uma condição muito desfavorável: terra com escassa fertilidade, dificuldade de transporte e instrumentos de produção inadequados.

<sup>218</sup> Grifo meu. Aqui o sacerdote utilizou o termo polaco para se referir aos russo-alemães.

<sup>219</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 1. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

<sup>220</sup> Grifo meu. Tradução livre: Com o trabalho dos imigrantes formamos vilas e cidades.

<sup>221</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 6. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

Constatou-se esse tipo de narrativa escrita pelo padre na chamada historiografia tradicional da imigração italiana, na qual foi percebida a construção da figura mítica do italiano. Era uma narrativa produzida para um momento festivo naquele espaço e no contexto do Centenário. Segundo Costa (1974, p. 25) “o sacrifício, o suor e o esforço inicial de preparar o terreno e lançar a semente à terra, eram prodigamente recompensados pelas colheitas abundantes”. O discurso produzido era predominantemente o da valorização do trabalho imigrante e que apesar das dificuldades, ele foi recompensado.

Mais do que apenas dedicar-se ao trabalho na terra, os imigrantes também realizaram atividades temporárias remuneradas na derrubada da mata e na construção de estradas (SPONCHIADO, 1996). Sobre essa atividade, Sponchiado produziu a seguinte narrativa histórica:

Eram turmas que se revezavam, alguns persistindo mais, outros menos tempo. Trocavam, outrossim, por outros afazeres, conforme o gosto e préstimos. Mas todos queriam trabalhar para ganhar “quálque soldo<sup>222</sup>” que tanto careciam, e não ficar na inatividade dum alojamento, fastidiosa e prolongada até que recebessem o lote que os propagandistas da Imigração lhes tinham garantido<sup>223</sup>.

O trabalho nas estradas e na demarcação dos lotes eram atividades que as autoridades coloniais deviam destinar aos imigrantes recém-chegados. Havia toda uma estrutura montada para garantir trabalho e renda para as famílias camponesas italianas recém-chegadas aos núcleos de colonização para conseguir sobreviver e tornar produtivas as terras recebidas. De acordo com Beneduzi (2016, p.113), “a ênfase nas dificuldades encontradas pelo imigrante é um dos instrumentos para engrandecer o mito da operosidade e de trabalho árduo, assim como uma luta incansável [...]”. Foi o que se percebeu nos escritos do sacerdote que apresentou um imigrante trabalhador, que era ativo, mesmo enquanto aguardava o momento para realizar a colheita dos grãos nos lotes coloniais. Ele trazia para a cena principal um imigrante trabalhador e apto para o trabalho, ou seja, destacava as qualidades do italiano.

Na sequência das crônicas, Sponchiado relatou um intenso fluxo de imigrantes na região da ex-colônia Silveira Martins e a procura de novas áreas devolutas para a demarcação dos lotes. Nesse período, havia assumido o cargo de engenheiro agrimensor

---

<sup>222</sup> Tradução livre: Qualquer dinheiro.

<sup>223</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 7. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

José Manuel Siqueira Couto que, “duplicou as turmas de medições e ordenou a eles o levantamento e [a] demarcação dos vários núcleos circunstantes à Colônia”<sup>224</sup>, dando origem aos núcleos Norte<sup>225</sup>, Soturno<sup>226</sup>, Geringonça<sup>227</sup> e Campos do Meio<sup>228</sup>.

Em suas crônicas, o sacerdote deu detalhes da criação e colonização de Soturno, atual município de Nova Palma, local onde o padre residia. A medição desse núcleo colonial se deu com a construção de um barracão, próximo ao lajeado Portela, onde se abrigaria a turma de medição e os primeiros imigrantes. O barracão ficava nas proximidades de uma fonte de água. Sponchiado salientou as dificuldades desse início de colonização: o medo de felinos na mata; os materiais agrícolas de pouca eficiência para a agricultura naquele solo; o pouco conhecimento sobre as práticas com a terra<sup>229</sup>, a possível dificuldade de compreensão da língua e os possíveis acidentes fatais causados pela derrubada da mata. Ao narrar as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, sempre endossava o discurso de superação e de êxito final.

Por fim, como se estivesse presente naquele início de colonização do núcleo Soturno, o sacerdote narrou o trabalho das turmas de medição, a construção do barracão e das primeiras moradias e as situações adversas vividas pelos imigrantes italianos. Retratou de forma poética e exaltadora o trabalho do imigrante, o simbolizado através dos “suores estivais” e com “a mão suja e calosa”, a medição dos lotes e a preparação da terra. O que se verificou nesta escrita foi uma história de sacrifícios, mas também de sucesso e de esperança: uma história linear e, sobretudo, positiva da imigração e colonização italiana.

### 5.1.2 A fé e a religiosidade dos nossos e/imigrantes

A homogeneidade do grupo imigrante, a união e a dedicação total ao trabalho, independente da tipologia de atividade, foram elementos que apareceram ressaltados na imagem idealizada do colono, reforçada nas *Crônicas da Colonização* pelo padre Sponchiado, como foi visto anteriormente. Segundo Constantino (2011, p. 5-6), “as primeiras narrativas da imigração italiana, portanto, fortalecem a imagem mitológica do

---

<sup>224</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 2. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d

<sup>225</sup> Atualmente município de Ivorá.

<sup>226</sup> Atualmente município de Nova Palma.

<sup>227</sup> Atualmente localidade de Novo Treviso, pertencente ao município de Faxinal do Soturno.

<sup>228</sup> Atualmente Faxinal do Soturno.

<sup>229</sup> Tal dificuldade aponta que nem todos os imigrantes que chegaram na Colônia Silveira Martins eram agricultores.



imigrante”. As produções sobre imigração italiana cresceram a partir da festa do Centenário, sendo o momento festivo, a oportunidade de conhecer a história e exaltar os elementos que caracterizavam a figura do imigrante. Logo, trabalho e fé católica eram aspectos definidores da identidade do imigrante italiano e, estavam presentes nas narrativas escritas pelo sacerdote.

Assim, além da questão do trabalho, a fé foi outro fundamento importante da vida social da colônia. Segundo Manfroi (1975, p.156), a religião “foi um fator de integração e uma força de dinamismo econômico”, que auxiliou o imigrante na sua integração no novo país. Mas, a prática religiosa foi trazida da terra natal, como foi divulgado nas crônicas de Sponchiado. O sacerdote ressaltou a ideia do imigrante religioso e fervoroso, que trouxe da Itália sua instrução religiosa<sup>230</sup>. De acordo com a Crônica 9,

Na Itália possuíam tradicional, organizadíssima, sistemática e particularizada assistência religiosa. [...] numerosos sacerdotes a atendê-los, tradições festivas inarredáveis e bairristas, catalisando, quase que totalmente, o múltiplo interesse das comunidades pequeninas e imemoráveis<sup>231</sup>.

Verifica, assim, que a compreensão de que os italianos trouxeram uma tradição católica extremamente forte e organizada foi construída, sendo transmitida nas colônias de imigração no Rio Grande do Sul e, em específico, na região da ex-colônia Silveira Martins. Já Vendrame (2007, p.44) tenciona esta afirmação quando aponta que os imigrantes que se instalaram no núcleo colonial buscaram formar um ambiente favorável, próximo das condições em que viviam na Itália. Nesse sentido, o núcleo de Vale Vêneto (1878) se mobilizou rapidamente, edificando uma capela e preparando-se para trazer um padre que se instalasse no núcleo colonial. A comunidade organizou-se de tal maneira que enviou um emissário responsável à Itália com o intuito de encontrar um sacerdote. No final de 1881, chegaram à região da ex-colônia Silveira Martins, os padres Antônio Sório e Vitor Arnoffi.

Vendrame (2007, p.45) explicou que houve um impasse entre as comunidades de Silveira Martins e Vale Vêneto no que tange à permanência dos padres nos núcleos coloniais. O problema seria “resolvido” com a decisão do bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira que “decretou que um sacerdote permaneceria em Silveira Martins - Vitor Arnoffi -, e outro iria para Vale Vêneto - Antônio Sório” (Vendrame, 2007, p.46). Esta

<sup>230</sup> Muitos padres também migraram na possibilidade de mudança de vida.

<sup>231</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 9. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

ação do bispo não satisfiz a comunidade de Vale Vêneto, pois ainda se manteria sujeita à sede da ex-colônia. “Os descontentes não queriam se sujeitar a tais condições, por isso protestavam contra o que consideraram uma injustiça, já que eles haviam financiado a vinda dos sacerdotes da Europa” (VENDRAME, 2007, p.46). Constatou-se a imagem do imigrante como herói que se consolidou a partir do culto ao trabalho e do mito religioso. De acordo com as crônicas e a própria historiografia tradicional, o italiano só conseguiu superar o isolamento e as dificuldades devido a sua fé, sendo essencial para iniciar o trabalho dos lotes de terras. Vendrame (2007; 2013) constatou em fontes que os imigrantes italianos que chegaram à região da ex-colônia Silveira Martins eram atendidos pelas autoridades oficiais, questionando a ideia do isolamento. Isto mostra que esta historiografia, hoje, vem sendo revisada e outros aspectos têm sido considerados. Mas, a escrita da história feita por Manfroi (1975, p.156), como a de Sponchiado, na qual ele afirmava que a prática religiosa ainda “permitiu ao colono italiano fugir de uma desintegração social ou de cair no ‘caboclisto’, oferecendo-lhe um quadro sócio-cultural no qual ele se reconhecia e se expandia” mostra, pela época em que foi escrito – 1975 –, o quanto ela estava marcada por um tipo de interpretação em que se sobressaíam os aspectos heroicos. Nesse contexto, a religiosidade foi atribuída como fator essencial de integração e de superação das dificuldades no período da colonização italiana.

O padre Sponchiado relatou em suas crônicas “[...] é conveniente dizer algo sobre a Fé dos imigrantes em geral. Foi indiscutivelmente uma força positiva incalculável, para levarem de vencida os obstáculos e dificuldades inenarráveis, que lhes abarrotaram a chegada<sup>232</sup>”. Nesse sentido, identifica-se a construção de uma narrativa de exaltação em torno do imigrante, elaborada para as comemorações do Centenário da Imigração italiana. Essas festividades reforçaram a religiosidade e fé católica do italiano. Por isso, o sacerdote frisou que essas eram características que os imigrantes traziam de suas origens e elas precisavam ser recordadas e mantidas no presente e no futuro.

As dificuldades e a nostalgia dos primeiros tempos da colonização italiana na região da ex-colônia Silveira Martins, segundo as crônicas do sacerdote, foram possíveis de superação devido à fé e à religiosidade do imigrante. Identificou-se essa narrativa em dois trechos da crônica 12:

O descanso braçal sacralmente observado, evocava quentes reflexões, reacendendo loucamente a ‘nostalgia da pátria lontana’ e recordações acridoces do passado.

---

<sup>232</sup>SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 9. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/a.

[...]

Pobre pioneiro! Aquilo tudo enchera plenamente, sistematicamente, os domingos de sua vida e dos seus. E agora? Sentado, sozinho, num tronco derrubado ao lado do rancho, envolvido pela floresta sub-tropical, soluça: ‘Oh mia pátria, si bela e perduta! Oh membranza, si cara e fatal<sup>233</sup>! Não agüenta mais...!’

Constata-se, portanto, que na narrativa da chegada dos imigrantes o que se destacava eram a forte religiosidade e o trabalho árduo do imigrante. Segundo Beneduzi (2011, p. 253), “por isso, tem-se de destacar muito o sacrifício nessa memória da imigração, pois é ele que aumenta a dimensão da conquista e da bravura”. Elementos como o abandono, a solidão, o isolamento e a nostalgia foram atribuídos aos imigrantes como fatores que mostravam as adversidades enfrentadas nos primeiros tempos da colonização e que foram superadas através do trabalho e da religiosidade, crescendo a dimensão de conquista do grupo étnico.

A construção da capela e a escolha do padroeiro, segundo Manfroi (1975), foi uma das preocupações das comunidades coloniais. No entanto, ressaltou que, “se a construção da capela foi a expressão de um desejo comum e unânime, a escolha do lugar e do santo padroeiro foi, muitas vezes, motivo de discórdias e de sérias contendas”. Nesse sentido, Sponchiado relatou nas *Crônicas da Colonização* de número 14, os possíveis conflitos entre os moradores do núcleo, decorrentes do local da instalação da igreja e a escolha do santo padroeiro.

Quanto ao local da construção da pretendida Igreja, claro está, que cada qual desejava o mais perto possível da sua residência. Melhor ainda na própria ‘Colônia’ que lhe fora designada.

[...]

A escolha do padroeiro era outro ‘busilis’ que provocava discussões e amargos conflitos. Cada qual queria impor o santo de sua devoção, ou da sua Freguesia italiana donde viera, ou dum modo todo insistente, ou de seu nome<sup>234</sup>.

Estes fatos mostravam, por outro lado, que a vida na colônia não parecia ser tão harmoniosa. Havia conflitos entre os imigrantes relacionados à localização da Igreja e à escolha do padroeiro. Sponchiado relatou-os como uma forma de engrandecer a religiosidade e a fé desses colonos italianos [mais do que fé, - fervor -], através das disputas de escolha dos santos e do local da Igreja. Nesse sentido, relatou nas *Crônicas da*

<sup>233</sup> Grifo do autor. Tradução livre: Oh minha pátria, és bela e perdida. Oh “membranza” (sem tradução), és querida e fatal!

<sup>234</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. *Crônicas da colonização*, número 14. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/a.

Colonização como eram os locais de encontro para celebrar a palavra de Deus, apontando para a construção dos primeiros capitéis na região colonial:

Mui rudimentares os primevos oratórios que a fé dos imigrantes ergueu no seio da mata! [...]... um lugar de encontro dominical com Deus e com os homens, a sementinha fecunda, que adubada com tanta crença, vicejou extraordinariamente<sup>235</sup>

O sacerdote apresentou as construções de capitéis no meio da mata, como um dos primeiros espaços destinado à religião. Além disso, Sponchiado não apenas escreveu, mas ajudou a construir (reformatar e a fundar novos) os capitéis, bem como era uma forma de narrar a história dos imigrantes e dos descendentes. Esses monumentos foram erguidos pelos imigrantes e descendentes, alguns no meio da mata, outros na beira das estradas. Traziam os santos de devoção de seus construtores. Criado para as reuniões dominicais expressavam a fé e a crença dos imigrantes, mas também as práticas culturais e sociais dos mesmos.

Por fim, é perceptível que, ao narrar os acontecimentos da região colonial, o sacerdote parecia ter vivenciado aquelas situações, pois atribuíram inúmeros detalhes - como se estivesse naquele espaço para registrar as condições em que viviam os imigrantes. Sobre a religiosidade, exaltou a fé e as crenças do imigrante, mesmo em meio de disputas e desavenças em relação da construção da igreja e da escolha do santo padroeiro. Mostrar um imigrante religioso e apegado ao trabalho era o objetivo das *Crônicas da Colonização*, pois auxiliava na construção de uma narrativa étnica.

A seguir, as práticas culturais e sociais do imigrante também foram enfatizadas, através do que o sacerdote cronista chamou de *folclore dos imigrantes*.

### **5.1.3 O folclore dos imigrantes**

Nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana, foram perceptíveis as (re)elaborações das experiências migratórias, no sentido de manter uma determinada memória sobre esse processo de imigração e colonização. O culto ao trabalho e a religiosidade das famílias de imigrantes traz consigo também a cultura popular do imigrante, que se dá em grande parte através do canto. Além disso, padre Luiz Sponchiado narrou os imigrantes em suas crônicas de forma heroica: não havia medo,

---

<sup>235</sup>SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 15. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/a.

apenas muita vontade de lutar, de abrir a mata e dar início à produção do lote, sempre atribuindo importância à religiosidade e ao canto imigrante. Portanto, “a luta titânica com a floresta não o assustava. Dia a dia a travava, perseverante e tenaz. Após as rezas dominicais, ainda reunidos, cantavam canções do ‘folclore’<sup>236</sup>”. Nesse sentido, através da elaboração das *Crônicas da Colonização*, o Pe. Luiz Sponchiado deixava antever uma estratégia para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, que, segundo Beneduzi (2016):

[...] pressupõe um grupo de sujeitos que irá fruir da estratégia escolhida, fazendo-se necessário construir uma retórica de convencimento e aproximação, quanto à recepção vai estar atravessada pelos códigos culturais que são compartilhados no momento histórico que se dá a celebração (BENEDUZI, 2016, p.106).

O canto, de acordo com Costa (1974), era outra forma de o imigrante esquecer as preocupações, bem como de narrar a sua coragem diante das dificuldades. Já para Beneduzi (2011, p. 261), “a canção é um exemplo de resgate de um tempo perdido [...], constrói-se uma sensação de retorno”. A partir dessas duas constatações, entende-se que as canções produzidas pelos imigrantes e seus descendentes também foram instrumentos de reelaboração das experiências do processo de imigração e colonização do Rio Grande do Sul, produzindo narrativas étnicas e uma memória coletiva.

As canções expressavam as emoções, as vivências, os comportamentos, mas também enfatizavam as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes nos primeiros tempos da colonização. A religiosidade e a fé do imigrante foram consideradas instrumentos de coragem do colono. Em mais um trecho das crônicas, Padre Luiz Sponchiado narrou as possíveis experiências cotidianas vivenciadas pelos imigrantes na ex-colônia Silveira Martins:

A par da Fé Cristã, o imigrado para vencer os percalços assustadores da chegada, também se valia do canto. ‘- quem canta seus males espanta’, diz o velho adágio. O italiano, oriundo dum povo famosamente cantor, portava consigo - geralmente de cor, considerável número de canções, que passaram de geração em geração, porque bastante vezes executadas em grandes grupos e em muitas ocasiões, as mais diversas<sup>237</sup>.

O canto também expressava a nostalgia dos imigrantes e dos descendentes com o mundo que havia sido deixado e sua maneira de perceber essa realidade. Para Beneduzi (2011, p. 261), as canções produziram, em momentos de comemorações familiares, “um

<sup>236</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. *Crônicas da colonização*, número 19. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/a.

<sup>237</sup> SPONCHIADO, Pe. Luiz. *Crônicas da colonização*, número 19. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/a.

reviver das sensações passadas, misturando-se sorrisos e lágrimas”. Ao se “seguir palavra por palavra o canto”, era recordado “os momentos no qual era entoado”. Sobre a nostalgia dos imigrantes, o sacerdote afirma:

Aquelas vozes enriqueciam de suave nostalgia a já nostálgica hora do pôr-do-sol. As quebradas da serraria encobertas de florestas e os peraus que branqueavam cá e lá o verde lençol de tantas dobras, respondiam com ecos solenes, formando um ambiente de indefinível amor.

Percebeu-se a delicadeza da escrita de padre Luiz Sponchiado sobre a nostalgia vivida pelos imigrantes, que “busca reconstruir um espelho daquilo que foi deixado” (BENEDUZI, 2011, p. 254). Em seu discurso, constata-se a adaptação do imigrante ao desconhecido, referentes às matas, as montanhas e os precipícios, bem como as reelaborações do cotidiano do imigrante na nova terra, no caso, na região da ex-colônia Silveira Martins.

Dessa forma, o canto auxiliou na elaboração de uma visão positiva do processo migratório, como também era instrumento produtor de exaltação de uma identidade que se definia como de matriz italiana. Abaixo, mais um trecho das crônicas da colonização que exploravam as canções entre os imigrantes italianos:

Cantavam nas noites primevas, ainda arranchados nos ‘barracões da Imigração’. – Cantavam quando em grupos, os varões se embrenhavam na selva, em busca de suas ‘colônias’ para o desbocamento. Cantavam enquanto abatiam a floresta, quando se reuniam aos domingos, após as funções religiosas, ao visitarem nos longos filós (serões) entre vizinhos, nos festejos de casamentos, noutras reuniões informais, nas festas da Igreja<sup>238</sup>.

O sacerdote chamou a atenção apenas sobre a importância do canto na vida dos imigrantes e descendentes, demonstrando que estava presente em todas as situações cotidianas<sup>239</sup>. O canto se tornou uma característica do imigrante, pois ele era recordado em vários momentos do processo migratório. As canções expressavam as dificuldades, as situações e as emoções, desde a partida da Itália até a nova vida construída em terras brasileiras. Dessa forma, os cantos folclóricos trazidos foram recordados no Centenário da Imigração Italiana, como uma prática social e cultural dos antepassados, mas também como construtoras de uma memória e de uma narrativa étnica.

<sup>238</sup>SPONCHIADO, Pe. Luiz. Crônicas da colonização, número 19. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/a

<sup>239</sup> Com o Centenário, as canções foram recuperadas, algumas eram de origem italiana e litúrgica, outras foram produzidas durante o processo de imigração.

\*\*\*

As *Crônicas da Colonização*, escritas por padre Luiz Sponchiado e divulgadas em jornais e rádios locais, tinham como intuito a recuperação da história da imigração italiana, na qual as comunidades tomavam conhecimento da própria história, passando a valorizá-la e compreendendo sobre a importância das comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Ou seja, elas reforçaram o passado comum entre as histórias das famílias que estavam também relacionadas à narrativa da imigração italiana, fazendo com que as comunidades conhecessem o passado que era narrado e exaltado. Isso tudo colaborou para a constituição de uma identidade e de uma narrativa, bem como para uma memória coletiva. Por isso, esses escritos que expressavam elementos importantes como o trabalho, a religiosidade e o canto. Eles foram os aspectos exaltados não só nos discursos de padre Luiz Sponchiado, mas propagados na região da ex-colônia Silveira Martins por jornais e rádios locais com o objetivo desconstruir uma narrativa étnica imaginária do processo de colonização vivido pelos italianos no final do século XIX.

## 5.2. *CANTI TALIANI*: AS CANÇÕES E O CEM ANOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

“[...] ao recordar os 100 anos de sua fundação, faz bem em cantar e convidar-nos a cantar<sup>240</sup>”

Durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região central do Estado do Rio Grande do sul, seus organizadores preocuparam-se em recuperar as canções dos imigrantes como mais uma forma de demonstrar a riqueza cultural de seu povo, bem como preservar um dos elementos que auxiliaram a caracterizar a identidade étnica do grupo. As canções em dialeto italiano expressavam a cultura trazida da Itália e o cotidiano do imigrante nas colônias do Rio Grande do Sul. Mas levou-se em conta que não eram apenas as canções que necessitavam ser recordadas, mas também o dialeto *talian*.

Como já foi mencionado anteriormente, no período do Estado Novo, “houve prisões e repressões públicas a indivíduos que teriam desacatado ordens ou simplesmente por que estavam falando em italiano ou expressando ideias que poderiam ser consideradas antipatrióticas” (SANTOS; ZANINI, 2013, p.3). As autoras ainda explicam que a legislação deste período proibia o uso de dialetos e da língua italiana, assim como

---

<sup>240</sup> CANTI TALIANI. Centenário Vale Vêneto 1978. 1978.

associações e qualquer tipo de sociabilidade. E por consequência disso, o dialeto e as canções acabaram tendo que ser evitadas.

Dentro da cultura da imigração e colonização italiana, o canto era visto, segundo Costa (1974, p. 77), como uma forma de “esquecimento das preocupações e uma celebração da coragem ante as dificuldades, [isto é], o cultivo do “rir de si mesmo”, para esquecer os problemas da vida”. Dessa forma, a canção era vista como algo que retratava o cotidiano do imigrante e o encorajava diante das adversidades enfrentadas nos primeiros tempos da colonização.

Na ânsia de preservar tudo o que fosse de origem italiana para as comemorações dos cem anos do processo migratório, padre Sponchiado criou um projeto que salvaguardava as canções italianas. O sacerdote temia o esquecimento das canções com o tempo e então, “[...] criou um banco de dados dessas músicas com 292 *Fitas K7*, no CPG, em Nova Palma. O intuito de padre Luiz Sponchiado, como mostrou em outro trabalho (Manfio, 2015 p. 116), era o de preservar esse tipo de manifestação cultural dos imigrantes e descendentes, de que tanto gostava. O medo do esquecimento provocava então, a salvaguarda desta memória musical, o que, por seu turno, tocava as lembranças desse grupo social. Por isso,

[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada (HALBWACHS, 2006, p.91).

É provável que a legislação do Estado Novo no Rio Grande do Sul tenha alertado as colônias de imigrantes, com a proibição do dialeto e, conseqüentemente, com as manifestações culturais. As comemorações do Centenário da Imigração Italiana em 1975 representaram, segundo Santos e Zanini (2013, p.3) “um renascimento das italianidades e das expressões de pertencimento ao mundo de origem (italiano)”. Além disso, percebe-se que as canções sofreram alterações, na maneira como foram recordadas e cantadas.

O jornal *A Razão* publicou uma matéria sobre a música do imigrante italiano. Apontou que as comemorações do Centenário da Imigração Italiana impulsionaram pesquisas e a recuperação de canções trazidas pelos imigrantes. Identificou-se que o padre Luiz Sponchiado e o padre Clementino Marcuzzo procuraram preservar e reavivar essas canções, ora gravando a voz, ora fazendo o registro escrito. Constatou-se também, que as canções tinham sofrido alterações e não eram as mesmas nas diferentes regiões coloniais.



A tradição do folclore musical do imigrante italiano se fez oralmente, transmitido através das gerações. Há pouca literatura escrita a respeito. Somente mais tarde, alguns interessados escreveram a música que ouviram do imigrante ou de seu descendente. Decorreu daí divergência entre o que escreveram, e o popularmente cantado pelo imigrado. Muitos cantos aparecem agora truncados com letras fora do contexto<sup>241</sup>.

A canção italiana produzida pelo imigrante e descendente primeiramente era transmitida de forma oral, pois havia pouco registro tanto da história como também das canções. A partir das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, as canções passaram a ser escritas. A preocupação com a recuperação desse elemento cultural fez com que os cantos, pertencentes até então a uma cultura oral, fossem escritos. A partir daí percebeu-se que os cantos tinham sofrido alterações e que cada região tinha versões diferentes para a mesma canção.

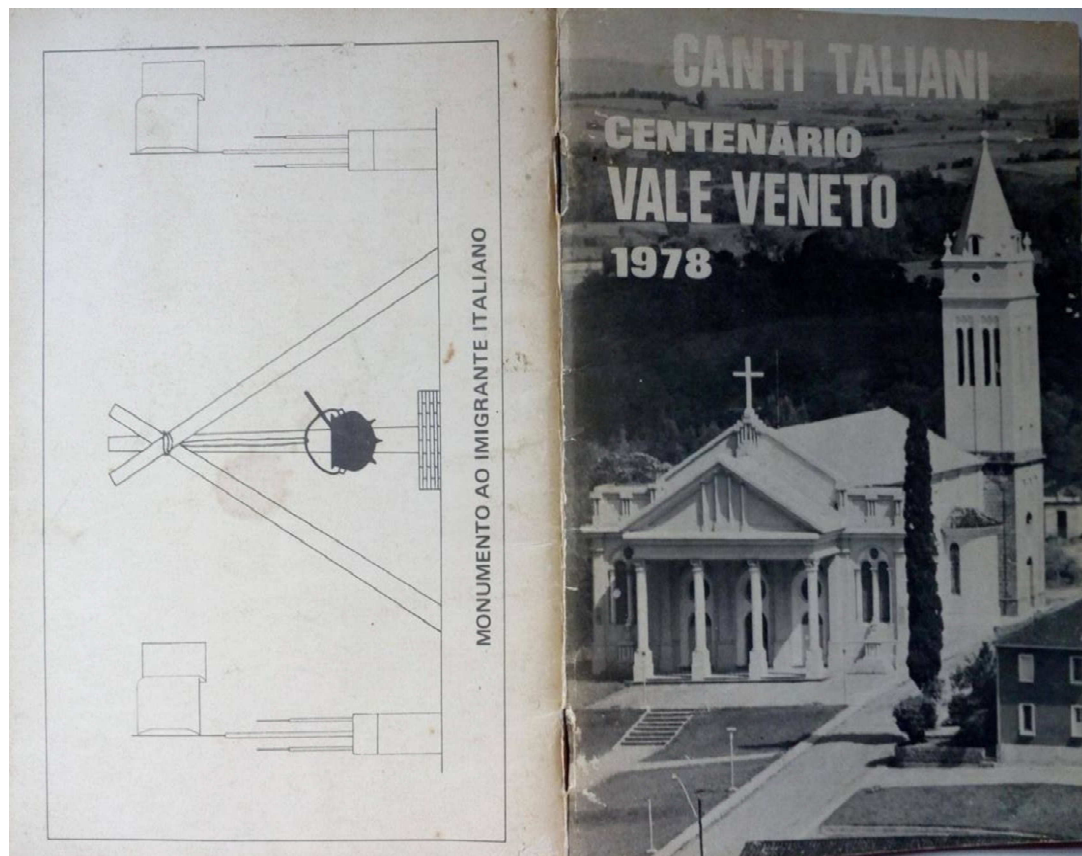
A comunidade de Vale Vêneto, ao celebrar seu Centenário da Imigração Italiana, produziu um livro com canções em dialeto, intitulado de *Canti Taliani*. A obra tem como imagem de capa a Igreja Matriz *Corpus Christi* de Vale Vêneto. Ao abrir o livro, encontra-se uma saudação de Dom Ivo Lorscheiter<sup>242</sup> ao povo de Vale Vêneto. Na primeira página, a comunidade de Vale Vêneto “rende justas homenagens aos bravos pioneiros imigrantes que da região vêneta (Itália) vieram povoar este pitoresco vale”, apresentando as famílias que se estabeleceram no local entre 1878 e 1888. Após a homenagem, foram apresentadas 34 canções e mais o hino criado para o Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto. Na última página, encontram-se provérbios em *taliani* e datas históricas da comunidade. E na contracapa, um desenho do monumento ao Imigrante Italiano, construído para as comemorações dos 100 anos do processo migratório italiano para a região. Vale ressaltar que as canções foram escritas da forma que foram recuperadas, isto é, da maneira que os seus descendentes pronunciavam as expressões e palavras. Por isso, encontraram-se versões diferentes desses cantos.

---

<sup>241</sup>A música folclórica do imigrante italiano. In: A Razão, 1º de março de 1975, p.6, Santa Maria.

<sup>242</sup>Foi bispo diocesano de Santa Maria, de 1974 a 2004.

**Figura 31: Capa e contracapa do livro**



Fonte: CANTI TALIANI, 1978.

As canções lembradas para a elaboração do livro, também mantém vivo o dialeto italiano falado. A língua trazida pelos imigrantes para essa comunidade foi o dialeto italiano vênето, visto que a Itália<sup>243</sup>, recém unificada, instituiu o italiano como idioma oficial, mas isso não impediu que os diferentes dialetos se mantivessem, por exemplo, na região norte do país (FROSI; MIORANZA, 1975).

A organização de um livro com canções em dialeto *taliani* para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana quer recordar e reafirmar, antes de qualquer coisa, dois dos aspectos da cultura deste povo: o dialeto e o canto. Apresentando como

<sup>243</sup>Segundo Antonicelli (2004, p.1372) afirmou que, “no período 1840-1914, a língua italiana está presa à expressão literária. [...] A maior parte do povo usava o dialeto mesmo entendendo o italiano, mas não sabia conversar espontaneamente”.

elementos que caracterizaram os imigrantes e, salvaguardando-o, desenvolveu-se a identificação da comunidade com o seu passado.

A música, bem como outros aspectos da cultura, reflete a relação que o grupo migrante estabelece com a sua identidade de origem. Estudar os modos pelos quais as comunidades preservam sua cultura por meio de sua música é um caminho de entendimento dos variados - e muitas vezes conflitantes - padrões identitários com os quais os imigrantes convivem. A memória musical dos grupos é um reflexo de sua identidade (MAGALHÃES, 2012, p.128).

Acredita-se que a canção foi um reflexo da identidade deste grupo étnico e que, por isso, houve a preocupação em preservar este elemento que caracterizou o imigrante. Abaixo, selecionamos alguns cantos para serem analisadas, seguindo as reflexões de Napolitano (2008, p.237), que atribuiu que as canções significavam “[...] representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu "conteúdo" narrativo propriamente dito)”. Dessa forma, as canções apresentavam diversas significações do cotidiano dos imigrantes, desde a saída da Itália até a instalação nos lotes coloniais bem como hábitos e comportamentos. Abaixo, as representações do social que as canções em *talian* quiseram transmitir.

### 5.2.1. O Hino para o Centenário de Vale Vêneto

Para as festividades dos 100 anos da Imigração Italiana de Vale Vêneto “foi solicitado aos dois padres veteranos, poetas e filhos de imigrantes Padre Pedro Luís e Pe. Casimiro Tronco que fizessem um hino para o Centenário” (INFORMAÇÕES PALOTINAS, 1978, p.53). A comunidade elegeu para elaborar o hino do Centenário, dois indivíduos que apresentavam aspectos importantes, que davam legitimidade à produção da canção: eram instruídos, sacerdotes e principalmente, eram descendentes de imigrantes.

Os hinos foram julgados e passaram a “ser cantados pela gringolândia valevenetense nas comemorações das festas e assim cairão nos braços da história” (INFORMAÇÕES PALOTINAS, 1978, p.53). De acordo com a informação, o hino teria se popularizado na comunidade, fazendo parte da cultura local. Constatou-se que todo o tipo de manifestação festiva tinha como propósito estabelecer um elo com o passado, com o presente e com o futuro. Por isso,

[...] os cantos e hinos participam dessa leitura da identidade cultural italiana, fazendo parte de um contar das tradições, dos costumes e das crenças. Assim, faz parte do processo de construção de um sentido de comunidade de pertença, uma identificação de um “nós” e de um “outro”. O fato de se tocar uma canção que todos sabem - e sua execução desencadeia uma relação de reconhecimento de situações e momentos passados - propicia um retorno a um passado vivido ou imaginado, pessoal, familiar ou grupal: ouvir, assistir a execução constrói com que um efeito de relação direta com o objeto de raiva, melancolia, nostalgia ou afeto. (BENEDUZI, 2004, p.142).

Este hino, criado para o Centenário da Imigração de Vale Vêneto quis reforçar as experiências imigratórias deste grupo, apresentando as situações cotidianas enfrentadas e superadas pelos imigrantes, através do apoio do trabalho e do grupo familiar. Abaixo, encontra-se o hino do Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto, o qual se optou por apresentar nas versões do *talian* e do português:

<i>Inno Del Centenario di Val Veneta</i>	<b>Tradução<sup>244</sup>: Hino do Centenário de Vale Vêneto</b>
<p><b>Estribilho:</b>            Sucantiam um inno di gloria            Um bel cantico in memoria            dei migranti italiano            quà arrivanti da bencent'anni</p> <p>1. Bosco copri va montie valle,            Verde mantello naturale,            Come pure La gran pianura,            Ma pien di bestie da far paura</p> <p>2. Là i migranti coraggiosi            Si son messi volenterosi            Com amor e disposizione            A prontar La piantaggione</p> <p>3. Ognun si fàla sua casetta            Ben piccola e poveretta            La qual e poço più la giova            Che a diffender dalla piova</p>	<p>Refrão: Cantaremos um hino de glória            uma bela canção de memória            dos imigrantes italianos            que chegaram a cem anos.</p> <p>1. Montanhas do vale coberta por florestas.            Verde manto natural            Como também a grande planície            Mas com feras para dar medo.</p> <p>2. Há migrantes corajosos            Estão sempre dispostos            Com amor e disposição            Para aprontar o plantio</p> <p>3. Cada um faz sua casa de campo.            Bem pequena e pobrezinha  <b>La quale poço più La giova<sup>245</sup></b>            que defende da chuva</p>

<sup>244</sup> As traduções ocorreram de forma livre, através de dicionários impressos, online e também com a ajuda de descendentes de imigrantes italianos.

<sup>245</sup> Não foi possível traduzir.

<p>4. Nei primi anni, in principio, La vita è um sacrificio; poco a poço v`a megliorando, poichè si vince lavorando.</p> <p>5. Pochi nomi quì ricordiamo, Che metter tutti non possiam: Rorato, Bortoluzzi e Dotto,o Nogara, Righi e Vizzotto.</p> <p>6. Marcuzzo, Marin e Foletto, Pivetta, Iop, Filipetto, Brondani, Londero, Venturini Sartori, Pozzobon, Giacomini</p> <p>7. E Fuor do questi nominati, Molti altri ne sono stati, Che lasciamo di cantare, Per non troppo ciallungare.</p> <p style="text-align: center;"><b>FINALE (coda):</b></p> <p>A TUTTI NOSTRA AMMIRAZIONE, A TUTTI NOSTRA VEERAZIONE, A TUTTI PROFONDO RISPETTO, A TUTTI SINCERO AFFETTO!</p>	<p>4. Nos primeiros anos, no princípio a vida é um sacrifício pouco a pouco vai melhorando pois se vence trabalhando</p> <p>5. Alguns nomes aqui recordamos não podemos colocar todos Rorato, Bortoluzzi e Dotto Nogara, Rigli e Vizzoto</p> <p>6. Marcuzzo, Marin e Foletto Piveta, Iop e Filipetto</p> <p>Brondani, Londero, Venturini Sartori, Possobom, Giacomini</p> <p>7. E fora esses nomes Muitos outros estavam aqui Deixamos de Cantar Mas não podemos nos alongar</p> <p>A TODOS A NOSSA ADMIRAÇÃO A TODOS NOSSA VENERAÇÃO A TODOS PROFUNDO RESPEITO A TODOS SINCERO AFETO</p>
--	---

O hino pode ser visto como uma composição que tem por objetivo retratar os homens transformados em heróis de um determinado tempo e lugar. Trata-se, neste contexto, dos imigrantes italianos, chegados há cem anos na região de Vale Vêneto. Elementos de memória e de um passado tornado heroico se fazem presentes na letra do hino, assim como as já faladas dificuldades e sacrifícios, positivando a imagem do imigrante italiano. Nesse sentido, Manfroi (1975, p. 195) afirmou que “o canto nas colônias italianas do Rio Grande do Sul foi, não somente um paliativo ao sofrimento e à saudade, mas a expressão coletiva da identidade cultural”. Dessa forma, a canção em dialeto representava a memória e a identidade cultural desse grupo.

O hino também se deteve em retratar a memória em relação à situação geográfica do local de estabelecimento dos imigrantes, como a região montanhosa coberta pela mata nativa e com a presença de animais silvestres, que amedrontava os imigrantes<sup>246</sup>. Essa

<sup>246</sup> Houve um reforço quanto a imaginação, para compreender os sentimentos que envolviam os imigrantes no início da colonização, principalmente relacionado ao medo das feras: “são permanentes as alusões ao

situação reforçava o caráter épico da jornada migratória. Apesar das adversidades do lugar, ao imigrante foram atribuídos adjetivos como corajoso e disposto, que auxiliava no cultivo da terra. Percebeu-se que, o “imigrante traz a musicalidade em seu arcabouço de lembranças como uma forma de reforço de sua identidade e de recurso de afirmação subjetiva frente às adversidades de seu projeto migratório” (MAGALHÃES, 2012, p.128). Nesse sentido, o canto em *talian* tornou-se um aspecto de identificação comum do grupo social, utilizado como recurso de afirmação diante das dificuldades enfrentadas no dia a dia da colonização. Adversidades destas que foram recordadas como forma de reconhecer as situações vivenciadas pelos imigrantes.

Foi retratada no hino ainda, a casa do colono [pequena e simples, mas que protegia da chuva]. Valorizou-se, outra vez, a ideia de sacrifício e de dificuldades, sendo que essas adversidades são superadas através da dedicação ao trabalho e da união familiar. Dessa forma, as canções retratavam as histórias da imigração italiana e “[...] fortalecem a imagem mitológica do imigrante” (CONSTANTINO, 2011, p.6). Os sobrenomes de famílias que iniciaram a jornada de colonização e que se estabeleceram em Vale Vêneto também foram recordados na canção. Provavelmente foram as primeiras famílias ou as que se destacaram na localidade. Nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana, esses sobrenomes citados encontravam-se entre os descendentes da comunidade.

A família, dentro da cultura italiana, era considerada um patrimônio e, o grupo familiar se tornava um importante meio de construção de memória e de identidade, pois era no seio familiar que se tomava conhecimento de costumes, práticas e tradições. A memória familiar auxiliava na criação de uma identidade. Candau (2012, p.13), a propósito dessa questão nos diz que:

Essas sociedades se esforçam em responder às expectativas de produção de um “imaginário mínimo da continuidade” e de um legendário familiar que participarão da representação de uma identidade compartilhada graças à construção de uma memória da estirpe.

Apontar nomes de família na canção significava identificar parte daqueles descendentes de imigrantes que estavam participando das comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Ou seja, que eles ainda estavam ali e que os pioneiros eram seus antepassados. Dessa forma, o trabalho, o sacrifício, as dificuldades e a superação, faziam

---

grande perigo que os animais ferozes das densas florestas sulinas significavam para os recém-chegados” (CORTEZE, 2002, p. 96).

parte das recordações deste processo migratório e, conseqüentemente, das comemorações. A canção foi finalizada com palavras de agradecimento e reconhecimento da geração de 1975 aos antepassados do povo de Vale Vêneto. A música que homenageia e representava o cotidiano do imigrante, tem um sentimento de continuidade, não deixando cair no esquecimento dois aspectos considerados importantes no mundo colonial: o canto e o dialeto. A recordação desses aspectos no Centenário da Imigração Italiana significava a construção de uma memória sobre os antepassados, que glorificava o passado e afirmava determinada identidade étnica.

### 5.2.2 *Canto dei Migrante*<sup>247</sup>

Este poema em dialeto vêneto, de Ângelo Giusti, foi transformado em uma canção entre os imigrantes e descendentes de italianos. Popularmente conhecido como *Mèrica*, *Mèrica*, este canto popular foi instituído como música tema da colonização italiana no Rio Grande do Sul pela Lei Nº 12.411, de 22 de dezembro de 2005. A lei foi instituída, fazendo “parte das comemorações dos 130 anos da colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul”<sup>248</sup>. Mas o canto transformado em símbolo da imigração italiana no início do século XXI, não é a mesma versão encontrada no livro de cantos do Centenário de Vale Vêneto. Isto comprovava as inúmeras versões existentes.

O dialeto que era somente falado passou a ser também escrito para registrar as canções, durante as festividades do Centenário da Imigração Italiana e, ao acionamento deste mecanismo de lembranças e esquecimentos, criaram-se várias versões desta canção, o que se verificou ao ser feita a análise das mesmas. Além disso, muitas palavras foram escritas da forma como era feita a pronúncia. Segundo Marcuzzo (1982, p.46), dependendo da região, as “canções sofreram alterações no próprio texto ou melodia. Isto é característico do imigrante italiano que acomodará o canto ao seu gosto, embelezando a melodia, dando-lhe novas nuances ou usando palavras típicas da região”. Como eram poucos os registros escritos, no momento que as canções passaram a ser escritas era possível verificar as alterações e mostrar as várias versões existentes sobre a mesma música.

---

<sup>247</sup> Tradução livre: Canto do imigrante

<sup>248</sup> ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Gabinete de Consultoria Legislativa LEI Nº 12.411, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Porto Alegre, 2005. Acesso em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.411.pdf>>

Mas é válido ressaltar que, existem muitas diferenças entre os grupos de imigrantes italianos, sendo uma delas em relação às formas do dialeto. Apesar dessas diferenças, criou-se uma narrativa que conferia uma unidade ao grupo. Os elementos escolhidos para fortalecer essa unidade podem ser percebidos através das canções que exaltaram o imigrante.

O *Canto dei Migranti* é uma música que “parte desse sustentáculo imagético da operosidade do colono italiano - no estado - de sua dedicação ao trabalho” (BENEDUZI, 2004, p.190). A canção enfatizou as dificuldades superadas pelos imigrantes através da dedicação ao trabalho e da união familiar. Destacou, ainda, através desses predicados a possibilidade da construção de vilas e cidades e assim, obter sucesso na trajetória para o outro lado do Atlântico.

<b>Canto dei Migranti</b>	<b>Canto do Imigrante</b>
Noi sian partiti dai nostri paesi Noi sian partiti con i nostri onori Trenta sei giorni de machina a vapore In nel America noi siamo arrivá	Nós partimos de nossos vilarejos Nós partimos com nossas honras Trinta e seis dias de navio a vapor E na América nós estamos chegando
Estr: Mérica Mérica Mérica Cosa saralasta Merica Mérica, Mérica, Mérica Un bel mássolino Del fior	Estr: América, América, América Como será esta América? América, América, América Um belo buquê de flor
In nel Americano i siamo arrivati No abian trovato ne paglia e ne fieno abian dormito sul campo sereno come le bestie noi abiam ori posá	E na América nós estamos chegando Não encontramos nem palha nem feno Dormimos no campo sereno Com os animais vamos descansar
Mérica, Mérica... Qui no conosce Il bello Brasile Circundato de monti e de paini \: E com la indústria de nostri Italiani Abian formato paesi e cità:/	América América América ... Quem não conhece o belo Brasil Cercado de montes e planícies /:E com o trabalho dos nossos imigrantes formamos vilarejos e cidades:/.

O canto do imigrante retratava não só a partida dos italianos para o Brasil, saindo de suas aldeias e vilarejos, mas também marcava a chegada a um Continente a ser descoberto por eles: a América. No Continente desconhecido da maioria o que os atraía



era a possibilidade de adquirir uma propriedade com incentivos para iniciar a produção agrícola. Para Beneduzi (2004, p.190), esta canção “expressa a celebração da conquista da terra - de uma certa forma comemora-se o encontro da terra da *cucagna*”. A questão da superação das dificuldades e valorização do trabalho foram características que colaboraram para fortalecer a identidade de um italiano colonizador bem sucedido, que produziu riquezas e auxiliou no desenvolvimento de bairros e cidades. Analisando este tipo de discurso sobre os imigrantes, Weber (2006, p.238) afirmou que,

[...] tende a reificar uma determinada figura do imigrante e a operar com uma linha de continuidade entre a saída do grupo (ou levas) de outro continente, sua instalação no novo território, suas estratégias de adaptação, a superação das dificuldades e, como era de se supor, seu êxito final.

Na canção, a repetição [3 vezes] da palavra “Mérica”, representava, segundo os analistas, um grito de dúvida e da incerteza sobre a decisão de migrar. Mas, como seria esta América? A pergunta intrigava os imigrantes sobre o que os esperava do outro lado do Atlântico. “A incerteza transformada em desejo de saber, de assegurar-se, de definir o desconhecido” (SANTIN, 1986, p.15). Não havia ainda nada de certeza sobre o Brasil que lhes aguardava, então se comparou o país com um macinho de flores<sup>249</sup>. Para Santin (1986, p.15), “esse desconhecido e misterioso mundo, será um ramalhete de flores. À primeira vista, a resposta é tranqüilizadora e clara. Pela frente está um futuro florido”. Mas o autor argumentou que o termo é ambíguo, representando tanto “a segurança e a certeza de dias melhores, mas pode [significar], ao mesmo tempo, toda a carga de dúvida e insegurança” (SANTIN, 1986, p. 15). As incertezas e a insegurança sobre o outro lado do Atlântico - expressas na canção - preocupavam os imigrantes, mas não era um empecilho para migrarem.

Sobre a chegada, os imigrantes retrataram outra realidade comum no período: a inexistência de lugar adequado para dormir, só restando lugar seguro junto aos animais, no campo sereno. Pensando na ex-colônia Silveira Martins, na sede, havia um barracão onde os imigrantes foram alojados até receberem os lotes de terras e construir suas moradias (SPONCHIADO, 1996). Mas sempre é válido ressaltar que alguns imigrantes

---

<sup>249</sup> Vendrame (2013) constatou que muitos imigrantes migravam sozinhos e, quando instalados, comunicavam suas famílias a partir de cartas, recomendando a viagem para a América. As correspondências registravam a abundância de alimentos, da propriedade de terras e da possibilidade da aquisição de animais, como cavalos e vacas.

que chegaram após as primeiras levas ficaram em casas alugadas pelas comissões de terras, conforme já afirmamos em outro trabalho (MANFIO, 2015).

A América, aquele “macinho de flor” imaginado, foi sendo gradativamente conhecido, colonizado e enriquecido com o trabalho do imigrante e, com isso, formaram-se as vilas e as cidades. A canção tem como mote, mais uma vez, a valorização do trabalho do imigrante italiano. E a repetição presente nas canções em dialeto *taliani*, ajuda a fortalecer uma imagem positiva do imigrante, nem sempre verdadeira, até os dias atuais.

Segundo o canto, o trabalho imigrante colaborou na construção de vilas e cidades. Mas é preciso ter presente que, na ex-colônia Silveira Martins<sup>250</sup>, estes imigrantes não foram os únicos, existindo a colonização de alemães e nacionais de forma conjunta nesse território. Constata-se em outros escritos (Manfio 2015, p.99), que do período de 1883 a 1887, mais de 500 nacionais se estabeleceram em lotes de terras nesta região, o que leva a concluir que, em concomitância com a distribuição de lotes para imigrantes italianos, havia também a distribuição de lotes para famílias de nacionais. A presença de outros grupos étnicos na colonização do quarto núcleo colonial do Rio Grande do Sul era, portanto uma realidade.

A canção que, ora analisou-se e que, foi utilizada para narrar de forma heróica o processo migratório italiano no Rio Grande do Sul possibilitava também, a partir das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, a construção de uma narrativa identitária. Recordar essa canção significava tocar na memória da população local e na história dos antepassados.

### 5.2.3 *Settimana Del Pigro*<sup>251</sup>

A canção *Settimana Del Pigro* foi escolhida para ser analisada devido à sua letra. Diferente daquelas citadas acima que valorizavam o imigrante como um trabalhador nato, este canto retratava a semana de um trabalhador preguiçoso. Sobre esta canção, não foi

---

<sup>250</sup>Ex-Colônia Silveira Martins: matrícula dos colonos nacionais estabelecidos nesta ex-colônia e em seus núcleos depois da emancipação. In: **Comissão de terras. Maço 42**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs).

<sup>251</sup> Tradução livre: semana do preguiçoso.

possível identificar mais informações, como a autoria e o contexto de sua produção. Esta canção também se encontra no livro de cantos de Vale Vêneto.

É importante ressaltar que, apesar das comemorações do Centenário da Imigração Italiana marcar positivamente a imagem do imigrante italiano, outro grupo de imigrantes, *os que não deram certo*, também foi retratado nas festividades através do viés do fracasso. Este foi um dos elementos que acabou valorizando as dificuldades dos imigrantes diante do processo migratório (ELMIR; WITT, 2014). No entanto, necessita ficar claro a ideia de fracasso no universo da imigração. Como fracassado foi denominado aquele que teve dificuldade de cunho social e econômico, alteração na estrutura familiar, problemas judiciais, acidentes fatais ou mortes inesperadas.

Traduzido este fracasso para a música, percebeu-se que a canção *Settimana Del Pigro* apresenta um italiano preguiçoso, que não é apto ao trabalho, sempre buscando justificar esse percalço. E, mesmo sendo um contraponto do que as festividades querem recordar do imigrante, “a canção se torna um elemento emblemático do processo migratório”, porque permite a “auto-identificação para o grupo de descendentes” (BENEDUZI, 2004, p.191). Então, o grupo se identificava com o canto porque era um elemento alegre e divertido da cultura italiana - vista como um momento de descontração e apresentando um anti-herói que vivia burlando o trabalho.

<b>Settimana Del Pigro</b>	<b>Semana do Preguiçoso (Tradução livre)</b>
LUNEDI poi, Ho fatto na ciuca; una grande baruffa Non voglio lavorare	Segunda-feira agora Eu fiz uma bebedeira Uma grande briga Não vou trabalhar
MARTEDI poi, É Il giordo seguente Neanche per niente! Non voglio lavorare	Terça-feira agora É o dia seguinte Mesmo por nada! Não vou trabalhar.
MERCOLEDI poi, Ho perso Il martello Giusto per quello Non voglio lavorare	Quarta-feira agora Eu perdi o martelo Justo aquele Não vou trabalhar
GIOVEDI poi, É um giorno dolente	Quinta-feira agora, é um dia dolorido

Nianche per niente Non voglio lavorare	Mesmo por nada Não vou trabalhar
VENERDI poi, É giordi di dolore É morto Il signore Non Voglio lavorare	Sexta-feira agora, É um dia de dor O senhor morreu Não vou trabalhar
SABBATO poi, É l'ultimo giorno, fora i transtorno Non voglio lavorare!	Sábado agora é último dia fora os transtornos Não vou trabalhar
DOMENICA di matina Mi posto sul portone Ed aspetto Il patrone Che venga a pagar!	Domingo de manhã Me coloco no portão Espero o patrão que venha me pagar.
Ma arriva Il patrone Tuto arrabiato: <Bruto vegliaco! Vammi via di quà!	Mas chega o patrão Todo furioso Mal educado e “veiacco” Vamos, saia daqui!
Prendi La tua laggera Che poco me n'importa Và anche sul <ostrega> Ma vammi via di quà!	Leve sua preguiça Que pouco me importa Vá também seu <i>ostrega</i> <sup>252</sup> Mas vamos, saia daqui!
<Mi scusi, il patrone S'ho fatto del male; Perchè senza ciuchetoni La fabrica non và!>	Me desculpa, patrão Se te fiz mal Porquesemberrão A fábrica não vai.

A canção narra a semana de um italiano que não tinha aptidão para o trabalho e o evitava devido às adversidades do seu cotidiano. De segunda a sábado, o pseudo trabalhador narrava seu vício com a bebida, a perda da ferramenta, a morte de um senhor e motivações próprias que o impediam de ir ao trabalho. Mesmo sendo uma canção popular, que ridicularizava os que assim viviam, ela retratava outro lado possível da imigração: a existência de imigrantes que não tinham se encontrado nesta travessia, ou porque estavam abandonados ou porque tinham o vício da bebida, ou mesmo porque procuravam um consolo para a sua desdita, quer como imigrantes, quer como homens

<sup>252</sup>*Ostrega* é uma palavra do dialeto talian que não foi possível traduzir. Optou-se por manter esta palavra em dialeto talian, por não ser possível de tradução. O termo é usado como pejorativo, para difamar alguém.

fracos às adversidades. A perda de família, a saudade do lugar de origem e outros motivos poderiam levar ao rompimento deste tenuous fio que ligava o sucesso ao fracasso. Mas acredita-se que a canção seja reveladora destas mazelas que a imigração também trazia. Percebeu-se que essa canção provocava também uma ruptura com o mito do trabalhador, desnaturalizando este discurso. Então, apresentavam-se os vícios e as motivações de um trabalhador que evitava o trabalho a qualquer custo, mostrando este processo de forma heterogênea e sem generalizações.

No que se refere ao texto da canção, depois de uma semana inteira sem ir ao trabalho, o italiano esperava receber o pagamento. O patrão que se encontrava enfurecido devido às faltas no trabalho de seu funcionário, mandou-o embora. Em resposta, de forma irônica, o trabalhador pediu desculpas, falando que, sem a bebida, a fábrica não iria para frente, e reafirmando que, seu trabalho, mesmo com as faltas, era essencial para a fábrica.

Percebeu-se que esta canção apresentou o universo do italiano em relação ao trabalho e, como uma canção popular vinda da Itália, denunciava a situação dos trabalhadores nas fábricas, bem como problemas relacionados à dependência alcoólica. A historiografia tradicional da imigração italiana “reforçam o mito do trabalho, da religiosidade, da solidariedade e harmonia entre os colonos, da visão alegre de mundo, da solidez da ordem familiar entre outros atributos” (CONSTANTINO, 2011, p.6). No entanto, a música relatou uma população trabalhadora heterogênea, com problemas de saúde em decorrência da dependência alcoólica e que nem sempre era devota ao trabalho.

As canções, ao final, mostravam um pouco da vida cotidiana da imigração da região da ex-colônia Silveira Martins e em especial em Vale Vêneto. E mostravam, ainda, na sua crônica cantada, que havia mazelas e desvios junto com os acertos e boas lembranças dos antepassados. O Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto tornou-se um momento oportuno para preservar as canções em dialeto italiano, através da construção de um livro de cantos, no qual as canções foram registradas na forma como eram recordadas e pronunciadas. Para além de seu conteúdo, elas eram um instrumento de construção da memória, bem como da identidade étnica e representavam o cotidiano dos imigrantes apresentando incertezas, angústias, adversidades, mas também as vitórias e os sucessos conquistados.

### 5.3 A FÉ RENOVADA: OS CAPITÉIS PARA O CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

*A história dessas pequenas construções se confunde com a dos imigrantes*<sup>253</sup>

A fé, a religiosidade e o trabalho dos imigrantes italianos foram os principais aspectos recordados durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins. E como uma tentativa de marcar esses aspectos, impulsionou-se um movimento de reforma dos antigos capitéis - pequenos oratórios dedicados aos santos de devoção do idealizador do capitel, construídos na beira das estradas, em terras particulares, pelos imigrantes e descendentes de italianos. O movimento de reformas foi conduzido pelo padre Luiz Sponchiado que incentivou a comunidade a participar deste projeto. Ele mesmo coordenou este trabalho no município de Nova Palma, no qual foram reformados 42 capitéis. A ação que impulsionou a comunidade em mutirões entre a reforma e a festa de inauguração, tinha como foco, tal como as crônicas, recordar a fé e a religiosidade dos imigrantes. Atualmente, os capitéis são considerados um patrimônio histórico deixado pelos imigrantes e descendentes.

Consideram-se, na análise dos capitéis, as palavras de Le Goff (1990) quando apontava que os monumentos têm como função, o “poder de perpetuação” (LE GOFF, 1990, p.536) da memória de uma comunidade. Ao reformar os capitéis, buscou-se sua conservação, no sentido de “manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional tribal ou familiar” (CHOAY, 2001, p. 18). Para compreender as significações das reformas, era necessário historicizar a construção desses capitéis pelos imigrantes e descendentes no período da colonização, uma vez que a perpetuação da fé e da religiosidade na geração atual pode ser o principal indício das reformas dos capitéis para as comemorações dos 100 anos da Imigração Italiana em Nova Palma. Nesse sentido, busca-se compreender o valor histórico desses monumentos.

#### 5.3.1 Os capitéis: marcos da religiosidade

A religiosidade é considerada um importante aspecto da imigração italiana no Rio Grande do Sul. A historiografia sobre a imigração que se ampliou enormemente a partir dos concursos criados no Centenário da Imigração Italiana, afirmou que os imigrantes

---

<sup>253</sup>Igreja restaura capelas da época da imigração italiana. In: jornal *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 de agosto de 1993, p.36. Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG).

eram, em sua maioria, católicos e que traziam esta herança do país de origem (MANFROI, 1975). O historiador Vitor Biasoli (2010) criticou esta ideia, afirmando que, se criou uma “interpretação clássica do papel da religião nos grupos italianos que vieram para as colônias rio-grandenses. Este fluxo migratório trouxe nos corações e nas mentes a herança cultural-religiosa forjada em suas aldeias de origem” (BIASOLI, 2010, p.68). Atribuiu-se ao imigrante que emigrou para o sul do Brasil, a condição de maioria católica fervorosa e não tardaram as construções das primeiras capelas nas zonas coloniais.

A historiografia produzida pelo Centenário da Imigração Italiana afirmava que os imigrantes teriam buscado o amparo espiritual na reza familiar do terço ou em grupos para enfrentar as dificuldades da imigração. Manfroi (1975, p 158) explicou que a “religiosidade e a expressão de seus sentimentos religiosos continuavam nos barracões, na viagem fluvial e terrestre até sua chegada na colônia”. Dessa forma, o imigrante foi retratado como um ser de muita fé e religiosidade e que, com as adversidades da travessia, apegou-se mais ainda a religião. Na ausência de capelas e na carência de padres, os imigrantes italianos e descendentes investiram na criação de templos sagrados, segundo Merlotti (1979, p.46)

[...] conforme a própria vivência, como garantia de salvação, certeza de encontro de Deus, tempos de oração, geralmente em uma comunidade, ou em família, e tempos de repouso dos trabalhos manuais em respeito à própria sacralidade das datas religiosas comemoradas.

Os espaços de oração citados acima se referiam aos capitéis construídos pelas famílias de imigrantes e descendentes, em muitos casos, motivados por promessas, tornando-se espaço para a manifestação da fé e da religiosidade. A historiografia da imigração italiana desenvolvida no Centenário da Imigração criou um universo sagrado em torno do imigrante e de sua religiosidade. As capelas e igrejas foram surgindo posteriormente às primeiras edificações dos oratórios.

As construções das primeiras capelas e da Igreja eram sinônimos de prestígio e progresso, implicavam na organização social das comunidades coloniais e na presença dos padres. As comunidades com melhor organização conseguiram construir seus espaços de devoção, mas isso nem sempre garantia a presença do padre<sup>254</sup>. Merlotti (1979, p.47), afirma que,

---

<sup>254</sup> Esse movimento foi explicado por Vendrame (2007), quando os imigrantes italianos chegaram em Vale Vêneto, logo se organizaram para construir a primeira capela e trazer um padre que ficasse no local.

Um aspecto interessante a ser notado é que, muitas dessas linhas, após a construção da capela, que viria atender uma parcela das necessidades dos colonos, faltaria a peça principal que seria o padre. Criaram, portanto, um papel novo para aqueles grupos que tanto desejavam dar sequência à sua vida religiosa. Era o “padre leigo”.

A historiografia recente da imigração italiana, representada por Biasoli (2010); Vendrame (2007; 2013), Vécio (2001), Zanini (2006), Stefanello (2015), entre outros, apontaram para o entendimento que os imigrantes tinham sobre o espaço da comunidade. Os autores acima destacaram os sentidos sociais, políticos, a ideia de autonomia e independência defendida pelos imigrantes através da edificação de um templo e em relação à presença de um padre residente. Os imigrantes, com os próprios recursos construíram as capelas e também financiaram a vinda de padres, como o ocorrido em Vale Vêneto. Isso demonstrava que buscavam a autonomia religiosa, política e administrativa, mesmo que entrassem em conflitos com sacerdotes e bispos (VENDRAME, 2007; 2013)

Os capitéis foram erguidos nas áreas de colonização italiana, devido à “escassez de padres e os leigos eram obrigados a manter os cultos para que não se perdesse a tradição trazida da Itália”<sup>255</sup>. O jornal apresentou essa informação, mas não explicou por que os imigrantes e descendentes eram obrigados a manter os cultos religiosos. Ressalta-se que a ausência de padres não justificava a construção desses oratórios, mas sim a autonomia em relação às práticas religiosas desenvolvidas pelos imigrantes e descendentes.

Entretanto, compreendendo os capitéis como monumentos e como uma necessidade dos primeiros tempos da colonização italiana. Conforme Huysen (2000, p.63) quando afirma que, “os monumentos são encarados como expressões das mais elevadas necessidades culturais de um povo [...]”. Assim, aquele monumento dedicado ao santo de devoção era uma necessidade dos imigrantes e, com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, tornaram-se um marco da religiosidade imigrante.

Como foi mencionado no subcapítulo anterior, na região da ex-colônia Silveira Martins, os imigrantes promoveram a vinda de dois padres italianos, para dar assistência religiosa à sede e ao núcleo de Vale Vêneto. No entanto, a colônia era extensa e as visitas dos sacerdotes não ocorriam de forma constante. Este pode ser um dos motivos, pelos

---

<sup>255</sup> Igreja restaura capelas da época da imigração italiana. *Op. Cit.*



quais, imigrantes e descendentes resolveram edificar os primeiros oratórios com o intuito de manter a prática religiosa. Mas leva-se em conta, ainda, a construção como resultado de promessas alcançadas pelos imigrantes e descendentes e, também os capitéis como instrumento de poder local.

No entanto, com o desenvolvimento da Colônia e a abertura de novos territórios coloniais é provável que o abandono de alguns capitéis tenha ocorrido pelas migrações internas das famílias de imigrantes e descendentes<sup>256</sup>. Assim, a perda do culto ou a falta de manutenção podem ter sido fatores que levaram à deterioração de alguns capitéis. Um exemplo disso era a reforma do capitel de Nossa Senhora Aparecida. Padre Luiz Sponchiado, ao celebrar a reforma do Capitel de Nossa Senhora Aparecida, mencionou que o referido oratório ainda prestava uma homenagem ao capitel do Sagrado Coração de Jesus, desaparecido na comunidade. O capitel dedicado ao Sagrado Coração de Jesus foi construído por Guido Salvieri - homem que, segundo Sponchiado, sofria com crises epilépticas que o deixava violento. Não se sabe quais foram às motivações, mas a família de Guido abandonou o local e migrando para Ivorá<sup>257</sup> (Restauração do capitel “Aparecida”, no Rincão do Bom Retiro de Nova Palma, 1995). É provável que a migração da família Salvieri tenha sido o fator que ocasionou o abandono e a deterioração, conseqüentemente levando ao desaparecimento do capitel, mesmo que outros moradores residissem no local<sup>258</sup>. O capitel era para o santo da família ou para o grupo maior, indo embora a família, o oratório caía no esquecimento. Ainda havia o fator de não identificação dos novos moradores com aquela construção, pois não a haviam feito e não era também o santo de devoção do novo núcleo familiar.

O jornal *Correio Riograndense* ao apresentar o capitel descreveu como o “último marco que ainda é do leigo”<sup>259</sup>, embora criado por uma necessidade desses grupos. O jornal chamou a atenção para o fato de os sacerdotes não celebrarem missas nesses oratórios, pois acreditavam que os imigrantes e descendentes deveriam construir suas capelas, criando assim uma jurisdição eclesiástica. Quando estes conseguiram se

---

<sup>256</sup> Se as migrações eram um fator para o abandono do capitel, a vinda de novos moradores também, pois poderiam não se identificar com aquele santo ou edificação.

<sup>257</sup> As migrações internas nas colônias italianas aconteciam com certa frequência. Em outro trabalho, (MANFIO, 2015, p.136), apontamos que “os fatores que provocam essa mudança não estão apenas relacionados com a produção agrícola e o crescimento da família. O descontentamento com o lugar, a comunidade e os vizinhos também são indícios da migração de indivíduos que já estariam instalados em lotes coloniais”.

<sup>258</sup> É a questão da identificação do novo morador com o capitel já existente.

<sup>259</sup> Capitéis: último marco que ainda é do leigo. In: *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 17 de junho de 1981, p.17. (AHCM).

organizar, “foram sendo fundadas as capelas sempre como o objetivo de, um dia, poderem receber a visita de algum sacerdote e assistirem à celebração da missa”<sup>260</sup>. Para o imigrante e o descendente, era importante a presença do padre nas capelas e igrejas.

O município de Ivorá também aderiu à iniciativa de reformar os capitéis que se encontravam ao longo das estradas do interior. Padre Luiz Sponchiado, em manuscrito, criticou a rusticidade das construções, apontando para a falta de “uma placa onde fiquem as datas e doadores” e outras informações, “marcando no extenso território, a história do Capitel, que é um marco seguro e inapagável da região e seu povoamento”. Sempre preocupado com a manutenção do registro histórico para a posteridade, acreditava que as reformas deveriam priorizar as informações dos capitéis, como um marco histórico de determinado tempo, espaço e povo.

A cidade de Silveira Martins, a antiga sede da Colônia, decretou pela Lei Municipal 185/93 o tombamento do Capitel de Santo Antônio de Pádua, localizado em Val Feltrina, na zona rural. A lei tornava o capitel um Patrimônio Histórico-Cultural do município, “o qual zelará pela sua preservação e conservação fazendo os melhoramentos necessários”<sup>261</sup>. Percebeu-se as distintas ações desenvolvidas para a preservação dos capitéis na região da ex-colônia Silveira Martins, primeiramente como um espaço de religiosidade e na atualidade, transformando-os em patrimônio histórico-cultural.

Ainda havia os registros das reformas de capitéis no município de Veranópolis. Em carta do padre Luiz Sponchiado aos fiéis da cidade, o sacerdote relatou com entusiasmo que também Veranópolis estava promovendo a reforma dos capitéis. Na carta, expôs seu trabalho no município de Nova Palma e justificou as reformas dos capitéis para lembrar “aos jovens e aos que estão por vir, uma tradição preciosa de fé, esperanças, unidade e partilha, que herdamos e não podemos olvidar”<sup>262</sup>. Novamente o sacerdote qualificou a imagem do imigrante, valorizando a fé e religiosidade, destacando que as mesmas não devem ser esquecidas pelas futuras gerações. Segundo Huysen (2000, p. 67) “como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão para o futuro”. É perceptível que, não apenas a reforma dos capitéis, como as festividades do Centenário da Imigração Italiana tinham por

---

<sup>260</sup>Capitéis: último marco que ainda é do leigo. In: *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 17 de junho de 1981, p.17. (AHCM).

<sup>261</sup>Artigo 2. Lei Municipal 185/93. *Prefeitura Municipal de Silveira Martins*, 1993 (CPG).

<sup>262</sup>Grifo do autor. *Carta de Padre Luiz Sponchiado aos Freis de Veranópolis*, Op Cit. (CPG).

objetivo atingir não apenas o presente, mas também as gerações futuras, como se pode perceber no texto acima.

Dessa forma, a reforma dos capitéis não significava mostrar à comunidade a prática religiosa do imigrante, mas expor a sua preocupação em manter sozinho a religiosidade, a crença e fé, na ausência de instituições de assistência religiosa. A religião católica era para o imigrante, nesse contexto, um elo do presente e do futuro com o passado, auxiliando na manutenção da memória e da identidade étnica do grupo.

O jornal local ainda trazia o informativo da paróquia e apresentava a importância do trabalho de reformas para as comunidades.

No território da Paróquia, existem cerca de 40 capitéis. Alguns terão que ser deslocados, por que o desvio nas estradas novas os isolou. Mas o essencial é que nenhum desapareça por que ‘Uma comunidade adquire densidade humana e espiritual, quando é capaz de resgatar de maneira permanente o seu passado. Por que sem passado não há história perde-se a identidade e o futuro criando a tragédia das multidões anônimas que vagam pelo espaço’ [...] <sup>263</sup>.

Este movimento de reforma destacou a necessidade de não desaparecer nenhum dos capitéis, buscando preservar permanentemente o passado. Dessa forma, destacou-se a reforma dos capitéis e o reforço de uma narrativa histórica. Padre Luiz Sponchiado, como coordenador deste projeto, trabalhou o aspecto da religiosidade, para que o passado da imigração italiana estivesse ligado com a prática da fé e da religião católica, sendo este o elo com o presente e futuro. Segundo Huyssen (2000, p.68), “a memória de uma sociedade é negociada no campo social das crenças e valores, rituais e instituições”. Dessa forma, o sacerdote impulsionou a comunidade, incentivou a reforma como uma forma de rememorar os antepassados, criando “uma imagem prestigiosa com a qual se supõe que todos passem a se identificar” (CANDAU, 2012, p.148). Nesse sentido, esses oratórios eram/são fontes de memória e suportes para escrever a história da região.

### **5.3.2 A restauração da fé dos antepassados**

O trabalho de restauração implicava em “conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta-se no respeito ao material original e aos

---

<sup>263</sup>Informativo paroquial. In *Nova Palma notícias*. Nova Palma, 09 de julho de 1988, s/n. Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG), s/d.

documentos autênticos” (CARTA DE VENEZA, 1964). Pensando neste conceito, o trabalho realizado pelo padre Luiz Sponchiado com a comunidade de Nova Palma não foi de restauração dos capitéis (como ele afirmava na documentação deixada no CPG e nas notícias dos jornais locais). Os capitéis foram reformados, pois houve mudanças na estrutura física, como a troca de materiais como a madeira pelo concreto, pois dava mais durabilidade e longevidade aos mesmos. E ainda, alguns capitéis foram reconstruídos, pois haviam sido abandonados.

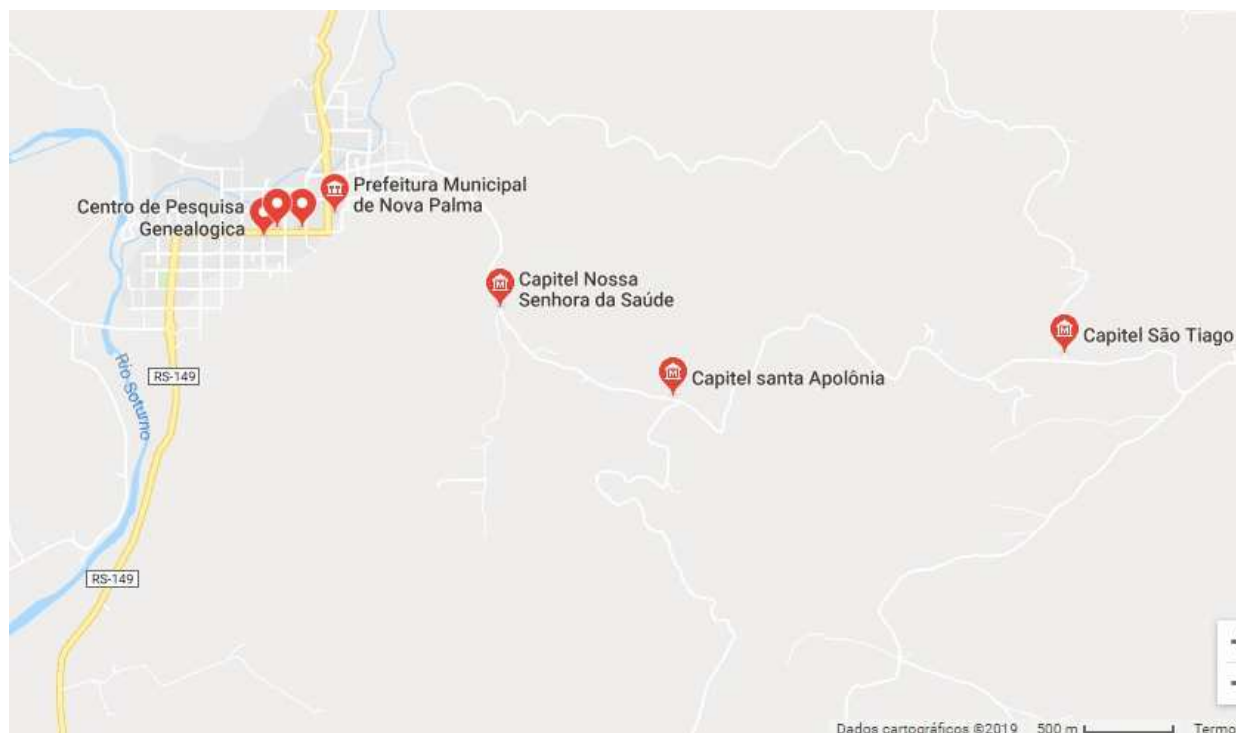
O período de 1890 a 1930 foi caracterizado pela “presença de capitéis que eram construídos em terras particulares, principalmente em encruzilhadas, formando o ponto de encontro das famílias. Era geralmente na base de três a quatro famílias para cada capitel” (TURA, 2012, p. 20). Os capitéis possuíam imagens dos santos de devoção dos imigrantes e descendentes, trazidos das comunas de origem, na Itália, ou produzidos aqui no Brasil. O sentido dos capitéis era diverso, lembravam ou procuravam demarcar diferenças internas entre os grupos de imigrantes. Além disso, em diferentes épocas, os capitéis serviram para reforçar as práticas sociais e discursos identitário diversos e plurais.

O movimento de reformas dos capitéis no município de Nova Palma seguiu, de forma geral, a seguinte ordem de atividades: criação do grupo de reforma, arrecadação de fundos para custeios das obras (normalmente doações das famílias próximas aos capitéis), atividades de reforma, missa de reinauguração e festa. Cada capitel recebeu uma placa em alusão aos Centenário da Imigração Italiana, homenageando um aspecto diferente do processo migratório. Abaixo, serão explorados alguns capitéis reformados para o Centenário da Imigração Italiana no município de Nova Palma<sup>264</sup>.

Abaixo, encontra-se um mapa com a localização dos capitéis no município de Nova Palma.

---

<sup>264</sup>A escolha desses capitéis, entre os 42 existentes no município deve-se primeiramente pela documentação encontrada no acervo do Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma. O outro fator é para quem/que o capitel está prestando homenagem no Centenário da Imigração Italiana.

**Figura 32: Mapa de localização dos capitéis**

Fonte: Google Maps

O primeiro capitel estudado está localizado na estrada da localidade de Linha Duas, no interior do município de Nova Palma. Foi construído em 1946, em virtude de uma promessa do casal Vitorino e Helena Bellé e, dedicado a Nossa Senhora da Saúde. Conforme foi registrado na documentação, Vitorino “carregava consigo, problemas crônicos de saúde [em parte] por hereditariedade da família sofrida e provada, aguçados psicologicamente por ter perdido muito cedo a primogênita e o aconchego do lar”. Dessa forma, percebeu-se que os imigrantes e descendentes que tinham problemas de saúde recorriam aos santos como forma de buscar a cura. Por fim, Vitorino fez uma promessa e a cumpriu com a construção de um capitel em homenagem a Nossa Senhora da Saúde.

**Figura 33: Capitel de Nossa Senhora da Saúde**



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, o capitel recebeu uma placa (encontra-se na parte superior do capitel), com o seguinte dizer: “O grupo do nosso centenário da colonização celebra com reconhecimento, a pia união das filhas de Maria, fundado na paróquia em 24 de julho no ano do senhor de 1912”. A Pia União das filhas de Maria é um tipo de associação apenas de mulheres leigas e católicas que se reuniam em devoção à virgem Maria e que existe até os dias de hoje. Percebendo diante da documentação, o capitel prestou essa homenagem devido a uma das fundadoras desta associação ser da comunidade de Linha Duas. Prestar uma homenagem a uma das fundadoras, que pertencia à comunidade, era uma forma de incentivar a localidade a preservar o capitel. Pode-se dizer que essa era uma estratégia de Sponchiado.

Hoje o capitel encontra-se bem conservado por seus zeladores. Externamente há um pequeno cercado ao seu redor, com uma calçada na entrada que leva até o capitel. Ao fundo, observa-se a mata nativa. Internamente, possui um pequeno altar, onde se encontram as imagens de Nossa Senhora da Saúde (no centro) e de Santo Antônio (à direita) e de São José (na esquerda). Na parte inferior, encontram-se as placas dos

construtores e datas de inaugurações. O capitel possui um portão para proteger as imagens de eventuais vandalismos e furtos.

O capitel a Santa Polônia foi o primeiro construído no município de Nova Palma, em 1890, sendo promessa do casal Giuseppe e Sabina Tomasi. Segundo Tura (2010, p.23) “trouxeram consigo a devoção à Santa, invocada nas dores de dentes. A imagem da santa traz nas mãos uma ferramenta, em forma de um boticão (instrumento cirúrgico usado para extrair dentes), simbolizando a proteção para as dores de dentes”. É importante salientar que, a questão da saúde bucal entre os imigrantes era algo presente e demandava a procura de práticos para resolvê-la.

**Figura 34: Capitel Santa Polônia**



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O jornal *Zero Hora* noticiou que, o imigrante Giuseppe Tomasi “exercia o ofício de dentista, por isso dedicou a capela à Santa Apolônia, padroeira destes profissionais”

<sup>265</sup>. Mas não era apenas este ofício que ele desempenhava: o imigrante possuía um moinho e produzia imagem de santos em madeira (TURA, 2010). Dessa forma, verificou-se que a reforma do capitel não apenas carregava a história da religiosidade e de fé dos imigrantes, mas também se elaborava uma memória positiva em torno do imigrante construtor do capitel. Além disso, pode-se afirmar, baseados em Vendrame (2007), que a presença de um capitel era uma maneira de reforçar o prestígio e o poder na região colonial. Ter um oratório deveria auxiliar na atividade que seus possuidores desempenhavam entre os imigrantes. Por exemplo, no caso do imigrante Giuseppe Tomasi, reforçava a sua prática profissional e promovia seu trabalho na produção de santos em madeira<sup>266</sup>.

Para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, este capitel foi reformado e nele escreveu-se a seguinte mensagem: “homenageamos, no centenário da colonização, os que formados ou sem diploma se dedicaram à cura de doenças, à solicitude dos enfermos e [aos] cuidados com a saúde caseira e popular”. Nesse sentido, este capitel recordava o trabalho de seu primeiro construtor, como também a todos os que se dedicavam a área da saúde, na cura de doenças e de enfermos no período da colonização italiana. Por isso, o jornal *Zero Hora* publicou o seguinte trecho: “a história dessas pequenas construções se confunde com a dos imigrantes”, por que não foi apenas a história do capitel a ser recordada, mas também foi exaltada a história do imigrante e/ou descendente que construiu o oratório. Portanto, percebem-se camadas de memória, através das lembranças, as reassignificações e dos novos usos da memória.

Mas ressalta-se ainda que, este capitel foi construído em 1890, reconstruído em material em 1923, foi refeito pela terceira vez – restaurado pelo grupo do Centenário. Atrás do atual capitel, encontram-se as ruínas do capitel antigo. Na fotografia acima, as árvores atrás do capitel escondem as ruínas. Hoje o capitel de Santa Apolônia encontra-se bem conservado. Externamente, não há cercas e está com suas portas abertas. Na parte interna, possui um altar com três imagens de santos: Santa Apolônia no centro, Sagrado Coração de Jesus e Santa Rita. Flores artificiais enfeitam o oratório.

Outro capitel, dedicado a São Tiago, está localizado na Linha Cinco, no interior de Nova Palma. O oratório foi construído em promessa do casal Giácomo e Elisabetha

---

<sup>265</sup> Igreja restaura capelas da época da imigração italiana. In: jornal *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 de agosto de 1993, p.36. Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>266</sup> Buscamos em Vendrame (2007) a afirmação de que as edificações religiosas juntamente com as manifestações religiosas tinham força social e política nas comunidades.



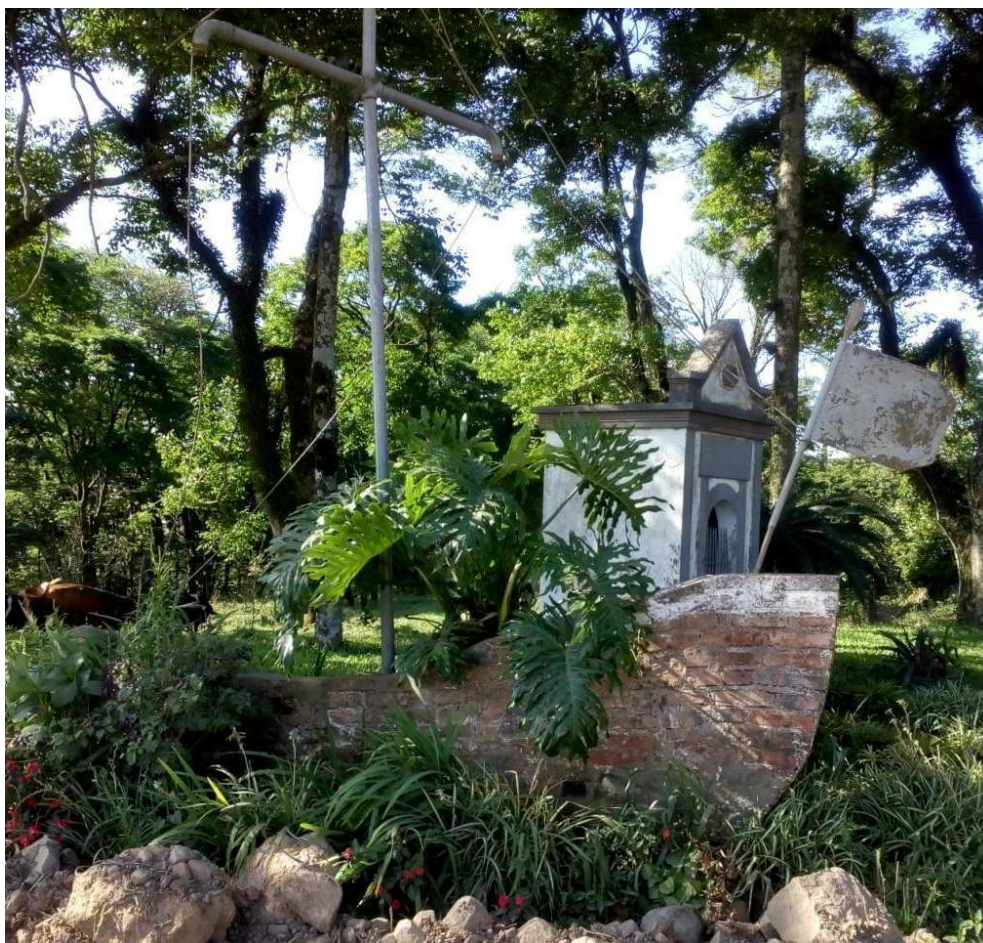
Cargnin no ano de 1948, sendo inaugurado em 1951 e, restaurado em 1998. Este capitel é mais recente que os demais aqui apresentados.

O orago, São Tiago, é considerado o santo protetor dos caminhos, das peregrinações e de seus peregrinos. Acredita-se que, por isso, foi o capitel que homenageou a travessia oceânica e terrestre dos imigrantes italianos. De acordo com a placa comemorativa do Centenário da Imigração Italiana: “recordamos homens e mulheres, grandes e pequenos, que padeceram no mar ou em terra na longa viagem da imigração. Homenagem dos descendentes, no centenário da colonização. ‘Cem anos de fé e trabalho’.” Dessa forma, os organizadores da reforma tinham interesse de recordar aqueles que haviam falecido antes de chegar a América, expondo sempre as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes. Witt e Elmir (2014, p. 12), ao refletirem sobre as histórias de fracassos na imigração salientam que, “as narrativas de triunfos ou de realizações épicas talvez flertem com o mito até nas narrativas de derrotas”. Sendo assim, o fracasso - ocorre quando o imigrante ou seu grupo tem dificuldades na organização social e/ou econômica ou ainda, teve a estrutura familiar esfacelada – mas também aparece como elemento que enfatizava a heroicidade do imigrante italiano nos tempos de colonização<sup>267</sup>.

Este capitel, do qual não há muitas informações sobre seu processo de construção, chama atenção pela sua homenagem. Além da descrição da placa e da proteção do santo, constata-se que foi construída junto ao capitel, uma réplica de um navio que se encontra na parte inferior da fotografia (imagem abaixo) e quase passou despercebido. Junto a ele, encontra-se ainda uma cruz. O santo, a homenagem do Centenário e a construção do navio ao lado representavam a lembrança do processo de imigração dos italianos, da saída da Itália até a chegada nos lotes de terras no centro do Rio Grande do Sul. Era, também, a lembrança dos que faleceram nesta travessia. A viagem transoceânica foi recordada de forma traumática e dolorosa porque deixavam a terra natal para o desconhecido e enfrentavam as doenças e a alimentação precária que assolavam os navios. Isto causou muitas mortes entre os passageiros (CORTEZE, 2002).

---

<sup>267</sup>O capitel dedicado a Nossa Senhora Aparecida na localidade de Bom Retiro também é uma homenagem aos “excluídos, que arriscaram com os nossos ancestrais a aventura migratória: doentes, excepcionais, desastrosos, inadaptados, mal sucedidos, existiram, não o esquecemos”. Prestar homenagem aos *fracassados* acentuava as adversidades enfrentadas pelos imigrantes e descendentes durante o processo de colonização.

**Figura 35: Capitel a São Tiago**

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Esse capitel procura tocar a memória dos descendentes de imigrantes, sobretudo os que faleceram na travessia para chegar até o centro do Rio Grande do Sul, não conseguindo alcançar o sonho de *fazer a América*. Dessa forma, até aqueles que não chegaram à Colônia de destino, foram homenageados nas comemorações do Centenário. E, a partir disso, criou-se a imagem do herói italiano através “[...] de uma epopeia que é de restituir e, sobretudo, de não deixar essa memória cair no esquecimento (CANDAUI, 2012, p.139). Ao prestar essa homenagem, o sacerdote ressaltava as dificuldades do processo imigratório enfrentada pelo italiano.

Construiu-se uma memória sobre a travessia oceânica “como infundável rosário de sofrimentos, no qual se destacam o abandono do *paese*, a viagem até o porto de partida, os naufrágios, a mortalidade durante a terrível viagem atlântica e, finalmente, a dura viagem do Rio de Janeiro até a colônia” (CORTEZE, 2002, p. 70). Durante as comemorações do Centenário da Imigração Italiana, foram enfatizadas as situações de dificuldades enfrentadas pelos imigrantes durante a viagem de 40 dias no oceano

Atlântico. Os estudos recentes (CORTEZE, 2002); (VENDRAME, 2007); (MANFIO, 2015), entre outros autores, deram conta que houve narrativas positivas sobre a travessia, alegando não haver transtornos, gerando experiências e lembranças prazerosas. Dessa forma, as experiências quanto à travessia devem ser vistas como heterogêneas, com casos positivos, mas também casos dolorosos e de dificuldades.

As reformas dos capitéis promovidas pelas comemorações do Centenário da Imigração Italiana ressaltaram uma narrativa sobre a travessia e o imigrante, na qual se valorizou a fé e a religiosidade. O sacerdote Sponchiado<sup>268</sup> impulsionou as comunidades da zona rural do município de Nova Palma, conscientizando-as da importância dos capitéis, através da construção do conhecimento, a partir da história do capitel e do construtor, como também na organização dos mutirões para realizar as reformas. Padre Luiz Sponchiado aplicou a todos os capitéis, um discurso homogeneizador, sendo que os oratórios apontavam diferenças do grupo, dos indivíduos que construíram os capitéis. Por causa do discurso homogeneizador de Sponchiado, compreendeu-se que os capitéis se tornaram um patrimônio cultural<sup>269</sup> para as comunidades após a etapa de reformas.

O movimento de reconstrução implicou no envolvimento das comunidades, criando um universo positivo que os atraiu a preservar e a recuperar a história dos capitéis, dos seus construtores e de suas motivações. Com os oratórios reformados e a consciência da comunidade da sua importância, os capitéis tornaram-se um patrimônio cultural local, evidenciado com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana no município de Nova Palma, bem como outras regiões do Estado.

#### 5.4 LIDERANÇAS RELIGIOSAS: A PRODUÇÃO E A PRESERVAÇÃO DOS REGISTOS DAS FESTAS

Dentro das comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins, foi possível perceber que a presença e a atuação de padres ligados à comunidade étnica era um aspecto que poderia garantir, em parte, o sucesso das festividades. Padre Luiz Sponchiado e padre Clementino Marcuzzo, além de serem

---

<sup>268</sup> Além de impulsionar a comunidade, Sponchiado também deixou toda essa ação registrada em documentos que estão disponíveis no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG), de Nova Palma.

<sup>269</sup> “Compreende-se o patrimônio cultural como bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Decreto-Lei nº25, de 30 de novembro de 1937; Constituição Federal de 1988, Artigo 216). Documento capturado em 02 de fevereiro de 2019 em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao\\_Federal\\_art\\_216.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_216.pdf).

coordenadores das comemorações do Centenário em Nova Palma e Vale Vêneto, respectivamente, foram essenciais no trabalho de conscientização das comunidades em relação ao conhecimento da própria história e, a partir disso, envolvendo os indivíduos na organização e na participação dos festejos. Com as comemorações centenárias, os sacerdotes foram fundamentais nas coordenações das festas das comunidades em que atuavam, mas também eram produtores e divulgadores das atividades comemorativas.

Esses sacerdotes também estavam envolvidos na construção da história local, realizando publicações a respeito da imigração italiana na região da colônia Silveira Martins. Seus escritos<sup>270</sup> buscavam entender os motivos do processo migratório, descrevendo os processos de transporte e viagem, como também todas as situações enfrentadas pelos imigrantes na chegada e instalação dos lotes coloniais. Dessa forma, os padres foram fundamentais na construção e na propagação de uma memória da imigração italiana.

Os padres Luiz Sponchiado e Clementino Marcuzzo, antes de padres, eram descendentes de imigrantes e pertenciam à região da ex-colônia Silveira Martins. Isso legitimava em parte, uma atuação de sucesso dentro das comunidades<sup>271</sup>. Além disso, eles realizaram atividades que impulsionaram as comunidades no conhecimento da própria história: isso significava que entendiam uma história dos antepassados, criaram uma consciência sobre a importância disso e, desenvolvendo um sentimento de pertencimento, capaz de envolver o povo na participação e na organização dos momentos festivos. Por isso, o objetivo deste subcapítulo não é traçar uma trajetória sobre esses dois indivíduos, mas sim, mostrar a importância da atuação desses sacerdotes dentro das comunidades, na recuperação, na preservação da história local, bem como na realização das comemorações do Centenário da Imigração Italiana.

Primeiramente é preciso compreender o papel dos sacerdotes nas pequenas comunidades, para assim entender a atuação de padre Luiz Sponchiado e padre Clementino Marcuzzo. Para os imigrantes e os descendentes, “o padre era o guia espiritual da comunidade e mantinha com os paroquianos uma relação embasada na

---

<sup>270</sup> Padre Luiz Sponchiado escreveu as crônicas da colonização e tem artigos em livros como “A imigração Italiana no Brasil”. Já padre Clementino Marcuzzo foi editor chefe do jornal O Radar, era correspondente no jornal Correio Riograndense e tinha livros publicados como o *Cento Canti Talian*, Centenário da Imigração Italiana de Val Veronês entre outras obras.

<sup>271</sup> Embora se aborde o sucesso do trabalho dos sacerdotes, é provável que muitas pessoas discordassem do discurso e das formas de atuação. Liriana Stefanello (2015, p. 22), observou que as relações de Padre Luiz Sponchiado “com as famílias de Nova Palma se davam de diferentes maneiras, com maior ou menor afinidade, tanto politicamente quanto socialmente”.

confiança absoluta. Era o padre que todos se dirigiam para solucionar suas dúvidas, seus problemas e dificuldades” (MARIN, 1999, p.90). Então, desde a colonização, a figura do sacerdote tinha prestígio diante da comunidade - apesar de muitos fiéis não concordarem com as posições do sacerdote e isso gerava inúmeros conflitos.

É válido ressaltar que a historiografia escrita a partir do Centenário da Imigração Italiana atribuiu à figura do sacerdote como “criaturas divinas, possuidoras de poderes superiores aos dos anjos a quem todos deveriam obedecer disciplinadamente sem contestar, pois tinha em suas mãos o arbítrio da vida e da morte e somente eles conduziam à felicidade, à vida eterna e à razão” (MARIN, 1999, p.80). No entanto, os estudos recentes realizados por Vendrame (2007; 2013) apontaram que os imigrantes e descendentes entraram em conflito com padres e até com o bispo.

Os episódios de desavenças ocorridas nos diversos locais da ex-Colônia Silveira Martins desmistificam a imagem do imigrante receptível às regras estabelecidas pelos padres ou pela autoridade diocesana, uma vez que, para fazer valer suas aspirações, a população colonial não se furtou a conflitar com os representantes da Igreja Católica” (VENDRAME, 2007, p. 65).

Dessa forma, é desmistificada a obediência do imigrante e descendente diante da figura do sacerdote. No entanto, os padres eram considerados lideranças políticas importantes nas comunidades de atuação, sendo inclusive “capazes de assumirem as mais diferentes demandas de uma comunidade” (MANFIO, 2015, p.72). Os padres iam assumindo outros papéis dentro das comunidades de atuação, como, por exemplo, pe. Luiz Sponchiado e pe. Clementino Marcuzzo que tinham formação extra, além das sacerdotais: Sponchiado realizou um curso de enfermagem no Hospital de Caridade e Marcuzzo era formado em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria - RS<sup>272</sup>. Então, além da assistência religiosa, a comunidade contava com outras atividades que os sacerdotes desempenhavam, auxiliando no desenvolvimento da população.

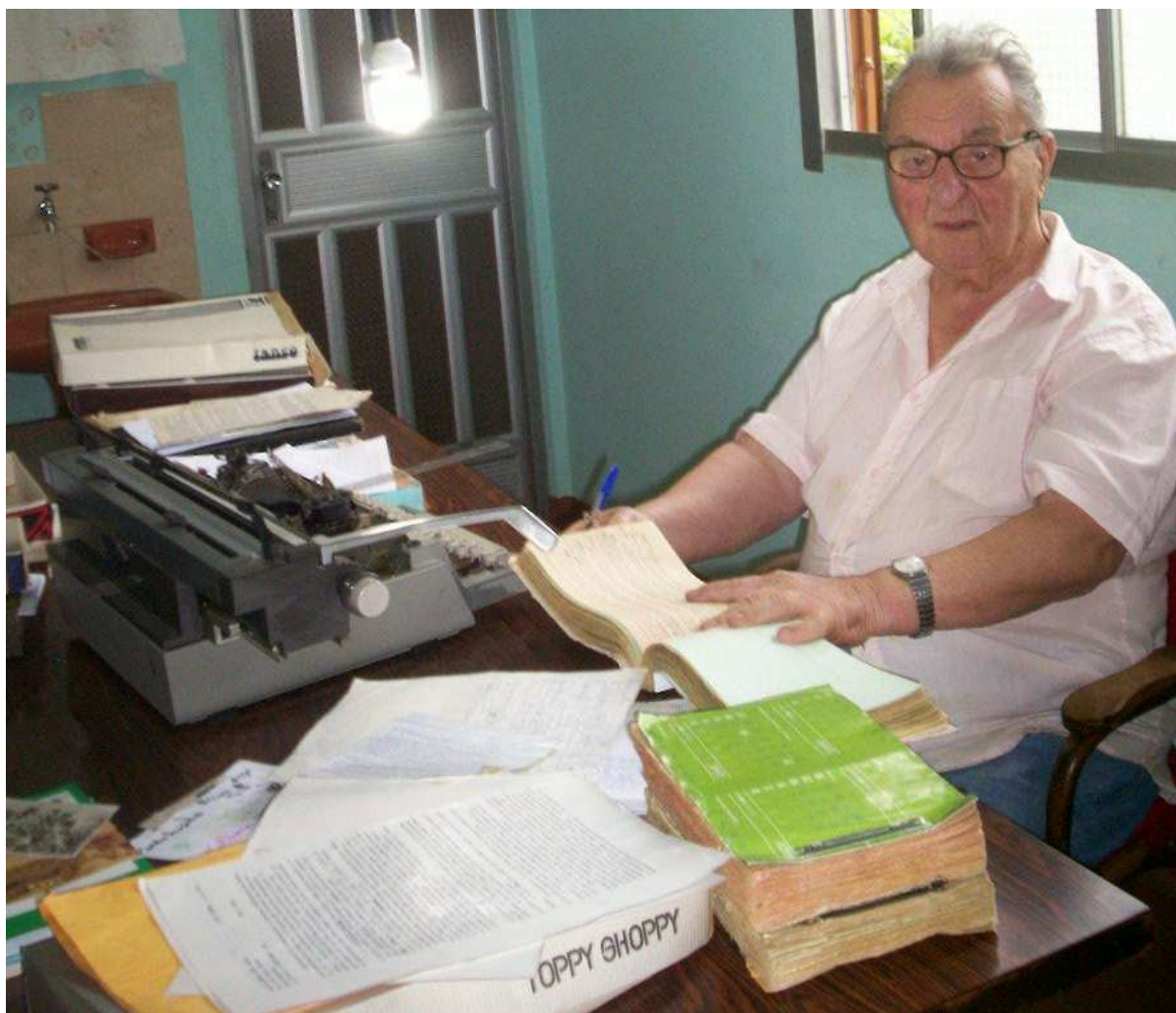
Padre Luiz Sponchiado nasceu na comunidade de Novo Treviso, no dia 22 de fevereiro de 1922. Ele era neto de imigrantes italianos que se instalaram na região da ex-colônia Silveira Martins. A família de Sponchiado mudou-se para a região noroeste do RS em 1925. Apesar disso, foi no município de “Nova Palma que o sacerdote viveu grande parte de sua vida, dedicados à religiosidade, às questões sociais, culturais,

---

<sup>272</sup> Além de ajudar a comunidade, a formação extra, seguia as demandas e os interesses dos próprios sacerdotes.

políticas e econômicas – extrapolando o campo de atuação de um pároco e envolvendo-se em ações em prol da comunidade de Nova Palma e da região” (MANFIO, 2015, p. 13). Nesse local, o sacerdote adquiriu prestígio e legitimidade para promover ações de preservação e de salvaguarda da história da imigração italiana.

**Figura 36: Padre Luiz Sponchiado no seu escritório no CPG**



Fonte: Arquivo pessoal, 2009

O trabalho de Sponchiado para estudar a história da imigração italiana iniciou a partir das histórias que ouvia dos avôs (STEFANELLO, 2015), (SPONCHIADO, 1996), (MANFIO, 2015). Com a proximidade da data que marcava o Centenário da Imigração Italiana, o sacerdote ampliou o campo de pesquisa, que anteriormente era apenas o seu grupo familiar, para investigar as famílias que haviam circulado na região da ex-colônia

Silveira Martins. Como ações preparativas para a passagem do Centenário da Imigração Italiana, padre Luiz foi convidado para publicar em jornais locais as *Crônicas da Colonização* - assunto estudado anteriormente - como uma forma da comunidade tomar conhecimento da história da imigração italiana. Incumbido pelo Bispo Dom Ivo Lorscheiter, tornou-se o coordenador geral das comemorações promovidas pela Diocese de Santa Maria e assim, intensificou as pesquisas que já estava realizando, criando o Centro de Pesquisas Genealógicas<sup>273</sup> - que conta a história da imigração italiana da Colônia Silveira Martins, registrando as famílias que circularam na região. “Pe. Luiz organizou, nas horas de folga, que o ministério sacerdotal o proporciona, um monumental e complexo fichário genealógico de quase todas as famílias da região” (SANTIN, 1986, p. 26). Os documentos que fazem parte do acervo foram coletados a partir de pesquisas de campo<sup>274</sup> realizadas pelo sacerdote, bem como com material doado pela comunidade.

No município de Nova Palma, Sponchiado também coordenou as festividades do Centenário da Imigração Italiana que ocorreram em 1984, ano da passagem dos cem anos do núcleo Soturno. O sacerdote celebrou missas, inauguração de pedra monumental, incentivou a reforma dos capitéis, participou de almoços e jantares, organizou o desfile histórico, entre outras atividades<sup>275</sup>. No entanto, é necessário ressaltar que, sobre os capitéis, Padre Luiz Sponchiado ajudou a construir e a reformar os capitéis, mostrando assim, sua ação concreta dentro dos festejos do Centenário da Imigração Italiana em Nova Palma.

Ele foi a figura central que tudo planejou e dirigiu. Ele conseguiu fazer desfilar nas vias públicas toda a história de Nova Palma, tendo como espinha dorsal da história a vida religiosa da paróquia. E, por fim, é bom lembrar que todo material organizado pelo Pe.Sponchiado oferece excelentes fontes genealógicas e históricas para o mais exigente pesquisador” (SANTIN, 1986, p. 26-27).

Como coordenador das festividades, Sponchiado planejou e organizou as comemorações tendo auxílio das autoridades políticas, da comissão festiva e da comunidade novapalmense. A colocação de Silvino Santin, apesar de saudosista, tem ponto de concordância em relação às fontes históricas. O trabalho do padre era baseado no registro histórico e também, eram preocupados em fazer a documentação os fatos que aconteciam na comunidade, como as festas do Centenário da Imigração Italiana. Sobre as

---

<sup>273</sup> Sobre o acervo, ver mais em: Stefanello (2015) e Manfio (2015).

<sup>274</sup> Sponchiado utilizou-se da pesquisa de campo para coletar documentos e informações. Visitou casa de moradores, igrejas, cemitérios, arquivos públicos e privados entre outros. Também contou com os depoimentos orais dos moradores da região. Isso era possível porque o sacerdote tinha filmadora, gravador de voz e câmera fotográfica.

<sup>275</sup> Ver mais em (Manfio, 2015).

comemorações, o padre deixou inúmeros documentos que são encontrados no acervo do CPG. O desfile histórico, mencionado por Santin (1986), foi fotografado, organizado em uma espécie de álbum e a sucessão de imagens foram descritas pelo sacerdote. Seu trabalho não era apenas em organizar e coordenar as festividades, mas também era de preservar todos os registros possíveis para não deixar cair no esquecimento, como também para salvaguardar para as futuras gerações. Sponchiado se colocava assim, como um “guardião da memória”<sup>276</sup>.

O primordial deste trabalho era a forma como o padre envolve as comunidades na construção de uma memória. Para isso, a comunidade deveria ter conhecimento da história da imigração italiana - as missas se tornaram um momento de exposição da narrativa étnica do processo migratório. Foram alguns exemplos, a celebração católica realizada no local na primeira missa do núcleo Soturno, a missa no 1ª do ano de 1984, relativo ao Centenário da Imigração Italiana e por fim, a missa realizada na *I festa da família Stoch* (MANFIO, 2013). O sacerdote era quem escolhia o que se comemorava e a forma como ia ser comemorado, mesmo sendo um evento de insucesso.

É importante frisar as formas de abordagem de Sponchiado para realizar as pesquisas de campo, bem como a celebração de um evento de insucesso. O caso explorado sobre a família Stoch, já foi abordado por Vendrame (2013) e Manfio (2013; 2015). Considera-se um exemplo claro de atuação do sacerdote na construção de uma narrativa étnica para comemorar a passagem dos cem anos de um crime que envolveu uma família de imigrantes italianos que se instalaram no núcleo Soturno, da ex-colônia Silveira Martins. Comemorar um crime? Não. Mas foi a passagem dos cem anos, no qual uma família de imigrantes teve sua estrutura esfacelada por causa de um crime, destruindo o sonho de fazer a América e a possibilidade de viver de forma unida.

Padre Luiz Sponchiado reconstituiu a trajetória dessa família, desde a saída da Itália até o estabelecimento na comunidade de Linha Três no interior de núcleo Soturno. Esse trabalho foi possível devido à pesquisa realizada em arquivos, cartórios e depoimentos orais. O padre envolveu primeiramente a comunidade, a “detentora de conhecimento”, para reconhecer o espaço onde o crime havia ocorrido, uma vez que não existia nada que sinalizasse o local. Ele foi “acompanhado de Pedro Manfio, Caetano Mazzonetto, Gentil Prevedello e Odila Vedovato [...] dirigiu-nos para o provável local”

---

<sup>276</sup> O termo foi utilizado por Pollak (1989) abordou que, existem indivíduos que, dentro de determinados grupos ou instituições, auxiliaram na salvaguarda e na (re)significação da memória, sendo assim, considerados como um baú com as histórias do grupo.



<sup>277</sup> . Buscou contato com os familiares, descendentes dos Stoch, obtendo mais informações e dados.

A procura nos três municípios forneceu ao padre as informações e documentos que se uniram com os dados que tinha, no qual construiu um primeiro relatório sobre a história da família Stoch. Para o documento final sobre a trajetória do casal Stoch, foram acrescentadas informações de depoimentos orais, dados de livros de batismo, dos códices da colonização e da relação de vapores (MANFIO, 2015, p. 125).

O trabalho de padre Luiz Sponchiado culminou na *I Festa da Família Stoch*<sup>278</sup>, com missa campal que narrou à trajetória da família no Brasil. Houve também inauguração do monumento em homenagem às vítimas do assassinato, no local onde aconteceu o crime e almoço festivo com churrasco, risoto, maionese de batatas, saladas, pães e cucas<sup>279</sup>.

A motivação veio de padre Luiz Sponchiado, o idealizador da construção do monumento, que contou com a ajuda dos moradores da localidade. A doação de recursos para a compra de materiais de construção, o terreno que foi cedido pelo proprietário local e o mutirão realizado para a construção do monumento ocorreram entre as famílias da Linha Três (MANFIO, 2015, p.126).

A festa foi um momento oportuno de tomada do conhecimento da história da imigração, os percalços possíveis passados pelos imigrantes e de criação de uma narrativa histórica que culminou construção de uma memória única, arquitetada por Sponchiado. A verdade que prevalecia foi aquela contada por Sponchiado, tinha como testemunhas a própria comunidade e essa era a memória que perdurava, aquela narrava pelo sacerdote.

Por fim, a preocupação de padre Luiz Sponchiado estava na preservação da história e da memória sobre a imigração italiana na região da ex-colônia Silveira Martins. Utilizou-se da condição de sacerdote e descendentes de imigrantes para realizar pesquisas de campo, buscando informações e dados nas casas de moradores da região, nos arquivos públicos e privados, nas igrejas, nos cemitérios, entre outros lugares, para construir uma narrativa histórica sobre o processo migratório local. Após a pesquisa, a história foi sendo propagada nas missas, festa, jornais, livros, monumentos. Assim, ajudou a comunidade a tomar conhecimento sobre a história local, construindo uma consciência sobre a memória e uma identidade étnica.

Padre Clementino Marcuzzo nasceu em 12 de setembro de 1927, na localidade de Vale Vêneto e era neto de imigrantes italianos vindos na Província do Vêneto. Ingressou

<sup>277</sup> *Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado*. In: Caixa da família Stoch, Centro de Pesquisas Genealógicas.

<sup>278</sup> As festas de família são momentos de construção de uma narrativa histórica e genealógica entre os imigrantes e as gerações de descendentes. É um momento para celebrar a identidade italiana do grupo.

<sup>279</sup> Este cardápio de almoço é tradicional nas áreas rurais de colonização italiana.

na Congregação dos padres palotinos, tornando sacerdote em 1958. Realizou a primeira missa na Igreja de Corpus Christi, da localidade de nascimento. Apesar de ter exercido quase toda a vida religiosa na cidade de Santa Maria, era em Vale Vêneto que promovia eventos e celebrações, divulgando as práticas sócio-culturais italianas.

**Figura 37: Padre Clementino Marcuzzo**



Fonte: <http://www.cbg.org.br/colegio/historia/galeria-socios/clementino-marcuzzo/><acesso em 14 de março de 2019>.

O sacerdote Marcuzzo dedicou parte da vida aos estudos sobre a imigração italiana em Vale Vêneto, buscando divulgar e propagar a cultura italiana na região. Foi o coordenador das comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto, ficando a frente de ações de divulgação da cultural local e registrando através de fotografias, filmagens, gravações e escrita, as festividades. A partir disso, propagou mecanismos que auxiliaram a comunidade na construção de uma consciência histórica, promovendo e revivendo as tradições, os costumes e os comportamentos dos imigrantes italianos.

Padre Clementino Marcuzzo não está tanto preocupado em documentar o passado, mas em revivê-lo. Ele com muito entusiasmo busca comemorar e celebrar o passado, mas, ao mesmo tempo, procura perspectivas que conduzam para frente, sonhando em restaurar a antiga vitalidade que existia na região. Suas iniciativas através das promoções festivas, recuperando canções, bandinhas, litúrgicas sacras, comidas típicas ou publicações de artigos publicitários têm sempre em vista transformar Vale Vêneto num ponto turístico e, conseqüentemente, retomar o caminho do progresso. Por isso, não é exagero dizer que, tirou Vale Vêneto do esquecimento e, talvez, do desaparecimento total (SANTIN, 1986, p. 27).

Santin (1986) expõe as ações desenvolvidas por Padre Clementino Marcuzzo para a preservação da cultura italiana em Vale Vêneto e mencionou o ponto em que se diferenciam as atuações dos padres Sponchiado e Marcuzzo. O primeiro era realizar o trabalho de preservação da história, buscando registrar e salvaguardar todo e qualquer documento, material, informações e depoimentos. O segundo, também procurava preservar o passado, mas o objetivo era reviver as práticas sócio-culturais dos antepassados. Então, para as comemorações do Centenário da Imigração italiana, na qual tinha a coordenação do evento, o sacerdote auxiliou na divulgação da história da imigração, escrevendo artigos para jornais e rádios, promoveu almoços e jantares com comidas típicas, como também recuperou diversos tipos de canções populares italianas. É óbvio que Silvino Santin exaltou a figura de Marcuzzo, ao mencionar que o sacerdote teria livrado a comunidade do esquecimento, criando eventos que atraíam o público em geral para desfrutar da comunidade e da cultura italiana.

Além de padre, Marcuzzo ainda tinha a formação em jornalismo. O sacerdote era correspondente no jornal *Correio Riograndense* de Caxias do Sul e assim, publicava os acontecimentos que ocorriam na região da ex-colônia Silveira Martins para restante do Estado<sup>280</sup>. Além disso, fundou e era diretor do jornal *O Radar*, de Faxinal do Soturno. Com tiragem de 1500 exemplares e de distribuição gratuita, iniciou as atividades em 16 de agosto de 1975. Não se sabe quando deixou de circular, pois não foram encontrados registros. No entanto, ambos os jornais noticiaram as festividades que aconteceram nas comunidades da ex-colônia Silveira Martins e foram à base de fontes históricas dessa pesquisa. A divulgação de notícias e artigos sobre as comunidades e a cultura italiana ajudava na propagação dos costumes, comportamentos e das tradições dos imigrantes italianos.

---

<sup>280</sup> Vale mencionar que os eventos ocorridos na região da ex-colônia Silveira Martins eram publicados mais ou menos um mês após a sua realização. Por exemplo: a primeira festa da Uva de Val Feltrina ocorreu nos dias 14 a 22 de fevereiro de 1976, mas o jornal o *Correio Riograndense* publicou a nota de Padre Clementino Marcuzzo em 17 de março de 1976.

Com o objetivo de reavivamento do passado, padre Clementino Marcuzzo auxiliou na promoção de eventos<sup>281</sup> que divulgavam a cultura italiana. Por exemplo, ajudou na criação da Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto juntamente com o Festival Internacional de Inverno da Universidade Federal de Santa Maria, no ano de 1986. Duas professoras da universidade procuraram padre Marcuzzo para apresentar-lhe a proposta do evento e então, ele “propôs as professoras que se ocupasse o espaço da noite para o resgate da cultura italiana com o objetivo de manter viva, as tradições nascendo a Semana cultural e italiana de Vale Vêneto” (VIZZOTTO, 2014 p. 230). Eram ações e eventos que auxiliavam na divulgação e reavivamento da cultura italiana.

Outra ação de Padre Clementino Marcuzzo na comunidade de Vale Vêneto foi a recuperação de inúmeras canções populares italianas. Acima, Santin (1986) abordou esse trabalho do sacerdote, afirmando os diferentes tipos de canções que foram retomadas com o intuito de preservação da cultura italiana - proposta desenvolvida durante o Centenário da Imigração Italiana no Estado. No entanto, é importante compreender como Marcuzzo fazia a salvaguarda das canções.

Sair de gravador em punho, para registrar o modo de cantar, a forma literária usada e não apenas copiar de livros, aliás, é fácil. Difícil, porém, é copiar da vida. Mas copiar da vida é uma forma de gerar nova vida, é garantir a sobrevivência, o aprendizado, a assimilação dos valores que passam de geração em geração (COSTA. In: MARCUZZO, S/A, p. 9).

Um das formas de registrar as canções foram com o gravador de voz<sup>282</sup>. Depois, os cantos eram transcritos, registrando assim, a escrita de muitas canções ainda eram cantadas. O sacerdote reuniu cem canções e organizou o livro *Cento Canti Taliani*<sup>283</sup>, sendo o material divulgado na região da ex-colônia Silveira Martins. A proposta era a recuperar as canções e incentivar as práticas sócio-culturais dos imigrantes italianos, buscando não deixar cair no esquecimento das comunidades à história e a cultura dos antepassados.

Vale mencionar que os primeiros escritos sobre a imigração italiana eram realizados por pesquisadores locais. Alguns deles eram sacerdotes, como padre Luiz

---

<sup>281</sup> O sacerdote também auxiliou na criação de outros eventos, como da Associação Cultural dos Ex-Alunos de Vale Vêneto e da Festa do Galeto e dos Motoqueiros.

<sup>282</sup> Padre Luiz Sponchiado também realizou pesquisas com gravador de voz. No entanto, criou um banco de fitas com as gravações, que se encontra disponível no CPG.

<sup>283</sup> Editora Palotti, s/d.

Sponchiado<sup>284</sup> e padre Clementino Marcuzzo, que escreveram sobre a temática e apresentaram documentos oficiais, levando o conhecimento histórico as comunidade de descendência italiana. Para Herédia (2003, p. 39), “a importância desses pesquisadores na produção científica da imigração é fundamental, pois gera uma matriz marcada pelo conhecimento da terra, pela ilustração desses documentos aliados a experiências e ao conhecimento”. Dessa forma, os sacerdotes buscavam fortalecer a história da imigração italiana, mas também procuravam não deixar cair no esquecimento das comunidades, a própria história. Considera-se os sacerdotes como uma elite intelectual, que produzia sobre imigração italiana - eram netos de imigrantes, eram padres e tinham conhecimento, legitimando assim, a produção histórica. Certamente, eles utilizavam esse capital adquirido para garantir o prestígio, colocando-se como os oficiais “guardiões da memória” construída sobre a imigração, os imigrantes e as comunidades coloniais.

Padre Luiz Sponchiado e padre Clementino Marcuzzo auxiliaram na construção de uma memória e de uma narrativa étnica sobre a imigração italiana na região da ex-colônia Silveira Martins. Considera-se os sacerdotes como “guardiões da memória”, pois salvaguardaram e reelaboraram as memórias de um grupo. No entanto, as propostas eram diferentes. Padre Luiz Sponchiado envolvia a comunidade de Nova Palma em ações de memória, isto é, precisavam do conhecimento da comunidade - em forma de documentos, depoimentos orais - mas também da ajuda financeira - por exemplo, na doação de materiais, recursos e terreno<sup>285</sup> - para a execução do projeto. Todo o processo era registrado pelo sacerdote, através de fotografias, filmagens, relatos escritos, entre outras possibilidades. O grande objetivo era documentar e registrar ‘tudo o que fosse possível’ para a posterioridade. Os materiais e documentos recolhidos por Sponchiado encontram-se em CPG, organizados de acordo com classificação dada por ele.

Padre Clementino Marcuzzo, tinha como proposta a construção de uma memória, mas principalmente reviver as práticas, os costumes, as tradições da cultura italiana. Por isso, ele criou e promoveu eventos importantes que pudessem ajudar a preservar as tradições italianas e promover a comunidade de Vale Vêneto, como um centro festivo e de cultura italiana. Para isso, inseriu a comunidade na promoção dos atos festivos. Os eventos foram documentados e registrados, através de fotografias, gravações e

---

<sup>284</sup> Padre Luiz Sponchiado teve artigos publicados em livros sobre imigração italiana, além das publicações em jornais. Padre Clementino Marcuzzo publicou algumas obras como: A História da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, Um Pedaco da Itália no Brasil, Centenário de Val Veronês, entre outras obras.

<sup>285</sup> Quem doava um terreno tinha reconhecimento e prestígio social diante da comunidade.

documentos escritos. Muitos registros históricos feitos por Marcuzzo encontram-se no Museu do Imigrante em Vale Vêneto, inclusive seu acervo pessoal. No entanto, o material precisa ser selecionado, higienizado e catalogado<sup>286</sup>.

Por fim, para o desenvolvimento desta tese, a maioria das fontes encontradas no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma estava sob o trabalho de salvaguarda de Padre Luiz Sponchiado - não foram todas produzidas por ele, mas sim preservadas. Além disso, as notícias que divulgaram as comemorações eram, em grande parte, do correspondente padre Clementino Marcuzzo, como também publicadas no jornal *O Radar*, que estava sob a direção do sacerdote. Ambos os sacerdotes, eram ligados às comunidades étnicas, estavam preocupados com o registro histórico e com a salvaguarda de documentos, objetos e tradições. Considera-se assim que ambos foram bem sucedidos em seu trabalho, uma vez que possibilitaram a criação do CPG, do Museu do Imigrante e também do Festival da Cultura Italiana. No entanto, ambos reuniram documentação diversa e tiveram papel fundamental na preservação de uma memória coletiva do grupo imigrante, tornando-se os guardiões da memória na região da ex-colônia Silveira Martins.

Dessa forma, padre Luiz Sponchiado e padre Clementino Marcuzzo tiveram papel fundamental na construção de uma memória na região da ex-colônia Silveira Martins, pois atuaram diretamente nos festejos do Centenário da Imigração Italiana. O sacerdote Sponchiado ajudou a construir e a reformar os capitéis, fazendo-se presente em todas as fases dos festejos na cidade de Nova Palma. Auxiliou na organização dos festejos, na preparação do desfile histórico, bem como em outras atividades realizadas. Mas, deve-se levar em conta que estava ciente deste trabalho e, preocupado com o registro para a posterioridade, reuniu toda a documentação produzida, fotografou os momentos que considerou mais oportunos, como um guardião da memória, salvaguardou a história da imigração italiana, reproduzindo um discurso de unidade, que apagava as diferenças internas do grupo. O padre Clementino Marcuzzo também ajudou a construir a memória da imigração italiana, através do recolhimento de objetos e documentos que haviam pertencido aos imigrantes. Além disso, ele auxiliou na promoção de eventos que valorizavam a cultura italiana em Vale Vêneto. Ambos os padres destacaram um discurso homogeneizador, no qual buscava a unidade do grupo, apagando as diferenças internas.

---

<sup>286</sup> Não há prazo para que este trabalho fique pronto e o acervo fique disponível, pois não há funcionários, e o acervo depende de trabalho voluntário.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins, busquei entender as construções identitárias estabelecidas pelos descendentes de imigrantes italianos com seus espaços de vivência. Além disso, procurei desnaturalizar a ideia de que as tradições vividas no presente eram ações exclusivas de concepções e práticas do passado. Isso foi possível através de uma intensa análise de fontes que foram produzidas para/dos festejos – documentação que apontava para inúmeras manifestações festivas no quarto núcleo colonial de colonização italiana. Assim, é importante salientar que, as pesquisas iniciais já apontavam para vários tipos de comemoração do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins.

No entanto, ao continuar as pesquisas, percebi que havia sido instalado no Rio Grande do Sul, o Biênio da Imigração e Colonização – que previa, entre os anos de 1974 e 1975, festejar os grupos de imigrantes que haviam se estabelecido em solo gaúcho. A comemoração oficial estabelecida em Governo do Rio Grande do Sul, no ano de 1973, tinha como interesse a criação de uma imagem mais ampla e alargada da sociedade sul-rio-grandense, em especial, do ponto de vista econômico e turístico. Também, com o propósito de promoção do Estado, as autoridades procuravam manter relações internacionais com outras nações. Em 1975, instituíram as comemorações oficiais do Centenário da Imigração Italiana, ocorrendo os festejos por todo o ano. Nesse processo, no entanto, foram ressaltadas as três primeiras áreas coloniais do Rio Grande do Sul, local inclusive onde aconteceram as principais festividades oficiais. Os festejos relativos aos italianos foram marcados pela presença de autoridades políticas brasileiras e estrangeiras, pelas apresentações das situações político-econômicas das comunidades colonizadas por imigrantes, destacando o trabalho, a religiosidade e a união familiar do imigrante como fundamental para o crescimento econômico das cidades colonizadas por italianos.

Ao estudar as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, percebi que a região da ex-colônia Silveira Martins, não estava inserida nas festividades oficiais do Centenário, promovidas pelo Governo do Estado, apesar de ser o quarto núcleo de colonização italiana do Rio Grande do Sul. Inicialmente, procurei me deter com as motivações possíveis para o quarto núcleo não ter sido inserido nessas comemorações

oficiais, mas buscar respostas concretas não seria uma tarefa fácil. Constatei que, outras comunidades localizadas nas proximidades das três primeiras colônias também não teriam sido inseridas nas festividades oficiais, mas também realizavam seus festejos alusivos ao Centenário da Imigração Italiana.

Os indícios mais prováveis que a região da ex-colônia Silveira Martins teria ficado de fora das comemorações oficiais foi, primeiramente, pela sede da colônia não ser emancipada político-administrativamente – esse ponto foi ressaltado no Álbum do Centenário da Imigração Italiana. Além do mais, a distância da capital e dos demais núcleos coloniais, como também o pouco destaque econômico teriam sido fatores que não introduziram o quarto núcleo colonial nos festejos oficiais. Vale mencionar que padre Luiz Sponchiado registrou em manuscrito que ele teria participado de reuniões ocorridas na cidade de Caxias do Sul, mas a documentação do Biênio não comprova essa afirmação.

Se, por um lado, a instalação do Biênio da Colonização e Imigração foi o desencadeador das comemorações no Estado do Rio Grande do Sul, na região da ex-colônia Silveira Martins, a mobilização também foi baseada no Biênio. Mas é válido ressaltar que a Diocese de Santa Maria também auxiliou na celebração da passagem, bem como as próprias comunidades.

Diante das ações da Igreja, os eventos realizados estiveram ligados em boa medida às ações desenvolvidas pelo Padre Luiz Sponchiado em jornais locais na ex-colônia Silveira Martins, ou mesmo no púlpito quando visava dar conhecimento à população sobre o processo de imigração italiana naquele espaço, recordando e preservando a história e a cultura dos antepassados na passagem centenária. Em outros espaços, a ação do Padre Clementino Marcuzzo se fez sentir com história, notícias, fotografias e acervos museológicos que redundaram no desenvolvimento de uma memória étnica em Vale Vêneto. Tal narrativa étnica foi (re)construída a partir de agentes promotores das lembranças e do registro histórico. Para a construção dessa memória sobre o processo migratório, padre Luiz Sponchiado e padre Clementino Marcuzzo utilizaram-se das *Crônicas da Colonização*, dos capitéis e dos cantos em dialeto, quando foram recuperadas as canções, os capitéis e a história da imigração por esses agentes promotores. Os dois sacerdotes construíram estratégias para a população da região colonial, conhecer a história da imigração italiana e, a partir disso, se envolverem na organização e na participação das comemorações do Centenário da Imigração Italiana,



celebrando o passado dos imigrantes e valorizando a própria cultura. Na festa do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins, é importante destacar ainda, a construção de uma narrativa étnica sobre a imigração. As manifestações festivas escolhidas pelas comunidades destacavam os elementos julgados como característicos dos imigrantes que chegaram à região, isto é, procuravam preservar os traços da cultura dos antepassados. Demonstrava-se, com tal ato a importância da religiosidade e da fé do imigrante. Os sacerdotes tiveram papel importante na construção da memória local, pois criaram assim, um discurso de unidade, que homogeneizava o processo migratório.

No entanto, como foram percebidas na diversidade de documentação analisada, as comunidades da região da ex-colônia Silveira Martins também realizaram os festejos alusivos ao Centenário. Elas se organizaram em ações festivas e comemoraram o Centenário da Imigração Italiana de forma muito intensa, elegendo diversos tipos de manifestações festivas, organizando os eventos da forma mais oportuna e não criando um evento único, que abarcasse todas as comunidades da ex-colônia Silveira Martins. As festividades nesse espaço foram iniciadas em 1975, mas estenderam-se até as datas de fundação dos núcleos coloniais. Como, por exemplo, em São João do Polêsine que realizou as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em 1993, data que representava os 100 anos de fundação daquele núcleo colonial. Outro exemplo foi a cidade de Nova Palma que comemorou em 1984, ano do Centenário de fundação do núcleo colonial. Além disso, boa parte aderiu a data de 1975, mas outras comunidades iniciaram seu festejos em 1975 e estenderam até os anos de fundação, isto é, realizando mais de um festejo para o Centenário da Imigração Italiana. Exemplos disso foram às comunidades de Silveira Martins e Vale Vêneto. O caso mais específico foi o de Ivorá. A comunidade ainda era distrito de Julio de Castilhos e, o município foi o organizador dos primeiros festejos. Em 1883, ano que marcava os cem anos de fundação do núcleo colonial, a comunidade organizou outra festividade para marcar as comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Isso demonstrava a autonomia na realização dos festejos, buscando preservar os hábitos e costumes do passado, mas também marcar as festividades com características próprias e atividades socioculturais praticadas nas comunidades.

Assim, identificou-se que não houve uma programação oficial que abrangesse todas as comemorações que aconteceram na região da ex-colônia Silveira Martins. Os

programas dos eventos festivos foram individuais e buscaram atender às necessidades da população e ao desejo dos organizadores. Cada localidade organizou o seu festejo da forma mais oportuna, enfatizando as características próprias de cada local, como segue: Silveira Martins, Arroio Grande, Val Feltrina, Ivorá, Vale Vêneto, Novo Treviso, Faxinal do Soturno, Val Veronês, Dona Francisca, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine e Santa Maria. Mas, se todas as festas tinham semelhanças na forma de festejar, e isso as unia, também eram ressaltadas as características próprias de cada comunidade. E isso as diferenciava. Assim, entre semelhanças e diferenças cada comunidade marcava seu modo de ser e suas características próprias.

As comunidades eram/são próximas geograficamente, mas as festas foram organizadas e vivenciadas de forma dinâmica, ora com ações semelhantes, ora com ações diferenciadas, apresentando eventos celebrativos complexos como os desfiles históricos que re(a) apresentavam a trajetória dos imigrantes. A encenação valorizava, também, a religiosidade e a fé, a dedicação ao trabalho e a união familiar do imigrante, o que resultava em uma trajetória de êxito. Por fim, os desfiles históricos reforçavam a construção de uma narrativa épica e étnica para a população da região da ex-colônia Silveira Martins. A população, assistindo ao desfile ou participando do mesmo, pode vivenciar o conhecimento da sua própria história.

Outro fator que se mostrou importante nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins foi a gastronomia italiana. Esta era, também, uma forma de construção de uma narrativa étnica, como procurei salientar ao longo do texto. Durante as comemorações do Centenário foram oferecidos ao público almoços e jantares com pratos considerados “típico italiano” e presentes na mesa da população local em dias de festa. Os alimentos apresentados foram a sopa de *agnoline*, o risoto, a polenta e o vinho, entre outros. Neste contexto gastronômico considero o grande destaque foi a polenta como “o prato de resistência” da imigração italiana. Ela esteve presente praticamente em todos os almoços e jantares e foi a grande homenageada no episódio da “maior polenta do mundo”. O churrasco, por seu turno, representava a adaptação alimentar dos imigrantes e descendentes, que ao integrá-lo ao cardápio da festa aproximavam-se da cultura gaúcha, onde a carne tinha lugar de destaque. O ato de alimentar-se era um dos grandes símbolos do sucesso da imigração italiana, pois representava a fartura e a abundância da mesa do italiano, bem como a riqueza adquirida pelo imigrante e descendente. Se algo desse errado, como aconteceu na festa de Val

Feltrina, havia o medo que essa situação poderia manchar a imagem positiva daquela comunidade. Vale mencionar que os percalços ocorridos em comunidade de Val Feltrina não eram exclusivos daquele espaço.

A construção de espaços de memória foi um desdobramento das comemorações e também auxiliou na constituição da etnicidade. Os museus, arquivos e monumentos foram edificados para recordar e salvaguardar as memórias relativas ao processo migratório, contribuindo para a manutenção e a preservação da identidade nas comunidades de colonização italiana. É o caso do Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG), em Nova Palma e do Museu Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), em Vale Vêneto. Esses espaços foram criados com a ajuda de agentes que tinham o intuito de não deixar cair no esquecimento o passado. As edificações tornaram-se uma garantia da preservar as práticas, os hábitos, os comportamentos e as tradições dos imigrantes italianos.

O registro histórico sobre as festividades foi organizado de forma desigual nas diferentes comunidades da ex-colônia Silveira Martins. Algumas comunidades possuíam e disponibilizam mais de documentos do que outras. O fato pode ser justificado por dois aspectos importantes: o primeiro acerca dos agentes que promoviam as ações de lembrança e o segundo em relação aos espaços de salvaguarda. Os Padres Luiz Sponchiado e Clementino Marcuzzo foram os agentes que desempenharam papel fundamental na organização e na divulgação das festas do Centenário da Imigração nas suas comunidades de atuação. Como também na preservação da história da imigração italiana na região da ex-colônia Silveira Martins. Além disso, os dois foram responsáveis pela criação e manutenção de dois acervos, o Centro de Pesquisas Genealógicas (em Nova Palma) e o Museu do Imigrante (em Vale Vêneto). A documentação sobre os eventos nos permite inferir que, as festas do Centenário foram organizadas da forma como seus líderes queriam que fossem recordadas: isto é, de forma linear e sem nenhum percalço que pudesse atrapalhar o desempenho das comemorações. Além disso, os dois sacerdotes tiveram papel importante na construção de um discurso de unidade sobre a imigração italiana. Mas, ao fazer outro tipo de leitura, foi possível perceber, mesmo que muito subjetivamente que, em seus desdobramentos as festas alusivas ao Centenário da Imigração Italiana também geraram tensões entre as famílias organizadoras, realçando os entraves que uma festa demandava, bem como as diferenças internas dos grupos. Nesse sentido, nossa leitura mostrou que, a festa também se tornava um espaço para reivindicar

melhorias locais [como, por exemplo, o alargamento da estrada que levava até Val Feltrina], para valorizar as práticas desenvolvidas na comunidade e a produção local visando o consumo e a comercialização dos seus produtos. Portanto, as festas valorizavam as atividades socioculturais que já ocorriam nas comunidades e que tinham características próprias. Demonstravam assim que as comemorações do Centenário foram inseridas nas mesmas com o propósito de divulgação da sua produção, como se viu na festa da uva e do vinho e na festa do presunto.

Por fim, quero afirmar que as comemorações do Centenário da Imigração Italiana auxiliaram nas construções identitárias estabelecidas por descendentes de imigrantes italianos com seus espaços de vivência, dentro das comunidades da ex-colônia Silveira Martins. Os festejos ocorridos nesse espaço desnaturalizam a ideia de que as tradições vividas no presente são práticas exclusivas de concepções e ações do passado. Busquei mostrar que, embora muitas comemorações buscassem no passado as tradições dos antepassados, os indivíduos das localidades festivas aproveitaram essas comemorações para apresentar às atividades do presente, como as festas dos padroeiros, a colheita de uva, as atividades esportivas e de lazer. Nesse sentido, as comunidades buscaram o conhecimento da história da imigração italiana, e assim, reconheciam a sua própria história, preservando os hábitos, os costumes e as tradições dos imigrantes italianos, como também promovendo as práticas sócio-culturais atuais.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Revista Patrimônio e Memória**. V.7; n.1; p.134-170. Jun/2011.

ANTONICELLI, Leonardo. Linguagem das músicas italianas em respeito à época. In: **Anais da XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos**. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa/PB. (1371 - 1386 p.). 2004.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BENEDUZI, Luis Fernando. A festa como patchwork: indício e laboratório da memória coletiva. In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla (org.). **Imigração, práticas culturais e sociabilidade: novos estudos para a América Latina** São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016 (102-134p.).

\_\_\_\_\_. Imigração Italiana e catolicismo: entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

\_\_\_\_\_. Mal du pays, homesickness e rimpianto: tradução cultural de uma identidade – sublimação de uma perda. In: Os fios da Nostalgia. Perdas e Ruínas na construção de um Vêneto Imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, (235- 287p.). 2011.

\_\_\_\_\_. **Mal di Paese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'Eu (1884-1925)**. Porto Alegre, 2004. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

BIASOLI, Vitor. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)**. Santa Maria: UFSM, 2010.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro. Campus, 2003.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e ritual: trajetórias e passagens. In: Everardo Rocha. (Org.). **Cultura e Imaginário**. 1 ed. V. 1, pp.59-68. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. As grandes festas. In: **Um Olhar sobre a cultura brasileira**. Orgs. Márcio de Souza e Francisco Weffort. Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, pp. 293-311, 1998.

**CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA 1875-1975.** RIO GRANDE DO SUL. Brasil. Porto Alegre: Edelf, 1975.

CERETTA, Caroline Ciliane. **As representações sociais nas festas de padroeiros da Quarta Colônia/RS.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2017.

CHIAMULERA, Márcia. **Identidade em performance:** um estudo etnográfico sobre as festas de capela no berço da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

**CINQUENTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DO SUD:** 1875-1925. 2ª Ed. fac-símile. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000, vol. 1.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. In: **Cadernos de Sociomuseologia** nº19. Lisboa (p.43-81), 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

CONSTANTINO, Núncia Maria. Estudos de imigração italiana: tendências historiográficas no Brasil Meridional. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH**, Mesa Redonda. São Paulo, (1-9 p.) julho de 2011.

COSTA, Rovílio. (org.). **Imigração italiana: vida, costumes e tradições.** Porto Alegre: EST/Sulina. 1974.

**CORREIA. Victor.** **Arte Pública:** seu significado e função. Lisboa: Fonte da Palavra, 2013.

CORTEZE, Dilce Piccin. **Ulisses va in América:** imigrante italiano personagem humana ou mítica. UPF, Passo Fundo, 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: EDUSP, 2006.

DALMOLIN. Cátia. Em nome da Pátria: italianos e ítalo-brasileiros na região Central do RS. In: **Anais da II Jornada Nacional de História do Trabalho.** Florianópolis. 2004.

FAVARO, Cleci Eulália. Amor à italiana (o real e o imaginário nas relações familiares na região de colonização italiana no Rio Grande do Sul). In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre/Torino: EST/ Fondazione Giovanni Agnelli, (p. 281-286), 1996.

FEDER, Elsa Maria Stoehr Vieira de Souza; DIAS, Celia Maria de Moraes. A polenta hospitaleira dos italianos na História do Brasil. In: **Anais do III SEMINÁRIO “ALIMENTOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS TRADICIONAIS” II SIMPÓSIO INTERNACIONAL “ALIMENTAÇÃO E CULTURA: TRADIÇÃO E**

**INOVAÇÃO NA PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALIMENTOS**”, (p.387-396), 2016.

FICO, Carlos. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas. A perspectiva de Carlos Fico. [Entrevista realizada em 24 de julho, 2013]. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, jul./dez. 2013. p. 464 - 483. Entrevistadores: Silvia Maria Fávero Arend, Rafael Rosa Hagemeyer e Reinaldo Lindolfo Lohn. jul./dez. 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Edições Loyola. 2011.

FRIEDRICH, Fabiana. Gastronomia e imigração alemã na região central do Rio Grande do Sul: Colônia Santo Ângelo (Segunda metade do XIX). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul** – processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Porto Alegre: Movimento. 1975.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras. 2003, p.143-179.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2016.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Língua, Cultura e Valores**: Um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre a imigração italiana no Sul do Brasil. Porto Alegre: Est Edições, 2003.

HERÉDIA, Vânia. Os imigrantes italianos na formação econômica regional no Rio Grande do Sul. In: ZANINI, Maria Catarina; TEDESCO, João Carlos. **Migrantes ao Sul do Brasil**. Santa Maria: Editora UFSM, 2010. (p.211-229).

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Introdução. (p. 9-23).

HOHLFELDT, Antônio; VALLES, Rafael Rosinato. **Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul**: Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JANCSÓ, István & KANTOR, Íris. (orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: Imprensa Oficial; Hucitec; Edusp; Fapesp, 2v, 2001.

KRAAY, Hendrik; MALERBA, Jurandir. Festejar e repensar a independência: um balanço. In: **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS. Porto Alegre, 2011. (366-373p.).

LAPUENTE, Rafael Saraiva: A imprensa como fonte: apontamentos teóricos metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. In: **Bilros**, Fortaleza, v. 4, n. 6, jan. - jun. 2016 (p. 11-29).

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990, p. 535- 549.

LIMA, Tatiane. **Os “usos políticos do passado” nas comemorações oficiais do biênio da colonização e imigração do Rio Grande do Sul (1974–1975)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

\_\_\_\_\_. **Agradecer, homenagear e guardar a memória: As comemorações do Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013.

LOPES, Aureliano. Em desfile nossa terra, nossa gente? A construção de corporalidades e belezas em concursos femininos diversos. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos**, 2013, Florianópolis. Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, UFSC, 2013 [[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384955923\\_ARQUIVO\\_AurelianoLopes.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384955923_ARQUIVO_AurelianoLopes.pdf) – acesso em 25 set. 2015].

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro, SCHMIDT, Benito Bisso. (Org.). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. (p. 13-37);

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**, Contexto, (111- 153p.). 2008.

MACIEL, Maria Eunice. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. In: **Revista de Humanidades MNEME**. V. 07. N. 18, (439-460p). out./nov. de 2005.

MACIEL, Maria Eunice. Olhares antropológicos sobre a alimentação: identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, AM. and GARCIA, RWD., orgs. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p. Antropologia e Saúde collection. ISBN 85- 7541-055-5. Available from SciELO Books.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Imigração em São Paulo e a memória das canções italianas. São Paulo: **Cadernos Ceru**. V.23. Nº2. 2012 (p.127-140).

MANFIO, Juliana Maria. **De crimes e de narrativas: imigração e construção da memória (Nova Palma, final do século XIX)**. 2013. 58f. Monografia. (trabalho final de graduação em História). Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2013.



\_\_\_\_\_. **Entre o sacerdócio e a pesquisa histórica:** a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de Imigração Italiana. (Dissertação de Mestrado). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul:** implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MARCUZZO, Clementino. **Centenário de Vale Veronês:** Epopéia da Imigração Italiana de Vale Veronês com seus costumes e tradições. Santa Maria: Palotti, 1982.

MARIN, Jérri Roberto. “Combatendo nos exércitos de Deus: as associações devocionais e o projeto de romanização da Igreja Católica”, In: MARIN, Jérri Roberto (org.). **Quarta Colônia: Novos Olhares.** Porto Alegre: EST, 1999.

MATTA, Roberto da. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MAUAD, Ana Maria. “Através da fotografia. Fotografia e história: interfaces”. **Tempo.** Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 78-98.

MERLOTTI, Vânia. **O mito do padre entre os descendentes de italianos.** 2ed. Porto Alegre: EST/ Caxias do Sul: UCS, 1979.

MILDER, Saul Seiguer; SANTI; Juliana Rossatto; Silvana Zuse. Ocupação pré-colonial da região de Santa Maria por grupos horticultores guaranis. In: WEBER, Beatriz; RIBEIRO, José Iran (org). **Nova História de Santa Maria: contribuições recentes.** Santa Maria: Palotti, 2010.

NAPOLITANO. Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e a história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História 10.** São Paulo, dez/1993, p. 7-28.

PAIVA, Eduardo. “A iconografia na história – indagações preliminares”. In: FRANÇA PAIVA. **História & Imagens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 17-34.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O Mundo da imagem: território da história cultural”. In, PESAVENTO, Sandra Jatahy, SANTOS, Nádia Maria Weber, ROSSINI, Mirian de Souza (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.** Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. p. 99 - 122.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: FGV, vol. 5, n. 10, 1992, (p. 200-212), 1992.

\_\_\_\_\_, “Memória, esquecimento, silêncio”. In: **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15

POSSAMAI, Paulo César. O processo de construção da identidade ítalo sul-riograndense (1875-1918). In: **Revista Unisinos.** V.11. nº 1. 2007 (p.49-57).

POZENATO, José Clemente. A cultura da imigração italiana. In: MAESTRI, Mário; CARBONI, Florence. **Raízes italianas no Rio Grande do Sul (1875-1997)**. Passo Fundo: UPF. 2000, p.117-129.

SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: EST. 1986.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (I)**, 2008. Disponível em <https://silvinosantin.wordpress.com>. Acesso em 22.02 2017.

SCHMIDT, Carlos; HIERRIEIN, Ronaldo Jr. Notas sobre o desenvolvimento do Rio Grande do Sul: trajetória histórica e os projetos contemporâneos. In: **Ensaio FEE**: Porto Alegre. V.23, nº 1, 2002. (255-284).

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como uma questão nacional. In: **MANA**. Estudos de antropologia social: Rio de Janeiro (95-131p.), 1997.

SIMONETTI, Fernanda. A Imigração Russo- Alemã, na Região Central do Rio Grande do Sul, século XIX. In: **Anais Eletrônicos do I Congresso Internacional de História Regional**. Passo Fundo, 2011. Volume I (p. 1065- 1076).

SILVA. Bruno de Freitas. **Organização vitivinícola na região central do RS: Implicações socioespaciais das diferentes formas de produção**. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). (Dissertação de Mestrado em Geografia). 2008.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, (pp. 425-438), 2002.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da Ditadura militar e o processo de abertura política (1974-1985). In: FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil Republicano 4: O tempo da ditadura: Regime militar e movimentos sociais nos fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2007.

SILVA, Zélia Lopes da. Os acervos históricos: guardar para que e para quem? In: **Revista Memória e Patrimônio**. UNESP, 2006 (20-32p.).

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração e 4º Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho**. Santa Maria: EDUFMS, 1996.

STEFANELLO. Liriana Zanon. **Memórias familiares: um estudo da imigração italiana na Quarta Colônia Imperial (Rio Grande do Sul, Brasil)**. (Tese de Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2015.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. et al. Imigrantes em monumentos: da gratidão às homenagens. In: MARTINEZ, Elda Evangelina Gonzalez. Et al. **História da Imigração: possibilidades e escrita**. São Leopoldo: Oikos, 2013 (266 – 282p.).

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. O sentido das comemorações e das festas de São Leopoldo: três momentos de civilidade e de sociabilidade. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz (org.). **Imigração, práticas culturais e sociabilidade: novos estudos para a América Latina**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, (135- 154p.), 2016.

RUGGIERO, Antônio de. A saudade dos sabores e o comércio étnico dos imigrantes italianos no Brasil (1875-1914). In: **Revista Práxis**. Novo Hamburgo, 2018. Ano. 15, n. 1, jan./jun. 2018. (121-138).

TURA, Jocelaine Garlet. **Capitéis - Fé e Religiosidade na Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul (Nova Palma 1890 – 1925)**. (Monografia de Conclusão de Curso). Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2012.

VENDRAME, Maíra Inês. A trajetória de dois imigrantes italianos no Brasil Meridional (1878-1900). In: **Revista Latino-Americana de História. UNISINOS**. Vol. 3, nº. 11. Set/ 2014. São Leopoldo. 2014 (167-185p.).

VENDRAME, Maíra Inês. **Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, 2013.

\_\_\_\_\_. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Santa Maria: Edufsm, 2007.

\_\_\_\_\_. O “paraíso terrestre”: alimentação como propaganda e construção da identidade italiana no sul do Brasil. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**. Vol. 10, Nº 20, (p. 264-286), julho - dezembro de 2018.

VÉSCIO, Luiz E. **O Crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1925)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Santa Maria: Editora UFSM, 2001.

VILLANUEVA, Graciana Vásquez. **Memorias Del Bicentenario: discursos e ideologias**. Buenos Aires: Editorial de La Facultad de Filosofía y Letras. Universidade de Buenos Aires, 2010.

VIZZOTTO, Jacinta Maria Pivetta. **História de fé e trabalho: bens culturais de Vale Vêneto**. (Dissertação de Mestrado). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. In: **Dimensões**. Vitória: Dep. História/ UFES, 2006. V.18, p.236-250.

WITT, Marcos Antônio; Cláudio Pereira Elmir. Quem (não) tem medo de fracassos? Notas para uma proposta de investigação no campo dos estudos migratórios. In: **Imigração na América Latina: histórias de fracassos**. São Leopoldo: Oikos, (P.7-14). 2014

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. As Festas da Uva de Caxias do Sul, RS (Brasil): Historicidade, mensagens, memórias e significados. **Artelogie** (Online), v. 4, p. 1-10, 2013.

ZANINI, Maria Catarina. A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos. In: Campos (UFPR), Curitiba, v. 5(01), p. 53-67, 2004.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Fé, trabalho e família: a construção das memórias entre descendentes de imigrantes italianos. **Revista USP**, v. 72, p. 161-170, 2007.

ZANINI, Maria Catarina C. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Pertencimento Étnico e territorialidade: italianos na região central do Rio Grande do Sul (BRASIL)**. Redes (Santa Cruz do Sul), v. 13, p. 140-163, 2008.

## **FONTES HISTÓRICAS:**

### **DECRETOS:**

**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL.** Decreto nº 22.410, de 22 de abril de 1973, que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração.

**ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.** Gabinete de Consultoria Legislativa LEI Nº 12.411, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Porto Alegre, 2005. Acesso em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.411.pdf>>

**DECRETO Nº 3.010, DE 30 DE AGOSTO DE 1938.** Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Acesso em 22 de fevereiro de 2017. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d3010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d3010.htm)

FACCIONI, Victor. [Discurso] 15 de maio de 1973, por ocasião da instalação do Biênio da Colonização e Imigração. Discurso proferido pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul. In: **Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado.**

**LEI MUNICIPAL 185/93.** Artigo 2. Prefeitura Municipal de Silveira Martins, 1993. Centro de Pesquisas Genealógicas: Caixa: Silveira Martins.

**RELATÓRIO DO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO, 1975.**

**RELATÓRIO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL, 1878.**

TRICHES, Euclides. [Discurso] 15 de maio de 1973, por ocasião da instalação do Biênio da Colonização e Imigração. Discurso proferido pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. In: **Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado.**

#### **JORNAIS e REVISTAS:**

**A RAZÃO**, Santa Maria, 17 de fevereiro de 1975. (AHMSM).

**A RAZÃO**, Santa Maria, 1º de março de 1975. (AHMSM).

**A RAZÃO**, Santa Maria, 28 de março de 1975. (AHMSM).

**A RAZÃO**, Santa Maria, 16 de julho de 1975. (AHMSM).

**A RAZÃO**, Santa Maria, 25 de julho de 1975, (AHMSM).

**A RAZÃO**, Santa Maria, 29 de julho de 1975. (AHMSM).

**A RAZÃO**, Santa Maria, 28 de setembro de 1975. (AHMSM).

**A RAZÃO**: suplemento especial: **Imigração Italiana no centro do RS.** Santa Maria, 28 de setembro de 1975. (CPG).

**A RAZÃO**. Santa Maria, 11 de julho de 1976. (AHMSM).

**CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, fevereiro de 1976. (CPG).

**CORREIO DO POVO**, Porto Alegre, 28 de novembro de 1976, p.15. (CPG).

**CORREIO RIOGRANDENSE**, Caxias do Sul, 11 de dezembro de 1974. (AHCM).

**CORREIO RIOGRANDENSE**. Caxias do Sul, 15 de janeiro de 1975. (AHCM).

**CORREIO RIOGRANDENSE**, Caxias do Sul, 22 de janeiro de 1975. (AHCM).

**CORREIO RIOGRANDENSE**, Caxias do Sul, dia 14 de maio de 1975 (AHCM).

**CORREIO RIOGRANDENSE**, Caxias do Sul, 20 de maio de 1975. (AHCM).

**CORREIO RIOGRANDENSE**. Caxias do Sul, 28 de maio de 1975. (AHCM).

**CORREIO RIOGRANDENSE**, Caxias do Sul, 17 de março de 1976. (AHCM).

**CORREIO RIOGRANDENSE**, Caxias do Sul, 17 de junho de 1981. (AHCM).

**JORNAL DO BRASIL**, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1975. (Hemeroteca Digital).

**NOVA PALMA NOTÍCIAS**. Nova Palma, 09 de julho de 1988, s/n. (CPG).

**O FLUMINENSE**. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1977. (Hemeroteca digital).

**O GLOBO**, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1975. Disponível em: <http://midiacidade.org/em-meio-a-ditadura-militar-a-saga-romantizada-no-centenario-da-imigracao-italiana-no-brasil>. Acesso em: 22 de março de 2017.

**O RADAR**, Faxinal do Soturno, de 16 de agosto de 1975. Ano 1, nº1. (APMF).

**O RADAR**. Faxinal do Soturno, setembro de 1975. Ano 1, nº 2 (APMF).

**O RADAR**, Faxinal do Soturno, outubro de 1976, (CPG).

**O RADAR**, Faxinal do Soturno, novembro de 1975 (CPG).

**RAINHA dos apóstolos** (revista). Santa Maria: Palotti, setembro, 1978.

**ZERO HORA**, Porto Alegre, 29 de agosto de 1993, (CPG).

### **CRÔNICAS DA COLONIZAÇÃO:**

SPONCHIADO, Pe. Luiz. **Crônicas da colonização**, número 1. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. **Crônicas da colonização**, número 2. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. **Crônicas da colonização**, número 6. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. **Crônicas da colonização**, número 7. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. **Crônicas da colonização**, número 9. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. **Crônicas da colonização**, número 14. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. **Crônicas da colonização**, número 15. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

SPONCHIADO, Pe. Luiz. **Crônicas da colonização**, número 19. Centro de Pesquisas Genealógicas. s/d.

#### **OUTROS:**

**CARTA DE PADRE LUIZ SPONCHIADO AOS FREIS DE VERANÓPOLIS**, 1993. Caixa: Capitéis. (CPG).

**CARTA DE VENEZA**. II Congresso Internacional de Arquitetos e técnicos de monumentos históricos – ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritórios. IPHAN. Maio de 1964.

**CANTI TALIANI**. Centenário Vale Vêneto 1978. 1978

**Ex-Colônia Silveira Martins: matrícula dos colonos nacionais estabelecidos nesta ex-colônia e em seus núcleos depois da emancipação**. In: Comissão de terras. Maço 42. 1893. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs).

**FOLDER: SÃO JOÃO DO POLÊSINE**, 1893-1993, CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA. CPG: Caixa São João do Polêsine

**INFORMAÇÕES PALOTINAS**. Informativo da Província de Nossa Senhora Conquistadora. Santa Maria: Palotti. Abril de 1978.

**MANUSCRITO DE PADRE LUIZ SPONCHIADO**. 1964. In: Caixa da família Stoch, Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma.

**MANUSCRITO DE PADRE LUIZ SPONCHIADO**. 1975. In: Centro de Pesquisas Genealógicas, Nova Palma

**FOLDER. Festividades do Centenário da Imigração Italiana em Ivorá**. Promovidas pelo município de Júlio de Castilhos, 1975. Folder. Caixa Ivorá. (CPG).

**FOLDER. Ivorá: 1883-1983**. In caixa Ivorá, Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma.

**PROVISÃO**. Diocese em notícias, nº 44, fls2. 1974. In: Caixa CPG, (CPG).

**RESTAURAÇÃO DO CAPITEL “APARECIDA”, NO RINCÃO DO BOM RETIRO DE NOVA PALMA**. Manuscrito de Padre Luiz Sponchiado. Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma. Caixa: Capitéis. 1995.

**V.T.** Santa Maria, 30 de março de 2019. Entrevista concedida a Juliana Maria Manfio.